

REVISTA  
LATINOAMERICANA  
DE PSICOPATOLOGIA  
FUNDAMENTAL

17(3-Suppl.), 581-816, set. 2014

Copyright © by Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

Órgão oficial impresso e on line, trimestral, da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, iniciado em março de 1998.

Printed and Online Official Journal of the University Association for Research in Fundamental Psychopathology, published quarterly since March of 1998.

**Indexação (Index)**

- Clase. Hemeroteca Latinoamericana, Universidad Autónoma de México  
<http://www.dgb.unam.mx/clase.html>
- Copernicus – [www.indexcopernicus.com](http://www.indexcopernicus.com)
- DOAJ – Directory of Open Access Journals – [www.doaj.org](http://www.doaj.org)
- EBSCO – [www.ebscohost.com](http://www.ebscohost.com)
- <http://www.freefullpdf.com>
- Google
- Google Acadêmico (Google Scholar)
- Latindex – [www.latindex.org](http://www.latindex.org)
- LILACS/BIREME – Literatura Latinoamericana e do Caribe das Ciências da Saúde, da Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS e da Organização Mundial da Saúde – [www.bireme.br](http://www.bireme.br)
- PsycINFO
- Proquest – [www.proquest.com.br](http://www.proquest.com.br)
- PSICODOC. Colegio Oficial de Psicólogos de Madrid/UNESCO  
International Union of Psychological Science, IUPsyS: [www.psicodoc.copmadrid.org](http://www.psicodoc.copmadrid.org)
- Psi Periódicos (BVS-psi) – [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)
- [www.psipesquisa.com.br](http://www.psipesquisa.com.br)
- QUALIS – [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br)

 – [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

- Redalyc - Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal – <http://redalyc.uaemex.mx>
- Scirus – [www.scirus.com](http://www.scirus.com)
- Scopus – [www.scopus.com](http://www.scopus.com)
- Thomson Reuters (ISI)
  - . Social Sciences Citation Index
  - . Social Scisearch®
  - . Journal Citation Reports/Social Sciences Edition
- WAME – World Association of Medical Editors – [www.wame.org](http://www.wame.org)

Versão eletrônica (Published on line)

<http://www.fundamentalpsychopathology.org>

Catálogo na Fonte –  
Biblioteca Central – PUC-SP

Impresso na Forma Certa – 5.11.2014

Printed in Forma Certa – 11.5.2014

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental

Rua Tupi, 397 – 10º – 104

01233-001 São Paulo, SP Brasil

Telefax: 00 55 11 3661-6519

[psicopatologiafundamental@uol.com.br](mailto:psicopatologiafundamental@uol.com.br)

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, órgão oficial da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.-- v.1 n.1 (1998)- . -- São Paulo : Editora Escuta, 1998-

Trimestral  
ISSN 1415-4714

1. Psicopatologia – Periódicos. I. Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

CDD 150.5

## Linha editorial

A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* – RLPF é órgão oficial da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – AUPPF, sociedade científica que reúne professores doutores de universidades de todo o mundo.

Dedica-se à publicação de editorial, artigos e resenhas originais de psicopatologia que levem em consideração a subjetividade. Além disso, publica ensaios raros e de difícil acesso e que são documentos históricos de relevância para outras pesquisas. Valoriza artigos e ensaios resultantes de pesquisas utilizando o método clínico baseado em relato de caso contendo questão a ser investigada.

A revista é dirigida por um Editor Responsável e por Editores Associados que respondem pelas seções específicas. Possui, também, Conselho Editorial e Conselho Científico atuantes.

“Editorial” é assinado pelo Editor Responsável ou por alguém por ele convidado, podendo também ser submetido por pessoa com explícito conhecimento a respeito do assunto abordado.

A seção “Artigos” é de responsabilidade do Editor Responsável e publica somente artigos inéditos, em português, inglês, espanhol e francês.

A seção “Saúde Mental” publica artigos inéditos sobre o tema em diversos países.

“Observando a Medicina” inclui artigos e/ou ensaios que revelam as mais recentes tendências do campo médico.

“Clássicos da Psicopatologia” inclui artigos inéditos e ensaios sobre a psicopatologia clínica e descritiva dos séculos XIX e XX.

“História da Psiquiatria” é composta por artigos inéditos e ensaios sobre o tema.

“Observando a Psiquiatria” publica artigos controversos sobre psiquiatria contemporânea

“Movimentos literários” comenta aspectos psicopatológicos em obras de ficção.

“Primeiros Passos” contém artigos de pesquisadores iniciantes, estudantes de iniciação científica ou de especialização, sem necessariamente ser em coautoria com seus orientadores.

## Editorial Line

The *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental (RLPF)* is the official organ of the University Association for Research in Fundamental Psychopathology, a scientific society that brings together university professors from around the world.

The journal is dedicated to the publication of original editorials, articles and book reviews in the area of psychopathology that take subjectivity into consideration. It also publishes rare and hard-to-find essays and other historical documents that may be useful for current research. First priority is given to articles and essays resulting from research using the clinical method based on accounts with problematic questions.

The journal is directed by a general editor and by associate editors who organize the specific sections. It also has active editorial and scientific boards. The editorial presented in each issue is written by the general editor or by someone invited by him, although texts may also be submitted by persons with explicit knowledge of the topic treated.

The section entitled “Articles” is under the responsibility of the general editor and presents only unpublished texts, in Portuguese, English, Spanish and French.

The “Mental Health” section presents unpublished articles on the theme, as treated in different countries.

“Observing Medicine” includes articles and/or essays that discuss the most recent trends in the field of medicine.

“Classics of Psychopathology” includes unpublished articles and essays about clinical and descriptive psychopathology of the 19th and 20th centuries.

“The History of Psychiatry” consists of unpublished articles and essays in this area of study.

“Observing Psychiatry” publishes controversial articles on contemporary psychiatry.

“Literary Movements” publishes articles on the psychopathological aspects in literature.



---

# REVISTA LATINOAMERICANA DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

17(3-Suppl.), set. 2014

Editor Responsável / Editor: Prof. Manoel Tosta Berlinck, Ph.D (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP), São Paulo, Brasil. Membro da Associação Mundial de Editores Médicos – WAME (World Association of Medical Editors – WAME) e do Council of Scientific Editors (CSE).

## Editores Associados / Associate Editors

História da Psiquiatria / History of Psychiatry: Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Maria G. Raimundo Oda (Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos – Ufscar), São Carlos, Br. e Prof. Dr. Paulo Dalgalarondo (Faculdade de Ciências Médicas/Universidade Estadual de Campinas – Unicamp), Campinas, Br.)

Saúde Mental / Mental Health: Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Cristina Costa de Figueiredo (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Rio de Janeiro, Br. e Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Andrea Máris Campos Guerra (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Belo Horizonte, Br.

Clássicos da Psicopatologia / Classics of Psychopathology: Prof. Dr. German E. Berrios (University of Cambridge), Cambridge, UK

Observando a Medicina / Observing Medicine: Mônica Teixeira (Fundação Padre Anchieta), São Paulo, Br e Prof. Dr. Erney Plessmann de Camargo (Universidade de São Paulo – USP), São Paulo, Br.

Resenha de Livros / Book Reviews: Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Sonia Leite, Rio de Janeiro, Br.

Movimentos Literários/ Literary Moviments: Vários

Primeiros Passos / First Steps: Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Cecilia Magtaz (Universidade de São Paulo – USP), São Paulo, Br.

Observando a Psiquiatria / Observing Psychiatry: Claudio E. M. Banzato (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp) Campinas, SP. Br e Rafaela Zorzanelli (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Rio de Janeiro, Br.

Conselho Editorial / Editorial Board: Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán), Tucumán, Ar; Prof. Dr. German E. Berrios (Cambridge University), Cambridge, UK; Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro (Universidade do Estado de Pernambuco), Garanhuns, PE, Br; Prof. Dr. Héctor Pérez-Rincón (Universidad Nacional Autónoma de México), México, Mx; Prof. Dr. James Phillips (Yale School of Medicine), New Haven, USA; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Edilene Freire de Queiroz (Universidade Católica de Pernambuco – Unicap), Recife, Br; Prof. Dr. Jean-Jacques Rassiail (Université Aix-Marseille), Aix, Fr; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Maria Lucrecia Rovalletti (Universidad de Buenos Aires), Buenos Aires, Ar

Conselho Científico / Scientific Board: Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Marta Regina de Leão D'Agord (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS), Porto Alegre, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Marta Gerez Ambertín (Univ. Nac. de Tucumán), Tucumán, Ar; Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Leda Mariza F. Bernardino (Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR), Curitiba, Br; Prof. Dr. German E. Berrios (Cambridge University), Cambridge, UK; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Vera Lopes Besset (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Marta Rezende Cardoso (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Terezinha Féres-Carneiro (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ), Rio de Janeiro, Br; Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas), Belo Horizonte, Br; Profa. Dra. Marta Braga de Matos Dias da Costa (Universidade Fernando Pessoa) Porto, Portugal; Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho

(Universidade Federal Fluminense – UFF), Niterói, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Maria Virginia Filomena Cremasco (Universidade Federal do Paraná – UFPR), Curitiba, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ma. Antonia Reyes A. Dautrey (Universidad Autónoma de San Luis Potosí), San Luis Potosí, Mx; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Helena Maria Melo Dias (Universidade do Estado do Pará), Belém, Br; Prof. Dr. Mauricio Fernandez (Universidad de Antioquia), Medellín, Co; Prof. Dr. Ademir Pacelli Ferreira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Cristina Costa de Figueiredo (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Cassandra Pereira França (Universidade Federal de Minas Gerais), Belo Horizonte, Br; Prof. Dr. Sérgio de Gouvêa Franco (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – Fecap), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Joyce M. Gonçalves Freire (Universidade Federal de Uberlândia), Uberlândia, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Betty Bernardo Fuks (Universidade Veiga de Almeida – UVA), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Maria del Carmen Espinosa Gómez (Universidad de Guadalajara), Guadalajara, Mx; Prof. Dr. Roland Gori (Université Aix-Marseille), Aix, Fr; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Andrea Mária Campos Guerra (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Belo Horizonte, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Adela Stoppel de Gueller (Instituto Sedes Sapientiae), São Paulo, Br; Prof. Dr. Gabriel Zárate Guerrero (Universidad de Guadalajara), Guadalajara, Mx; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Maria Cristina M. Kupfer (Universidade de São Paulo – USP), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Sonia Leite (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Claudia Henschel de Lima (Universidade Federal Fluminense – UFF), Niterói, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Rosa Guedes Lopes (Universidade Estácio de Sá), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Cecília Magtaz (Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – FSP-USP), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Dayse Stoklos Malucelli (Universidade Tuiuti do Paraná), Curitiba, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Isabel da Silva Kahn Marin (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Eliane Michelini Marraccini (Instituto Sedes Sapientiae), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Cleide Guedes Moreira (Universidade Federal do Pará – UFPA), Belém, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Virginia Moreira (Universidade de Fortaleza – Unifor), Fortaleza, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Maria Livia Tourinho Moretto (Universidade de São Paulo – USP), São Paulo, Br; Prof. Dr. José Otávio Vasconcellos Naves (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ), Rio de Janeiro, Br; Prof. Dr. Francisco Pizarro Obaid (Universidad Diego Portales), Santiago, Cl; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Maria Galdini Raimundo Oda (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp), Campinas, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Carmem Lucia Montecchi Valladares de Oliveira (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP), São Paulo, Br; Prof. Dr. Plinio W. Prado Jr. (Université de Paris 8 – St. Denis) Paris, Fr; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Edilene Freire de Queiroz (Universidade Católica de Pernambuco – Unicap), Recife, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Silvana Rabello (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP), São Paulo, Br; Prof. Dr. Jean-Jacques Rassial (Aix-Marseille), Aix, Fr; Prof. Dr. Manuel Morgado Rezende (Universidade Metodista de São Paulo), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Maria Anita Carneiro Ribeiro (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Maria Lucrecia Rovalletti (Universidad de Buenos Aires), Buenos Aires, Ar; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Ana Maria Rudge (Universidade Veiga de Almeida – UVA), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Cristina Lindenmeyer-Saint Martin (Université de Paris 7), Paris, Fr; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Tânia Coelho dos Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Rio de Janeiro, Br; D<sup>ª</sup> Rosane de Abreu e Silva (Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, Br; Prof. Dr. Nelson da Silva Jr. (Universidade de São Paulo – USP), São Paulo, Br; Prof. Dr. Paulo Roberto Mattos da Silva (Universidade Federal Fluminense – UFF), Niterói, Br; Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS), Porto Alegre, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Mériti de Souza (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), Florianópolis, Br; Mônica Teixeira (Universidade Virtual do Estado de São Paulo na TV Cultural), São Paulo, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Delphine Scotto Di Vettimo (Université de Nice), Nice, Fr; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Junia de Vilhena (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ), Rio de Janeiro, Br; Prof<sup>ª</sup> D<sup>ª</sup> Silvia Abu-Jamra Zornig (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ), Rio de Janeiro, Br.

586

Produção Editorial / Production e/and Assinaturas / Subscriptions

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

Rua Tupi, 397 – 10<sup>º</sup> – 104

01233-001 São Paulo, SP/Br

Telefax: 55 11 3661-6519

e-mail: psicopatologiafundamental@uol.com.br / www.fundamentalpsychopathology.org

## Sumário

### Editorial

<i>Edilene Freire de Queiroz</i> .....	591
--	-----

### Artigos

<i>Edilene Freire de Queiroz</i> O discurso perverso .....	593
---	-----

<i>Paula Cristina Monteiro de Barros, Nanette Zmerj Frej e Maria de Fátima Vilar de Melo</i> “Vou pintar o terror!”: “Pois bem, veja então isso!” .....	604
--	-----

<i>Vera Lopes Besset</i> Um sujeito no mercado das pílulas .....	616
---	-----

<i>Glória Maria Monteiro de Carvalho e Maria de Fátima Vilar de Melo</i> Corpolinguagem e o não limite da palavra no insulto .....	626
---	-----

<i>Véronique Donard</i> Le sujet entre sidération et jouissance: l’issue sulimatoire. À propos de l’oeuvre de Francisco Brennand.....	638
---	-----

<i>Ilka Franco Ferrari</i> O consumidor e a perversão .....	652
--	-----

<i>Christian Hoffmann</i> Le lien social pervers.....	666
--	-----

<i>Alexandre Lévy</i> Práticas sociais das perversões: modernidade do laço, organização social e dilemas morais .....	673
---	-----

<i>Ivo de Andrade Lima Filho e Vera Lúcia Dutra Facundes</i> A perversão no território: os efeitos do desmentido .....	686
---	-----

*Luciana Enilde de Magalhães Lyra Macêdo*

A dinâmica perversa na adoção: interrogando sobre filiação ..... 696

*Virginie Martin-Lavaud*

Perversion maternelle et troubles du comportement de  
l'enfant: l'exemple de Dylan, objet du caprice de sa mère ..... 706

*Patrick Martin-Mattera*

Perversão nas mulheres ou perversão feminina.  
Uma questão de sexualização..... 720

*Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro*

Assassinos seriais e os efeitos da sideração no psiquismo  
e no laço social ..... 738

*Véronique Pautrel*

Le temps pour comprendre des "petits curieux" ..... 749

*Zeferino Rocha*

A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso ..... 761

*Mathilde Saiet*

Da prática (privada) da perversão..... 775

*Edson Luiz André de Sousa*

A transgressão que salva ..... 787

*Leônia Cavalcante Teixeira*

O sujeito adolescente e a intervenção psicanalítica:  
notas a partir de um caso clínico..... 797

Instruções aos autores..... 805

## Contents

### Editorial

<i>Edilene Freire de Queiroz</i> .....	591
--	-----

### Articles

<i>Edilene Freire de Queiroz</i> The perverse discourse.....	593
---	-----

<i>Paula Cristina Monteiro de Barros, Nanette Zmerj Frej e Maria de Fátima Vilar de Melo</i> “I’m gonna show you people!”: Just watch this!” .....	604
---	-----

<i>Vera Lopes Besset</i> A subject at the pill market .....	616
--	-----

<i>Glória Maria Monteiro de Carvalho e Maria de Fátima Vilar de Melo</i> Body language and the non-limit of the word in insults.....	626
---	-----

<i>Véronique Donard</i> The subject between jouissance and total consternation: sublimation as a solution. Art of Francisco Brennand .....	638
--	-----

<i>Ilka Franco Ferrari</i> The consumer and perversion .....	652
---	-----

<i>Christian Hoffmann</i> Perverse social bonds.....	666
---	-----

<i>Alexandre Lévy</i> Social practices of perversions: modernity of bonds, social organization and moral dilemmas .....	673
---	-----

<i>Ivo de Andrade Lima Filho e Vera Lúcia Dutra Facundes</i> Perversion in a territory: the effects of retraction .....	686
--	-----

*Luciana Enilde de Magalhães Lyra Macêdo*  
 Perverse dynamics in adoption: wondering about parents ..... 696

*Virginie Martin-Lavaud*  
 Maternal perversion and behavioral disorders in children:  
 the example of Dylan, an object of his mother's whims ..... 706

*Patrick Martin-Mattera*  
 Perversion in women or female perversion.  
 A matter of sexuation..... 720

*Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro*  
 Serial killers and the effects of the great consternation  
 in the mental apparatus and in social ties ..... 738

*Véronique Pautrel*  
 Time to understand the "curious little creatures" ..... 747

*Zeferino Rocha*  
 Perversion of ideals in religious fundamentalism ..... 761

*Mathilde Saiet*  
 The (private) practice of perversion..... 775

*Edson Luiz André de Sousa*  
 The transgression that saves ..... 787

*Leônia Cavalcante Teixeira*  
 The adolescent subject and psychoanalytic intervention:  
 notes based on a clinical case ..... 797

Instruções aos autores..... 805

590

## Editorial

Edilene Freire de Queiroz\*<sup>1</sup>

É consenso que o laço social, hoje, se organiza numa montagem perversa. O discurso capitalista tem determinado mudanças subjetivas na relação do sujeito com o Outro, marcadas pelo imperativo de consumir e usufruir, gozando sempre mais e mais, conotando um mal-estar pelo excesso e pela tendência a transgredir limites. O semblante perverso que adquiriu as relações atuais nos convoca a discutir, metapsicologicamente; a perversão considerando, de um lado, seus usos sociais, de outro, suas incidências intersubjetivas.

Sob a nomenclatura de “perversão” agregam-se vários quadros clínicos, desde as psicopatias, passando pelos desvios sexuais e morais, até as personalidades narcísicas o que a torna emblemática no sentido de questionar seu caráter como uma estrutura clínica, ou melhor, se se trata realmente de uma psicopatologia ou de uma condição da natureza humana; afinal, seu mecanismo básico — a *Verleugnung* —, é também o mecanismo responsável pelo funcionamento clivado do eu.

A literatura tem mostrado que a metapsicologia da perversão tomou diversas direções: a da perversão polimorfa (como predisposição natural da sexualidade infantil), a da perversão como desvio (quanto adquire o caráter de exclusividade e fixação), o do fetichismo como seu paradigma, a da perversão como modelo estrutural da fantasia e a

\*<sup>1</sup> Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br)

vertente ética que põe a perversão no lugar privilegiado de fundação do desejo. Em quaisquer dos contextos à perversão se associam, sempre, sentidos pejorativos, marcas herdadas do verbo latino — *pervertere* — que conota tanto o sentido de defeituoso, vicioso e desregrado como o de perversidade. Nos trabalhos aqui apresentados vamos ver deslizarem essas conotações.

Pensar a perversão no sentido sadiano, ou seja, como um imperativo categórico de fazer gozar, a aproxima da lógica capitalista e abre a perspectiva de colocá-la quase como um ideal identificatório o que a transforma numa condição generalizada. Todas essas vertentes e possibilidades denotam que a perversão é um terreno fértil para se pensar as pulsões humanas no laço social, pois ela se refere não só à realidade psicológica como também à psicopatológica e sociológica, ou seja, pode-se discuti-la tanto no plano individual como no social. Sua atualidade e importância fizeram dela tema para a realização de dois colóquios organizados por duas universidades católicas: a Universidade Católica de Pernambuco e a Université Catholique de l'Ouest – Angers, ambos sob o título de *Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão*.

O primeiro, realizado em Recife, em 2013 versou sobre *Usos Sociais da Perversão* e o segundo, realizado em Angers, em 2014, tratou das *Incidências (Inter) subjetivas da perversão*. Neste Suplemento da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* estão reunidos os trabalhos mais significativos de brasileiros e franceses apresentados no primeiro colóquio.

## O discurso perverso\*<sup>1</sup>

Edilene Freire de Queiroz\*<sup>2</sup>

*É consenso que o laço social, hoje, se organiza em uma montagem perversa. Não temos mais um mestre que governe as ações, as organizações familiares não se organizam em torno do poder paterno, vivemos um tempo da feminilização da cultura e numa lógica capitalista. O discurso capitalista não exige a renúncia pulsional, ao contrário, ele instiga o usufruto do gozo e o outro é reduzido a objeto. Isso determinou uma mudança na economia pulsional, na forma de cada um lidar com a realidade externa, que passou a ser mutante, e na fenomenologia discursiva. O gozo na linguagem está em mostrar com a palavra, em produzir um discurso imagético.*

**Palavras-chaves:** Discurso, perversão, economia pulsional, capitalismo, gozo

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, realizado no período de 26 a 28 de agosto de 2013, na Universidade Católica da Pernambuco, em parceria com a Université Catholique de l'Ouest, Angers, França.

É consenso que o laço social, hoje, se organiza em uma montagem perversa. A literatura psicanalítica tem apontado pelo menos quatro razões que, a meu ver, se recobrem.

- 1) Não temos mais um mestre, um senhor que governe e norteie nossas ações. “O senhor não é apenas aquele que é o mais forte” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 144). Ele faz surgir um significante mestre que ordena toda a cadeia discursiva, origem de todo o saber: saber de si, saber fazer. A evolução deste discurso gerou o discurso filosófico subtraído do saber do escravo e, por um desvio, ele se transformou no discurso capitalista no qual o senhor passa ser o capitalista.
- 2) Porque não temos mais um senhor as relações familiares não se organizam em torno do poder paterno; estamos em tempos de falência paterna e prevalência do regime materno. As relações se dão no plano horizontal, nivelando as hierarquias que vigiam nas sociedades patriarcais.
- 3) Estamos vivendo uma feminilização da cultura. Se a mulher é não toda submetida à castração, a feminilização da cultura significou certo afrouxamento dos interditos. Ela conduz ao mais-de-gozar, um gozo real mais-além-do-fálico, mais-além-do-dizer. O gozo fálico, correlativo da falta-a-gozar, imposta pela castração, é universal, porém o gozo mais-além-do-gozo-fálico não está regulado pelo significante e sim pela dimensão sensitiva, do experimentar.
- 4) Na lógica capitalista todos estão a seu serviço. Há, por conseguinte, certo apagamento do sujeito desejante. Na versão mais atual desse discurso — o discurso dos mercados —, o sujeito é excluído; são os pequenos objetos que agenciam as ações. Fica-se submetido ao imperativo do mercado.

Alguns pensadores perguntam sobre o que foi feito da condição humana em um mundo em que se reverencia a mercadoria e o consumo. Hanna Arendt (2001), por exemplo, já indicava que nós não seríamos capazes de compreender e exprimir as coisas que, no entanto, seríamos capazes de fazer. Segundo ela “tudo se passaria como se nosso cérebro, que constitui a condição material, física, de nossos pensamentos, não pudesse mais acompanhar o que fazemos (...)” (p. 138). O *savoir-faire* (saber fazer) do escravo, na dialética do senhor e do escravo, perde-se quando o mestre é o capital. Este saber não

conta mais, pois o que conta é o discurso da ciência que, segundo Lacan (1969-1970/1992), copula com o discurso capitalista. A ciência governa os pequenos objetos (latusas) proliferados e disponibilizados pelo capitalista para causar o desejo. Associados, eles produzem uma espiral incessante de artefatos para consumo que assujeitam os indivíduos ao gozo. O discurso da ciência não deixa para o homem, lugar nenhum (p. 138), pois o saber científico ocupou o lugar da verdade. O proletário como o consumidor são explorados e convocados a agir e não a pensar.

Ora, quando a ação prevalece em detrimento do entendimento e do simbólico, o atributo toma o lugar da existência e a defesa possível é a perversa, na qual afirmar ou negar um atributo particular é circunstancial.

Aprendemos com Freud (1930-1929/1985) que o laço do homem com outros homens causa sofrimento e mal-estar. Isso porque o processo civilizatório interfere na economia pulsional. No tempo de Freud, a civilização impunha renúncia à tendência pulsional de tratar o outro como um objeto; na contemporaneidade é a posição de sujeito que está comprometida. Portanto, não se trata de valorizar essa ou aquela configuração social, mas de entendê-la, sabendo que isso tem efeito nas formas de subjetivação.

Para Lacan (1973/2003) esse mal-estar é formulado em termos de discursos, pois os laços sociais são tecidos e estruturados pela linguagem. Ao formular os quatro discursos — o do mestre, o da histórica, o do analista e o universitário —, ele indicou que todo laço social implica um enquadramento da pulsão, resultando em uma perda real de gozo. O saber faz limite ao gozo.

Por uma modificação no lugar do saber produz-se o discurso capitalista. Ele não exige a renúncia pulsional, ao contrário, ele instiga o usufruto do gozo e o outro é reduzido a objeto de gozo. Quando o saber ocupa o lugar de verdade universal ocorre uma exclusão da castração e um apagamento do singular e das diferenças, provocando um empuxo contínuo ao gozo sem limite. A tendência à universalização reduz todos os indivíduos a uma mesma categoria: todos têm o direito à satisfação imediata (sem barra) e a indenizações de supostos prejuízos (pela máquina da judicialização).

Isso determinou uma mudança na economia pulsional, na percepção da realidade externa e na fenomenologia discursiva. Três aspectos essenciais quando se trata de defesa perversa.

### **Mudança na economia pulsional**

O mal-estar na modernidade é governado por esse discurso, no qual o capital é o mestre que governa as ações, fazendo os outros trabalharem a seu serviço, uma espécie de máquina de lucro e de gozo. Nesse contexto, a posição de sujeito

desejante fica comprometida, pois ele passa a querer o que o capitalista quer que ele queira. Trata-se de um discurso objetalizado pelo capitalismo científico-tecnológico que tiraniza o saber e que também põe todos a seu serviço. Tal como as mercadorias, os saberes são substituídos continuamente. Na psiquiatria, por exemplo, não temos mais tipos clínicos clássicos. Ao substituir os quadros clínicos clássicos por transtornos optou-se pela descrição e pela comunicação dos fenômenos e não pelo seu entendimento. O médico não precisa entender o paciente, precisa identificar sintomas e prescrever medicamentos. O discurso atual da sociedade de consumo e o discurso da ciência convidam o sujeito a pensar que tudo pode. Animados pelo desejo de imortalidade, de dominar o universo, o homem descobre o código da vida — o código genético — e ao manipulá-lo crê que tudo pode ser mutável, basta conhecer o código. E assim, ele desmente toda a limitação de sua existência.

A vida psíquica dos sujeitos, nos tempos atuais, não conta com a força repressiva do outro que ajudava a manter recalçado o desejo onipotente de gozar plenamente, sem restrição. Em um mundo onde o “impossível” e o “contraditório” é sempre transitório; o trabalho de renúncia é dificultado, reinando a defesa perversa cuja característica é aceitar e recusar, dizer sim e não ao mesmo tempo.

596

Da mesma forma, a deslegitimação do pai, que fez ascender e realçar o regime materno, pôs em tensão esses dois regimes. Como articulá-los — o primeiro em falência e o outro em prevalência — senão pela via do desmentido?

Aliás, o desmentido — a *Verleugnung* —, é um mecanismo arcaico, próprio do sistema perceptivo no qual as associações se dão por simultaneidade, e defendo a tese de que ele está presente nas relações primitivas da mãe com o seu bebê. Ela desmente o que vê porque tende a interpretar os sinais do bebê conforme suas fantasias. O bebê, por sua vez, engendra-se no fantasma materno, tornando-se seu fetiche. Se não há um Outro que a interdite, perdurará o jogo dos engodos e enganos. Assim o primeiro modo de funcionamento relacional da criança se dá pelo desmentido e permanece nele como um perverso polimorfo.

O imperativo do discurso capitalista faz operar um gozo que não cessa de se inscrever com a promessa de que ele é alcançável pelo consumo de produtos ofertados e fetichizados pela propaganda. De certo modo, estimula que continuemos a funcionar nos moldes da criança perverso polimorfo, no mundo dos pequenos objetos. Nesse funcionamento a perversão é perfeitamente comum, pois o mecanismo da *Verleugnung* permite que a criança enfrente a descoberta da castração e a do limite ao materno, ou seja, viva a tensão dos dois regimes (materno e paterno). Dominada pelo narcisismo a criança recusa e desmente qualquer realidade que se oponha ao seu desejo onipotente, e assim ela não se deixa proibir. É preciso, então, a ação do terceiro para auxiliá-la na operação de renúncia ao gozo pleno pela via do recalque do desejo onipotente; se ele não vem não há renúncia ao gozo.

Se, como nos ensina Lacan (1953-1954/1979), “a perversão é (...) a exploração privilegiada de uma possibilidade existencial da natureza humana” (p. 249), é pertinente falar de discurso perverso, não só porque esta é a possibilidade que se apresenta hoje, mas também por ela ser causa de mal-estar, não pela repressão e renúncia pulsional e sim pelo seu excesso.

Ao refletirmos sobre os usos sociais da perversão, queremos dizer que o usufruto do gozo está autorizado e instigado pelo Outro. Estamos num modo de funcionamento perverso, num modo particular de relação com o gozo, partilhado pela humanidade e sustentado por um discurso científico e econômico nos quais não há limite para o saber, para o consumo, para o gozo. Mas, nos mantemos junto com o outro, diferente do que acontece com os perversos propriamente ditos (ou perversos de estrutura), onde ocorre uma negação radical da alteridade do outro. Valemo-nos sim da defesa perversa, porém ela não é prerrogativa exclusiva do perverso, tanto que Freud toma a *Verleugnung* como condição para clivagem do eu.

### **Mudança da realidade externa**

A lógica capitalista de substituição contínua de um produto por outro gera excessos e uma realidade inconstante, mutável e instável. Regida pelo imperativo do sempre mais, ela está a nos mostrar o terreno das possibilidades, não o do limite.

A mudança de um estado de coisas para outro, sem que dele consigamos esboçar o real configurado em seu todo (Silva, 2008) se, por um lado, leva o homem a admitir que tudo é possível, por outro, leva-o a conjecturar que nada é verdadeiro. É o fim das certezas, dos “sims” e dos “nãos”. A realidade é posta em suspeição permanente. Ela sofre uma espécie de desvalorização, justamente por ser efêmera e mutante; com isso, o homem tende a refugiar-se na imaginação (Muller, apud Silva, 2008), ou seja, a criar um mundo virtual. Tal como o pequeno perverso polimorfo — que vê o real da castração do corpo do outro, mas desmente, criando um *phallus* imaginário, criando um objeto fetiche —, o homem contemporâneo cindiu a realidade em dois mundos: o real e o virtual, que coexistem. A síndrome de Hikimori é uma prova contundente de que essa recusa da realidade pode levar o sujeito a refugiar-se na realidade virtual e quando ocorre uma cisão radical arrasta-o para a morte.

Logo, o que está posto em questão é a própria realidade externa. A *Verleugnung*, diz respeito, justamente, à recusa em aceitá-la, desmentindo-a. Trata-se de uma negativa na qual o sujeito recusa reconhecer a realidade de uma percepção. Há dois aspectos a considerar: o registro da percepção (traços perceptivos inscritos no sistema perceptivo) e sua negação (apelo a uma realidade

ilusória); a coexistência dessas duas realidades, a real e a ilusória, só pode ser dissipada pela intervenção de um terceiro. Observa Lebrun (2008) que pelo fato desse mecanismo se referir à realidade é preciso a presença do outro que reprima a onipotência fálica. Quando, ao contrário, também esse outro funciona a reboque de uma realidade mutante, incerta, ele só faz autorizar e reforçar a via ilusória. Ambos se enredam na incerteza e na dificuldade em reconhecer a realidade, tornando-se cúmplices no desmentido. Esse cenário contemporâneo é terreno fértil para o prolongamento de uma defesa infantil que como tal é normal, mas ao prolongar-se cria “comunidades de reneгаções” (expressão de Lebrun, 2008), ou seja, o laço social comum é a perversão. Consoante Lacan (1953-1954/1979), a perversão

(...) não é simplesmente aberrância em relação a critérios sociais, anomalia contrária aos bons modos, embora esse registro não esteja ausente, ou atipia em relação a critérios naturais, a saber, que ela derroga mais ou menos à finalidade reprodutora da conjugação sexual. Ela é outra coisa em sua própria estrutura. (...) Com efeito, a perversão se situa no limite do registro do reconhecimento, e é o que a fixa, a estigmatiza como tal. Estruturalmente, a perversão tal como a delineei no plano imaginário, só pode se sustentar num estatuto precário que, a todo instante, do interior, é contestado pelo sujeito. Ela sempre é frágil, à mercê de uma inversão, de uma subversão, (...) (p. 249)

598

Por conseguinte, há uma incerteza fundamental na perversão, por isso o sujeito não consegue se estabelecer, satisfatoriamente, em nenhuma relação. Podemos dizer que a condição humana, hoje, é perversa, não porque cada um de nós esteja organizado numa estrutura perversa, mas sim porque a realidade é mutante, e a todo instante nos coloca num estatuto precário, sem garantias, nem certezas.

A ação de desmentir é sempre convocada quando a realidade é difícil de ser admitida, ou porque contraria o desejo, ou porque não é compreensível. Poder dizer “sim” e “não” sem contradição impede a produção do entendimento. Diferente da forclusão, que faz uma recusa definitiva da realidade, o desmentido faz uma clivagem no psiquismo; assim, de um lado, reconhece a realidade, de outro, não a reconhece. Isso significa que o significante fálico está instalado no sujeito, mas tudo se passa como se não se dispusesse dele, ou seja, o pai está lá, porém demitido de sua função de interditor (Xavier, 2011) ao contrário do que faz o neurótico.

### **Mudança na fenomenologia discursiva**

Essa montagem perversa se reflete também na fenomenologia discursiva. Testemunhamos, na clínica, um discurso no qual a palavra se apresenta limitada na sua função de representar e simbolizar. Os discursos são mais imagéticos e denotativos; também há uma presença maciça de sintomas corporais como recursos para apresentar

e mostrar, pouco para representar. Isso coloca uma questão para a clínica pautada por uma teoria que via no recalque o mecanismo estruturante do sujeito. Se sem recalque não há discurso — pois a linguagem requer uma barra entre o objeto e sua representação —, o discurso decorrente do laço social perverso coloca cada um mais perto das representações imagéticas, em uma relação mais de continuidade e similaridade do que de substituição com o objeto, justamente porque está falhada a operação metafórica.

Freud (1892-1899/1985) nos ensinou que, no caminho para a constituição de uma *Vorstellungrepresentanz*, está presente uma sequência de representações (*Vorstellung*) que vão compor o campo do psiquismo. Em um primeiro estágio, regido pelo processo primário, elas se caracterizam por representações de imagens — acústica, visual, cinestésica —, elementos que já entram na formação do significante, mas que ainda não configuram uma representação de palavra. Quando intervém a *Verdrängung*, desencadeia o processo de representação por substituição, por delegação ou procuração; a *Vorstellung* passa a ser regida pelo processo secundário e se configura em pensamento. Na justaposição das palavras de um discurso, estanca-se a palavra seguinte até que a imagem acústica ou a representação verbal e motora da palavra precedente seja encontrada. Esse movimento de progressão e regressão controla a cadeia associativa, evitando um deslizamento sem fim. Entretanto, a montagem do discurso perverso revela alterações na articulação dos elementos acima citados, acusando o aparecimento de significantes que mais denotam do que conotam, mais apresentam do que representam. Pode-se dizer que ele veicula o primeiro significado derivado do relacionamento entre o signo e seu objeto. O resultado é um discurso subordinado aos fatos e às circunstâncias.

A manutenção da imagem acústica no polo sensorial da consciência torna-se indispensável à livre circulação da energia libidinal no seio do aparelho psíquico e à organização de um sistema articulado de representações: só ela se apresenta apta a religar as representações de palavra às representações de coisa. Quando a função simbólica que comanda todo esse processo de transcrição se encontra falhada, a imagem acústica deixa de exercer seu papel de mediação, produzindo uma ruptura nas ligações de representações e a imagem visual torna-se prevalente. Na figuração imaginária, a representação torna-se mais dependente de uma colocação em imagem, tendendo a reproduzir a percepção.

O perverso dá a ver quando deveria dá a entender. Não fazendo o perverso o luto da castração, ele não produz um entendimento sobre ela, pois não faz o julgamento da existência da falta,<sup>1</sup> logo o atributo toma o lugar da existência. O

<sup>1</sup> A ausência do juízo de atribuição, segundo Lacan (1964/1979, p. 564), é provocada por uma outra negativa, a *Verwerfung* que ele traduziu por forclusão.

imaginário se encarrega de tomar o poder, reaviva, pela presença de um objeto imaginário — o objeto fetiche —, o atributo universal do pênis, e não a existência do *phallus* (significante da falta). Isso se manifesta no discurso, sob a forma de “palavra mostração”. Major (1972) comenta que o discurso passa a ser eco dos objetos fetiches e, por conseguinte, se desenrola por meio de “frases fetiches” (Lacan, 1964/1979, p. 564)

## Considerações finais

Finalizando, a palavra adquire, então, valor de mostração; ela revela a primeira operação do signo que é a de notação ou denotação. A predominância do olhar e da imagem visual faz par com a focalização (fixação) do objeto parcial renegado e se constitui como defesa contra a possibilidade do vazio da castração.

É certo que há gozo na linguagem, mas no caso do perverso o gozo está justamente em mostrar com a palavra. O discurso é o espelho das ações, o resultado é um discurso imagético, cujo propósito é ver e mostrar por meio das palavras. As palavras, no discurso perverso, têm menos função de representação e mais de “mostração”, de apresentação. Os sujeitos encenam pelas palavras, que deslizam metonimicamente sem barras, assim como os objetos de gozo e os *gadgets*. Não há ponto de ancoragem em uma significação, a linguagem parece ser meramente denotativa.

600

Creemos que os três aspectos aqui abordados: a mudança na economia pulsional, a mudança na percepção da realidade externa e a mudança na fenomenologia discursiva, não só configuram o cenário contemporâneo, como justificam a montagem perversa. Os usos sociais da perversão se apresentaram neste Colóquio em diferentes contextos (clínicos, sociais e culturais) e penso que, de forma direta ou indireta, cada intervenção tratou de um ou mais desses aspectos aqui refletido e continuará tratando quando nos reunirmos novamente em maio do próximo ano, em Angers, para a realização da segunda parte deste Colóquio.

Muito obrigada.

## Referências

- Alberti, S. (2005). *O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura*. Recuperado em 11 mar.2013 de: <[www.gradiva.com.br/egrad.htm](http://www.gradiva.com.br/egrad.htm)>.
- Arendt, H. (2001). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Braunstein, N. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST):

## ARTIGOS

- sexto discurso? *A Peste – Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, São Paulo, 2(1), 1-23. Recuperado em 2 ago.2013, de <<http://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12079/8752>>
- Freud, S. (1985a). Extratos de documentos dirigidos à Fliess. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1892-1899).
- Freud, S. (1985b). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930-1929).
- Lacan, J. (1979a). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1979b). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Versão brasileira de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (2003). Televisão. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lebrun, J-P. (2008). *A perversão comum. Viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Major, R. (1972). Langage de la perversion et perversion du langage ou l’image de l’ennui. In I. R. Barande, J. McDougall, et al. *La sexualité perverse*. Paris: Payot.
- Queiroz, E. F. (2004). *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta.
- Quinet, A. (2010). A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, 1, 20.
- Rosa, M. (2010). Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 22(1), 157-171.
- Silva, F. L. (2008). A invenção do pós-moderno. Seminários: Mutações. A condição humana. Curadoria de Adauto Novaes. Recife-PE.

601

## Resumos

(Le discours pervers)

*There is consensus on the opinion that social bonds today are organized in a perverse way. We no longer have a master who governs our actions, and family organizations are not organized around the father’s power. We live in times of feminization of culture and in a capitalist logic. The capitalist discourse demands no renunciation of drives. On the contrary, it calls for satisfaction of pleasure as the other is reduced to an object. This has led to a change in the economy of the drives and in the way each one*

*deals with external reality, which has become changeable, and in the phenomenology of discourse. The jouissance of language is in showing with words and in producing imagery of discourse.*

**Key words:** Speech, perversion, drive economy, capitalism, jouissance

(Le discours pervers)

*Le lien social, à nos jours, s'organise selon un montage pervers. Nous n'avons plus de maître qui gouverne nos actions, les rapports familiaux ne s'organisent plus autour du pouvoir paternel, on vit la féminisation de la culture selon la logique capitaliste. Le discours capitaliste n'exige pas le renoncement pulsionnel, au contraire, il incite la jouissance et l'autre est réduit à son objet. Cela a provoqué des changements dans l'économie pulsionnelle, dans la perception individuelle de la réalité extérieure, dorénavant mutante, ainsi que dans la phénoménologie discursive. La jouissance dans le langage se produit précisément dans l'acte de montrer par la parole, en produisant un discours imagé.*

**Mots clés:** Discours, perversion, économie pulsionnelle, capitalisme, jouissance

(El discurso perverso)

602 *Es consenso es que el lazo social hoy se organiza en un montaje perverso. Ya no tenemos un maestro que rige los actos, las organizaciones familiares no son organizados en torno al poder paterno, son tiempos de la feminización de la cultura y de la lógica capitalista. El discurso capitalista no requiere la renuncia a los instintos, por el contrario, fomenta el disfrute del goce y reduce el otro a objeto. Esto llevó a un cambio en la economía pulsional, en el trato de cada uno con la realidad externa, que se convirtió en mutante, y en la fenomenología discursiva. El goce del lenguaje es mostrar con la palabra y producir un discurso en imagen.*

**Palabras clave:** Discurso, pervisión, economía instintiva, capitalismo, goce

(Der perverse Diskurs)

*Es ist allgemeiner Konsens, dass die soziale Bindung heute durch einen perversen Organisationsprozess erzielt wird. Es gibt keinen Meister mehr, der die Handlungen regiert; die Familieneinrichtungen drehen sich nicht mehr um paternalistische Bestimmungen. Wir leben in einer Zeit der kulturellen Verweiblichung und der kapitalistischen Logik. Der kapitalistische Diskurs fordert nicht den Triebverzicht, ganz im Gegenteil, er regt zum Genießen und zur Reduzierung des Anderen zum Objekt an. Dies hat eine Wandlung der triebhaften Wirtschaft, der diskursiven Phänomenologie und in der Art und Weise wie jeder mit der sich nun mutierenden äußeren Realität umgeht bewirkt. Im Bereich der Sprache bezieht sich Genuss auf die Tatsache, etwas durch das Wort zu zeigen, einen bildhaften Diskurs zu produzieren.*

**Schlüsselwörter:** Diskurs, Perversion, triebhafte Wirtschaft, Kapitalismus, Genuss

## ARTIGOS

**Citação/Citation:** Queiroz, E. F. de (2014, setembro). O discurso perverso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 593-603.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 10.5.2014 / 5.10.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author has no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

603

### EDILENE FREIRE DE QUEIROZ

Psicanalista; Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, SP, Br); Pós-doutora pelo Laboratoire de Psychopathologie Clinique, Université de Aix-Marseille I (Aix Marseille, Fr); Professora Titular e membro do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br); Coordenadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise e Coordenadora Geral de Pesquisa da Unicap; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, SP, Br); Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq: Psicologia Clínica/Unicap; Pesquisadora P-2 do CNPq (Brasília, DF, Br)..

Praça de Casa Forte, 354/1402 – Casa Forte

52061-420 Recife, PE, Br

e-mails: equeiroz@unicap.br e edilenefreiredequeiroz@gmail.com

# “Vou pintar o terror!”: “Pois bem, veja então isso!”\*1

Paula Cristina Monteiro de Barros\*2

Nanette Zmeri Freij\*3

Maria de Fátima Vilar de Melo\*4

*A errância do adolescente em situação de rua reflete uma segregação social perversa, marcada pela destituição simbólica e pela mutilação social. Em meio ao despedaçamento e ao desamparo, um adolescente enuncia e ameaça: “Vou pintar o terror!”. Uma violência que ora se apresenta como um reflexo do organismo ora ancora-se num esboço de discurso endereçado ao Outro, numa tentativa de inscrição. Partimos de uma experiência clínico-institucional (Olinda, PE) e propomos situar, na radicalidade da violência, uma tentativa de enodamento entre o ato e o apelo ao Outro.*

**Palavras-chave:** Adolescente em situação de rua, errância, endereçamento, ato

\*1 Este trabalho é um recorte da tese de doutorado de Paula Cristina Monteiro de Barros, do Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, da Universidade Católica de Pernambuco, e foi apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, realizado no período de 26 a 28 de agosto de 2013, na Universidade Católica de Pernambuco, em parceria com a Université Catholique de l’Ouest, Angers, França.

\*2 Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

\*3 Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

\*4 Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

O adolescente em situação de rua vagueia pelos espaços públicos numa trajetória que denuncia a mutilação social e a destituição simbólica de um lugar de abjeto e de “assujeito” na sociedade, face a um laço social perverso marcado pela segregação. No ambiente da rua, o espaço subjetivo é solapado por um cenário constituído em meio ao despedaçamento, ao desamparo, à violência. Uma violência sofrida, reproduzida e atualizada por meio da qual o adolescente ora se destrói, ora destitui o outro, ora convoca e busca instituir o Outro, como observamos na escrita de um adolescente que diz ser “O matador”, mas assina “O matado”.

É nesse sentido que escutamos relatos e presenciamos o que é dado a ver pelos adolescentes em cujas trajetórias enredam-se a violência e a exclusão social. Na família, um adolescente começa a ir para a rua após presenciar o assassinato de seu pai pelo seu atual padrasto; um outro faz referência à mãe que o abandonou — “Imagina, tua mãe te chamar de filho do diabo e mandar tu ir embora” — e, à iminência da morte de seu pai — “Quando ele morrer, eu viro a cabeça de vez. Vou matar, matar, matar, até morrer, porque é isso o que eu quero”.

Na rua, as cicatrizes de um corpo marcado pelos espancamentos e pela indiferença, pelo uso de drogas, pela exploração sexual, pelo imperativo de sobrevivência — “Se me ameaçam, eu tenho que matar, porque um vai ter que morrer” — atestam uma violência aniquiladora e a crueza com a qual um jovem esfaqueia outro e obriga os adolescentes a lamberem a faca com o sangue da vítima.

Na instituição, a tentativa de nela reproduzir as leis da rua, as transgressões e a destrutividade constantes compõem um movimento que, por um lado, apresenta uma violência crua, descarregada no ato, lançada ao

inominável, que revela, no que constitui o reflexo de um organismo, algo da ordem de uma estagnação, em que o sujeito parece desaparecer. Por outro lado, fazemos a leitura e a aposta de que o ato, muitas vezes, ancora-se em um esboço de discurso do sujeito, que parece pedir passagem para um lugar Outro. Trata-se, nesse caso, de uma violência endereçada ao Outro, de uma tentativa de inscrição por meio da qual o ato violento emerge como uma maneira desenfreada em que o sujeito insiste em existir para o Outro. Consideramos ser desse lugar que um adolescente, à espera de entrar na instituição, ameaça: “Quando entrar aí, vou pintar o terror!”, construção que, ao operar uma hiância entre o enunciado e o ato, invoca o Outro, seja para que o impeça de fazê-lo, seja para convidá-lo a atestar o terror que irá pintar.

Partimos de uma experiência clínico-institucional com adolescentes em situação de rua (Olinda, PE) e pretendemos, ao interrogar a violência e o terror como efeitos próprios à perversão, situar, no terror que o adolescente pinta e no qual ele é igualmente pintado, uma tentativa de enodamento, na crueza da violência, entre o ato, a convocação e o apelo ao Outro.

Essa construção terá como eixo teórico contribuições de Freud e Lacan acerca da constituição subjetiva, na articulação com proposições igualmente psicanalíticas no que tange à exclusão social, à violência, à errância, à passagem ao ato, na tentativa de nesse diálogo apreender, na realidade dos adolescentes em situação de rua, o que se esboça em termos de uma inscrição do sujeito.

606

### **Na exclusão social, o lugar da palavra e o recurso à violência**

O adolescente em situação de rua deflagra desde situações vividas no âmbito familiar, o que põe em evidência a singularidade de cada caso, a história de cada dinâmica familiar, a questões que circunscrevem os “meninos de rua” numa problemática social, o que implica e aponta uma conjuntura econômica, histórica, política e social, configurando o que destacamos em termos de uma mutilação social e de uma destituição simbólica desses adolescentes.

Na leitura que Lebrun (2010) faz acerca do laço social, no que denomina tratar-se de uma sociedade toda não fálica, ele propõe pensar em termos de uma “perversão comum” (Lebrun, 2008a), de um “mal-estar na subjetivação” (Lebrun, 2010), em que o sujeito é capturado num “entodamento”, num “todos” completo que recusa o lugar de exceção, repercutindo nas formas de violência. Na medida em que o lugar de exceção vetoriza para si a violência, obrigando-a a se transformar em outra coisa, no entodamento, deparamo-nos com uma violência que busca seu interlocutor e, por não encontrá-lo, dirige-se a todo mundo e para o próprio sujeito,

o que demarca uma violência contra a ausência de lugar onde inscrever sua singularidade (Lebrun, 2008a, p. 43).

Para o autor, “o fato de que se reconheça ou não seu lugar de exceção determinará, com efeito, o modo como a exclusão se organiza no social” (Lebrun, 2010, p. 54). Ao se prescindir do lugar de exceção, engendra-se uma exclusão mortífera, no sentido de uma desfiliação dessimbolizante, destruidora da metáfora subjetiva, posto que o sujeito excluído está à margem do simbólico social e, portanto, sua exclusão é portadora do real da morte. Privado da proteção das leis da cidade, o sujeito excluído tornou-se como que estrangeiro ao campo da sociedade humana fundada na interdição do assassinato e do incesto, não encontrando o suporte para assumir as “renúncias necessárias para se humanizar” (p. 61).

Nesses termos, Douville (2012) considera a exclusão social uma “desumanização da vida cotidiana”, um rebaixamento da condição pulsional do sujeito humano, um tempo privado de alteridade que implica, igualmente, a exclusão de um corpo de significantes e de elementos das cenas originárias, sob o risco, para o sujeito excluído, de se confrontar com um corpo estrangeiro. “O excluído é aquele que cruzou uma linha, um limiar, uma passagem, que efetuou um cruzamento em que ele se ausenta do laço social e da fraternidade do discurso” (p. 10).

Trata-se de um desamparo social, de uma violência simbólica, conforme sugere Bourdieu (citado por Rosa, 2004, p. 148), que submete o sujeito a uma produção discursiva perversa e lhe atribui lugares marginais, expondo-o ao traumático e a efeitos de dessubjetivação, o que acarreta, para Rosa (2004), o emudecimento do sujeito, o que nos permite problematizar, diante da exclusão de um corpo de significantes e do que se apresenta em termos de uma inconsistência do Outro, o lugar da palavra e o recurso à violência. “Onde a palavra se desfaz, começa a violência”, diz-nos Lacan (citado por Lebrun, 2008b, p. 137).

Na referência ao esquema óptico, Lacan (1981) destaca que “É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (p. 165), de modo que a destituição simbólica confronta o sujeito com “as coisas no seu estado real, inteiramente nu” (p. 97), o que nos remete ao confronto da criança com um real não simbolizado nem imaginarizado, de que falam Bergès e Balbo (2002). Para os autores, a apropriação de um corpo simbólico pela criança dá-se a partir das hipóteses que a mãe constrói, como num golpe de força, por meio do afeto. A impossibilidade da construção de hipóteses faz obstáculo à inscrição significativa de um corpo simbólico, de modo que a criança cai tanto do corpo como do discurso da mãe, a qual determina em seu filho uma repetição daquilo que faz Real para ela, no que tange, por exemplo, a uma indiferenciação na reprodução da violência e aos efeitos perversos da exclusão social.

Freud (1920/1996) destaca que um organismo vivo não sobreviveria caso não dispusesse de um “escudo protetor contra os estímulos” (p. 38) e descreve como

“traumáticas” as excitações que o invadem. “Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis” (p. 40). Frente à violência do trauma, o organismo reagirá de maneira reflexa, “sem a intervenção do aparelho mental”, posto tratar-se de uma força que invade de forma disruptiva, deixando o sujeito sob efeito de uma descarga, de um golpe inesperado (Bergès e Balbo, 2002), sem espaço para qualquer elaboração psíquica.

608  
Recorremos, nesse sentido, à formulação de Frej (2003), a partir da leitura de Freud sobre a circulação de energia no organismo. A autora coloca em realce a importância do registro econômico. Seguindo a trilha realizada por Freud (1895/1996), no “Projeto para uma psicologia científica”, sua formulação acompanha os tipos de movimentos utilizados pelo organismo quando atingido pelo aumento de quantidade de excitação. Parte do princípio de inércia, princípio fundamental que compreende o conjunto do funcionamento dos neurônios que, por sua vez, tem a tendência a se desembaraçar das quantidades. Para alcançar sua finalidade, o movimento mais elementar que comporta uma resposta imediata, e sem mediação no sentido de descarga do excesso de estimulação, constitui o movimento reflexo. Em um estágio mais avançado, para evitar que o princípio de inércia seja perturbado, o organismo serve-se da fuga dos estímulos que, vindos de fora, podem alcançá-lo. O equilíbrio visado pelo princípio de inércia é ameaçado pelo aumento da complexidade do organismo. Os estímulos provenientes do interior do corpo provocam as grandes necessidades: a fome, a respiração e a sexualidade, pressionando em direção à descarga. Como o indivíduo está submetido à *urgência da vida*, diante da impossibilidade da descarga e da fuga dos estímulos endógenos, ele deve realizar um esforço, ele deve renunciar à tendência à inércia e deve suportar a armazenagem das quantidades para poder efetuar a ação específica que ponha um limite no aumento da excitação. Frej (2003) afirma que a ação específica em questão só poderá ser realizada com a intervenção de uma ajuda estrangeira (*fremdeHilfe*), condição de realização da ação específica. Assim, é por intermédio de uma ajuda estrangeira (*fremdeHilfe*) que “o organismo é inscrito na condição de ser humano” (Frej, 2007), o que abre o campo para a apreensão de um corpo simbólico, para a legitimação e reconhecimento do sujeito da enunciação.

Na leitura que fazemos da realidade dos adolescentes em situação de rua, consideramos que, face à privação do simbólico, esses adolescentes caem do discurso e do corpo social, o que acarreta a sua expulsão em seu estado mais bruto. É desse modo que, em dados momentos, na ausência de uma palavra que dê sustentação à inscrição de um corpo simbólico, de um corpo que sirva de escudo protetor, o ato reflexo parece, muitas vezes, nortear a ação desses adolescentes como resposta à intensidade com a qual os estímulos e a violência invadem os seus organismos.

É nesse sentido que situamos a errância do adolescente em situação de rua, fadado a uma trajetória em que prevalecem o ato, a transgressão, o delito, a violência, a destruição de si e do outro.

### **A errância entre o “terror” da violência e a mostração ao Outro**

De acordo com Douville (2002), a errância, longe de constituir um sintoma a decifrar, “deve, antes, ser situada como uma falta de inscrição e, mais especificamente ainda, como a impossibilidade do sujeito para superar uma falta de inscrição que concerne a seu ser e também à sua filiação” (p. 77).

Para o autor, a rua não constitui obrigatoriamente uma entrada, uma passagem, ela pode ser vivida como um abismo catastrófico, um espaço topológico confuso, sem limite. Para além do familiar, trata-se do não-território, onde se vive numa ausência total de segurança e de amor. “A rua torna-se então não um entre dois lugares, mas um puro ‘entre’ que não liga nada, o ponto mais radical do lugar em si mesmo...” (p. 46). Um “lugar sem lugar”, sugere Douville (2008, p. 21). Um lugar, portanto, sem delimitações, sem história, sem origem, sem destino, que é ratificado pela expressão “meninos de rua”, um lugar estático que aponta para uma “fixidez da cadeia significante” (Laznik, 1989, p. 54), que não lhes permite o “encadeamento simbólico” que seu deslocamento parece, muitas vezes, buscar.

Para Douville (2012), um dos efeitos da errância desses adolescentes que se apresentam, em meio ao dilaceramento, “espalhados”, conforme sugere uma educadora social, é a intensidade do encontro com o que é da ordem do impossível a traduzir e a simbolizar, o que conduz o adolescente, por meio dos atos, a compensar as falhas imaginárias para que possa se sentir real.

Por meio do ato violento, o adolescente busca na realidade o bastão que, se não desqualificado na ordem do discurso, serviria de representante fálico consistente. Trata-se, para Lesourd (2001), de um apelo ao bastão da ordem social, ao interdito; um apelo ao simbólico, ao Outro e, por intermédio dele, à inscrição significante. Destacamos, nesse sentido, a forma com que alguns adolescentes se referem ao cumprimento de medida socioeducativa, quando afirmam: “É bom comer do Estado!”, o qual, a nosso ver, diante de sua omissão e de seus fracassos, é convocado, nem que seja em decorrência de uma violência atuada pelos adolescentes, a alimentá-los.

Para Douville (2008), na exclusão, os sujeitos em perigo psíquico perderam o sentido, a integridade e a coesão de seus corpos, o que aponta para uma dessubjetivação e destituição do investimento libidinal de um corpo marcado pela insensibilidade de certas zonas erógenas, por uma fragilização, fragmentação e degradação

progressiva do relacionamento do sujeito com o espaço, o corpo e a linguagem. Chama-nos a atenção, dessa forma, nas marcas corporais desses adolescentes, a crueza com que as cravam em seus corpos, invadindo-os — queimam, rasgam e furam a própria pele — num movimento de escrever no real do corpo um traço que, na ausência de um Outro que o legitime, possa, ele mesmo, inscrevê-los, servindo de ponto de apoio para o psiquismo.

Forget (2008a) ressalta que o adolescente que foi privado do recurso à palavra, por meio de suas atuações, espera e solicita o Outro como um endereço simbólico confiável, “(...) para aprender a se familiarizar com suas próprias marcas, e para estruturar sua palavra” (p. 184). Estruturar sua palavra implica, como Lacan (1999) refere no grafo do desejo, que aquele a quem o sujeito se endereça seja instituído enquanto Outro que é invocado, com a “consumação da mensagem” (p. 95), a legitimar e a reconhecer no grito do organismo um apelo do sujeito, fazendo daí advir a demanda e o desejo.

Na medida em que ao “grito de socorro” do adolescente não é feita a leitura de um apelo, mesmo que ainda não falado, o ato violento toma relevo e persiste no entrelaçamento entre aquilo que o adolescente coloca em cena, por não poder dizer, e o fracasso ou a recusa do interlocutor em se constituir enquanto endereço simbólico possível, lançando ao vazio qualquer possibilidade de endereçamento. Tratar-se-ia, para Lebrun (2008b), “(...) de uma violência que não nasceria de um enfrentamento, mas que resultaria da tentativa de evitar ou mesmo da impossibilidade de uma verdadeira confrontação” (p. 137).

Nesse caso, o adolescente encontra-se sob um grande risco psíquico de bascular para uma passagem ao ato, ejetando-se de um lugar que para ele é tornado insuportável (Forget, 2008b, p. 11). Na passagem ao ato, diz-nos Lacan (2005), “o sujeito se encaminha para se evadir da cena” (p. 130), precipitando-se numa fuga, numa partida errante para o mundo puro.

Se, por um lado, a uma primeira leitura, atrelamos essa partida errante para o mundo puro ao movimento dos “meninos de rua”, o que decerto permeia a trajetória de muitos deles, face à morte simbólica e à destituição subjetiva de que falamos anteriormente, há, por outro lado, algo que faz insurgir e ancorar a vida e que aponta para uma busca pelo Outro, por exemplo, ao endereçarem-se à instituição ou ao enunciarem, tomados por um ódio intenso, que vão “cobrar vacilo” — expressão que quer dizer que o sujeito faz com que o outro lhe pague uma dívida, geralmente, utilizada quando algum adolescente transgredir uma regra na rua. De quem o sujeito cobra, de fato, essa dívida?

Trata-se, a nosso ver, de uma tentativa do adolescente para incluir-se e inscrever-se na cena que atua, naquilo que, em sendo mostrado ao Outro, invoca-o no apelo por uma continência, por uma decifração. Nesse sentido, Forget (2008b)

considera que a violência do adolescente oferece-se como uma mostração a um olhar que seja testemunha de uma falta de referência simbólica, de uma colocação em ato da palavra que, por intermédio do olhar, possa tornar possível o discurso.

É desse modo que escutamos a ameaça de um adolescente que intituiu este trabalho. Ao enunciar “vou pintar o terror”, o adolescente convoca uma testemunha a presenciar aquilo que é dado a ver, o terror que ele pinta.

Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1985) destaca a “preexistência, ao visto, de um dado-a-ver” (p. 75), um “dar-a-ver” em que se marca a primitividade do olhar. Refere-se à pintura e questiona de que se trata “... quando um sujeito humano se engaja em fazer um quadro, em obrar essa coisa que tem por centro o olhar” (p. 98). Para alguns, diz Lacan, a pintura se distingue das outras artes, na medida em que na obra o artista, enquanto sujeito, enquanto olhar, pretende a nós se impor. Em contrapartida, outros valorizam o produto da arte enquanto objeto.

O pintor, àquele que deverá estar diante do seu quadro, oferece algo que em toda uma parte, pelo menos, da pintura, poderia resumir-se assim — *Queres olhar? Pois bem, veja então isso!* Ele oferece algo como pastagem para o olho, mas convida aquele a quem o quadro é apresentado a depor ali seu olhar, como se depõem as armas. (p. 99)

Ao referir-se ao engajamento do sujeito em fazer um quadro, em “obrar essa coisa que tem por centro o olhar”, reportamo-nos a uma cena em que dois adolescentes, após transgredirem algumas regras na instituição, o que resultou numa intervenção policial, aguardam os policiais na instituição e, quando eles chegam, pulam o muro para um terreno baldio, onde, na frente de todos, tiram a roupa, fazem cocô e saem correndo a desdenhar daqueles que testemunharam a cena. Destacamos que “obrar”, em português, de acordo com o Dicionário Michaelis, implica fazer, construir, fabricar, tramar, agir, mas também evacuar, defecar. *“Queres olhar? Pois bem, veja então isso!”*

611

### **“... um dia, alguém não vai jogar fora”. Considerações finais**

Diante da violência de uma sociedade que os exclui, da violência sofrida em casa — muitas vezes como efeito da própria exclusão social —, da violência sofrida e atualizada na rua, deparamo-nos com sujeitos que, na invisibilidade perversa que os destitui da palavra humana, pintam o terror, muitos deles do lugar de sujeito que, assim como o artista, pretende se impor àquele que pode constituir um endereço simbólico para imprimir nele suas marcas e estruturar sua palavra.

Desse modo, consideramos que a instituição pode fazer um eixo que sustenta o endereçamento, ao instituir-se enquanto Outro que nomeia e faz continência,

permitindo, no deslizamento daquilo que a princípio era apenas ato para a instituição da palavra, a escrita e a inscrição do sujeito.

Finalizamos com o que, na cena produzida por um adolescente naquilo que nos é dado a ver, testemunha uma errância perpassada, em meio à violência e à exclusão social, por uma espera e uma aposta. Após jogar pedras contra a instituição, ele faz um desenho e comenta: “Eu faço esse desenho e dou a quem passa na rua. Quando olho pra trás, eles jogam na lata de lixo. Mas eu vou continuar fazendo porque um dia, alguém não vai jogar fora”. Uma espera por alguém que, a despeito da crueza e do real da rua e de um corpo continuamente invadido, não mais os jogue — ele e o desenho — na lata de lixo.

*Agradecimentos:* Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio financeiro (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE) na realização desta pesquisa.

## Referências

612

- Bergès, J. & Balbo, G. (2002). *Jogo de posições da mãe e da criança. Ensaio sobre o transitivismo*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Douville, O. (2002, dezembro). Fundações subjetivas dos lugares na adolescência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Clínica da Adolescência*, 23, 76-89.
- Douville, O. (2008). *De l'adolescence errante. Variations sur les non-lieux de nos modernités*. Nantes: Pleins Feux.
- Douville, O. (Coord.) (2012). *Clinique psychanalytique de l'exclusion*. Paris: Dunod.
- Forget, J.M. (2008a). Os sintomas não são mais sintomas. *Congresso Internacional de Psicanálise*, Recife.
- Forget, J.M. (2008b). *Les troubles du comportement: où est l'embrouille?* Toulouse: Érès. Collection Psychanalyse et clinique.
- Frej, N.Z. (2003). *Le don du nom et son empêchement: au sujet des enfants de rue au Brésil*. (Tese de doutorado, não publicada). Université Paris XIII, Paris.
- Frej, N. Z. (2007). Limites, fronteiras e endereçamentos entre mãe e criança. *Projeto de Pesquisa*, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Freud, S. (1996a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996b). O instinto e suas vicissitudes. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

## ARTIGOS

- Freud, S. (1996c). Além do princípio de prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996d). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Lacan, J. (1981). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1999). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2005). *O seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Laznik-Penot, M.C. (1989). Seria a criança psicótica “Carta Roubada”? In A.M. Souza, *Psicanálise de crianças. Volume 1 – Interrogações clínico-teóricas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lebrun, J.P. (2008a). *A perversão comum. Viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lebrun, J.P. (2008b). Uma lógica infernal. In J.A.P. Gediel & V.R. Mercer, *Violência, paixão & discursos. O avesso dos silêncios*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Lebrun, J.P. (2010). *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Lesourd, S. (2001). Violences réelles de l’adolescence. In R. Gori et al. (Eds.). *Pourquoi la violence des adolescents?* France: Érès.
- Michaelis. *Dicionário de Português Online*. Recuperado em 1 ago.2013 de <<http://michaelis.uol.com.br>>.
- Rosa, M.D. (2004). Escutando vidas secas. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *Adolescência: um problema de fronteiras* (pp. 148-161). Porto Alegre: APOA.

## Resumos

(“I’m gonna show you people!?”: “Just watch this!”)

*The vagrancy of adolescents living on the streets reflects perverse social segregation, characterized by symbolic anomie and social mutilation. In the midst of destitution and helplessness, an adolescent may threaten with a statement like: “I’m gonna show you people. Just watch this.” This violence may be presented as the reflex of an organism or be anchored in a discourse that is addressed to the Other, as an effort at inscription. We base our study on clinical and institutional experience (Olinda, PE) and we propose to place, in the radicalness of violence, an attempt to link act and appeal to the Other.*

**Key words:** Adolescents living on the street, vagrancy, addressing, act

(“Je vais peindre la terreur!”: “Eh bien, vois donc ça!”)

*L'errance de l'adolescent en situation de rue reflète une ségrégation sociale perverse, marquée par la destitution symbolique et par la mutilation sociale. Étant donné son anéantissement et son délaissement, un adolescent énonce et menace: “Je vais peindre la terreur!” Une forme de violence qui se présente soit comme un reflet de l'organisme, soit ancrée dans un projet de discours adressé à l'Autre, comme tentative d'inscription. Nous prenons comme base une expérience clinique institutionnelle (Olinda, PE) et proposons situer, dans la radicalité de la violence, une tentative de connexion entre l'acte et l'appel à l'Autre.*

**Mots clés:** Adolescent en situation de rue, errance, adressage, acte

(!“Voy a pintar el terror”: !“Vea entonces esto!”)

*El errancia del adolescente en la situación de la calle refleja una segregación social perversa, marcado por la destitución simbólica y por la mutilación social. En medio de la ruptura y el desamparo, un adolescente declara y amenaza: “Voy a pintar el terror”. Una violencia que se presenta por un lado como un reflejo del organismo y por otro se ancla en un bosquejo de discurso direccionado al Otro en un intento de inscribirse. Partimos de una experiencia clínica e institucional (Olinda, PE) y proponemos situar en la radicalidad de la violencia, un intento del anudar acto y apelo al Otro.*

**Palabras clave:** Adolescente en la situación de calle, errancia, direccionamiento, acto

(“Ich werde den Terror machen!”: “Also gut, dann schau dir mal dies an!”)

*Das oft ziellose Umherstreunen von Straßenkindern ist Zeugnis einer perversen sozialen Segregation, die sich durch symbolischen Entzug und soziale Verstümmelung ausdrückt. Inmitten von Zerstückelung und Hilflosigkeit drückt ein Jugendlicher das so aus und droht: „Ich werde den Terror machen!”. Eine Gewalt, die sich mal als Reflex des Organismus äußert, und mal im Entwurf eines Diskurses verankert, der auf den Anderen ausgerichtet ist, als Versuch ein Zeichen zu hinterlassen. Wir gehen vom Beispiel einer institutionellen klinischen Erfahrung aus (Olinda, Pernambuco) und werden im Lichte der Radikalität der Gewalt versuchen, eine Verknotung von Akt und Apell an den Anderen herzustellen.*

**Schlüsselwörter:** Straßenkinder, umherstreunen, einen Wohnsitz haben, Akt

**Citação/Citation:** Barros, P.C.M. de; Frej, N.Z.; Melo, M. de F.V. de (2014, setembro). “Vou pintar o terror!”: “Pois bem, veja então isso!” . *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 604-615.

## ARTIGOS

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 14.3.2014/ 3.14.2014 **Aceito/Accepted:** 8.5.2014 / 5.8.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** Pesquisa financiada pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasília, DF, Br) / The research was funded by Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasília, DF, Br).

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** As autoras declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

615

### **PAULA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS**

Psicóloga Clínica; Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Amaro Coutinho, 531/2501 – Encruzilhada

52041-110 Recife, PE, Br.

e-mail: [paulabarrospsi@gmail.com](mailto:paulabarrospsi@gmail.com).

### **NANETTE ZMERI FREJ**

Psicanalista; Membro da Associação Lacaniana Internacional – ALI; Professora Pesquisadora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Mizaél Montenegro, 72/201 – Parnamirim

52060-130 Recife, PE, Br.

e-mail: [nzfrej@uol.com.br](mailto:nzfrej@uol.com.br).

### **MARIA DE FÁTIMA VILAR DE MELO**

Psicóloga; Professora Pesquisadora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Guilherme Pinto, 50/1001 – Graças

52011-210 Recife, PE, Br.

e-mail: [mfvmelo@uol.com.br](mailto:mfvmelo@uol.com.br).

## Um sujeito no mercado das pílulas\*<sup>1</sup>

Vera Lopes Besset\*<sup>2</sup>

*O consumo iguala todos como semelhantes, a partir de soluções para-todos, desconsiderando a particularidade da subjetividade. O fibromiálgico recusa o tratamento universal ofertado pela ciência, seu tratamento deve respeitar a lógica do caso a caso. A discussão proposta se ancora em dados clínicos para pensar a especificidade de uma subjetividade, para além da patologia, forjada a partir de uma ordem de ferro, em tempos de declínio do poder norteador do amor ao pai.*

**Palavras-chave:** Fibromialgia, consumo, subjetividade, clínica psicanalítica

\*<sup>1</sup> Apresentado em primeira versão no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão. No Simpósio “Consumidor: perversão e discurso capitalista”. Organizado por Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br) e Université Catholique de l’Ouest (Angers, France) e realizado na Unicap em agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br).

## Introdução

O consumo iguala todos como semelhantes, a partir de soluções *prêt-à-porter* e *para-todos*. Frente ao mal-estar na cultura, os objetos prometem a felicidade. Como assinala a obra freudiana (Freud, 1930/1986), alcançá-la perenemente é impossível, seu usufruto é contingente. Pode-se lançar mão de distrações e satisfações substitutas ou substâncias embriagadoras. Os medicamentos, como os psicotrópicos, mas igualmente substâncias contra alguns males, como os da dor crônica, podem ser incluídos entre os objetos de consumo propriamente dito.

Nesse contexto, uma nova categoria de doentes vem desacomodar o já atestado e sabido. Para eles, a solução universal não se aplica e o tratamento deve ser pensado caso a caso. A fibromialgia reivindica direito de cidadania, reconhecimento e respeito,<sup>1</sup> convocando-nos ao trabalho. Trata-se de pacientes que nem sempre encontram acolhimento para sua queixa, em particular quando os exames não identificam uma causa orgânica (Besset, Gaspard, Doucet, Veras, Cohen, 2010). Sônia, com diagnóstico de fibromialgia, relata: “Minha cardiologista disse que eu invento as doenças em mim”.

Na clínica psicanalítica, as dores da fibromialgia podem se apresentar como um sintoma silencioso, um sintoma mudo (Miller, 1997). Na realidade, são sofrimentos que não podem, do ponto de vista da psicanálise, ser nomeados sintomas. Chegam ao analista como queixa e se apresentam como transtorno. A demanda, nesses casos, é de alívio. Falta a eles um endereçamento ao Outro, não portam um sentido nem se oferecem à decifração. “Em realidade são os sintomas

<sup>1</sup> Em março de 2007, a partir da demanda de um cidadão no sentido do reconhecimento da fibromialgia, o Jornal do Senado da França publica a resposta do *Ministère de la Santé et des Solidarités*, com o título *Reconnaissance de la fibromyalgie* <<http://www.senat.fr/questions/base/2007/qSEQ070326683.html>>.

mudos, que antigamente não eram levados às práticas do dizer, isso tem a ver com o estado da cultura” (Miller, 1997, p. 9). Ao invés de interpelarem os sujeitos, apresentando-se como enigmas e convidando à construção de um saber, funcionam como respostas ao vazio identificatório que caracteriza aqueles que os portam.

## Da dor sem sentido ao sentido da dor

A dor coloca questões cruciais sobre o corpo e a regulação das pulsões e, em alguns casos, as experiências de dor contrariam a suposição do sujeito (neurótico) de possuir um corpo (Abelhauser, 2010). Quando é questão de psicose, a clínica demonstra que as dores crônicas podem servir de recurso para constituir um corpo (Ebtinger, 2007).

Sônia tem diagnóstico de fibromialgia e frequenta o serviço de dores crônicas atrelado a nossa pesquisa-intervenção (Besset, 2011). Tem atendimento médico, encontra-se semanalmente com uma psicóloga e participa de um Grupo de Fala, reunião mensal coordenada por uma psicóloga e por um médico. Recentemente, ao relatar ter vivido 14 dias sem a dor, o que percebeu pelo número de remédios que deixara de tomar, acrescenta: “As coisas que a Dra X fala ficam... vou embora pensando nelas. Devo dizer que doem. Sabem por que doem? Porque ficam na gente como alfinetes...”. Sônia parece ter substituído, mesmo que em um intervalo, a dor no corpo por algo que a implica em seu ser de gozo. Algo que remete ao feminino pelo viés da maternidade e que a interroga como questão, incômoda como um alfinete. Nesse caso, a dor corporal indica seu caráter de mensagem a ser decifrada. Revela-se um sintoma freudiano: tem relação com a história do sujeito, tem um sentido e se oferece à decifração (Zanotti, Abelhauser, Gaspard, Besset, 2013).

No caso de Sônia, após um trabalho preliminar, primeiro tempo do tratamento, sob transferência, a queixa pôde se desdobrar em sintoma analítico. Entretanto, em alguns casos, a dor não se apresenta como sintoma, mostrando-se impermeável à interpretação. Por vezes, tal como os sintomas obsessivos, remetem-nos a um sentido de satisfação pulsional. Em outros, a dor vem, por assim dizer, fazer um corpo para o *fallasser* que não dispõe de uma imagem corporal que sustente a ilusão de ter um corpo. É o caso de Patrick, relatado por Ebtinger (2007).

Patrick, vendedor e pai de família, levava sua vida sem problemas até o momento em que sofre um acidente de carro. Com ferimentos relativamente leves, desde então sofre de dores nas costas que o impedem de retornar à sua vida profissional e restringem consideravelmente seus afazeres cotidianos. Ao investigar a cronologia e circunstâncias da aparição da dor na vida desse paciente, Ebtinger encontra indicações a respeito de sua instalação. No acidente de carro

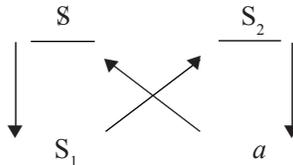
há uma primeira batida e, quando Patrick se volta para entender o que acontecera, um terceiro veículo bate violentamente em seu carro. Ele perde a consciência por instantes e se crê morto, tendo o sentimento de que tudo que vê é irreal. Imediatamente, nada sentiu. Somente no momento seguinte as dores surgiram nos locais do corpo que sofreram um choque (não sofrera ferimentos, apenas contusões). Percebeu que estava vivo somente no instante em que sentiu a dor. No entanto, a impressão de irrealidade permaneceu.

A experiência de sentir-se morto pôs em questão o modo de relação de Patrick com seu corpo. Ebtinger assinala: “é a sensação de seu corpo que funda sua realidade, e não a imagem que ele tem dele” (p. 150). Considerando a função de enlace da dor, no caso de Patrick, Ebtinger indica à equipe uma estratégia de tratamento visando apenas um alívio e não a supressão da dor. Enlaçamento, eis o que está em questão para cada *fallasser*, para enodar os três registros e fazer face ao Real do gozo.

### Novos tempos, novos sujeitos, novas patologias?

O contexto no qual se insere a clínica psicanalítica difere daquele de seus primórdios, no final do século XIX. Laurent e Miller caracterizam a época em que vivemos como a do ‘Outro que não existe’ (Miller, 2005), na qual se observa o declínio da função paterna, da autoridade e a queda dos ideais. E se hoje o mal-estar assinalado por Freud (1930/1986) no final da década de 1920 permanece, as soluções à disposição do *fallasser* se multiplicam.

O advento do discurso do capitalista produz modificações no estatuto do sujeito a partir das transformações na cultura, ordenada por esse discurso, avesso às coisas do amor e à particularidade do desejo. Discurso que não é propriamente um, posto que se produz por uma mutação do discurso do mestre e não por uma rotação de seus termos (Lacan, 1978, p. 40):



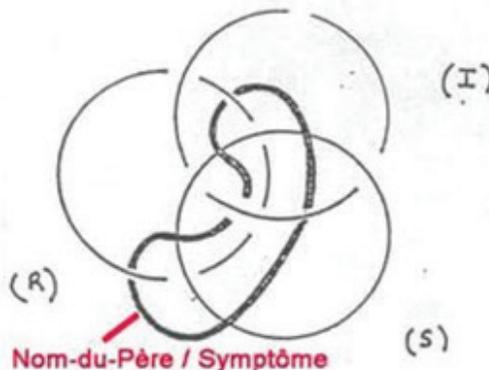
Em seu Seminário sobre a ética da psicanálise, pronunciado no final da década de 1960 (1959-1960/1986), Lacan sublinha a função dos bens produzidos pelo capitalismo: colocar-se à disposição da utilidade. Explicita que “em prol da utilidade,

tampona-se o que falta com esses pequenos objetos, substituíveis a todo tempo” (p. 280). Mais recentemente, Bauman (2007) afirma que do ponto de vista da utilidade e em prol da descartabilidade o capitalismo permite situar “o valor da novidade acima do valor da permanência” (p. 108).

Nessa configuração dos laços, a ideia de que há um objeto que pode preencher sua falta faz com que o sujeito perca de vista a impossibilidade, presente no discurso do mestre. Sendo assim, sai de cena a castração e a relação entre o sujeito e o objeto não passa pela fantasia: “O sujeito do inconsciente em algum lugar sabe que é impossível apropriar-se do objeto e por isso precisa da fantasia” (Dafunchio, 2008, p. 46). A incompletude se apresenta a esse sujeito não pela via da falta a ser, que o regularia a partir do ideal, como solução, mas apresenta-se como falta-de-gozo, na perspectiva do mais-gozar apontado pelos objetos. Esse sujeito é o consumidor.

Ao contrário do gozo singular, próprio ao Um, temos a promessa de um gozo igual para todos e sem limites, universal. Cada um busca, como pode, o limite, ou o véu para lidar com o real do gozo. Não há um Outro que, se existisse, garantiria a relação sexual. Essa fórmula de Lacan (2005) (*Encore*) indica algo que não funciona nos seres falantes, seres de linguagem, algo que se manifesta no campo da sexualidade. Algo que Lacan nomeia *troumatisme* e que, para Freud, era um excedente de sexualidade (Miller, 1988).

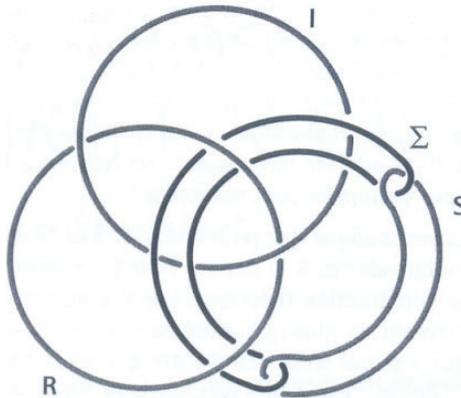
Uma vez que a relação sexual não existe (Lacan, 1975), que o pai do Nome-do-Pai não consegue garantir a relação entre significante e significado, a conclusão é que não existe nó borromeano de três (Lacan, Seminário 23, 2005). Há sempre lapso, falha do nó, por isso o déficit é generalizado. É preciso um 4º nó para que o sujeito se proteja do real e sustente junto real, simbólico e imaginário. Algo que funcionaria como suplência: como um Nome-do-Pai, que Lacan nomeou *Sinthome* (Seminário 23, 2005).



## ARTIGOS

Ou algo que, funcionando como nomeação, venha reforçar uma das rodela de barbante (Seminário R.S.I.): a Inibição (I), o Imaginário, o Sintoma (S), o Simbólico e a Angústia (A), o Real.

Figura: nó de três com reforço do simbólico (sintoma)



621

Trata-se de outro tempo, no qual já não vigora o não do pai, da interdição que funda a lei e está na origem do desejo. Assim, sem recursos para construir um sintoma que faça laço com o Outro, o sujeito apresenta-se muitas vezes desnordeado e à deriva.

No Seminário *Les non-dupes errent* (1974/2014), Lacan assinala uma característica daquele momento histórico: a perda de dimensão do amor, em que o nome do pai é substituído pela função de nomear para (*nommer à*). Trata-se não mais do não em nome do pai, mas de um não que depende somente da voz da mãe e de sua vontade, de interditar algo aqui e ali. A interdição, então, incide sobre pequenas coisas e somente quando se tem sorte de a mãe querer assim. A mãe se basta sozinha, pode designar o projeto, traçá-lo, indicar o caminho: “Ser nomeado para algo, eis o que se destaca em uma ordem que efetivamente se substitui ao Nome-do-Pai”. Aí o social ganha relevância, relevância de nó, porque ele tem o poder de “nomear para”. Desse modo, restitui uma ordem que, afinal, afirma Lacan, “é uma ordem de ferro”.

É uma nomeação que permite um encadeamento. No entanto, é um encadeamento muito rígido, mais rígido do que se conhece habitualmente na neurose. Então, as formas clínicas mudam. Nesse outro tipo de nomeação, “o sujeito anda

direitinho”, cumpre um mandato e, por vezes, se comporta como um robô, obedecendo às normas sociais (Dafunchio, 2008, p. 48). Sujeitos que, como Patrick, não dispõem do NP para nomear e, a partir disso, localizar o gozo no corpo, recortando-o.

Sem o Nome-do-Pai, sublinha Miller (1994), não há, propriamente falando, o corpo; há o corporal, a carne, a matéria, a imagem. Há acontecimentos de corpo, acontecimentos que destroem o corpo. Sem o Nome-do-Pai, é um sem-o-corpo. Nesse contexto, concordamos com Focchi (2013) que sublinha o apagamento dos limites entre neurose e psicose no último ensino de Lacan. Sendo assim, “La folie entendu comme impossible d’affronter la sexualité au moyen du savoir, du logos, de la raison, concerne tous les êtres parlants sans distinction catégorielle”.

### Um saber fazer possível

Neste século, no qual a ideia do homem como um complexo circuito de neurônios vivificado por substâncias ganha força e prestígio, a psicanálise reafirma seu dever ético de manter aberto o debate sobre o *falasser* e aquilo que o afeta. Face ao predomínio do discurso do capitalista e do prestígio do saber da ciência, “L’analyste, pour sa part, loge un Autre savoir, le savoir de l’inconscient, et dans un Autre lieu, le lieu de l’Autre qui n’existe que par le transfert”, como afirma Bassols (2013).

Nos casos em que a certeza comparece no lugar do saber, é possível acompanhar o sujeito na construção de um *saber fazer* com o real sem lei (Miller, 2012, p. 92). Na abordagem de casos de dor crônica, é útil lembrar que o diagnóstico médico pode funcionar como nome para localizar o *falasser* na relação com o Outro (Besset & Espinoza, 2012). É assim com a fibromialgia, a exemplo do que se observa com os nomes oferecidos pela psiquiatria biológica: fobia social, transtorno bipolar, déficit de atenção (TDHA), entre outros.

Nesse contexto, os fibromiálgicos indicam que, de algum modo, não se deixam iludir com a promessa das pílulas, mas demandam sem cessar um Outro. Em alguns casos, a persistência da dor pode indicar algo estruturalmente necessário a um *falasser*. Assim, a abordagem desses casos se orienta pela função que a dor crônica pode ter no enlaçamento RSI. Por isso, a relevância de investigar a possível função da dor no enlaçamento dos registros, de modo a respeitar seu lugar e conduzir o tratamento, apoiando-se na transferência, nome freudiano do amor.

### Referências

Abelhauser, A. (2010). La douleur: parole — ou fonction — du corps? Conferência (inédita).

## ARTIGOS

- III Jornada de Estudos do CLINP (Núcleo de Pesquisas Clínica Psicanalítica)-UFRJ/CNPq. 22.10.2010. Instituto de Psicologia/UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil.
- Bassols, M. (2013). Dans la psychanalyse, il n'y a pas de savoir dans le réel. *Textes d'orientation. IXe Congrès de l'AMP*. Recuperado em 10 abr.2014 de <<http://www.congresamp2014.com>>.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Besset, V.L. (2011). Corpo e dor: o desafio das dores crônicas-Módulo I. Projeto de Pesquisa-Intervenção. Circulação restrita.
- Besset, V.L., Gaspard, J., Doucet, C. & Veras, M. A. S., Cohen, R. H. (2010). Um nome para a dor: fibromialgia. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 10, 1245-1269.
- Besset, V.L. & Espinoza, M.P.V. (2012). Dora hipermoderna: ainda a histeria? In J. Vilhena & J. Novaes (Orgs). *Corpo para que te quero? Usos, abusos e desusos* (pp. 303-313). Rio de Janeiro: PUC-Rio: Appris.
- Dafunchio, N.S. (2008). *Confinés de las psicosis*. Buenos Aires: Del Bucle.
- Ebtinger, P. (2007). Douleur dans la réalité subjective. *Mental. Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée*, 19, 148-151.
- Focchi, M. (2013). La cause réelle est la cause non nécessaire. *Textes d'orientation. IXe Congrès de l'AMP*. Recuperado em 10 abr.2014 de <<http://www.congresamp2014.com>>.
- Freud, S. (1986). El malestar en la cultura. In *Obras Completas* (Vol. XXI, pp. 57-140). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930).
- Lacan, J. *Les non dupes errent*. 19 Mars 1974. Recuperado em 10 abr.2014 de <<http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psysem/nondup/nondup10.htm>>.
- Lacan, J. (1975). *Le Séminaire. Livre XX. Encore*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1978). Discours de Jacques Lacan à l'Université du Milan le 12 mai 1972. In *Lacan in Italia. En Italie Lacan* (pp. 32-55). Milan: La Salamandra.
- Lacan, J. (1986). *Le Séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2005). *Le Séminaire. Livre XXIII. Le sinthome*. Paris: Seuil.
- Miller, J.-A. *Cause et consentement*. Curso de Orientação Lacaniana. Departamento de Psicanálise. Université Paris VIII. Aula de 13 de janeiro de 1988.
- cMiller, J.-A. (1994). «*L'orientation lacanienne. Pièces Détachées*». Curso. Departamento de Psicanálise. Universidade Paris VIII, lição de 15 de dezembro de 1994, inédito.
- Miller, J.-A. (1997). O sintoma e o cometa. *Opção Lacaniana*, n. 19, p. 5-13.
- Miller, J.-A. (2005). *El Otro que no existe y sus comites de ética*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (2012). Le réel au XXIe siècle. Présentation du thème du IXe Congrès de l'AMP. *La Cause du Désir*, 82.
- Zanotti, S.V., Abelhauser, A., Gaspard, J.-L. & Besset, V.L. (2013, setembro). Aux limites de l'hystérie, la douleur chronique. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(3), 425-437.

## Resumos

(A subject at the pill market)

*Consumption treats everyone in the same way and offers solutions for all regardless of individuality. But fibromyalgia patients refuse this kind of treatment offered by science. Their treatment requires a study of each case. This paper, based on clinical data, brings up the question of subjectivity and its idiosyncrasies, beyond pathology, in a context of iron in times of decay of the guiding power of the father's love.*

**Key words:** Fibromyalgia, consumption, subjectivity, psychoanalytic clinic

(Un sujet au marché des pilules)

*La consommation nous rend tous égaux, tous semblables, étant donné ses solutions pour tous qui ne prennent pas en compte la particularité de la subjectivité. La fibromyalgie refuse tout traitement universel offert par la science, son traitement suit la logique du cas particulier. La discussion proposée ici est basée sur des données cliniques et porte sur la spécificité d'une subjectivité qui va au-delà de la pathologie et qui est construite à partir d'un ordre de fer, en ces temps de déclin du pouvoir d'orientation de l'amour au père.*

**Mots clés:** Fibromyalgie, consommation, subjectivité, clinique psychanalytique

(Un sujeto en el mercado de las pastillas)

*El consumo iguala a todos como semejantes a partir de soluciones para todo el mundo, sin tener en cuenta la particularidad de la subjetividad. Los pacientes con fibromialgia rechazan el tratamiento universal que la ciencia les ofrece, su tratamiento debe respetar la lógica del caso por caso. La discusión que se propone se basa en datos clínicos para pensar la especificidad de una subjetividad, más allá de la patología, forjada a partir de un orden férreo en tiempos de decadencia del poder orientador del amor al padre.*

**Palabras clave:** Fibromialgia, consumo, subjetividad, clínica psicoanalítica

(Ein Subjekt im Pillenmarkt)

*Für den Konsum sind alle gleich und er bietet einheitliche Lösungen für alle an, ungeachtet der individuellen Eigenart der Subjektivität. Ein Patient mit Fibromyalgie lehnt die von der Wissenschaft angebotene Standardbehandlung ab, seine Behandlung muss die Fall-für-Fall-Logik berücksichtigen. Die vorgeschlagene Diskussion gründet auf klinischen Daten, um sich mit der Spezifität der Subjektivität über die Pathologie hinaus zu beschäftigen. Eine Pathologie, die aufgrund einer eisernen Anordnung, in einer Zeit des Verfalls der Orientierungsmacht der Liebe zum Vater, geschmiedet wurde.*

**Schlüsselwörter:** Fibromyalgie, Konsum, Subjektivität, psychoanalytische Klinik

## ARTIGOS

**Citação/Citation:** Besset, V.L. (2014, setembro). Um sujeito no mercado das pílulas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 616-625.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 10.4.2014 / 4.10.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq / The research was funded by the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj and Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

625

### VERA LOPES BESSET

Doutora em Psicologia Aplicada (Université Paris V); Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Av. Pasteur, 250. Pavilhão Nilton Campos, Praia Vermelha – Urca  
22290-240 Rio de Janeiro, RJ, Br.

e-mail: besset@terra.com.br

## Corpolinguagem e o não limite da palavra no insulto\*<sup>1</sup>

Glória Maria Monteiro de Carvalho\*<sup>2</sup>  
Maria de Fátima Vilar de Melo\*<sup>3</sup>

*Tomamos, como ponto de partida deste artigo, o conceito de violência estrutural (Lebrun, 2002), isto é, a violência da linguagem que nos constitui como seres humanos. No mundo contemporâneo, a negação desse tipo de violência produziu uma violência suplementar que passa, necessariamente, pela carência da palavra. A análise de uma situação — querela entre lavadores de carros — forneceu indicações sobre uma maneira de atuação da violência suplementar, desfazendo os efeitos simbólicos produzidos pela violência estrutural, ou seja, desfazendo os limites instituídos pela linguagem.*

**Palavras-chave:** Linguagem, insulto, violência estrutural, carência da linguagem

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado como simpósio no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, realizado na Universidade Católica de Pernambuco, Recife/PE, em parceria com a Université Catholique de l'Ouest – Angers – França, no período de 26 a 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

\*<sup>3</sup> Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

## Introdução

O interesse pelo tema e a necessidade de colocá-lo em discussão originaram-se de uma situação onde se destaca a escuta de palavrões insultuosos vociferados por lavadores de carros que se agrupavam em um terreno baldio de um bairro tradicional da cidade de Recife, Brasil.

Muito embora pareça, a princípio, natural o emprego do termo insulto para essas situações, a pertinência desse emprego será colocada em questão ao longo desse trabalho. Assim começamos pela definição desse termo.

No dicionário *Houaiss* (2001) encontramos a seguinte definição para insulto: “ataque verbal ofensivo, injúria”; e a palavra insultar é definida como: “proferir palavras ou ter comportamento que atinge gravemente a dignidade, a honra de, afrontar, ofender” (p. 427).

O insulto é o avesso da linguagem polida ligada à cortesia e, portanto, à civilidade, como nos diz Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, ao falar da cordialidade do brasileiro, distinguindo-a da cortesia: “na cortesia, na civilidade, há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e sentenças (...)” (2009, p. 147). Na mesma página, um pouco adiante, ele acrescenta: “Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo triunfo do espírito sobre a vida”.

No campo da linguística, o insulto encontra-se relacionado, de maneira geral, a uma forma de emprego de linguagem torpe, também chamada de *disfêmica*. Segundo Dal Corno (2010), com

base em Allan & Burrige (2006), as expressões disfêmicas envolvem palavras ou outras formas de comentário que depreciam, sendo endereçados a outros, com o propósito de insultá-los ou feri-los. Assim, longe de representarem o “triumfo do espírito sobre a vida”, essas palavras possuem forte carga emocional e estão presentes na maioria das línguas, mesmo que essa presença varie de acordo com o tempo e o lugar, como assinala Pinker (2008). Com o objetivo de caracterizar esse tipo de linguagem no campo da linguística, esse autor acrescenta que:

Sejam elas chamadas de xingamentos, palavras, baixo calão, profanidade, obscenidade, indecência, vulgaridade, blasfêmia (...); como palavras sujas (...) ou tabus; ou como termos ruins, rudes, grosseiros, vis (...), essas expressões suscitam muitas vezes enigmas para quem estiver interessado na língua como janela para a natureza humana. (p. 376)

Dal Corno (2010) assinala que alguns autores nesse campo (como, por exemplo, Tartamella, 2006, Hughes, 1998) concordam que além de ofensa, a linguagem disfêmica pode causar outros efeitos desagradáveis como perturbação no discurso, expressão de revolta etc. Mas, por outro lado, os autores observam que esse tipo de linguagem pode também indicar familiaridade e descontração, podendo, inclusive, introduzir um elemento jocoso no diálogo. É preciso ressaltar, porém, que esses efeitos não concernem ao insulto.

628

Muito embora, como já assinalamos, o insulto consista no avesso da cortesia, paradoxalmente, ele estaria na origem da civilização, conforme propõe Freud (1893/2006a) ao fazer referência ao que disse um autor inglês, que ele não nomeia:

O primeiro homem a desfechar contra seu inimigo um insulto, em vez de uma lança, foi o fundador da civilização. Portanto, as palavras são substitutas da ação e, em alguns casos, (por exemplo, na confissão) as únicas. (p. 45)

Destacamos, nessa proposta de Freud, a possibilidade de a palavra substituir o ato e um ato de natureza violenta, ou seja, a linguagem possui a função de conter a violência, uma vez que ela se coloca como mediadora na relação do homem com o mundo.

Ao tratarmos o insulto na sua relação com a violência, indagamos, contudo: que violência queremos discutir? Essa pergunta, assim colocada, supõe que há tipos diferentes de violência. Para fazer a distinção necessária entre esses tipos, recorreremos ao artigo de Jean-Pierre Lebrun (2002), *Une logique d'enfer (Uma lógica infernal)*, que traz uma discussão sobre a violência dos jovens, nos dias de hoje, em diferentes espaços: na escola, na família ou mesmo na rua. Nesse artigo, o autor levanta a hipótese de que essa violência não concerniria à violência própria ao conflito entre gerações que encontramos desde sempre, e sim a uma violência *fora*

*de conflito*, a uma violência que tem muito mais a ver com o ato de evitar o conflito ou até mesmo com a impossibilidade de com ele se confrontar.

A primeira violência seria relativa à violência estrutural, que estaria ligada ao fato de que o ser humano é *um ser doente da palavra*. Para o autor essa é “uma violência fundamental, de estrutura, é a da linguagem que nos define como humanos” (Lebrun, 2002).<sup>1</sup> Tal violência, que implica a linguagem, está ligada ao interdito do incesto, implicando, portanto, uma perda, uma renúncia que cada um deve fazer para se constituir como sujeito. De maneira que essa violência não pode ser simplesmente eliminada, porque isso significaria a eliminação do humano; muito pelo contrário, ela deve encontrar seu lugar no interior do sujeito. A segunda violência diz respeito a uma violência suplementar, que vem crescendo no mundo contemporâneo em função da negação da violência estrutural. Este tipo de violência é efeito da carência da linguagem.

Vale assinalar que muito embora tenhamos conhecimento de textos posteriores de Lebrun (2008, 2010), onde ele desenvolveu alguns pontos presentes nesta discussão, a nossa escolha pelo artigo referido justifica-se pela divisão esquemática e clara que ele traz dos dois tipos de violência.

### Formas de atualização da violência estrutural

Destacamos, então, que o ódio que nos habita, como uma condição de nossa humanidade, encontra seus limites por meio da palavra, do simbólico. Por sua vez, a inauguração do simbólico não ocorreria com tranquilidade, ou de forma pacífica, mas implicaria atos de violência que Lebrun (2002) nomeia, como vimos, *violência estrutural* ou, de acordo com Lacan (1975), *violência simbólica*.

Nesse sentido, diz Lacan:

Há um abismo entre a relação com o latido e o fato de que, afinal, o ser humilhado, o ser humus, o ser humano, o ser, como vocês queiram chamá-lo — trata-se de você e de mim —, que o ser humano chega a dizer alguma coisa. Não somente a poder dizer, mas este cancro que eu defini como sendo a linguagem, porque eu não sei como o chamar de outra maneira, esse cancro que é a linguagem implica desde o início uma espécie de sensibilidade. (p. 6)

<sup>1</sup> Recuperado em 10 ago.2013 de <[http://www.freud-lacan.com/articles/articlephp?id\\_article=00418](http://www.freud-lacan.com/articles/articlephp?id_article=00418)>.

Em consonância com essa afirmação de Lacan, Lebrun (2002) assinala violência estrutural se atualiza de diversas maneiras, sendo uma delas as primeiras palavras da mãe diante de seu filho, supondo, nele, um saber que, entretanto, é limitado àquilo que ela percebe, consistindo assim numa *forçagem*. Nessa mesma linha, Bergès e Balbo (2001; 2002) referem-se a um *golpe de força*, propondo que, diante de expressões do corpo da criança, a mãe formula uma hipótese sobre um saber que a criança teria, isto é, a mãe antecipa, faz uma hipótese de que seu filho compreende o que ela diz, havendo a suposição de que a própria criança seria capaz de formular hipóteses. Vários autores atribuem então especial realce a esse *golpe de força* (Didier Weill, 1999; Laberge, 2008).

No âmbito da investigação da trajetória linguística da criança, Lemos (2008), através do seu texto “Da angústia na infância”, destaca a resistência que a criança, concebida como corpo pulsional, opõe à sua captura pelo significante. Segundo essa autora, uma tal captura implica conflito — *conflito a esperar do embate entre heterogêneos: corpo e linguagem*. Esse conflito (ou embate) não se dá a ver, ficando oculto se, durante a sua trajetória linguística, a criança não se depara com uma dificuldade que produza efeitos de obstáculo a essa trajetória. Tudo aconteceria, conforme realça a autora citada, como se a criança seguisse um percurso suave (*cor de rosa*) que não daria visibilidade àquele embate inicial o qual pode, contudo, ser indicado através das falhas nas produções verbais infantis. A esse respeito, podemos pensar, com fundamento em Leite (2003), que o funcionamento da linguagem como estrutura consiste numa *rede de inibições* e, acrescentaríamos, uma rede de inibições implantada (não sem violência) num corpo.

No entanto, retomando o texto de Lebrun (2002), mais valem as palavras limitadas de uma mãe, que uma ausência de palavras. Por sua vez, na relação mãe-filho, a interposição do pai, introduzindo a alteridade, consiste numa ruptura e, portanto, numa violência. O sentido dessas formas de atualização da violência primordial constitutiva da identidade humana reside, sobretudo, no reconhecimento de que existem lugares diferentes e, como consequência, no reconhecimento e legitimação da autoridade, em virtude da instauração do simbólico.

### **A carência da palavra e a emergência de uma violência suplementar**

Lebrun (2002) observa que a autoridade — decorrente do reconhecimento de que existem lugares diferentes — encontra-se hoje inteiramente subvertida, não possuindo mais legitimidade para servir de suporte ao confronto, engendrando, portanto, a desistência dos mais velhos de ocupar seu lugar. Como consequência dessa subversão, os jovens não possuem mais interlocutores a quem endereçar sua violência. Nega-se,

desse modo, a violência estrutural, o que vai produzir, de forma paradoxal, uma *violência suplementar*, essa que vivemos/conhecemos hoje. Assim, diríamos que, para esse autor, a origem da violência que estamos vivendo, no mundo contemporâneo, passa, necessariamente, pelo que ele denomina a *carência da palavra*.

Retomamos aqui o que diz Lebrun (2002) sobre a violência suplementar: “nós pensamos que ela tem a ver com uma violência fora do conflito, a uma violência que nasceria menos de um enfrentamento do que da evitação, ou mesmo da impossibilidade de uma confrontação” (tradução nossa).<sup>2</sup>

Recortamos, nessa citação, a *impossibilidade de haver um confronto* o qual requer que as partes implicadas ocupem uma posição determinada e que haja um endereçamento.

Destacamos que essa ideia alinha-se, estreitamente, a Lacan, quando diz: “Ali onde a palavra se desfaz, começa a violência” (citado por Lebrun, 2002, tradução nossa).<sup>3</sup> Podemos lembrar também que essa ideia ecoa em autores oriundos de diferentes campos (Filosofia, Sociologia, Psicanálise, História, Antropologia) que vêm estudando os fenômenos da contemporaneidade. Alguns desses autores têm investigado/discutido, particularmente, os efeitos da ordem do neoliberalismo sobre a ordem social, entre os quais, podemos citar: Agamben (2004, 2009), Bauman (2001, 2004, 2009, dentre outros), Dufour (2007, 2009). Por sua vez, conforme já foi destacado por vários autores, neste Colóquio, diferentes escolas da psicanálise têm também realizado essa discussão.

É importante ainda lembrar que a concepção de insulto inclui o endereçamento. Nesse sentido, a linguística discrimina três elementos na composição do insulto: o *insultador*, aquele que profere o insulto contra outrem; o *insultado*, aquele que recebe o insulto; e o *insulto* propriamente dito, que pode se manifestar como uma palavra, uma atitude, um gesto, uma ação, incluindo seu resultado (Dal Corno, 2010).

Assim, em consonância com as colocações feitas, realçamos que o insulto, que vamos a seguir ilustrar, afasta-se da concepção linguística e se aproxima do tipo de violência *suplementar* presente na contemporaneidade, desfazendo os efeitos simbólicos produzidos pela violência estrutural, ou seja, desfazendo os limites instituídos pela palavra, o vazio que ela comporta, ou melhor, dissolvendo a palavra.

<sup>2</sup> (...) nous pensons avoir à faire à une violence hors conflit, à une violence qui ne naîtrait pas tant d'un affrontement qu'elle ne résulterait de l'évitement, voire de l'impossibilité d'une confrontation. (Lebrun, 2002, [http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?id\\_article=00418](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?id_article=00418) )

<sup>3</sup> Esta frase de Lacan constitui a epígrafe do artigo de Lebrun, *Une logique d'Enfer* (Uma lógica infernal), que consiste em uma das nossas principais referências para este artigo.

## Refletindo sobre um exemplo de carência da palavra

A situação que nos impulsionou a escrever este trabalho, isto é, a situação concernente a querelas entre lavadores de carro que eram acompanhadas por palavrões insultuosos os quais, dissemos, *eram vociferados*. A escolha do termo *vociferados* em lugar de *pronunciados* deve-se à forma com que eles eram emitidos. A cada palavrão, o tom ia aumentando, acompanhado pela agitação corporal também crescente. Os intervalos entre as palavras iam, paulatinamente, desaparecendo, de modo que, num dado momento, esses intervalos já não mais existiam, sendo impossível distinguir uma palavra da outra. O sentido, portanto, apagava-se, podendo-se escutar, apenas, uma *massa sonora*, expressão que Frej (2005) empregou para descrever o caso de uma criança que apresentava grave obstáculo em sua constituição subjetiva. A palavra perdia, assim, sua função de conter/substituir o ato, e os envolvidos se precipitavam uns contra outros para briga corporal, ou lançavam pedaços de pau ou pedras.

632

Nesse relato muito rápido, destacamos a agitação/excitação corporal que, num crescendo, tornava-se cada vez mais visível, à proporção que o tom dos palavrões aumentava. Dizendo de outro modo, o que nos chamava a atenção, naquele momento, era o fato de que, quanto mais a palavra se dissolvia, maior visibilidade o corpo adquiria. Lembremos a definição de pulsão que, a partir da concepção freudiana, Lacan (1985) formula: *a pulsão é o eco no corpo do fato de haver significante*.

Indagamos, então: durante a escuta da *massa sonora*, não se trataria de um corpo, ou de corpos não capturados na linguagem, isto é, de corpos fora do sentido, nos quais o eco significante teria, naquele instante, silenciado? Formulando com outros termos: não se trataria de corpos nos quais a palavra, ao ser dissolvida, teria perdido seu poder de contenção, de limite, por meio do simbólico, do ódio que nos habita, conforme discutido antes?

Segundo Leite (2003), o corpo pulsional é um *corpolingagem* escrito como uma só palavra, na impossibilidade de separá-la em dois termos: corpo e linguagem. Essa autora fala, contudo, numa oposição quando coloca: “de um lado, um corpo tomado na face proposicional do sentido, quer dizer na vertente do significante (...) e, de outro lado, a face real, do fora do sentido” (p. 88). No entanto, como se trata de faces do corpo, embora opostas, elas coexistem.

A esse respeito, invocamos a noção freudiana de *Aufhebung* que, de acordo com o que Frej (2003) demonstrou, explica o movimento de criação de novos espaços psíquicos.

A *Aufhebung* é um termo da língua alemã — encontrado por Frej, ao longo de toda obra de Freud, e que concerne a momentos nos quais fronteiras e lugares

na vida humana são delimitados. Trata-se, assim, de um termo que possibilita a apreensão da dimensão do movimento da energia que atravessa o psiquismo e de sua passagem no organismo, considerado desde o momento no qual prevalece o inorgânico que será suprassumido (*aufgehoben*), desdobrando-se em órgão, organismo, corpo, situados na sociedade e na cultura, inscrevendo o aparelho psíquico. Ao acompanhar o desenrolar do pensamento de Freud, ao abordar essas questões, a autora supracitada afirma que essas instâncias constituem lugares com fronteiras não nitidamente delimitadas, e que coexistem em seu funcionamento simultâneo.

Assim, a *massa sonora* a que nos referimos estaria nos remetendo a um lugar em que predominam os movimentos corporais (espontâneos) da criança e um contínuo sonoro ainda sem intervalos e sem endereçamento. Esse é o lugar, ou instância do não interdito simbólico, cujo funcionamento estaria prevalecendo, na situação relatada — embora de um modo diferente do que ocorre na criança —, pela ruptura dos limites da palavra.

Nessa perspectiva, colocamos em questão o emprego do termo insulto, isto é, indagamos se ainda poderíamos falar de insulto na referida situação (e em situações semelhantes), posto que, inversamente ao que propôs Freud, em vez de fazer fronteira, de suprassumir o ato violento, a palavra, gradualmente, tornou-se o próprio ato.

633

### Mais algumas palavras

A título de continuarmos nossa reflexão, recorremos a um exemplo semelhante no que concerne à ruptura da interdição instaurada pela palavra. Trata-se de um chiste analisado por Freud (1893/2006a):

O médico, a cujos cuidados se confiou a Baronesa em sua gravidez, anunciou que ainda não chegara o momento de dar à luz e sugeriu ao Barão que enquanto esperavam jogassem cartas no cômodo vizinho. Após um momento, um grito de dor da Baronesa feriu os ouvidos dos dois homens: “Ah, mon Dieu, que je souffre!” Seu marido levantou-se de um salto, mas o médico fez-lhe sinal que se assentasse: “Não é nada. Vamos continuar com o jogo!” Pouco depois, novos brados da mulher grávida: “*Mein Gott, mein Gott*, que dores terríveis?” — “Não vai entrar, Professor?”, perguntou o Barão. “Não, não. Ainda não é a hora.” Finalmente chegou da porta próxima um inconfundível grito de “Ai, ai, ai!”. O doutor largou as cartas e exclamou: “*Agora é a hora*”. (p. 45)

Este bem-sucedido chiste demonstra duas coisas pela modificação gradual do caráter dos gritos de dor emitidos, por uma aristocrática dama, na hora do parto:

mostra, de um lado, como a dor faz com que a natureza primitiva irrompa entre as diversas camadas de verniz de educação e, de outro lado, como uma decisão importante pode ser, adequadamente, tomada na dependência de um fenômeno, aparentemente, comum.

Podemos dizer que a decisão do médico, nesse chiste, estaria condensando a seguinte proposta: é quando a palavra perde seu poder de limitar os movimentos do corpo, que tais movimentos (no caso de contração/dilatação e expulsão) se intensificam, prevalecendo aí, a ordem própria ao organismo que está na nossa origem. Retornamos aqui ao que Frej (2003) demonstrou ao longo da sua tese de doutorado: Freud emprega o termo *Aufhebung* no momento onde o organismo humano é elevado à condição de sujeito, sem por isso desaparecer, o que implica a convivência das três instâncias: organismo, corpo-linguagem e psiquismo.

Como consequência, propomos que a situação relatada antes e a ilustração por meio do chiste apontam para a possibilidade, sempre presente, de voltarmos, em um dado momento, à condição primeira da nossa existência. Mas, o que nos preocupa é que, nos dias de hoje, situações como aquelas são cada vez mais frequentes (independente de classe social) e, ao que parece, não se restringem ao Brasil, o que aponta para a crise da cultura e da civilização.

634 Encerramos, enfim, com a exclamação de Dufour, para quem nós vivemos em um mundo, cada vez mais, *sadiano*.

“Sade não está morto. Mais que isso: ressuscitou. E ainda mais: triunfante!” (Dufour, 2009, p. 13; tradução livre).

*Agradecimentos:* Agradecemos a nossa colega Nanette Zmeri Frej pela discussão produtiva sobre o tema abordado neste artigo, o que permitiu o avanço de nossas reflexões.

## Referências

- Agamben, G. (2002). *Homor sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG.
- Agamben, G. (2004). *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo.
- Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Editora Argos.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bergès, J. & Balbo, G. (2001). *A atualidade das teorias sexuais infantis*. Porto Alegre: CMC Editora.

## ARTIGOS

- Bergès, J. & Balbo, G. (2002). *Jogo de posições da mãe e da criança. Ensaio sobre o transitivismo*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Buarque de Holanda, S. (2009). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dal Corno, G.O.M. (2010). De paus e pedras a palavras: breve investigação sobre o insulto como linguagem disfêmica. *Revista Trama*, 6(12), 39-49, 2º semestre de 2010.
- Didier Weill, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Dufour, D-R. (2007). *Le divin marché*. Paris: Denöel.
- Dufour, D-R. (2009). *La cité perverse: sadisme et pornographie*. Paris: Denöel.
- Frej, N.Z. (2003). *Le don du nom et son empêchement. Au sujet des enfants de rue au Brésil*. Tese de Doutorado, Université – Paris Nord (Paris XIII). U.F.R. Des Lettres, des Sciences de l’Homme et des Sociétés.
- Frej, N. Z. (2005, setembro). *Entre a criança e a mãe: a língua estrangeira*. 1º Encontro Nordeste em Aquisição da Linguagem. Recife, Universidade Católica de Pernambuco.
- Freud, S. (2006a). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: uma conferência. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (2006b). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. VIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Houaiss, A. (2008). *Mini Houaiss. Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 427.
- Laberge, J. (2008). Que bebê alienado! In E. Oliveira et al. *As interfaces da clínica com bebês*. Recife: Ninar. p. 197-204.
- Lacan, J. (1975). *Le symptôme*. Conferência pronunciada no Centre Raymond de Saussure-Genebra, 4 de outubro de 1975. Organizada pela Société suisse de psychanalyse. Recuperado em 10 jun.2013 de: <<http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque.php?id=10>>.
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro II. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lebrun J-P. (2002). *Une logique d'enfer*. Recuperado em 12 ago.2013 de: <[http://www.freud-lacan.com/articles/articlephp?id\\_article=00418](http://www.freud-lacan.com/articles/articlephp?id_article=00418)>.
- Lebrun, J-P. (2008). *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Lebrun, J-P. (2010). *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Leite, N. V. A. Riso e rubor: para falar do corporinguagem. In N.V.A. Leite (Org.). *Corporinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 81-92.
- Lemos, C. T. G. (2008). Da angústia na infância. *Revista Literal*, n.10, 117-126.
- Pinker, S. (2008). *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras.

## Resumos

(Body language and the unlimited boundaries of the word in the insult)

*As starting point for this article, we take the concept of structural violence (Lebrun, 2002), i.e., the violence of language that constitutes us as human beings. In the contemporary world, the denial of such violence has produced an additional kind of violence, which necessarily involves the deficit of the word. The analysis of a situation — a quarrel between car washers — provided indications on the manner of operation of the additional violence, undoing the symbolic effects produced by structural violence, i.e., undoing the limits imposed by language.*

**Key words:** Language, insult, structural violence, deficit of the language

(Corpslangage et le non-limite de la parole dans l'insulte)

*Cet article a pour point de départ le concept de la violence structurelle (Lebrun, 2002), soit, la violence du langage qui nous constitue en tant qu'êtres humains. Dans le monde contemporain, la négation de ce type de violence a produit une violence supplémentaire qui implique nécessairement l'absence de la parole. L'analyse d'une situation — une querelle entre des laveurs de voitures — nous a fourni des indications sur une des façons d'agir de la violence supplémentaire. Celle-ci annule les effets symboliques produits par la violence structurelle, soit, elle défait les limites établies par le langage.*

**Mots clés:** Langage, insultes, violence structurelle, manque de langage

(Cuerpo-lenguaje y lo ilimitado de la palabra en el insulto)

*Este artículo toma como punto de partida el concepto de violencia estructural (Lebrun, 2002), es decir; la violencia del lenguaje que nos constituye como seres humanos. En el mundo contemporáneo, la negación de este tipo de violencia produjo una forma suplementar que, necesariamente, pasa, necesariamente, por la carencia de la palabra. El análisis de una situación — una reyerta entre unos limpiadores de coches — proporcionó indicaciones sobre una forma de puesta en acto suplementar que deshacen los efectos simbólicos producidos por la violencia estructural, esto es, descomponiendo los límites instituidos por el lenguaje.*

**Palabras clave:** Lenguaje, insulto, violencia estructural, carencia del lenguaje

(Körpersprache und die Grenzenlosigkeit des Wortes bei Beschimpfungen)

*Der Begriff der strukturellen Gewalt (Lebrun, 2002), bzw. die Gewalt der Sprache, die uns als menschliche Wesen auszeichnet, ist der Ausgangspunkt dieses Beitrags. Die Verleugnung dieser Art von Gewalt hat in der heutigen Welt eine zusätzliche Gewalt hervorgebracht, welche sich zwangsläufig durch den Wortmangel*

## ARTIGOS

*ergibt. Die Untersuchung einer Situation — einem Streit zwischen Autowäschern — lieferte Angaben zu einer Wirkungsart der zusätzlichen Gewalt, welche die durch die strukturelle Gewalt hervorgerufenen symbolischen Auswirkungen, d. h. die durch die Sprache gesetzten Grenzen, auflöst.*

**Schlüsselwörter:** Sprache, Beschimpfung, strukturelle Gewalt, Wortmangel

*Cet article traite de l'univers inconscient des sculptures de l'artiste brésilien*

**Citação/Citation:** Carvalho, G.M.M.de & Melo, M. de F.V. de (2014, setembro). Um sujeito no mercado das pilulas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 626-637.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 10.4.2014 / 4.10.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** As autoras declaram não ter sido financiadas ou apoiadas / The authors have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** As autoras declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

### GLÓRIA MARIA MONTEIRO DE CARVALHO

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem-IEL/Unicamp (Campinas, SP, Br); Professora e pesquisadora CNPq do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br), na área de aquisição de linguagem.

Rua General Abreu e Lima, 239/1801 – Tamarineira

52041-040 Recife, PE, Br.

e-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

### MARIA DE FÁTIMA VILAR DE MELO

Doutora em Psicologia pela Université René Descartes – Paris V – Sorbonne (Paris, França); Professora Pesquisadora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Guilherme Pinto, 50/1001 – Graças

52011-210 Recife, PE, Br.

e-mail: mfvmelo@uol.com.br

## Le sujet entre sidération et jouissance: l'issue sublimatoire. À propos de l'œuvre de Francisco Brennand

Véronique Donard\*<sup>1</sup>

*Cet article traite de l'univers inconscient des sculptures de l'artiste brésilien Francisco Brennand (1927) et des mécanismes archaïques qui sous-tendent leur création. Axée sur la thématique de l'origine, cette approche des œuvres de Brennand étudie les racines du désir sexuel et son rapport aux objets partiels, considérant la sidération du sujet face à la cruauté d'une sexualité archaïque et la jouissance de l'artiste comme défi à la mort et à l'énigme du néant. Elle s'intéresse alors au processus sublimatoire comme transmutation du matériel traumatique et au destin de la pulsion scopique et de cruauté dans la création artistique.*

**Mots clés:** Brennand, sublimation, origine, mythe, jouissance, pulsion scopique et de cruauté

\*<sup>1</sup> Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Francisco de Paula de Almeida Brennand, né en 1927, est un sculpteur, peintre et céramiste brésilien. Bien que sa renommée soit acquise au Brésil, ses œuvres, jugées trop crues ou trop érotiques, sont souvent mal comprises et parfois mal reçues. De fait, admiré, décrié, attaqué ou encensé, il ne laisse personne indifférent face à sa prolifique production artistique. Travaillant actuellement à l'étude de son œuvre, je traiterai ici de l'univers inconscient qui émane de ses sculptures, dont le nombre avoisine les 2000, et des mécanismes archaïques qui, chez Brennand, commandent le geste créateur. Les propos de l'artiste qui seront ici communiqués sont tirés d'une première série d'entretiens, réalisés en 2012.

Au centre d'une propriété familiale située aux alentours de la ville de Recife, état de Pernambouc, nord-est du Brésil, Francisco Brennand a érigé un monde de rêves et de tourments, atelier-musée connu sous l'appellation de «Oficina Brennand». C'est en 1971 qu'il s'installe dans la fabrique de céramiques en ruines que son père avait fondée en 1917. Commence alors une longue reconstruction, entièrement pensée comme une seule et unique œuvre, sorte d'ode à la gloire d'un père déchu qu'il ne cessera de réériger en totem et à une mère-nature-vénus glorifiée, exaltation qui permet à l'artiste de pleurer la mère prisonnière, malheureuse et enchaînée. Cet attachement à son enfance et à ses parents ponctue son discours, labile et cordial, Brennand semblant tenir à tisser des liens de causalité qui expliqueraient en partie sa frénésie créatrice. Les larmes de sa mère et l'image d'un père pionnier dans l'industrie de la céramique, meurtri et castré par son histoire personnelle, semblent hanter encore aujourd'hui le cœur de l'artiste, comme si l'enfant qu'il était n'avait pu trouver réponse aux scènes auxquelles il assistait.

Ces réponses, Brennan les cherche dans le processus de création mais également dans le regard que le public porte sur ses œuvres. Il se promène ainsi dans son atelier aux heures d'ouverture, observe les visiteurs, accepte de façon cordiale de signer des autographes et de poser pour des photos souvenirs, mais, surtout, écoute avec attention leurs critiques et remarques, notant intérieurement celles qui pourront l'aider à mieux se comprendre.

## À l'origine, la forme

«Le futur a un cœur ancien», répète-t-il inlassablement, citant l'écrivain italien Carlo Levi. Cela explique en partie la récurrence des thèmes mythologiques dans ses productions, ainsi que la force que la thématique de l'origine, de façon générale, imprime à son univers artistique.

640

Le visiteur qui pénètre dans la propriété est d'emblée confronté à une œuvre foisonnante et colossale, dédiée à la terre-mère et à la création. Sous l'œil attentif d'un sorcier énigmatique, entouré d'animaux et d'une armée d'oiseaux-rocs, vautours légendaires, se dresse au centre un temple qui abrite sous sa voûte l'œuf primordial, matrice de toutes les formes. «Pauvre de la forme qui ne peut tenir dans un œuf!», s'exclame Brennan. De fait, les formes arrondies de ses sculptures, quoi qu'elles représentent, semblent une infinie et kaléidoscopique déclinaison de cette forme principielle. Il est par ailleurs significatif que la biologiste Cecilia Toro se soit passionnée par ses sculptures, sidérée d'y retrouver les formes des micro-organismes qu'elle avait l'habitude d'étudier au microscope (Toro, 2001) — Brennan en étant par ailleurs le premier surpris. Il eu la sensation d'avoir avec son œuvre touché quelque chose de juste.

Cet attrait de l'artiste pour la thématique de la forme originaire n'est pas sans nous rappeler le *Timée* de Platon, où le philosophe s'attache à expliquer non seulement la génération et la corruption, d'un côté, et la stabilité, de l'autre, mais aussi l'unité du monde et sa multiplicité. Car, si pour Platon les choses sensibles diffèrent des formes intelligibles et sont multiples et distinctes, il est nécessaire qu'elles aient un «lieu», un espace matriciel que le disciple de Socrate nomme la *chôra*, où elles puissent gagner matière et forme propres, ce même lieu où elles reçoivent le sceau formel intelligible qui leur confère leur unité dans la diversité. Cependant, pour que le changement n'intervienne pas dans le monde de façon chaotique, il faut qu'il y ait une volonté extérieure qui puisse imprimer à la gestation du réel et au mouvement une mesure et un ordre précis. Platon émet donc l'hypothèse d'un démiurge qui donnerait à la création cette ordonnance harmonique, en en faisant un «*cosmos*» (bon ordre, arrangement) et non pas un

«chaos» (gouffre, abîme, ténèbres). L'harmonie ainsi engendrée par le juste rapport des contraires — le Même et l'Autre — au centre de cet être parfait qu'est le monde confère à ce dernier une stabilité qui lui permet de se tenir seul par soi-même, structuration interne que Platon qualifie de «*philia*» (amitié).

Ce parallèle avec la pensée de Platon pourrait donner à penser que l'artiste croirait œuvrer tel un démiurge, aux prises avec la nature brute et la matière, pour donner à celles-ci un sens et un agencement ordonné. Même si cette image n'est pas tout à fait inexacte, ce serait mal connaître Brennan que de réduire ses sculptures à la tentative d'un réagencement harmonieux de l'univers, dont il serait le seul maître d'œuvre. Pour ce sculpteur et céramiste, la fonction de créateur est en dernier lieu assumée par le feu. Il guette ainsi la sortie du four de ses sculptures avec anxiété et excitation, s'appêtant à découvrir le travail transformateur de cette fournaise auquel il ne fait que collaborer. Il expérimente ainsi des cuissons successives, parfois par dizaines, pour parfaire une technique qui accorde au feu le rôle principal, car seul ce dernier peut porter une œuvre à sa perfection.

Cela étant, l'œuf primordial, emblème de l'éternité et de l'immortalité, couve également, explique-t-il, la gestation du mal radical, ce qui nous renvoie à l'harmonie des contraires empédoclienne reprise par Platon, où encore à la *coincidentia oppositorum* omniprésente dans les mythes de création. Cette volonté de représenter une réalité ambivalente, duelle, est en effet constante dans son œuvre. La présence du mal, larvé, que l'on peut pressentir sans pouvoir le cerner, ce mal qui pointe progressivement sa tête est symbolisé de façon récurrente par un serpent qui perce la coquille de son œuf. Car, nous dit l'artiste, le sentiment qui préside son œuvre, c'est la peur, la même terreur, dit-il, ressentie par Gogol... La peur de l'énigme, la peur de la mort, la peur de soi...

Toutefois, les sculptures censées représenter cette gestation du mal ne sont pas effrayantes en elles-mêmes. La persistance des formes arrondies, la douceur de la céramique émaillée, le regard même, inoffensif, de ces serpents qui pointent leur tête hors de l'œuf, ôtent à ces derniers toute dangerosité apparente.

Cette peur, le visiteur ne la ressent donc pas, mais la sidération et le malaise l'envahiront progressivement, sournoisement, lorsque ses yeux découvriront autant de cloaques béantes, des serpents qui sont autant de pénis, d'excréments généreux et bien moulés... Si «les choses sont éternelles parce qu'elles se reproduisent»,<sup>1</sup> «le sexe, plus que la mort, laisse l'être humain face à une perplexité inguérissable»,<sup>2</sup> dira-t-il à un journaliste.

<sup>1</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=ewrrUKXwq94>

<sup>2</sup> <http://www.eluniversal.com.mx/notas/841958.html>

## La perplexité face au sexuel

642 Car parler de l'œuvre de Brennand sans souligner l'omniprésence des thématiques sexuelles serait un non-sens, ou plutôt un non-voir, un évitement de la gêne que le cru, voire le cruel de la sexualité peut causer chez le public. De fait, l'univers sexualisé à l'extrême de Brennand provoque fascination, excitation, rires moqueurs ou gênés, mais également horreur et dégoût, que l'artiste reconnaît ressentir lui-même, soutenant que son œuvre n'a rien d'érotique. Il cite ainsi presque avec reconnaissance les termes qu'une vieille dame, qu'il nomme en souriant sa «première véritable critique d'art», avait proféré, horrifiée, lors de sa visite: «C'est une boucherie!» Complaisance dans l'horreur? Non, sidération. Sidération que l'artiste réussit à communiquer en exposant son questionnement principal au public, comme si cette contagion par le voir était un moyen de s'en débarrasser, de s'en soulager momentanément, mais, peut-être aussi, d'y trouver une réponse dans le regard de l'autre. Plaisir de «voir-montrer» à l'œuvre dans la pulsion scopique qui l'anime, ses sculptures sont destinées à être vues, accueillies par le regard de l'autre sans lequel elles resteraient incomplètes. Il regrette ainsi que le visiteur ne lui fasse jamais de commentaires sur une œuvre en particulier, mais toujours sur sa production perçue comme un tout. Or, chaque sculpture enferme une énigme qui lui est propre, une histoire, un moment, et apparaît aux yeux de l'artiste comme un univers en soi.

Reprenons notre visite. Encore sous la fascination de l'extérieur rythmé et foisonnant de l'Oficina Brennand, le visiteur, au fur et à mesure de son avancée, se retrouve donc face à des sculptures dénuées de toute pudeur. Les organes féminins sont généreux, ronds, voluptueux: arborant vulves, seins et fesses, les statues féminines trônent majestueusement, offrant dans les moindres détails au regard leur anatomie généreuse. Plus en retrait, se dresse orgueilleusement un phallus, sous la forme d'un oiseau stylisé. L'Oficina Brennand est donc un univers placé sous le signe d'Eros, vulvaire, phallique, mais cependant peu de sculptures masculines affichent la nudité ou l'érection de leur pénis, contrairement aux statues féminines qui exhibent sans honte leurs organes. Le phallus est presque toujours détaché du corps, car la statue masculine adulte, chez Brennand, ne donne pas à voir sa nudité. L'homme, dans l'univers de Brennand, semble pudique, comme en témoigne cette statue d'Adam, à taille humaine, cachant son sexe de la main... Ce que n'est certes pas *l'infans*, qui, lui, dévore et désire, comme en témoignent plusieurs «bébés cannibales» donnant à voir un pénis en érection qui suffit à mettre en scène leur cannibalisme inné.

Si le phallus en tant qu'objet imaginaire menacé par la castration apparaît clairement dans le discours de l'artiste — questionné sur l'apparente pudeur de

son Adam, il explique: «J'ai crainit le sectionnement de l'organe par un public malveillant», en ajoutant avec malice que «cinq doigts sont autant de pénis» – il a, dans l'Oficina Brennand, toute sa place comme signifiant de la jouissance. Cette allusion à la théorie lacanienne de la jouissance est d'autant plus pertinente que le questionnement du sculpteur sur l'être et l'existence rejoint les racines mêmes de la sexualité.

Que suis-je? Je suis à la place d'où se vocifère que "l'univers est un défaut dans la pureté du Non-Être". Et ceci non pas sans raison, car à se garder, cette place fait languir l'Être lui-même. Elle s'appelle la Jouissance, et c'est elle dont le défaut rendrait vain l'univers. (Lacan, 1960/1966, p. 819)

La place de la jouissance dans le travail créateur de Brennand fait apparaître ses productions comme un défi à la mort et à l'énigme du néant, une redistribution des règles universelles qui fixent à l'existence un début et une fin, lancé par un sujet prisonnier de l'inéluctable aimantation de la chose sexuelle. Chose sexuelle perçue en effet comme «Chose» échappant à toute compréhension, de la béance de laquelle l'artiste hurle son désir et son manque. Associés à cette expérience, la peur et la sidération qui fondent son impérieuse nécessité créatrice élargissent le champ de compréhension de sa compulsion à créer. La Chose mythique restant à jamais introuvable et inexplicable, il s'agit donc pour le sculpteur d'investir l'univers du mythe pour ne pas se laisser happer par le néant.

Cet univers à la fois mythologique et sexuel des sculptures de Brennand renvoie à la théorie des mythes magico-sexuels proposée par S. de Mijolla-Mellor (2002). Car, s'il s'agit bien ici de sexualité, il faut plutôt parler de sexualité archaïque, qui met en scène des organes qui ont une vie propre et qui sont autant d'objets partiels détaché d'un ensemble qui fait sens.

S. de Mijolla-Mellor soutient que le processus du mythe magico-sexuel fait son apparition lorsque l'activité de penser du petit enfant, à savoir l'impérieuse nécessité de tisser des liens causals, est mise en échec par un non-sens qui menace son narcissisme primaire (Ibid.). Cette activité de penser, avant de chercher à élaborer des théories, va donc tout d'abord tenter de colmater la brèche, si menaçante, par laquelle le non-sens risque d'envahir et d'anéantir la toute-puissance narcissique primaire et le sentiment de soi de l'enfant.

Le mythe magico-sexuel fait par conséquent irruption dans le travail psychique de l'enfant confronté au danger de la perte de soi, qui va mettre en place un système causal se suffisant à soi-même, «le "il y a", anhistorique, sans origine ni terme, clos sur lui-même comme le narcissisme des débuts» (S. de Mijolla-Mellor, 2002, p. 93).

C'est ainsi que Brennand expliquera: «Ici, j'ai créé une mythologie absolument particulière, personnelle, qui n'est en lien avec aucun type d'érudition.

Je cultive les mythes, non comme un approfondissement, mais comme un artiste qui développe des idées qui surgissent et qui sont saisies à chaque moment, en comblant, également, des lacunes de l'esprit».

## Sacrifice et création

Mais le constat du travail de mythes magico-sexuels dans l'univers de Brennard n'est pas le seul à éclairer son œuvre. Le meurtre, compris comme la mise à mort de la matière, et la mort en elle-même le sont aussi, tout comme le sont la terreur, la souffrance, celle du non-sens et celle de l'engendrement suivi de la joie de la découverte de sa propre création, une fois terminé et parfaite par le feu. Nous avons là une parfaite illustration du processus sublimatoire à l'œuvre dans la création artistique, proche de celui que nous pouvons observer dans l'acte d'écriture, qui apparaît comme une transmutation du matériau traumatique et de la pulsion meurtrière qui s'en dégage (Donard, 2009).

644

Les termes «écriture» et «sculpture» ont par ailleurs la même racine étymologique. K. Rouquet-Brutin (2005), dans son texte «Archives de la cruauté chez Patricia Cornwell», nous rappelle que la racine indo-européenne *sker*, qui signifie «couper, gratter, inciser», entre dans l'étymologie du verbe *scribere* (écrire), ce qui établit un lien significatif entre le geste de l'incision et celui de l'écriture. Également rattachés à cette étymologie sont *scalpellum* (lancette) et *scalpere* (gratter, creuser), le mot «sculpter» étant issu de ce dernier.

Le travail du feu, principal allié de notre artiste, qui transforme la matière et complète l'œuvre en la signant, renvoie ainsi à un processus sublimatoire proche de l'œuvre alchimique, qui comprenait trois étapes: la première était celle qui visait à «préparer la matière», c'est-à-dire à provoquer sa mort par solution de liquéfaction, par trituration ou putréfaction; la deuxième, la sublimation proprement dite, visait à libérer l'âme de la matière et à déployer ses potentialités; et c'est en soumettant ces dernières à un dernier processus complexe appelé «l'œuvre au rouge» que les alchimistes étaient censés obtenir la pierre philosophale.

Ce que l'analogie du processus sublimatoire alchimique avec le processus psychique du même nom nous suggère, c'est que, pour qu'il y ait sublimation, à savoir purification, volatilisation, spiritualisation de la matière, il faut préalablement qu'il y ait une mise à mort de cette même matière. Sans meurtre, donc, pas de sublimation. Pour Brennard, nul doute, sans transpercer, malaxer, frapper la matière, pas de création. Dans cet œuvre colossale, il est celui qui détruit et qui souffre; le feu est celui qui transforme, qui engendre, qui crée, et trouve une issue favorable à la perplexité du créateur. L'artiste cite ainsi volontiers Baudelaire, qui,

dans *L'Art romantique*, remarquait: «C'est un des privilèges prodigieux de l'Art que l'horrible, artistiquement exprimé, devienne beauté et que la douleur rythmée et cadencée remplisse l'esprit d'une joie calme».

Mais, si meurtre il y a, il ne s'agit pas d'une destruction dénuée de sens, bien au contraire: le meurtre n'opère ici que pour qu'un sens supérieur advienne, pressenti par l'artiste et parfait par le feu. Or, tuer la matière pour la sublimer, pour en extraire son âme renvoie à la notion de «sacrifice».

La locution latine *sacer facere* signifie «rendre sacré». Le terme «sacrifice», qui désigne à la fois ce qui est offert et l'action d'offrir, est issu de *sacrificare*, qui consiste donc à rendre une chose ou un être sacrés, à fabriquer du sacré. Bien que Brennard ait également dédié un temple à la thématique du sacrifice, il ne cherche pas à «fabriquer» du sacré mais bien, comme nous l'avons déjà souligné, à sonder le mystère de la vie et de la mort, du bien et du mal, de la sexualité comme principe métaphysique suprême, en utilisant ses créations comme autant de bouteilles à la mer, autant de questions sans véritables réponses, réponses fragmentées, accordées par le travail du feu, par le regard de l'autre sur son œuvre.

### **La pulsion scopique et de cruauté, matériau privilégié du processus sublimatoire**

645

Cela soulève la question du matériau psychique concerné par ce processus sublimatoire. Sans conteste, il s'agit en premier lieu d'une libido explosive, démesurée, un torrent qui jaillit sans cesse, qui n'a ni frein ni possibilité de contenance autre que son évacuation. La création apparaît alors comme la seule façon d'exorciser ce fleuve continu d'énergie sexuelle, qui risquerait, s'il n'était dévié, canalisé, de déborder totalement le moi, de l'inonder...

Cependant, il ne s'agit pas de n'importe quelle libido, mais de celle qui signe une sexualité obsédée par la question de l'origine, ce qui nous ramène encore une fois à la question des mythes magico-sexuels. Il s'agit, pour l'artiste, avant tout de sonder la matrice, de retrouver le lieu mythique de l'*arkhè*, d'observer sans relâche les modèles, le corps féminin, ses fluides, son odeur, cherchant à y décrypter l'énigme qu'il renferme. Non, l'homme n'est pas pudique, chez Brennard, il est un seul et unique phallus dressé, cherchant obstinément sa route vers les entrailles féminines. Il est ce lieu même de la jouissance. Pas de corps pour l'homme sinon un corps torturé : lorsque la libido vient le sauver de sa condition humaine, il n'est plus qu'un organe dressé de toutes ses forces, de toute sa vigueur, pointant vers le centre de la terre, le centre de la mère, le centre de la femme que tout destine à faire jouir. Le corps de la femme est ainsi pour l'artiste un instrument que l'homme se doit

d'apprendre à faire vibrer harmonieusement, au risque de sa propre insatisfaction, car la satisfaction de l'artiste-amant est de faire exploser l'orgasme féminin, de déchaîner le volcan enfoui dans chaque femme, de faire de la jouissance de la femme son œuvre d'art.

J'ai émis ailleurs l'hypothèse que le matériau psychique d'une sublimation qui passe par la mort puisse n'être autre que celui issu du trauma, trauma originaire mais également toute situation traumatique postérieure venant se greffer sur celui-ci (Donard, 2012). Le trauma, nous le savons, engendre un remaniement pulsionnel important, suscitant notamment un véritable déferlement interne de pulsions mortifères. La seconde théorie des pulsions n'a d'ailleurs pas été pensée par Freud autrement qu'à partir du constat de la prégnance d'une compulsion de répétition, suite à des situations traumatiques non élaborées (Freud, 1920/1981).

Ce remaniement pulsionnel me semble comporter deux causes principales: d'une part, la situation traumatique rend urgent le besoin de sens; d'autre part, les pulsions mortifères doivent trouver une issue pour que la psyché retrouve une certaine homéostasie et puisse continuer à fonctionner.

Ferenczi, en pointant le rôle du clivage du moi dans la survie psychique de l'individu confronté à un trauma précoce, explique qu'une partie consciente du moi se retire de celle qui est en souffrance pour observer de loin la scène traumatique et en proposer au moi opprimé une interprétation, prenant en charge la folie (ou la dépression) environnementale. Le sujet ainsi clivé devient un être dont l'avenir est de soigner, d'écrire ou encore d'expliquer. C'est là, à proprement parler, ce que Ferenczi entendait par «nourrisson savant». Il me semble cependant que nous pouvons ajouter à ces modalités de mises en sens et d'auto-réparation l'impérieuse nécessité de créer et de recréer le monde, propre à bien des artistes.

C'est donc au moment de la gestion interne du trauma, et ce parce que la psyché possède les prérequis aptes à lui permettre d'engager ce travail, que semble s'effectuer le travail sublimatoire sur des pulsions mortifères déchainées, les liant à nouveau avec Eros, maîtrisant leur revendication destructrice, les déviant de leur but meurtrier. En nous calquant sur le paradigme sacrificiel pour penser cette sublimation, la création artistique ou littéraire serait alors une sorte d'autel sacrificiel sur lequel une victime symbolique serait offerte en lieu et place de l'être préalablement désigné — le moi ou l'objet, selon la gestion sadique ou masochique des pulsions de mort —, ce qui permet à la compulsion traumatique de s'élaborer, dans et par la combustion de l'opération sublimatoire.

La pulsion ici visée, plus que la pulsion sexuelle, semble être cet étrange amalgame pulsionnel que Freud a nommé pulsion scopique et de cruauté (Freud, 1905/1997b). Dans le cas de notre sculpteur, nous retrouvons à l'œuvre, sans nul doute, la *Schau und Grausamkeit-strieb*. Chaque sculpture est une façon de sonder le mystère, de percer le corps féminin, d'exposer sa nudité pour tenter de

le comprendre. D'autres sculptures, non sexualisées, plus sombres, semblent quant à elles scruter le visage de la mort. L'omniprésence du phallus dans l'univers de l'Oficina Brennan est par ailleurs significative de cette béance à partir de laquelle l'artiste crée.

Cette pulsion a pour particularité d'être préobjectale ou anobjectale, selon D. Cupa (2002, 2005), voire désobjectalisante, pour d'autres auteurs. En effet, si la *Schau und Grausamkeit-strieb* est une pulsion partielle, donc sexuelle *a priori*, elle possède cependant, comme son nom l'indique, une composante particulièrement morbide. Il semble, en effet, que cette pulsion, qui fonde toute capacité de recherche, d'investigation, d'écriture et de lecture, ne peut être rangée uniquement du côté des pulsions sexuelles, mais condense les deux formes pulsionnelles originaires qu'elle fait travailler conjointement.

Cette hypothèse nous aiderait à cerner le lien, indubitable mais encore obscur, entre les pulsions sexuelles et les pulsions de mort au travail dans la création artistique. Est-il vraiment possible de postuler une dichotomie métapsychologique entre celles-ci, même si, dans leur application au champ phénoménal, Freud ait pris soin de préciser que l'on ne peut trouver qu'une conjugaison, voire un amalgame des deux pulsions, l'une ne procédant jamais sans l'autre? En d'autres termes: la dichotomie vie/mort est elle pertinente pour comprendre le travail artistique ou faut-il envisager une activité pulsionnelle qui mette au travail une pulsion qui soit à la fois sexuelle *et* mortifère? La pulsion scopique et de cruauté, comprise comme pulsion hybride, en serait alors le matériau privilégié.

Pour essayer de penser cette question, il est intéressant de noter qu'il est possible d'établir un lien entre le mouvement dérivatoire opéré par la sublimation et la perversion. En effet, comme l'explique Sophie de Mijolla-Mellor, le processus sublimatoire, lorsqu'il permet au sujet d'énoncer des certitudes qui l'assujettissent à la loi seulement en tant qu'il en est lui-même l'énonciateur, vient à côtoyer et frôler dangereusement le mécanisme pervers.

On peut de fait considérer que l'énergie libidinale, dans la perversion et dans la sublimation, opèrent toutes deux un mouvement de contournement de l'interdit et parviennent, moyennant certaines limites, non seulement à maintenir l'écoulement du flux mais à le renforcer du fait de cet obstacle. (...) Il y a deux mouvements qui sans être identiques se rapprochent: le «per-vertir» et le «de-river» indiquent tous deux que le flux libidinal est parvenu à ne pas se laisser prendre dans la nasse du refoulement. (S. de Mijolla-Mellor, 2005, p. 28)

Nous pourrions, en ce cas, considérer la sublimation de la pulsion de la cruauté comme l'équivalent de sa perversion, œuvrant, à l'encontre de son but premier qui serait la négation de l'objet, son résultat contraire, à savoir non seulement la survie de l'objet mais son accession à une réalité et une identité nouvelles.

## Conclusion

Si la dynamique psychique propre à la création artistique est loin d'avoir livré ses secrets, la recherche tenant compte de ses déterminants archaïques s'ouvre au théoricien comme un abîme vertigineux. Toucher au processus créateur en ce qu'il a de plus enfoui et de plus mystérieux emporte le chercheur sur un continent inconnu et amoral où tout devient possible. Mythes, organes partiels, intrications pulsionnelles, perversions et sublimation, désir et jouissance se mêlent à l'histoire singulière du créateur, unique entre toutes et pourtant marquée du sceau d'une l'humanité commune. C'est sans doute pour mieux se comprendre que l'on cherche à comprendre l'autre. En ce sens, Francisco Brennand apparaît comme un interlocuteur hors pair, aussi intéressé par ce que l'autre *est* en soi que par ce qu'il lui apporte. Discuter longuement et profondément avec lui, sillonnant les routes de sa vie ou les méandres de sa pensée créatrice est une des grandes chances qu'il m'ait été donné, sur le plan de la recherche comme sur un plan personnel. Sa disponibilité et le sérieux avec lequel il considère son interlocuteur rendent ce dernier plus apte à le comprendre. Qu'il en soit ici remercié.

648

## References

- Cupa, D. (2002/4). La pulsion de cruauté, *Revue française de psychanalyse*, PUF, 66, 1073-1089.
- Cupa, D. (2005). La cruauté du surmoi féminin. In S. de Mijolla-Mellor (dir.), *La cruauté au féminin* (pp. 55-92). Paris: PUF.
- Donard, V. (2009). *Du meurtre au sacrifice. Psychanalyse et dynamique spirituelle*. Paris: Cerf.
- Donard, V. (2012). La sublimation propre au sentiment religieux. In S. de Mijolla-Mellor (dir.), *Traité sur la sublimation*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1997a). Le problème économique du masochisme . In *Névrose, psychose et perversion* (pp. 287-297). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1997b). *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1981). Au-delà du principe de plaisir. In *Essais de psychanalyse* (pp. 47-128). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1920).
- Ferenczi, S. (1982a). Confusion de langue entre les adultes et l'enfant. In *Œuvres complètes, IV (1927-1933)* (pp. 125-135). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1932).
- Ferenczi, S. (1982b). Réflexions sur le traumatisme. In *Œuvres complètes, IV (1927-1933)* (pp. 139-147). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1934).
- Ferenczi, S. (1993). Le rêve du nourrisson savant. In *Œuvres complètes, III (1919-1926)* (p. 203) Paris, Payot. (Trabalho original publicado em 1923).

## ARTIGOS

- Lacan, J. (1966). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In *Ecrits*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1960).
- Mijolla-Mellor S. de. (2002). *Le besoin de savoir*. Paris: Dunod.
- Mijolla-Mellor, S. de. (2005). Femmes, fauves et grands criminels. In S. de Mijolla-Mellor (dir.). *La cruauté au féminin* (pp. 23-54). Paris: PUF.
- Platon (1992). Timée. In *Timée, Critias*. (trad. et présentation par Luc Brisson, pp. 95-310). Paris: GF Flammarion.
- Rasmussen, K. (1974). *Terre Wakan*. Paris: Laffont.
- Rouquet-Brutin, K. (2005). Archives de la cruauté chez Patricia Cornwell. In S. de Mijolla-Mellor (dir.), *La cruauté au féminin* (pp. 93-118). Paris: PUF.
- Toro, G. C. (2001). Brennard: resonance and the univesality of the forms. *Revista chilena de historia natural* [online], 74(1), 183-194.

### Resumos

(O sujeito entre sideração e gozo: a sublimação como solução. Sobre a obra de Francisco Brennand)

*O presente artigo trata do universo inconsciente das esculturas do artista brasileiro Francisco Brennand (1927) e dos mecanismos arcaicos subjacentes à sua criação. Fundamentada sobre o tema da origem, esta pesquisa das obras de Brennand estuda as raízes do desejo sexual e sua relação aos objetos parciais, considerando a sideração do sujeito frente à crueldade de uma sexualidade arcaica e o gozo do artista como desafio à morte e ao enigma do nada. Ela se interessa então pelo processo da sublimação como transmutação do material traumático e pelo destino da pulsão escópica e de crueldade na criação artística.*

**Palavras-chave:** Brennand, sublimação, origem, mito, gozo, pulsão escópica e de crueldade

(The subject between jouissance and total consternation: sublimation as a solution. Art of Francisco Brennand)

*This article deals with the unconscious universe of the sculptures by the Brazilian sculptor Francisco Brennand (1927) and the archaic mechanisms that underlie their creation. Focused on the theme of origins this approach to Brennand's works studies the roots of sexual desire and its relation to partial objects, considering the subject's total consternation toward the cruelty of the artist's archaic sexuality and jouissance as a challenge to death and to the enigma of nothingness. The study then focusses on the sublimation process as transmutation of traumatic material and on the fate of the scopic drive and the drive toward cruelty in artistic creation.*

**Key words:** Brennand, sublimation, origin, myth, jouissance, scopic and drive, cruelty drive

(El sujeto entre sideración y gozo: la sublimación como solución. Sobre la obra de Francisco Brennand)

*Este artículo trata del universo inconsciente de las esculturas del artista brasileño Francisco Brennand (1927) y de los mecanismos arcaicos subyacentes a su creación. Fundamentado en el tema del origen, este trabajo de investigación sobre las obras de Brennand estudia las raíces del deseo sexual y su relación con los objetos parciales, teniendo en cuenta la sideración del sujeto frente a la crueldad de una sexualidad arcaica y el goce del artista como desafío a la muerte y al enigma de la nada. La investigación se orienta para el proceso de la sublimación como una transmutación del material traumático y por el destino de la pulsión escópica y de crueldad en la creación artística.*

**Palabras clave:** Brennand, sublimación, origen, mito, gozo, pulsión escópica y de crueldad

(Das Subjekt zwischen Erstarrung und Genuss: die Sublimation als Lösung. Über das Werk von Francisco Brennand)

650

*Dieser Beitrag behandelt das unbewusste Universum der Skulpturen des brasilianischen Künstlers Francisco Brennand (1927) und der archaischen Mechanismen, die seinen Werken zugrundeliegen. Diese Untersuchung von Brennands Werken gründet auf dem Thema des Ursprungs. Es werden die Wurzeln des sexuellen Begehrens und seine Beziehung zu den Teilobjekten untersucht. Dabei wird die Erstarrung des Subjektes gegenüber der Gewalt einer archaischen Sexualität und dem Genuss des Künstlers als Herausforderung des Todes und des Rätsels des Nichts beachtet. Die Untersuchung beleuchtet also den Sublimationsprozess als Transmutation des traumatischen Materials und das Schicksal des skopischen Triebes und der Grausamkeit im künstlerischen Schaffen.*

**Schlüsselwörter:** Brennand, Sublimation, Ursprung, Mythos, Genuss, skopischer Trieb, Grausamkeit

**Citação/Citation:** Donard, V. (2014, setembro). Le sujet entre sidération et jouissance: À propos de l'œuvre de Francisco Brennand. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 638-651.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

## ARTIGOS

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

651

### VÉRONIQUE DONARD

Cátedra de pesquisas Francisco Brennand, Consulado francês no Recife, Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br); Pós-doutorado, Laboratório de Psicopatologia Fundamental na mesma Universidade; Doutora em psicopatologia, Universidade Paris-Diderot – Paris 7 (Paris, Fr); Graduação em psicologia clínica e psicopatologia, Universidade Paris-Diderot – Paris 7 (Paris, Fr).

Estrada do Encanamento, 702 – Casa Forte  
52070-000 Recife, PE, Br

e-mail: veronique.donard@gmail.com

## O consumidor e a perversão\*<sup>1</sup>

Ilka Franco Ferrari\*<sup>2</sup>

*O texto considera a atualidade discursiva do capitalismo e seus vieses perversos, lembrando a aspiração sadeana de república regida pelo imperativo e singularidade do gozo, onde se imbricam os consumidores, todos proletários e na exigência do mais-de-gozar. Percorre a fantasia perversa, o desejo perverso e a fetichização de um objeto alçado à condição de causa de desejo, para além da estrutura perversa. Chega à solidão dos indivíduos reduzidos a seus corpos no predomínio dos gadgets, e ao mundo da falta de vergonha. A psicanálise lacaniana é a norteadora, e o Japão é exemplo que ensina.*

**Palavras-chave:** Capitalismo, gozo perverso, gadgets, vergonha

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, ocorrido de 26 a 28 de agosto de 2013, na Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

\*<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas (Belo Horizonte, MG, Br).

Lacan foi bom leitor de Freud, não se limitando a reproduzi-lo, o mesmo acontecendo em sua leitura de Marx sobre o capitalismo. A partir dela, lança-se na lucidez das considerações de que o sujeito capitalista se instaura na contenção de gozo, em acumular em vez de gozar. Desfaz a diferença de classes que o sociólogo havia estabelecido entre capitalistas e proletários, explorador e explorado, e coloca, a todos, em condição proletarizada, em regime de falta-de-gozar. Daí o movimento ativo de mais-de-gozar, em que todos entram como consumidores consumidos, reais ou virtuais, usuários potenciais. Essa é a época em que, segundo Jacques-Alain Miller (2004) e Colette Soler (2000-2001), as ideias lacanianas se aproximaram de outro sociólogo, Max Weber, conhecedor de Durkheim e Marx, mas com caminho próprio.

A reflexão sobre as considerações de Marx e seu movimento da existência da consciência de classe possibilitou que Lacan (2003) visualizasse algo curioso: o marxismo mantém o capitalismo. Nesse contexto, proletário e capitalista fazem da mais-valia a causa do desejo “do qual uma economia faz seu princípio, o da produção extensiva, portanto insaciável, da falta-de-gozar” (p. 434). Um, por ter consciência de sua exploração, faz do objeto perdido a causa de seu desejo; e o outro, por reinvestir seu *plus* no regime para aumentar o capital que serve à manutenção do circuito da produção, para o aumento do consumo, sem o qual a produção seria inútil.

E um resultado óbvio é que o sofrimento humano se acentua, no sentimento de não gozar o suficiente em era de permissividade, por experimentar que tudo que não é proibido se torna obrigatório. Evidencia-se, agora, o mal-estar no mais-de-gozar, e não mais o mal-estar em função da limitação do gozo. Não é difícil compreender, portanto, o motivo de Lacan (2003) haver escrito, em *Radiofonia*, por exemplo, que o “*Mehrwert* é o *Marxlust*, o mais-de-gozar de Marx” (p. 434).

Importa dizer, no entanto, que nem sempre Lacan pensou assim. No Seminário de 1959-1960, conhecido como *A ética da psicanálise* é possível encontrá-lo alinhando o capitalismo ao puritanismo, ao focar a relação com o desejo. Isso porque lá considerava que o serviço dos bens tem exigências, ou seja, a passagem da exigência da felicidade para o plano político tem consequências. Dizia ele: “O movimento no qual o mundo em que vivemos é arrastado promovendo até suas últimas consequências o ordenamento universal do serviço dos bens implica uma amputação, sacrifícios, ou seja, esse estilo de puritanismo na relação com o desejo que se instaurou historicamente” (1959-1960/1988, p. 364).

Mas, em o *Avesso da psicanálise* (1969-1970/1992), Seminário considerado sua versão do mal-estar na civilização, enfatizará o estilo da permissividade

própria da humanidade atual na falta de gozar, proletarizada. Evidentemente, entre um Seminário e outro, nova relação do sujeito com o gozo é estabelecida.

## O cotidiano do objeto fetiche

Em meio a essa nova forma de laço do sujeito com o gozo, própria da atualidade de nossa psicopatologia cotidiana, tece-se o cenário propício ao gozo perverso, comum a todos como possível, em nada incompatível com o puritanismo sexual, em oposição ao gozo proibido.

Vale enfatizar, nunca é demais, que o capitalismo não fabrica o perverso no sentido estrutural. Ele favorece, sim, gozo com objetos parciais e satisfação em todas as zonas possíveis do corpo, ou seja, funcionamentos gozosos perversos.

654

Lacan, por exemplo, no Seminário *A relação de objeto* (1956-1957/1995), onde a perversão é assunto — há outros textos, vários, mas, aqui se centra um pouco neste início fundamental de suas ideias —, chega a dizer de perversões transitórias. O leitor freudiano o encontrará, também, dizendo de perversões em casos neuróticos, sem confundir neurose e perversão. Ele tinha clareza de que eram modos subjetivos distintos. Afinal, Freud foi bastante ousado ao dizer, em sua época, que práticas perversas fazem parte da sexualidade normal, aproximando perversão e neurose, chegando a formalizar que a neurose é o negativo da perversão.

Para Lacan, essa frase, a neurose é o negativo da perversão, deve ser lida com cuidado, porque não se reduz a entender “simplesmente, que o que está oculto no inconsciente, quando estamos na presença de um caso neurótico, esteja a céu aberto na perversão, e de certa maneira em estado livre” (p. 115). É preciso considerar a dimensão da fantasia em jogo.

No Seminário mencionado acima, em determinado momento Lacan se pergunta o que é a perversão. No sentido de responder passa pela noção de fenômeno que se pode qualificar de perverso, e perversão categórica, por meio da trilha freudiana apresentada no texto “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919/1976). Texto escrito, como Freud avisa, a partir do exaustivo estudo de seis casos (quatro femininos e dois masculinos), cinco deles de neurose obsessiva e um de histeria (Lacan afirma que todos são de neurose obsessiva, no livro *A relação de objeto*). O foco recai na importância da fantasia, ensinando que não é a mesma coisa jogar mentalmente com a fantasia ou falar sobre ela.

Nesse sentido, Lacan (1956-1957/1995) trabalhará a fantasia perversa, dizendo que ela supõe uma redução simbólica, “todos os elementos estão lá, mas tudo o que é significação está perdido, a saber, a relação intersubjetiva. O que se pode chamar de significantes em estado puro se mantêm sem a relação

intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito” (p. 120). E, pensar a atualidade supõe dar peso a esta forma fantasística.

Quando se fala de fantasia sabe-se que nela “pode ser encontrado algo que fixa, reduz ao estado de instantaneidade, o fluxo da memória”, detendo o sujeito “neste ponto que se chama a lembrança encobridora” (p. 121). Isso também ocorre na perversão e constrói o que Lacan chamou de molde da perversão, ou seja, a valorização, a prevalência da imagem, da dimensão imaginária.

Por essas vias, Lacan chega ao objeto fetiche, alertado de que havia muitos usos da palavra, e que ele mesmo a usou para falar do fetiche da mercadoria. Preocupado em circunscrever, adequadamente, o que é o objeto fetiche, chegou a exaustivos estudos sobre sua diferença com o objeto fóbico. Mas, já na introdução do Seminário conhecido como *A relação de objeto*, no entanto, coloca o fetiche como muito vizinho da noção de valor de mercadoria, proposta por Marx.

No Seminário *O desejo e sua interpretação*, inédito, na aula 17, de 15 de abril de 1959, por exemplo, Lacan aborda o fato de que na relação inter-humana há a fetichização dos objetos humanos. Ao considerar surpreendente que até a relação, dada como primitiva, esteja sustentada pela doutrina marxista, confessa, nesse Seminário, que ao abrir o livro, *O capital*, seu primeiro ponto de análise foi o caráter de fetiche da mercadoria. Isso porque, como se sabe, Marx introduz o valor de uso e o valor de troca, o que está presente desde as mais primitivas nas relações humanas.

É que na perspectiva da relação de objeto, segundo formalização lacaniana, o fetiche desempenha função de proteção contra a angústia de castração, trata-se de objeto que tem a função de complementação com relação a alguma coisa que se apresenta como furo, até mesmo como abismo na realidade. Mas se o fetiche representa o falo como ausente, falo simbólico, por seu caráter de símbolo essa alguma coisa, que se caracteriza como fetiche, não é nada.

O que é visado no fetiche está para além daquilo que se apresenta, como falta, tendendo a realizar-se como imagem. Se ele é modo de dizer que a castração é afirmada e negada, é em torno do objeto fascinante, inscrito sobre o véu, a cortina que há entre sujeito e objeto, que gravita a vida erótica. Sobre esse véu, situado à frente do objeto, faz-se a projeção imaginária, figuração da falta, constitui-se o fetiche, “que pode ser o suporte oferecido a algo que assume ali, justamente, seu nome, o desejo, mas como desejo perverso” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 162). Sobre esse véu o fetiche figura o que falta para além do objeto.

Soler (2004-2005, p. 147), ao escrever sobre perversão, organiza essa questão do desejo perverso a partir da pergunta: a que aponta o desejo perverso? A resposta que escolhe, em meio a outras possíveis, está em Lacan de “Subversão do sujeito”: o desejo perverso pretende garantir o desejo do Outro. Isso supõe ponto de falta de gozo no Outro. Ainda que o Outro não exista e seja somente um lugar de discurso, toda cadeia significante implica desejo, e o desejo é metonímia da falta. Dessa

forma, na posição de garantir o desejo do Outro, a preencher sua falta convocando o gozo, ele precisa contar com o corpo, pois, para gozar, exige-se corpo.

Nesse ponto cabe tecer, ainda que minimante, algumas considerações sobre um tema importante e nem sempre abordado com a profundidade que merece: a inexistência do Outro. Jorge Alemán (2012, p. 27) é autor que auxilia bem a sensatez e abreviação do assunto. Para ele é preciso ter, no horizonte das reflexões, a necessidade de matizar e especificar a afirmação “Outro que não existe”, tão repetida nos espaços lacanianos, quando se trata do tema atualidade, contemporaneidade. Ele considera que essa afirmação atende bem ao que Lacan problematizou sobre o fim da análise, mas gera problemas quando utilizada para dizer de determinada época.

Para Alemán, na sequência do mesmo texto, é necessário o cuidado de se considerar a existência de uma potência inusitada que convoca os sujeitos e os laços sociais, em meio a tantas destituições das figuras simbólicas do Outro, da ordem simbólica, de cinismos e autismo generalizado. Caso contrário, haveria “total dispersão de toda a trama do social”, o que não é nosso caso. E, por pior que pareça, em nossa época essa potência é atribuída ao Outro regido pela técnica e pelo capital, com poder mais compacto que nunca, dispendo os corpos e a subjetividade na forma de mercadoria. Lógico, contando com a ciência e com o fetiche da mercadoria na organização dos laços sociais.

656

E, se a fetichização de um objeto consiste em colocá-lo na condição de causa de desejo, adverte Soler (2004-2005), este processo supera, muito, a problemática da estrutura perversa. Isso porque, é complicado pensar o objeto, no mundo humano, sem o processo de fetichização, ou seja, sem sua condição absoluta, da qual não se pode prescindir. Faz sentido, portanto, Lacan haver recorrido a certas formalizações do materialismo histórico de Marx.

Maria Rita Kehl (2004), trabalhando o tema da publicidade, perversões e fobias, comenta que “o conceito de fetiche opera como analisador de uma dimensão das relações humanas: a sexualidade (em Freud), a exploração do trabalho (em Marx)”. Mas na sociedade contemporânea essas dimensões coincidem, ou seja, “o fetiche que apaga a diferença sexual encarna-se no fetiche da mercadoria” (p. 2).

Fato é, no entanto, que se a fetichização de objetos supõe o Outro e seu desejo, por outra parte é inegável a constatação do afastamento do Outro, e do outro, que esse processo supõe.

### **Indivíduos reduzidos a seus corpos**

No caminho traçado, não há como evitar a constatação de que a fetichização de objetos promove separação do Outro e do semelhante. E isso, em qualquer

dimensão que se queira pensar, ou seja, no plano da sexualidade e da mercadoria. Fetichização curto-circuita o laço com o parceiro, funciona desconectada de qualquer intersubjetividade com o outro.

Soler (2004-2005) lembra a seu leitor que Lacan tem vários exemplos sobre esse assunto e cita, entre alguns: o cofre do avarento, as cartas de Gide, mas também todos os produtos do mercado. Há, para Lacan, certa continuidade entre o objeto *a* e os produtos do mercado. E, ao considerar que o objeto se torna condição absoluta de desejo, inegavelmente Lacan se reporta à teoria do objeto transicional, de Winnicott, referência na origem do que ele formalizou como objeto *a* como causa de desejo. O que se pode ver no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1998a).

Assim, no mundo do capital e seus produtos de mercado fetichizados, com todos os humanos proletarizados e apagados como sujeitos, destacam-se os indivíduos reduzidos a seus corpos. Indivíduos “com um corpo que goza com um Mais, ou com um mais-de-gozar no fazer do corpo” (mais objetos, orgasmos, dinheiro...), solitários no estabelecimento de vínculos e aptos ao enfrentamento com outros, em situações de vida que lhes assegure a “participação patente na sede de falta-de-gozar” (Lacan, 2003, p. 435). Cada um, por si, na busca de um lugar acima do outro, potencial rival na contabilidade de modos de gozo. Se, no marxismo, existia a ideia de que o capitalista tem os meios de produção para fazer laço social, ainda que na escravização do proletário, agora nem isso é fácil. Pode-se dizer que fácil são os usos dos *gadgets*.

Judith Miller (1996) define o *gadget* como “objetos engenhosos, úteis ou não, divertidos por sua novidade, e convertidos em veículo prevalente da ciência e de suas conquistas tecnológicas” (p. 205). Trata-se de subclasse de produtos da tecnologia que, mais que satisfazer de modo novo uma demanda existente, suscita nova demanda, não se confundindo, portanto, com os objetos de coleção.

Os objetos de coleção convivem em sincronia sem que um ocupe, na série, o lugar do outro. O *gadget* é o objeto tecnológico capturado no discurso do mestre e no circuito do mercado, que também faz série, mas o último sempre substitui o lugar do penúltimo, mostrando sua vocação para dejetos. Sua utilidade e futilidade são referenciadas por ser consumível ou não, dispensando pretextos do belo e do vital. Seu êxito é maior quanto maior é a obscuridade de seu circuito e a ilusão de domínio vivida por indivíduos em servidão voluntária, que contam com o acumular capital, gozo, desconhecendo as leis que o geraram. Seu modo de emprego está sempre disponível e explicitado, mas não a lei a que responde.

O surpreendente, alerta Judith Miller (1996), é que enquanto a racionalidade científica age segundo lógica que exclui o sujeito, os *gadgets* permitem o retorno do sujeito na ciência. Ciência aplicada que a ele se dirige, capturando-o e conseguindo que responda à sua oferta e crie demanda. A sabedoria moderna, continua essa autora, “dedica-se a provocar o desejo, ou seja, a capturar a libido através

de objetos que se convertem em verdadeiras próteses” (p. 209). O mundo da ciência moderna já não é propriamente um mundo, exatamente porque já não está ordenado; é um universo, indiferente ao ser que busca saber como ele funciona. Seu saber, por excluir da natureza a possibilidade de uma relação prévia, de um lugar para o sujeito, exclui este sujeito de sua própria finalidade.

### **Sade: o egoísmo da felicidade**

Nessa época marcada pelas peculiaridades mencionadas, como se pode deduzir, o discurso sobre a perversão se apoia mais no discurso jurídico e extensão dos contratos, consenso entre semelhantes, do que na clínica. Nesse mundo nos aproximamos da aspiração sadeana de uma república regida pelo imperativo e singularidade do gozo.

Lacan, no texto *Kant com Sade* (1998b/1966, p. 782), afirma que Sade fundamenta o império de seu princípio nos direitos do homem. Se nenhum homem pode ser propriedade de outro, nem de algum modo seu apanágio, isso não pode ser pretexto para suspender o direito de ser usufruído por todos, cada qual a seu gosto.

658 Sade propõe, então, ao gozo sua regra, à qual pretende submeter a vontade de todos, por meio da máxima: “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (p. 780). Paradigma de enunciado que exclui a reciprocidade, diz Lacan, e não a incumbência de revide, e o desejo se conforma em vontade de gozo, o que não o torna mais digno da vontade que invoca no Outro, “provocando-o até o extremo de sua separação de seu *pathos*” (p. 784).

Mas, pode-se observar, nas linhas lacanianas, que Sade está submetido à Lei, “a mãe continua proibida” (p. 802). E Lacan, em crítica onde não aparece o nome de Sartre, mas a expressão “aplicado existencialista” (p. 789), comenta o equívoco daqueles que pensam que os perversos negam a existência do Outro.

Kehl (2004), que demonstra ser boa leitora desse texto lacanianiano, afirma que nosso mundo, que convida à perversão pelo consumo, parece caricatura das fantasias eróticas desse Marquês, que propunha a criação de leis invertendo a legalidade reinante, fazendo “a tranquilidade e a felicidade do cidadão e o brilho da república” (p. 4). A felicidade que supõe liberação de paixões bem expressada pelo caminho da luxúria, a paixão mais despótica que existe.

Vale a pena não esquecer, todavia, que Lacan mostra a impossibilidade desse projeto sadeano, pois se o direito ao gozo fosse reconhecido, plenamente, caducaria o princípio do prazer. Isso remete à ideia, já comentada, de que ao se falar de época em que o Outro não existe, não se deve esquecer a existência de alguma potência

inusitada que convoca os sujeitos e os laços sociais, para que não se instaure o caos, conforme escreve Alemán (2012). Em comentário preciso, Lacan afirma que Sade insinua, para todos, por uma fresta imperceptível, o antigo eixo da ética, que não é outro senão o egoísmo da felicidade. Sua proposta libertina apresenta, portanto, o paradoxo do egoísmo.

Diferentemente de Kant, que propõe uma Lei que supõe um homem que não desvie do conceito universal de Homem, a Lei em Sade privilegia a singularidade, prestando-se à interpretação de acordo com as conveniências de cada um, lembra Kehl (2004), que segue: “Para Sade, sendo os homens diversos entre si e fundamentalmente egoístas, ‘seria um absurdo palpável desejar prescrever, a propósito, leis universais (...) É de uma horrorosa injustiça exigir que homens de caráter desiguais se submetam a leis iguais” (p. 4). A questão crucial, aqui, é que no coração da república libertina, expressão de Kehl, seria instaurada luta sem lei de todos contra todos. O que infelizmente está muito presente nos tempos atuais, mais do que o próprio Marquês poderia imaginar, de acordo com a autora citada e com a realidade dos fatos que estão por aí.

## A falta de vergonha

659

Por considerar essa realidade social, no espaço da Associação Mundial de Psicanálise, discute-se o que ocorre com a psicanálise neste mundo que supõe a anulação do afeto vergonha. Dois textos são referência para os interessados: “Notas sobre a vergonha”, escrito por Miller, e “A vergonha e o ódio de si”, de autoria de Eric Laurent, os dois publicados em 2004.

Segundo Miller (2004), *A ética da psicanálise e O avesso da psicanálise*, versões do mal-estar em época de 1969-1970, são debates de Lacan sobre a civilização eliminadora da vergonha e mergulhada no processo de globalização e utilitarismo. Isso é óbvio na abertura e fechamento da última lição de *O avesso da psicanálise* (1992). Ali Lacan aborda a possibilidade de se morrer por vergonha, embora efeito raramente obtido. E, se o faz, é porque notou que eclipsava o olhar do Outro como portador da vergonha.

O paradigma da morte por vergonha, Lacan o encontra no personagem François Vatel, organizador de festas, que se culpabilizou pelo fracasso da festa do príncipe de Condé, suicidando-se em nome de sua honra. Para Lacan, Vatel era portador da virtude aristocrática que permite ir além da vida pura e simples, ou seja, do *primum vivere*, prezava a honra. O homem moderno, por seu turno, renunciou essa virtude que implica desafio à morte, atos heroicos. Os laços têm sido estabelecidos, ao contrário, por meio do medo da morte e busca de segurança. Em nossa

atualidade, se pensada comparativamente com a época lacaniana, pode-se pensar que a situação se complexizou. O discurso dominante ordena ter vergonha do desejo e não do gozo, a impudicícia se torna norma e é favorecedora de civilização atormentada por retorno autoritário e artificial do significante mestre.

Ao final de 1969, no entanto, em Vincennes (1992), Lacan já dizia aos que o inquiriam, que o regime mostrava “Vejam como gozam”, exibindo-os nessa posição, em comunidade de gozo, escravos do *voyeurismo* sob a rubrica da liberação. Posição que remete ao fio mortífero do estádio do espelho, à eliminação do outro e até de si mesmo (Laurent, 2004). Vejam como eles gozam para gozarem e trabalham para mais gozar, pois vivemos em época da anulação do olhar causador de vergonha, na sociedade do espetáculo de Guy Debord, com os *reality shows* e mídia em geral fetichizando objetos e promovendo gozo associado às imagens da mercadoria (pornográficas, trágicas...) considerada capaz de agregar algo à personalidade, no jogo segregatório de inclusão e exclusão do outro.

A compreensão do olhar causador de vergonha pode ser acompanhada no desenvolvimento de Miller (2004), com base em formalizações sobre Sartre, em “O ser e o nada”, feitas por Lacan no Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985). Trata-se de uma operação em dois tempos: estou olhando, sou espectador absorto no espetáculo que me apresenta; algo me orienta que estou sendo olhado, e aí me envergonho. É nesse segundo tempo que o olhar se faz presente, o olhar do Outro que me faz objeto de olhar e também me julga, trazendo a vergonha. Daí Laurent (2004) afirmar que a vergonha é afeto primário na relação com o Outro, que faz parte da série da culpabilidade.

Nesse contexto em que o discurso ordena ter vergonha do desejo, não do gozo, vale lembrar a preocupação de Lacan em *O avesso...* (1969-1970/1992). Em determinado momento, ele afirma que um ponto essencial do sistema deveria ser a produção da vergonha. Anulá-la muda o sentido da vida, instaura o *primum vivere*, a vida sem honra; muda o sentido da morte, que não é pura e simples, mas marcada por um significante que valha a pena e inscreve o ser para a morte, dando-lhe um lugar no mundo.

## O paradigmático Japão

Para encerrar esse tema que passou por variados caminhos, sem deixar de marcar a solidão inerente aos homens de fé nessa época, pode ser sensato lançar o olhar sobre o Japão, com a ajuda da psicanalista Anaëlle Lebovits-Quenehen (2013).

Por que Japão e não o Brasil? Porque à primeira vista, como descreve a autora, parece que a modernidade não abalou sua tradição e que o Nome-do-Pai

## ARTIGOS

ali funciona: mulheres bem femininas, elegantes mesmo de quimono, voz aguda; homens que parecem homens, com gosto pelo terno e gravata, voz grave; alunos de ensino médio com tradicionais uniformes. A cortesia e o pudor existentes na hipermoderna Tóquio, segundo Lebovits-Quenehen, se é que algum dia existiu na França, há muito foram esquecidos. Pode-se até pensar, que esquecidos em grande parte do mundo. Há limpeza quase maníaca em espaços públicos, ausência de mendigos e desabrigados por onde se passa.

FIGURA 1



Pela “cidade elétrica”, situada em Tóquio, no entanto, desfilam jovens, em geral homens, *nerds* descuidados, em agrupamentos de solitários jogadores de videogames e caça-níqueis localizados em edifícios de vários andares e salas enormes. Há, ainda, os que nem isso fazem, reclusos em seus quartos com seus aparelhos. Nesse escancaramento do gozo Uno, disseminado pelo país, o governo se preocupa com o crescimento do número de celibatários, entre os quais a maioria nunca namorou ou teve a intenção de fazê-lo. Se assim acontece, por outro lado, há o hábito de ir a cafês onde se pode beber e acariciar felinos, em número proporcional à necessidade de afeto e contato, bem como o hábito de vestirem seus cães, da cabeça aos pés, passeando com eles em carrinhos de nenê.

As máscaras sanitárias, muito utilizadas, segundo Lebovits-Quenehen, parecem estar mais a serviço do afastamento do contato, e menos da proteção da saúde física. Elas deixam, no entanto, o olhar livre em cultura que interdita olhar nos olhos. Hatsumé Miku, cantora virtual com corpo constituído por holograma em 3D, e roupas desenhadas por Marc Jacobs *himself*, teve seus discos em primeiro

lugar no *hit parade* nipônico e três concertos marcados para o teatro Châtelet, em novembro de 2013.

FIGURA 2



662

Na internet há muitos acessos ao que Lebovits-Quenehen escreve sobre a publicação da socióloga Megumi Ushikubo, que popularizou a expressão “shoshoku-danshi”, homens herbívoros, por meio do livro *Os homens herbívoros e afeminados que estão mudando o Japão*. Trata-se da constatação da existência de muitos jovens sem ambição profissional, com falta de competitividade no trabalho, sem apetite sexual e visível falta de interesse em ter encontros e relações sexuais, muito próximos de suas mães e muito atentos à moda e aos cuidados corporais.

Nesse cenário, a primeira mulher robô é preparada por engenheiros do Instituto Público Japonês de Tecnologias Industriais Avançadas, e responde pelo nome HRP-4C.

A sociedade nipônica criou, por sua vez, a expressão *nikushokukei-joshi*, mulheres carnívoras, para se referir às mulheres que buscam parceiro, mulheres que se situam em torno dos trinta anos.

O modo de vida das mulheres, muitas com curso superior e ocupando postos de responsabilidade, faz com que se assemelhem ao que aparece nos mangás conhecidos como *Ladies Comics*: mulheres audaciosas e empreendedoras, algumas vezes autoritárias, torturando ou escravizando seus colegas de sala de aula ou de escritório. Mas são as jovens as responsáveis por escrever e desenhar mangás representando amores homo entre os homens jovens.

## ARTIGOS

Diante disso, Lebovits-Quenehen conta que as autoridades pensam na censura de tais mangás, e que um membro da prefeitura de Miyazaki assim justificou tal atitude: “Se vocês continuarem a nutrir essas representações de mulheres independentes, logo as coisas irão no sentido da homossexualidade, o que tornará o desenvolvimento natural bem mais difícil”.

Ponto para reflexão! Mas, como disse Lacan (1966/1998b, p. 798), uma boa obra que se pretende má não pode permitir-se ser má obra...

### Referências

- Alemán, J. (2012). *Soledad: Común, Políticas en Lacan*. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- Freud, S. (1976). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Kehl, M.R. (2004). Publicidade, perversões, fobias. Recuperado em 27 maio 2013, de: <www.mariaritakehl.psc.br>.
- Lacan, J. (1958-1959). *O seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação*. (Inédito)
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1988). *O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (1992a). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1992b). Analyticon. In *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise* (pp. 187-197). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998a). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998b). Kant com Sade. In *Escritos* (pp. 776-806). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2003a). Radiofonia. In *Outros Escritos* (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1970).
- Laurent, E. (2004. fev.). La vergüenza y el odio de sí. *Freudiana*. Barcelona, 39, 25-36.
- Lebovits-Quenehen, A. (2013). Japão: de volta para o futuro. *Lacan Cotidiano*, 320 – Português. Recuperado em 17 jun. 2013, de: <EBP-veredas@yahoogrupos.com.br>.
- Miller, J. (1996). La resistible ascención del gadgets. In *Imaginario y lógica colectiva* (pp. 205-210). Madrid: Eolia Dor, S. L.

- Miller, J.-A. (2004, fev.). Notas sobre la vergüenza. *Freudiana*, Barcelona, 39, 7-24.
- Soler, C. (2000-2001). *Declinaciones de la angustia*. Barcelona: Publidisia.
- Soler, C. (2004-2005). *El síntoma y el analista*. Barcelona: Publidisia.

## Resumos

(Consumers and perversion)

*This text discusses the present-day discourse on capitalism and its perverse aspects in the light of Sade's aspiration of a republic governed by the imperative and the singularity of jouissance. This system captures consumers, all of whom are proletarians, in the demand for surplus-jouissance. This is related to the fantasy of perversion, the perverse structure, perverse desire and the fetishization of objects that are attained through the cause of desire. We touch on the loneliness of individuals reduced to their bodies surrounded by gadgets and in a world of shamelessness. Lacanian psychoanalysis is the guide and Japan is an example that teaches.*

**Key words:** Capitalism, perverse jouissance, gadgets, shame

664

(Le consommateur et la perversion)

*Ce texte considère l'actualité discursive du capitalisme et ses biais pervers, tout en rappelant l'aspiration sadienne à une république régie par l'impératif et la singularité de la jouissance, où s'enchevêtrent les consommateurs, tous prolétaires et dans l'exigence du plus-de-jouir. Il parcourt le fantasme pervers, le désir pervers et la fétichisation d'un objet hissé à la condition de cause de désir; au-delà de la structure perverse. On arrive à la solitude des individus réduits à leurs corps sous l'emprise des gadgets et au monde du manque de honte. La psychanalyse Lacanienne sert de repère et le Japon est l'exemple qui nous enseigne.*

**Mots clés:** Capitalisme, jouissance perverse, gadgets, honte

(El consumidor y la perversión)

*El texto considera la actualidad del discurso del capitalismo y sus sesgos perversos, recordando la aspiración sadeana de república regida por el imperativo y la singularidad del goce, en donde se imbrican los consumidores, todos proletarios y en la exigencia del plus de gozar. El texto atraviesa la fantasía perversa, el deseo perverso y la fetichización de un objeto elevado a la condición de causa del deseo, más allá de la estructura perversa. Llega a la soledad de los individuos reducidos a sus cuerpos con el predominio de gadgets y el mundo de la desvergüenza. El psicoanálisis lacaniano es la guía y Japón el ejemplo que enseña.*

**Palabras clave:** Capitalismo, goce perverso, gadgets, vergüenza

## ARTIGOS

(Der Verbraucher und die Perversion)

*In diesem Beitrag werden die Aktualität des kapitalistischen Diskurses und seine perversen Verzerrungen behandelt. Dabei wird auch an den sadistischen Wunsch nach einer Republik erinnert, in der das gebieterische Regieren und die Eigenart des Genusses vorherrschen; in der die Verbraucher, alle Proletarier, sich verkeilen und immer mehr Genuss fordern. Dies durchzieht die perverse Phantasie, den perversen Wunsch und die Fetischisierung eines zum Gegenstand des Begehrens erhobenes Objekt, über die perverse Struktur hinaus. Es erreicht die Einsamkeit der Individuen, die auf ihre Körper reduziert sind, mit Vorherrschaft der Gadgets, und die Welt der Schamlosigkeit. Die lacansche Psychoanalyse ist richtungweisend und Japan ist ein Beispiel, das belehrt.*

**Schlüsselwörter:** Kapitalismus, perverser Genuss, Gadgets, Scham

**Citação/Citation:** Ferrari, I. F. (2014, setembro). O consumidor e a perversão. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 652-665.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

### ILKA FRANCO FERRARI

Doutora pela Universidade de Barcelona (Barcelona, Espanha); Professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas (Belo Horizonte, MG, Br).

Rua Prof. José Renault, 526 – São Bento, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

30350-760 Belo Horizonte, MG, Br.

e-mail: [francoferrari@terra.com.br](mailto:francoferrari@terra.com.br)

## Le lien social pervers

Christian Hoffmann\*<sup>1</sup>

*La définition lacanienne de la perversion comme saturation du manque dans l'Autre par l'objet pulsionnel est incompatible avec la philosophie néolibérale du lien social et sa définition d'un sujet autonome qui ne reconnaît pas l'Autre comme lieu d'une altérité dans un lien social tissé par la marchandisation du corps et des jouissances.*

**Mots clés:** Perversions, Lacan, philosophie néolibérale

\*<sup>1</sup> Université Denis Diderot-Paris VII (Paris, França).

Mon exposé est structuré en quatre parties, à savoir:  
La structure lacanienne de la perversion  
Le «discours pervers»  
Le néolibéralisme  
Peut-on parler d'un lien social — d'un discours — pervers dans une société néolibérale?

### **La structure lacanienne de la perversion**

667

Dans son séminaire du 13 mai 1964 sur *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Lacan nous fait remarquer que c'est le fantasme qui soutient le désir, ce n'est pas l'objet qui est le soutien du désir. Ce qui nous permet de comprendre la condition de "désirant" du sujet. Rêver de la perversion permet au névrosé de soutenir son désir, ça n'en fait pas un pervers. Lacan disait justement, «la perversion va au névrosé comme des guêtres à un lapin».

La structure perverse, comme le dit Lacan dans ce séminaire, est un effet inverse du fantasme, à savoir que le sujet pervers se détermine lui-même comme objet, et ceci dans sa rencontre avec la division subjective. Cliniquement, ça veut dire que dans cette rencontre subjective avec l'Autre, le sujet ne se divise pas, au contraire: il se fait l'objet pour la jouissance de l'Autre, sans le savoir.

La pulsion sado-masochiste se constitue lorsque le sujet se fait l'objet de la volonté de l'Autre au bénéfice de sa jouissance. L'article de Lacan *Kant avec Sade* illustre sur cette identification déniée du sujet à l'objet.

Dans son séminaire de 1968-69, *D'un Autre à l'autre*, Lacan consacre toute la séance du 26 mars 1969 à la «Clinique de la perversion».

Lacan commence par définir l'incomplétude de l'Autre par l'évacuation de la jouissance de ce lieu par le fait que l'Autre maternel en tant que premier Autre de l'enfant est soumis à la loi de l'interdit de l'inceste, interdit qui décompte l'amour maternel de l'érotique. C'est ce manque dans l'Autre qui définit l'objet *a* de Lacan.

Le jeu pulsionnel entre l'objet *a* et le manque dans l'Autre nous donne les coordonnées de la structure lacanienne des perversions. Lacan ne retient pas le «mépris pour l'autre» pour définir la perversion. Son point cardinal est que «le pervers se consacre à boucher le trou dans l'Autre». L'Autre existe ainsi pour le pervers qui devient un ardent «défenseur de la foi».

L'exhibitionniste cherche à faire apparaître le regard chez l'Autre, au-delà de la limite imposée à la jouissance par le principe de plaisir. Le résultat est la production de la jouissance au-delà de cette limite du refoulement dans l'Autre

Le voyeur force le regard au-delà du visible sur ce qui ne peut pas se voir. Ce n'est pas pour rien, nous rappelle Lacan, qu'une fente on l'appelle un regard. Le voyeur interroge le manque dans l'Autre et y supplée par le regard. Contrairement à la névrose qui se définit par le mot d'ordre: «Circulez, il n'y a rien à voir», le pervers force le regard au-delà de la limite du refoulement, en donnant une consistance d'objet à l'Autre par une suppléance de son manque. Nous pouvons comprendre maintenant que le pervers croit à l'Autre jusqu'à se faire «l'auxiliaire de Dieu». Il suffit de lire Bataille.

668

Le masochiste fait surgir la voix de l'Autre à laquelle il va répondre avec fidélité comme un chien. Nous comprenons que la fonction du surmoi avec sa grosse voix et son impératif de jouissance est le ressort de cette perversion. Bref, le masochiste donne de la voix à l'Autre en le complétant de cet objet. Remarquons que la grosse voix du surmoi revient de l'Autre à travers ses impératifs de jouissance à la place de la voie symbolique forclosée. Ce que nous préciserons à partir de la lecture de Sade par M. Foucault.

Le sadique à sa façon cherche à compléter l'Autre en lui déroband la parole pour lui imposer sa voix. Lacan indique le ratage du sadisme dans cette opération d'annulation du symbolique en se référant à Sade, qui commente le moindre acte en l'incluant de surcroît dans un ordre. Ce que nous retrouverons également chez M. Foucault.

Lacan conclut sa «clinique de la perversion» en concluant sur la structure des pulsions déterminée par un «trou topologique».

La littérature est pourvoyeuse de perversions — nous verrons avec M. Foucault le rapport entre la lettre et la perversion —, ouvrons la biographie de Alain Robbe-Grillet écrite par son épouse Catherine (Le livre porte simplement comme titre le prénom *Alain*). Elle dit de son mari qui rédigea un «Contrat» au début de leur relation que: «sa fantasmagorie (celle d'Alain) tournait obsessionnellement autour d'une domination sadique sur de (très) jeunes femmes, à défaut de fillettes». Il n'est

pas inutile d'indiquer que Lacan lui a déconseillé de faire une psychanalyse «comme s'il avait tout à y perdre» (commentaire de Catherine Robbe-Grillet). Le «Contrat de prostitution conjugale» commence ainsi: «Entre les soussignés, le présent contrat a été passé en vue de préciser les droits spéciaux du mari sur sa jeune épouse, lors de séances particulières, rétribuées en espèces, pendant lesquels la jeune femme subira des mauvais traitements, humiliations et tortures, dépassant les limites assignées aux exercices ordinaires, limites consacrées par l'habitude au cours de la première année du mariage». Le contrat stipule que «l'épouse se présentera (...) en attendant qu'on dispose d'elle (...) pour satisfaire les vices du mari (...) et jamais dans l'intention de lui faire éprouver une jouissance». Bref, une relation d'esclavage qui soumet l'autre à un objet sans parole. Seul est toléré l'imploration du maître à bien vouloir atténuer ses impératifs. Alain était un maître défaillant qui malgré son impuissance «restait le maître de et dans nos rites conjugaux».

### Le discours pervers

Dans une conférence sur Sade en 1970, publiée dans *La belle étrangère*, M. Foucault pose l'existence d'un discours pervers. A travers une interrogation sur l'alternance chez Sade entre le discours et les scènes érotiques, il définit le discours comme le moteur d'un «désir illimité» dont la jouissance facilite le passage à l'acte qui répond à l'impératif sadien: «commettez ensuite».

M. Foucault reconnaît quatre types de discours: le discours de l'inconscient, le discours schizophrène, le discours idéologique ou philosophique ou religieux et le discours libertin ou pervers.

Le discours pervers nie tout ce qu'affirme le discours philosophique. Pour M. Foucault le discours philosophique joue essentiellement «un rôle castrateur». Dans l'Occident, depuis Platon, ce discours fonderait l'identité du sujet sur une renonciation d'une partie de lui-même, à savoir: le monde, le corps, le temps et le désir. Le discours de Sade vient en opposition à la philosophie avec une fonction de «décastration». Il s'agit non pas de dépasser la castration, mais «de nier, de dénier et de refuser la castration elle-même», par un jeu de négations de Dieu, de l'âme, de la loi et de la nature. Dieu n'existe pas. «Par conséquent la nature n'existe pas, la loi n'existe pas, l'âme n'existe pas et par conséquent tout est possible et rien n'est plus refusé dans l'ordre des prescription (...) donc je désire». Bref, le sujet n'aurait plus à sacrifier une partie de son narcissisme pour désirer sans limite.

M. Foucault donne un entretien en 1976 qui s'intitule *Sade sergent du sexe*. Il fait la remarque que chez Sade le corps est encore fortement organique. C'est l'organe qui est l'objet du sadisme: «Tu as un œil qui regarde, je te l'arrache».

Par contre, le cinéma de ces années commence à «démanteler cette organicité», ce qui fait de Sade «un sergent du sexe» qui a formulé «l'érotisme propre à une société disciplinaire». Bref, le sadisme était «anatomiquement sage». Le monde contemporain voit défiler un «érotisme non disciplinaire: celui du corps».

## Le néolibéralisme

G. de Lagasnerie développe clairement le paradigme néolibéral dans son ouvrage *La dernière leçon de Michel Foucault. Sur le néolibéralisme, la théorie et la politique*. La vision de la société néolibérale consiste à instituer une véritable marchandisation de la société. La loi serait celle du marché et elle engloberait l'ensemble des aspects de la vie en société, son action consiste à intervenir sur cette société pour que les mécanismes concurrentiels puissent jouer le rôle régulateur entre l'offre et la demande à chaque niveau du social. La subjectivité néolibérale définit «un *homo oeconomicus* qui ne renonce jamais à son intérêt, égoïste, sans transcendance». Ce sujet s'oppose à l'*homo juridicus* par son refus de renoncer à ses droits et de les transférer à un tiers souverain, garant de l'unité sociale. Il est pensé comme «un être unifié, cohérent et censé appliquer le calcul économique à toutes choses». Le «contrat» vient se substituer à la contrainte sociale.

Le geste critique de Foucault consiste à déplacer le concept majeur du néolibéralisme de «la liberté» vers «la pluralité».

## Peut-on parler d'un lien social pervers dans une société néolibérale?

Pour aborder cette question, il faudrait revisiter le paradigme néolibéral avec les concepts lacaniens de sujet divisé, d'objet *a*, de l'Autre, du signifiant maître, du surmoi, ce qui nous entrainerait dans un travail beaucoup trop long à exposer dans une seule conférence.

Par contre, je choisirai un autre angle, qui est celui que M. Foucault évoque à peine dans l'entretien dont le titre en dit long sur la fonction du surmoi dans la perversion. Dans *Sade, sergent du sexe*, il perçoit la différence entre «le corps chez Sade (qui) est encore fortement organique» et le corps contemporain formulant «un érotisme non disciplinaire».

Nelly Arcan s'est présentée comme philosophe et comme prostituée. Elle a décrit dans son dernier livre *Burqa de chair* ce qu'on peut appeler la marchandisation du corps: «Sur le Web, il fait froid. Le Web est un portail sur la

## ARTIGOS

désincarnation (...) Quand on peut voir son propre sexe ouvert devant soi et quand son sexe se met à parler, à renseigner, à étaler ses produits, à donner son prix et ses disponibilités, on franchit une ligne. Au-delà la folie guette, gueule ouverte, si grande et profonde qu'elle donne le vertige».

Reste à savoir si le démantèlement contemporain du corps organique est compatible avec l'objet *a*, avec lequel Lacan élabore la clinique de la perversion.

### Résumé

(O laço social perverso)

*A definição lacaniana de perversão como saturação da falta no Outro pelo objeto pulsional é incompatível com a filosofia neoliberal do laço social e sua definição de um sujeito autônomo que não reconhece o Outro como lugar de uma alteridade no laço social tecido pela mercantilização do corpo e dos gozos.*

**Palavras-chave:** Perversão, Lacan, filosofia neoliberal

(Perverse social bonds)

*Lacan's definition of perversion as saturation of the lack in the Other by the object is incompatible with the neoliberal philosophical approach of social bonds and its definition of an autonomous subject that fails to recognize the Other in a place of otherness in the social bond produced by the mercantilization of the body and of jouissance.*

**Key words:** Perversion, Lacan, neoliberal philosophy

(El vínculo social perverso)

*La definición lacaniana de la perversión como la saturación de la falta en el Otro por el objeto pulsional es incompatible con la filosofía neoliberal del lazo social y la definición de un sujeto autónomo que no reconoce al otro como un lugar de la alteridad en lazos sociales tejidos por la mercantilización de los cuerpos y goces.*

**Palabras clave:** Persiones, Lacan, filosofía neoliberal

(Die perverse soziale Bindung)

*Die lacansche Definition von Perversion als Sättigung des Mangels im Anderen durch das Triebobjekt ist nicht kompatibel mit der neoliberalen Philosophie der sozialen Bindung und ihrer Definition eines autonomen Subjektes. Dieses Subjekt erkennt den Anderen nicht als Ort einer Alterität im sozialen Gefüge an, das durch die Vermarktung des Körpers und der Genüsse geflochten wird.*

**Schlüsselwörter:** Perversion, Lacan, neoliberale Philosophie

**Citação/Citation:** Hoffmann, C. (2014, setembro). Le lien social pervers. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 666-672.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 17.4.2014 / 4.17.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** O autor declara não ter sido financiado ou apoiado / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** O autor declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

**CHRISTIAN HOFFMANN**

Psicanalista; Professor na Universidade de Paris VII (Paris, França).

3, rue des Chantiers

75005 Paris, France

e-mail: hoffmann.ch@wanadoo.fr

## Práticas sociais das perversões: modernidade do laço, organização social e dilemas morais\*<sup>1</sup>

Alexandre Lévy\*<sup>2</sup>

*Propomos estudar primeiramente certos aspectos do discurso capitalista, aproximando-os dos processos perversos da clínica do sujeito para, em seguida, questionar a dimensão da moral e da construção social. Apoiaremos-nos em algumas pesquisas experimentais sobre a submissão à autoridade, bem como sobre algumas questões postas pela filosofia moral em termos de “dilemas”, a fim de avaliar os efeitos de divisão subjetiva. A orientação perversa parece ser aqui um motor essencial, fazendo passar, em nome do Outro, um gozo que não diz seu nome, um gozo desmentido.*

**Palavras-chave:** Perversão, gozo, submissão, moralidade

\*<sup>1</sup> Texto de um trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, ocorrido de 26 a 28 de agosto de 2013, Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br.).

\*<sup>2</sup> IPSA, Institut de psychologie appliquée, Université Catholique de l’Ouest – UCO, Angers (França).

Após os nossos comentários preliminares enunciados previamente, vamos primeiramente aprofundar a questão das práticas da perversão numa certa modernidade do laço social, para depois tratar das suas consequências sobre a organização social e de alguns dilemas morais que daí podem resultar.

A partir das observações clínicas, conseguimos separar alguns processos específicos da estrutura perversa. Em primeiro lugar, a função central do fantasma como instrumento previamente requerido que orienta um mecanismo.

Às vezes, o sujeito perverso pode se apresentar como uma espécie de *descobridor dos talentos polimorfos* do “parceiro”, o qual faz o papel de cândido, até mesmo de *candidato*. Relativo à função cândida, a figura de Justine do Marquês de Sade (Sade, 1791/1993) parece representar um paradigma pertinente. Justine é a vítima ideal, sempre presa, sempre pronta e submetida à vontade dos seus atormentadores, assim como ao seu saber, a fim de iniciá-la aos vícios e virtudes: e, muitas vezes, na maior ambiguidade, ela aceita.

Relativo à posição do *candidato*, certos programas de televisão, chamados de telerrealidade, parecem acumular todas as características de uma encenação orientada de maneira perversa. O objetivo é de mostrar, até mesmo de fazer a “mostração”, do espetáculo, nos revelando o menor dos afetos dos candidatos/concorrentes, que seja com a divulgação dos *castings* ou com provas ligadas a um mecanismo de submissão. Ao mesmo tempo estes *shows* apresentam ao telespectador as situações de experimentação como uma “aventura”.

Esta encenação racionalmente organizada tem um lado lúdico – o mesmo que na ameaça sádica, na qual, para resumir, a eficiência depende da credulidade do parceiro frente a um:

“cuidado, vou te machucar!”. O que importa é prender o parceiro com o gozo ligado ao seu fantasma e, portanto, dividi-lo até o ponto de causar a sua angústia.

A estrutura perversa contém também um fetichismo fundamental, ligado à fixação libidinal, a orientação da busca perversa sendo de submeter o objeto para depois restituí-lo ao Outro e obter assim a hiância radical da castração (Lacan, 1969/1991, p. 292). Com esse processo, o sujeito assimila a ideia de ser plenamente capaz para satisfazer o Outro, um Outro que foi primeiramente Outro materno.

Uma outra especificidade da orientação perversa reside numa certa vocação ou paixão para o objeto e seu desvelamento. Podemos então conceber uma persistência do sujeito perverso a extrair e por a nu o objeto interno, a fim de garantir para sempre a sua posição central no coração do desejo, ou seja, ser identificado à figura imaginária do falo. Essa persistência no desvelamento do objeto se explica com o desmentido da castração que este objeto tem, como função, obter.

### **Da modernidade do laço: o discurso do capitalista**

Vamos fazer uma transposição no plano social e tentar destacar os registros do fetichismo, do desmentido e da persistência na busca do gozo, um gozo literalmente integrado num certo tipo de discurso, em particular o do capitalista, que oferece e banaliza esta dimensão perversamente orientada como padrão possível dos encontros e do intercâmbio entre os sujeitos.

Este discurso é uma versão distorcida do discurso clássico do mestre que, em vez de salientar o significante-mestre como um princípio ou um lema, faz a promoção da falta e da divisão subjetiva para poder depois tirar vantagem da situação.

Este discurso é inteiramente baseado numa exploração feroz do desejo, cativando-nos com a perspectiva de um gozo mítico e sempre renovado. Portanto, os objetos de consumo representam alguns prazeres possíveis, potenciais. Basta anunciá-los como tais por meio de um *slogan* publicitário — esses significantes publicitários que têm a mesma eficiência e funcionam da mesma maneira que o inconsciente, graças à insistência, ao ritmo e à repetição às vezes debilitante destinada a afetar o “parlêtre” — para criar um prazer, provavelmente o único que jamais experimentará, um prazer por procuração que nunca atingirá, em referência ao gozo mítico. A este propósito, Jacques Lacan (1971/2001) nota: “é exatamente a mesma coisa [que o discurso do mestre], só que é mais bem-feito, funciona melhor, vocês estão ainda mais engabelados” (p. 292).

O desmentido reside no que pode ser visto como um princípio orientador, uma injunção da lei do mercado: a de satisfazer o cliente ou usuário. “Satisfeito ou reembolsado!”: uma espécie de fórmula mágica — que também é uma ordem

— que prevê qualquer desvio a cumprir a promessa capitalista, promessa de uma completude que tem tudo de um ato de fé. Esta fórmula ressoa como um semblante de cruzada moderna, liderada pelo imperativo e o império da satisfação. Esses significantes insistentes, injuntivos, agindo no superego, se tornam os significantes-mestres aos quais o sujeito adere e se subordina,<sup>1</sup> até que capitule e desvaneça, levado pela força de convicção que eles carregam.

O *slogan* publicitário: “Sonhei com isso, a Sony faz!”, que invadiu as mídias francesas há alguns anos, é um outro exemplo desse tipo de discurso. A fórmula, sem dúvida um achado, é paradigmática da exploração do desejo. Ela tem um efeito universal, pois a falta é anunciada desde o início com o “Sonhei com isso”, o seu sonho não sendo mais do que um pálido e ridículo testemunho da falta que a marca Sony compromete-se a satisfazer, realizando assim a completude que antes faltava ao sujeito. No fundo, este preenchimento da falha é a promessa para o “parlêtre” do acontecimento da relação sexual, e ele é ao mesmo tempo industrial, capitalista e religioso. A utilização do desmentido nesta exploração do sujeito é patente e agora generalizada.

Deste ponto de vista, a análise de Guy Debord no seu livro *A sociedade do espetáculo* aparece como uma das mais pertinentes, particularmente porque é uma continuidade dos pensamentos de Karl Marx, em 1867, sobre o fetichismo da mercadoria (Debord, 1967, p. 21) — este fetichismo que designa a mercadoria como suporte alienante do laço social entre os homens, substituindo assim a qualquer outro tipo de laço (Marx, 1867/1993, p. 81). Guy Debord (1967) conceitualiza o espetáculo como uma extensão dessa noção. Porém, este ensaio político, uma obra importante e visionária da nossa sociedade de consumo neoliberal e agora globalizada, não atinge o seu alvo, a intenção implícita do autor sendo de prejudicar a sociedade espetacular. De fato, apesar da exatidão da sua análise e de suas predições sobre a evolução da economia do espetáculo — da qual ele demonstra a terrível eficiência —, Guy Debord nos deixa como única alternativa a impotência de uma luta direta e frontal, sem aprofundar as problemáticas subjetivas que alimentam e respondem à eficiência do espetáculo.

Na verdade, ninguém pode escapar deste circuito do objeto mercantil, objeto não só fetichizado, mas também objeto “*lathouse*”, um termo inventado por Lacan. A *lathouse*,<sup>2</sup> avatar do objeto fálico na sua dimensão de *gadget*, descreve um objeto cuja função é de ser esquecida, escamoteada, pois ele é feito para pulular e se

<sup>1</sup> Ainda mais porque este tipo de relações permite um regulamento servil do indivíduo através da cultura do superego.

<sup>2</sup> Etimologicamente, este neologismo vem do grego *lethe* (*de aletheia*), significando “esquecimento”, combinado com *ousia*, ou seja, “a substância, a essência”.

renovar num mundo mercantil (Lacan, 1970/1991, p. 189) governado pelas ciências aplicadas. Impossível de escapar, dizíamos, do mecanismo das *latusas*, porque seria não só renunciar ao fantástico fantasma de reparação, que é a noção de serviço pós-venda, de seguro e de troca padrão, mas também à sujeição segura que promete este discurso. Não podemos subestimar o sonho de perversão do neurótico (Lacan, 1972/1975, p. 80), neste caso um sonho de objetivação e de instrumentalização de si mesmo, que elimina as marcas de toda divisão subjetiva.

A noção de *biopoder* exposta por Michel Foucault (1976) seria neste caso esclarecedora se a associamos às consequências do discurso capitalista. Desde a época dos mestres antigos, o poder do *dominus* se exerce tradicionalmente como *patria potestas* (poderes paternos), ou seja, com o direito de vida e de morte do senhor sobre a sua família e seus sujeitos. Resultado de uma transformação deste poder antigo, o *biopoder* se exerce como controle e regulação da vida e do vivo (p. 183). O direito de matar se transformou em poder de investimento, gestão e administração de todos os aspectos do vivo, a fim de tornar perene a autoridade das instituições.

Há na sociedade do lazer, das férias e do divertimento exemplos concretos da dimensão administrativa e injuntiva da alegria do *entertainment*. Trata-se de uma lógica dos campos, lógica renovada, que Jacques Lacan descreve como não só a herança da Segunda Guerra Mundial, mas também como a vanguarda do progresso da administração e do *management* (Lacan, 1967). Por isso, o *biopoder*, regulação implacável do vivo, reduzindo o ser humano a um fator na equação administrativa, permite reatualizar a fórmula imperativa, porém irônica, do Marquês de Sade: “Mais um esforço!”. A persistência que nós evocávamos a propósito da busca perversa encontra-se de várias maneiras nesta gerência implacável do vivo.

677

### **Da organização social: a submissão à autoridade**

Este aspecto nos permite analisar as práticas perversas presentes na organização social. Vamos nos basear na experiência de psicologia desenvolvida por Stanley Milgram entre 1950 e 1963, destinada a medir o grau de obediência, para ilustrar o nosso propósito.

A nossa intenção não é entrar nos detalhes desta famosa experiência, mas sublinhar os resultados obtidos. Eles revelam que um pouco mais de dois terços dos candidatos obedeceram até o fim à autoridade. Para Milgram (1974), isso significa que a obediência é doravante parte integrante do comportamento social (p. 158). Do ponto de vista cibernético, adotado pelo autor, o estado de obediência se exprime como um “estado agêntico” (p. 166). Agente ativo da experiência, o sujeito é submetido a um princípio de autoridade externo e acaba deixando a sua

responsabilidade na mão dele. Este estado *agêntico* se opõe ao estado autônomo, no qual o sujeito estima ser responsável por seus atos.

Milgram nota também que o fenômeno de tensão e de ansiedade do participante durante o experimento é essencialmente um fenômeno de regulação que tem como finalidade fazer perdurar o estado *agêntico* e ao mesmo tempo mostrar a sua desaprovação (por exemplo, por meio de reações físicas como transpiração, tremores e ataques de riso nervosos).

Preocupado em não atrapalhar o experimento e, portanto, a obediência, o indivíduo faz de tudo para atenuar a tensão, de sorte que, quanto mais a tecnologia usada para executar a tarefa é impessoal e afasta o participante da vítima, mais ele se desapega dela, fazendo assim perdurar a situação *agêntica*. Existe um “contraste flagrante entre o campo da lógica e o da psicologia”, nota Milgram, pois apertar botões ou manetes tende a neutralizar o senso moral, o que não aconteceria se o participante estivesse frente a frente com a vítima, como, por exemplo, se tivesse que bater num aluno para puni-lo.

O experimento de Milgram é essencialmente uma experiência sobre o sujeito e a sua relação ao Outro (com maiúscula), o Outro e a causa dele. Porém, apesar da pertinência das suas observações sobre o estado *agêntico*, parece-nos que os mecanismos psíquicos das relações não foram apreendidos, porque a noção de sujeito dividido e sua relação ao gozo não foi considerada. Todavia, o estudo da relação *agêntica* e dos fenômenos de tensão crescente durante a experiência permite se aproximar das manifestações de divisão do sujeito preso numa relação de gozo que só pode experimentar-se como consequência do dispositivo cujo Outro experimentador é a caução. Uma das interrogações que esta experiência levanta pode se enunciar assim: como participar do dispositivo do Outro, submetendo-se às suas exigências, e ao mesmo tempo ser sensível aos sinais de gozo que decorrem do fato de ser submetido à vontade do Outro?

Existe de fato uma certa prática social do superego, neste caso personificado pelo Outro da ciência,<sup>3</sup> encarnando uma forma de imperativo de gozo.<sup>4</sup> O sujeito deve conformar-se com a vontade de gozo (ou tentar se livrar dela), uma vontade tácita, porque a causa explícita sempre é outra, neste caso é em nome da ciência que o dispositivo de Milgram se apresenta. Assim, este gozo implícito, desmentido, fica no centro dos fenômenos revelados pela experiência de submissão à autoridade.

<sup>3</sup> Uma nova versão da experiência de Milgram foi realizada na França em 2009, sob a forma de um programa de televisão em que os atributos da autoridade do Outro foram modificados, passando da ciência ao espetáculo.

<sup>4</sup> Uma das características do supereu é contida no imperativo: «goze!», como diz Lacan (1972, p. 10).

Obedecer é para o sujeito um meio de afinar o seu gozo à causa do Outro, de manter a ligação com ele, enquanto a desobediência é uma ruptura radical com o Outro e seu dispositivo. Desobedecer acaba com a tensão, mas não é um ato fácil, porque muda profundamente a relação do sujeito com a autoridade, alterando o comportamento social conveniente num tipo de relação desconhecida, numa anomia pontual e local (Milgram, 1974, p. 202). Portanto, a tomada de consciência ligando à ideia da desobediência não é suficiente para provocá-la. Milgram relata o processo desta forma: *dúvida interior, exteriorização da dúvida, desaprovação*.

Há uma falha epistemológica entre a desaprovação e a desobediência, embora as duas noções pareçam convergir. Se a maior parte dos sujeitos desaprova abertamente o jeito de conduzir a experiência, poucos chegam a desobedecer. Porque o ato de desobediência tira o sujeito da passividade da submissão, obrigando-o a assumir a sua implicação no dispositivo, enquanto, na maioria dos casos, o sujeito conta com o experimentador para interromper o processo e libertar a vítima. Desobedecer é, portanto, um ato de destruição da experiência: o sujeito rebelde entra em conflito com o discurso caucionado pelo Outro e acaba geralmente se sentindo culpado de trair a ciência e as relações sociais envolvidas. A pequena porcentagem de desobediência observada durante a experiência pode ser assim explicada: o sujeito submetido ao discurso do Outro consegue lidar com o gozo de forma regulada, enquanto aquele que desobedece, privado do apoio do discurso do Outro, tem de enfrentá-lo de modo subjetivo.

Uma outra situação da experiência de Milgram nos parece interessante. É o caso em que o sujeito nega a sua responsabilidade para atenuar a tensão. Isso acontece geralmente depois que o experimentador intervém para garantir ao candidato que ele não será culpado pelas consequências do dispositivo. A forma projetiva da negação da responsabilidade permite, por exemplo, encontrar uma explicação e, ao mesmo tempo, regular pontualmente a relação com o gozo. O sujeito põe então a culpa no aluno em dificuldade. “Ele é incriminado por ter aceitado voluntariamente fazer esta experiência e”, acrescenta Milgram (1974), “criticado com certa perfídia para a sua estupidez e sua teimosia. Passamos aí da transferência da responsabilidade à denigração da vítima. O mecanismo psicológico é óbvio: se o aluno é um ‘burro’, ele tem o que merece!” (p. 199).

Esta tendência reatualiza a fase sádica do famoso fantasma estudado por Freud (1919/1973), “Uma criança é espancada”, que podemos resumir assim: “O pai [meu pai] bate a criança [odiada por mim]” (p. 225). Da mesma maneira que no dispositivo experimental de Milgram, a tensão subjacente a este enunciado fantasmático é tripla. Lacan (1956/1994, p. 116) a descreve assim: temos o pai como agente do castigo (personificado na experiência de Milgram pelo experimentador), a criança que apanha (o aluno-vítima) e o sujeito, terceira pessoa, que olha a cena de fora. Traduzindo, o aluno que recebe os choques elétricos tem a função de instrumento, de

objeto mediador da relação entre o Outro experimentador e o sujeito que olha e se torna agente executivo da vontade do Outro.

Esta maneira de depreciar a vítima, chegando até a insultá-la, revela que esta manifestação clara da inclinação perversa é uma tentativa para o sujeito de abolir a relação simbólica com o aluno. O mais a subjetividade do pequeno outro (o aluno-vítima, embora semelhante) é reduzida — ao ponto de mantê-lo ao estado de “puro signo” (p. 119) —, o mais a sua própria subjetividade é facilmente deixada para trás, neutralizada, reduzida também a um instrumento, permitindo assim o gozo do Outro.

## Do dilema moral

Alguns aspectos da experiência de Milgram foram mais especificamente estudados no campo da filosofia moral e, mais tarde, nesta disciplina especificamente anglo-saxônica que é a psicologia moral.

680

A filósofa Philippa Foot, seguida por Judith Jarvis Thomson, desenvolveu os cenários dos dilemas morais que se tornaram, mais tarde, protocolos experimentais usados para avaliar, via cadeia de meios e fins, o grau de aceitabilidade moral de uma situação e extrair dos resultados as propriedades de uma moral universal (como nos preceitos de Kant).

O mais famoso desses cenários recebeu o nome de “dilema do bonde” (the trolley dilemma). Ele pode se resumir assim: o motorista de um bonde descobre que os freios quebraram e que o trem encaminha-se a alta velocidade em direção a cinco homens trabalhando nos trilhos. O motorista tem, contudo, a possibilidade de desviar o trem para um trilho lateral, onde encontra-se um único indivíduo. A questão é a seguinte: é moralmente aceitável fazer desviar o bonde? (Foot, 1967/1997, p. 160).

Segundo P. Foot, teríamos a intuição de que parece moralmente aceitável desviar o bonde e sacrificar uma vida para salvar cinco. Mas num cenário diferente, no qual um médico poderia salvar cinco pessoas retirando os órgãos de uma pessoa sacrificada, a intuição da aceitabilidade moral não é a mesma. As questões levantadas por Philippa Foot são: onde está fundamentalmente a diferença entre os dois tipos de dilemas? Existe uma contradição entre as intuições? Como justificá-las (Ogien, 2011, p. 75).

Judith Jarvis Thomson (1976/1986) prosseguiu o trabalho de P. Foot e desenvolveu várias variantes do dilema para reforçar seus efeitos (p. 78).<sup>5</sup> A versão chamada “*fat man*” se resume assim: o bonde sem freios é lançado a toda

<sup>5</sup> Em particular, numa das suas publicações cujo título pode-se traduzir por “Matar, deixar morrer ou o problema do bonde”.

velocidade em direção aos cinco trabalhadores que estão nos trilhos. Estamos numa ponte, em cima da estrada de ferro, do lado de um indivíduo com sobrepeso (*fat man*). Se empurrássemos o homem da ponte, ele morreria, mas o corpo dele pararia o bonde. Isso é moralmente aceitável?

Numa outra versão, não precisaríamos empurrar o obeso, mas simplesmente acionar uma alavanca para desviar o bonde, que será depois parado pelo corpo do homem. Isso é moralmente aceitável?

Usando o que Milgram chama de “amortecedores de tensão”, os resultados de Thomson mostram que a maior parte dos sujeitos, respondendo à questão colocada pelo dilema, acha aceitável acionar a alavanca, mas não empurrar o homem. Para o autor, esta “assimetria moral” concorda com a intuição e ela é universal. Enquanto utilizar o corpo do seu próximo como meio seria uma violação dos direitos fundamentais, acionar uma alavanca é mais uma maneira de “desviar a fatalidade” (Ogien, 2011, p. 78). Um protocolo experimental derivado destes dilemas tem sido organizado via internet pelo biologista Marc Hauser e sua equipe. O dispositivo permitiu o recolhimento das respostas de 2.600 sujeitos que confirmaram os resultados de Thomson e levaram a equipe a concluir a universalidade desta assimetria moral (Hauser et al., 2007).

Esta breve apresentação dos dilemas morais suscita, porém, alguns comentários.

Primeiramente, sobre a problemática questão da escolha: na sua essência, a alternativa proposta pelo dilema moral sempre é imposta, porque a nossa relação ao gozo é modificada desde que entramos no dispositivo. Em outras palavras, a partir do momento em que devemos responder ao dilema, nos tornamos reféns de um processo de submissão implícito que nos incorpora subjetivamente na situação, obrigando-nos a aderir tacitamente à causa final, o imperativo: “parar o bonde”. Por isso, a participação ao dilema se resume essencialmente a se submeter à causa imperiosa do Outro para pôr à prova a sua divisão subjetiva.

Além do mais, o dilema moral é baseado numa ideologia precisa e fortemente marcada, neste caso uma concepção utilitarista do homem pelo homem, apoiada não só no que chamamos “a moral” (porque teria que aprovar uma quantificação da morte para avaliar o nível de moralidade: temos de escolher entre uma morte ou cinco), mas também na relação de gozo subjacente à experiência (onde a questão é saber como gozar do corpo do outro de uma maneira aceitável para a moral e usar de metonímia na sua utilização para resolver a situação e evitar assim a confrontação com a sua própria implicação subjetiva).

Fundamentalmente, o dispositivo do dilema moral resume-se a uma escolha binária que põe em evidência a divisão subjetiva, isso num contexto de desmentido da implicação do Outro.

O questionamento sobre a moral e seus princípios permite, neste caso, provocar um gozo no logo desmentido, gozo tomado no sujeito afetado, no nome de princípios estabelecidos, enunciados pelo Outro.

Por este motivo, tentar responder esse dilema nos coloca num dispositivo de tipo sadiano, em que a moralidade serve acima de tudo de véu das tendências perversas, um véu que tem a dupla função de cobrir e de sustentar a dimensão perversamente orientada do dispositivo. O dilema moral é então uma colocação insidiosa do véu no gozo do Outro, um Outro cuja causa implícita, porém urgente, é “parar o bonde”, uma causa colocada como pedra angular do dilema.

Vamos agora emitir uma hipótese: examinando o que é contido de maneira condensada no dilema moral e o que regula as práticas sociais numa orientação perversa, concluímos que o gozo esperado, provocado, é um gozo de tipo *unité ratière*, uma expressão criada por Lacan (1973/1975, p. 127) que se refere ao rato de laboratório posto à prova num labirinto experimental. A *unité ratière* é, portanto, o rato visto como corpo a provar, e é também a redução do ser do sujeito ao corpo, a uma carne para gozo, permitindo, ao mesmo, prescindir da sua subjetividade. A visão do corpo como *unité ratière* não só impede a emergência de pensamentos sobre a divisão subjetiva, porque o objetivo é gozar deste corpo, mas também se enraíza no sujeito, com essa ideia fantasmática seja ela de evidência ou de plenitude, da unanimidade de si mesmo, do eu como indivisível, como indivíduo. Gozar numa situação de *unité ratière* só é possível se o sujeito se limitar a ser apenas um indivíduo, um fenômeno agora extremamente frequente.

Concluímos, provisoriamente, que a prática social das perversões só é possível quando o sujeito procura agir em nome do Outro e que é o meio mais usado no estabelecimento das relações sociais. Será que existem outras maneiras de civilizar o gozo? Parece complicado estabelecer um campo de responsabilidade subjetiva que se apoia na falta do Outro (seja o Outro riscado), permitindo o desapareço e, portanto, o esquecimento da ideia que existe no mundo alguém para caucioná-lo. No melhor dos casos poderemos receber “a vítima comovedora”, que é o neurótico preso na errância e no mal-estar da modernidade, um “fugitivo irresponsável”, como escreveu Lacan (1948/1966), e “procurar abrir novamente a via de seu sentido, em uma fraternidade discreta na medida em que somos sempre demasiadamente desiguais” (p. 124).

## Referências

- Debord, G. (1967). *La société du spectacle*. Paris: Gallimard.
- Foot, P. (1997). Le problème de l'avortement et la doctrine de l'acte à double effet. In M. Neuberg. *La responsabilité, questions philosophiques*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1967).
- Foucault, M. (1976). *Histoire de la sexualité I – La volonté de savoir*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1973). Un enfant est battu – Contribution à la connaissance de la genèse des perversions sexuelles. *Névrose, psychose et perversion*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1919).

## ARTIGOS

- Hauser, M. et al. (2007). A dissociation between moral judgments and justifications. *Mind & Language*, 22(1), 1-21.
- Lacan, J. (1966). L'agressivité en psychanalyse. In *Ecrits*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1948).
- Lacan, J. (1967). *Petit discours aux psychiatres ou La psychanalyse et la formation du psychiatre*, conférence prononcée a St Anne. Inédit.
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire. Livre XX. Encore*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1991). *Le séminaire. Livre XVII. L'envers de la psychanalyse*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1994). *Le séminaire. Livre IV. La relation d'objet*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (2006). *Le séminaire. Livre XVI. D'un Autre à l'autre*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2011). Le savoir du psychanalyste, entretiens à St Anne. *Je parle aux murs*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1971).
- Marx, K. (1993). *Le capital. Livre I*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1867).
- Milgram, S. (1974). *La soumission à l'autorité: un point de vue expérimental*. Paris: Calmann-Lévy.
- Ogien, R. (2011). *L'influence de l'odeur des croissants chauds sur la bonté humaine et autres questions de philosophie morale expérimentale*. Paris: Grasset.
- Sade, D.A.F. (1993). *Justine ou les malheurs de la vertu*. Paris: Le livre de poche. (Trabalho original publicado em 1791).
- Thomson, J.J. (1986). Killing, Letting Die, and the trolley problem. In *Rights, restitution and risk. Essay in Moral theory* (pp. 78-93). William Parent, Cambridge: ed., Mass., Harvard University Press. (Trabalho original publicado em 1976).

683

## Resumos

(Social practices of perversions: modernity of bonds, social organization and moral dilemmas)

*Our main purpose here is to study certain aspects of the capitalist discourse and compare them with the processes of perversion observed during clinical investigations of subjects. We then take on the dimension of morality and social construction. Experimental research on submission to authority is used as well as issues raised by moral philosophy concerning "dilemmas," in order to evaluate their effects in terms of division of the subject. The inclination to perversion seems to be an essential driving force that, in the name of the Other, brings about a jouissance that will not say its name, a denied jouissance.*

**Key words:** Perversion, jouissance, submission, morality

(Usages sociaux des perversions: modernité du lien, organisation sociale et dilemmes moraux)

*Nous nous proposons d'étudier tout d'abord certains aspects issus du discours capitaliste en les rapprochant des processus pervers issus de la clinique du sujet, pour ensuite questionner la dimension de la morale et de la construction sociale. Nous nous appuyerons sur certaines recherches expérimentales portant sur la soumission à l'autorité, ainsi que sur certaines questions posées par la philosophie morale en termes de «dilemmes», afin d'en mesurer les effets de division subjective. L'orientation perverse semble être ici un moteur essentiel faisant passer, au nom de l'Autre, une jouissance qui ne dit pas son nom, une jouissance démentie.*

**Mots clés:** *Perversion, jouissance, soumission, moralité*

(Usos sociales de las perversiones: modernidad del enlace, organización social y dilemas morales)

*Proponemos examinar primero ciertos aspectos del discurso capitalista, acercándolos a procesos perversos procedentes de la clínica del sujeto, para, luego, estudiar la dimensión de la moral y de la construcción social. Para ello, utilizaremos algunas investigaciones experimentales sobre sumisión a la autoridad y algunos aspectos de la filosofía moral relacionados con los "dilemas" para tratar de apreciar sus efectos en la división subjetiva. La orientación perversa parece ser un motor esencial para permitir, en nombre del Otro, un goce que no dice su nombre, un goce desmentido.*

**Palabras clave:** *Pervisión, goce, sumisión, moralidad*

(Soziale perverse Praktiken: moderne Aspekte der Bindung, soziale Organisation und moralische Dilemmas)

*Zu Beginn möchten wir einige Aspekte des kapitalistischen Diskurses untersuchen, um sie den perversen Prozessen der Klinik des Subjektes näherzubringen. Anschließend wird der moralische Umfang und das soziale Konstrukt hinterfragt. Dabei stützen wir uns auf einige experimentelle Untersuchungen der Autoritätshörigkeit sowie auf Fragen der moralischen Philosophie bezüglich "Dilemmas", um die Auswirkungen der subjektiven Spaltung auszuwerten. Die perverse Ausrichtung scheint hier ein wesentlicher Motor zu sein, der im Namen des Anderen einen Genuss vorgibt, der nicht seinen Namen nennt, also ein verleugneter Genuss.*

**Schlüsselwörter:** *Perversion, Genuss, Unterwerfung, Moral*

**Citação/Citation:** Lévy, A. (2014, setembro). Práticas sociais das perversões: modernidade do laço, organização social e dilemas morais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 673-685.

## ARTIGOS

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 25.4.2014 / 4.25.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** O autor declara não ter sido financiado ou apoiado / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** O autor declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare

685

### ALEXANDRE LÉVY

Maître de conférences en Psychopathologie, LUNAM Université, Université catholique de l'Ouest – UCO – Institut de psychologie et sociologie appliquées (IPSA), Laboratoire multi-site E.A. 4050: «Recherches en psychopathologie: nouveaux symptômes et lien social».

3 place André Leroy,  
BP 10808, 49008 ANGERS Cedex 01  
France.

e-mail: alexandre.levy@uco.fr

## A perversão no território: os efeitos do desmentido\*<sup>1</sup>

Ivo de Andrade Lima Filho\*<sup>2</sup>

Vera Lúcia Dutra Facundes\*<sup>3</sup>

*Este artigo discute os efeitos do desmentido (Verleugnung) do perverso sobre o outro, a coletividade, destacando seus possíveis endereçamentos. Trata-se de uma pesquisa ação realizada em uma unidade de Saúde da Família em Recife (PE). Os participantes foram agentes comunitárias de saúde em grupos reflexivos. Problematizou-se um fragmento clínico em que uma criança era abusada por um perverso. Destacou-se a necessidade de uma intervenção para barrar o gozo do perverso e libertar a criança.*

**Palavras-chave:** Perversão, atenção primária à saúde, psicanálise, saúde mental

\*<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado a partir das ações desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão universitária “Ações interdisciplinares na atenção a pessoas em situações de vulnerabilidade social”, aprovado pelo Edital 2012-PROEXT-UFPE-PIBEX-GRANDE RECIFE, e apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, em 27/08/2013, na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife (PE).

\*<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Recife, PE, Br.).

\*<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Recife, PE, Br.).

Este artigo tem por objetivo desenvolver algumas ideias acerca dos efeitos do desmentido (*Verleugnung*) do perverso sobre o outro, a coletividade, destacando seus possíveis endereçamentos. Destacaremos um fragmento da experiência clínica desenvolvida em uma unidade de Saúde da Família em Recife (PE), com participação das agentes comunitárias de saúde, e relacionaremos esse fragmento clínico ao tema perversão e os efeitos do desmentido no coletivo.

As contribuições acerca das mutações do laço social desenvolvidas por Lebrun (2008, p. 46) constituem um pano de fundo para as reflexões. Para o autor, o laço social entre sujeitos não inclui mais a negatividade, ou seja, não inclui um Outro como terceiro que funcione como lugar de exceção, o lugar da falta. Isso tem sérias consequências para o próprio laço social, caracterizando-se por um “entodamento” do coletivo diante de uma economia perversa que orientaria o singular. Estamos vivenciando um grande desafio, que é apontar os mal-estares contemporâneos decorrentes das mutações no laço social e, ao mesmo tempo, apontar os movimentos no social de resistência e de construções de possibilidades tecidas no interior das novas configurações do social. Nesse sentido, tentaremos contribuir com esses sinais de resistência que nascem no interior desse social em mutação.

687

### **Intervenções no território**

O interesse em desenvolver ações na atenção primária à saúde, mais especificamente em uma unidade de Saúde da Família, teve início em 2011, por meio do trabalho de extensão universitária realizado por professores do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A seguir, descreveremos um fragmento clínico apresentado e discutido com as agentes comunitárias de saúde em grupos reflexivos instituídos para falar das situações difíceis enfrentadas na comunidade.

## Uma situação perversa

Trata-se de uma família composta de mãe, padrasto, três filhas e um filho. A mãe é usuária de drogas (*crack*). O companheiro da mãe e padrasto das crianças é ligado à criminalidade e tem passagens por presídios. Com frequência, a mãe utiliza os filhos como intermediários para obter drogas. Há relatos de que, quando a mãe sai de casa para adquiri-las, o padrasto aproveita para abusar sexualmente da enteada de 12 anos. A mãe é conivente com a situação de abuso da própria filha, pois não deseja perder seu companheiro. Essa situação impedia a menina de brincar na rua e ir à escola. Em sua rua, todos sabem; inclusive uma vizinha que é do Conselho Tutelar. Entretanto, ninguém denuncia por medo de represália do padrasto, que é extremamente violento.

A agente comunitária de saúde (ACS) relatou que há outras histórias de abuso sexual de crianças nessa família. Primos dessa menina de 12 anos costumam assistir filmes pornográficos e ver os pais “fazendo sexo”. Os pais justificam que isso serve para que elas, crianças, aprendam desde cedo.

688

A apresentação desse caso é acompanhada por inúmeras situações em que se associam violência infantil, criminalidade e transtornos mentais. Entretanto, uma coisa chamou a atenção: o estado de paralisia e desânimo dos ACS, embora fosse visível que estavam bastante preocupados com essas situações. Durante alguns encontros, o grupo permanecia sentindo-se impotente diante dos diferentes casos já conhecidos de todos e sem solução. Uma ACS diz sentir-se frustrada diante da impotência diante dos casos na comunidade e complementa: “Principalmente porque não podemos contar com a ajuda do Conselho Tutelar”. Há um sentimento de que não há a quem recorrer. A lei mostra-se falha, frágil, e o grupo tem uma sensação de desamparo. Além da impressão de que a lei, representada pelo Conselho Tutelar, é inoperante, o grupo utiliza a palavra “fingimento” para descrever o *modus operandi* ao lidar com insucessos há muito conhecidos. A palavra “fingimento” surge com um grito de raiva de uma ACS após vários encontros em que foram relatados os casos difíceis da comunidade. E ela “grita”: “*Nós, ACS, junto com a equipe do NASF [Núcleo de Apoio à Saúde da Família] funcionamos da seguinte forma: eles fingem que fazem, nós fingimos que está sendo feito e, no final, todos fingem que o caso foi solucionado*”. Tal palavra, de imediato, nos remeteu à palavra alemã *Verleugnung*, traduzida em português por *desmentido* e trabalhada por Freud quando discutiu o mecanismo de defesa do perverso. O desmentido é uma negação da realidade perceptível, da castração simbólica. Embora identificada à negação na perversão, *Verleugnung* é um mecanismo de defesa arcaico que se encontra nas demais estruturas clínicas, como afirma Queiroz (2004), e tem seus efeitos observados na forma de enunciar o discurso do perverso. Um discurso com efeitos de mostração: o

perverso mostra com palavras, e com o corpo, a desmensura do humano, pois, aí, a lei da castração falhou. Ainda segundo a autora, comentando o ensinamento de Serge André, o perverso se mantém identificado a um pai pré-histórico, ao pai da horda, colocando-se, portanto, como algo fora da regra.

Ora, isso permite pensar que no caso da perversão, não há sujeitos, e sim assujeitados, pois, da mesma forma que suas vítimas, o perverso também se coloca como assujeitado à versão do pai primevo, e não à versão de uma lei consensualmente aceita. (Queiroz, 2004, p. 107)

Nossa hipótese é a de que o padrasto da menina de 12 anos, ocupando na comunidade o lugar de tudo poder, isto é, do pai perverso, do pai pré-histórico, assujeitava a menina, e ao mesmo tempo todos, por meio de seu modo de gozar, e isso tinha suas consequências. Uma ACS denuncia o “fingimento”, que se instala em todos devido à força do imperativo de gozo de UM. De UM pai que tudo pode.

A partir da denúncia do “fingimento”, o grupo começou a pensar em alternativas para sair da situação de paralisia e impotência diante dos fatos de violência infantil que envolvia, inclusive, o uso de drogas. Essa situação mobilizou o grupo a pensar sobre a sexualidade no mundo contemporâneo, os efeitos da mídia, das novelas, sobre os valores das famílias e da importância da educação sexual nas escolas. Por alguns momentos, sentimos que se falava sobre a perversão no social, a saber, sobre os pactos com os quais se goza do outro. Nessas conversas, uma ACS lembrou que a menina tinha uma avó que parecia uma senhora preocupada com a família e decidiu procurá-la para conversar sobre o abuso sofrido pela neta. A conversa com a avó surtiu efeitos para o grupo e para a menina. No encontro seguinte, a ACS relatou que a avó foi morar em um quarto no fundo da casa, quarto este onde a neta sofria abuso. A partir dessa mudança de posição e lugar da avó, ocupando na casa e para a menina uma posição estratégica, lugar da lei, foi possível vê-la novamente na rua brincando e retornando à escola. A mãe da menina e a avó a levaram à unidade de saúde para dar início a uma longa e, quem sabe, nova história.

689

### **Efeitos/endereçamentos do desmentido**

Quais efeitos teria desencadeado na menina, no grupo das agentes comunitárias e na própria comunidade o fato de o padrasto perverso ter sido barrado em seu gozo, não por um representante legal, institucional, mas por uma avó convocada por um outro semelhante (agente comunitária)? Em qual medida o desmentido, como mecanismo de negação originária da realidade perceptível, contribuiu para a instalação do “fingimento” descrito pela agente comunitária? Tais questões

possibilitaram refletir sobre os efeitos do desmentido e seus possíveis endereçamentos sobre o outro e a coletividade. E é sobre isso que falaremos agora.

Partiremos de uma hipótese que estaria na base ou na lógica do funcionamento do desmentido no novo laço social, a saber: o Outro (simbólico) é permeável, poroso em relação às mutações dos laços sociais. E a porosidade do simbólico favorece o trabalho e destaque da *Verleugnung* no enlaçamento de cada um ao semelhante-outro e ao Outro. Tal trabalho do desmentido tem se realçado não porque há um déficit ou uma falência na função paterna, mas, antes, a função paterna tornou-se complexa e foi alterada. Dentre tantas questões que se possa pensar na complexidade que envolve a função paterna na contemporaneidade, destaca-se uma que nos parece emblemática: a relação entre a função paterna e a experiência da virtualidade, ou melhor, do virtual como registro que tem contribuído para as novas configurações subjetivas. Lebrun (2004) ao refletir sobre o simbólico virtual cita Pierre Lévy, que afirma que o virtual não se opõe ao real, mas, sim, ao atual. A virtualidade e atualidade são duas maneiras de ser diferentes. Nesse sentido, o virtual só existe em potência, como força, e não como ato. Se o virtual existe enquanto potência, à semelhança da árvore que está virtualmente presente na semente, como lembra o autor, a função paterna, mesmo que se mostre muitas vezes falha em sua dimensão de ato, não significa estar ausente como potência e força na cultura. Parece que ela, a função paterna, inscreve-se na cultura contemporânea de forma paradoxal: nas dimensões virtual e atual em um simbólico poroso afetado por diferentes discursos em rede.

690

Com o advento da era tecnológica e da ciência, o registro do virtual vem seduzindo e/ou convocando todos a estar em uma rede discursiva horizontal, onde tudo pode ser veiculado, mostrado. Castells (1999, citado por Mittman, 2011, p. 120) denomina sociedade em rede “uma sociedade em que tudo está articulado de forma transversal e onde há menos controle das instituições tradicionais”, onde rede é compreendida como “um conjunto de nós interconectados” e o que o nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. O saber é deslocado para a rede e o pai da tradição, como função terceira, perde sua hegemonia e força. Mesmo sem negar que essa característica cria uma série de mal-estares no contemporâneo, não devemos nos apressar em conclusões negativistas sobre o tempo em que vivemos, mas, antes, apontar o paradoxo em que nos encontramos: originalmente filhos da tradição de UM pai e contemporaneamente de um pai tecido em rede e que pode se tornar original. A saber, de um lado, parece que, enquanto função, o pai se enfraquece como ato; de outro lado, é potência enquanto virtualidade.

A noção de rede tem sido bastante discutida na cultura. Frequentemente, utilizamos as expressões *rede de saúde mental*, *discursos em rede* e *sociedade em rede*, como afirma Castells (1999). Essas expressões apontam um sistema descentrado e horizontal, que tem outra lógica. Em uma primeira impressão, a noção de *rede* constitui uma lógica descentrada e é, atualmente, retroalimentada pelo registro da

virtualidade. Haja vista o que temos assistido no campo da política no mundo e, em particular, no Brasil, onde, recentemente, por meio dos movimentos em rede na *internet*, *facebook*, assistimos o povo nas ruas, gritando por melhorias no país. As “vozes da rua”, como foram chamadas, organizaram-se na rede virtual e tomaram as ruas das cidades. As vozes-potência da virtualidade se atualizaram nas ruas. Um movimento marcado pela lógica da horizontalidade, no qual seus representantes se organizam em torno de reivindicações, protestos e denúncias. E isso se deve, essencialmente, ao fato de que os neossujeitos estão inscritos na/pela vivência da virtualidade, filhos da ciência e da tecnologia. Porém, e paradoxalmente, se por um lado esses neossujeitos podem tornar-se errantes na metonímia discursiva da rede, aprisionados pela imagem, por outro lado, o estado de mal-estar gerado pela fixidez nessa posição pode favorecer a enunciação de vozes dirigidas para determinados fins, como se observou nas “vozes da rua” e nas vozes das agentes comunitárias de saúde que, despertando do “fingimento” de que nada acontecia com a menina abusada sexualmente, foram à rua convocar a avó a ocupar uma função de interdição. Apostar na dimensão paradoxal da experiência da virtualidade também ajuda a refletir sobre as respostas dos sujeitos diante dos seus mal-estares e nos possíveis efeitos do desmentido sobre eles mesmos.

Partindo dessas considerações, vejamos como podemos, então, discutir os efeitos do desmentido e suas vicissitudes. Antes, porém, lembramos que Lebrun (2008) afirma que

o efeito da renegação — ou do desmentido —, como o da forclusão, consiste numa abolição simbólica. Mas é apenas de uma das duas vertentes da clivagem. E na outra vertente, não há precisamente abolição. É portanto bem na coexistência simultânea desses dois aspectos que reside a especificidade dos efeitos do desmentido. (p. 262)

Para o autor, os efeitos do desmentido são considerados a vertente da abolição simbólica e a vertente em que não há abolição simbólica. Essa contribuição do autor ajuda a ratificar o caráter paradoxal que subjaz na experiência dos neossujeitos: uma em que nega a função paterna, prescindindo dela; outra em que, atolado na virtualidade, movimenta-se rumo ao encontro do outro, em busca de enunciar possibilidades.

O desmentido como mecanismo de defesa do perverso e como mecanismo de negação de todos tem seus efeitos no Outro e no social de forma mais ampla. Parece-me que o desmentido provocaria dois efeitos: o primeiro quando UM perverso assujeita o outro a seu gozo e o destitui do lugar de sujeito de desejo. O desmentido do perverso, nesse caso, tem força devastadora sobre a subjetividade do outro. É capaz de aprisioná-lo e violentá-lo. Quando discutimos a violência sofrida pela menina, constatamos que, de alguma forma, todos sabiam do fato, porém, pareciam não se dar conta de sua gravidade. Isso sugere certa generalização do desmentido em nome do imperativo *Gozar*. Nessa situação, parece que

o que prevalece é uma sociedade marcada essencialmente pela perversão. Os interlocutores compartilham com o outro por meio do laço perverso, do desmentido que marca a origem psíquica de cada um. Diferentes autores têm denunciado o caráter mortífero e de abolição simbólica do desmentido quando afirmam que o Outro está atolado no imaginário e que há uma falência simbólica, como lembra Lebrun (2008) ao refletir sobre a perversão comum e um coletivo entodado. Ainda sob essa perspectiva, o que sobressai são passagens ao ato e uma dificuldade de produzir demandas simbólicas. Aqui, o que se observa é o laço com o desmentido original, porém, não se pode afirmar que todos são perversos, o que invariavelmente se encontra é um outro perverso ocupando um lugar de tudo saber e fazer. Tal lugar pode ser ocupado pelos discursos da ciência, da tecnologia, do consumo, por exemplo. Em certo sentido, todos gozam com o desmentido, pois se faculta a todos a possibilidade de gozar de diferentes formas: vendo, ouvindo, sabendo, agindo etc.

Na segunda possibilidade, o horror gerado pelo desmentido dá passagem ao mal-estar, ou seja, o mal-estar do coletivo é capaz de interditar o gozo perverso de UM que é da ordem do horror. A constatação de que há um “fingimento” operando, como denunciado pela ACS, leva todos a reposicionar o lugar da lei, interditando o gozo de um que havia se transformado em gozo de todos. A cada vez que se instala o mal-estar e denuncia-se o desmentido de cada um, e de todos, o trabalho do simbólico é reinstalado e isso produz um efeito no Outro, no social, na comunidade. Parece, então, que o Outro é sempre permeável à operação do desmentido. Há sempre uma tensão entre esses dois endereçamentos do desmentido. O fato de haver essa tensão não justifica a hipótese de que há uma fragilidade do simbólico. É uma tensão complexa que nunca está acabada, assim como não está acabado o processo civilizatório. E, sobre isso, podemos lembrar da contribuição freudiana sobre o mal-estar na civilização. Trata-se de um trabalho interminável, onde o mecanismo do desmentido parece se realçar nesse processo. Afirma-se que o simbólico é permeável às operações do desmentido, tem-se favorecido na contemporaneidade uma sensação de fim dos tempos, no qual o gozo é o imperativo na cultura. Entretanto, essa mesma permeabilidade tem favorecido, também, uma série de eventos significativos, como os que foram descritos nos movimentos e nas organizações em rede. Nas redes virtuais que se materializam e se atualizam nos espaços urbanos, na cidade, na *pólis*. E, por fim, no trabalho em rede de cuidados desenvolvidos na micropolítica do cotidiano na saúde pública, como no caso relatado da menina de 12 anos que, voltando à escola e a brincar na rua, foi possível voltar a sonhar.

*Agradecimentos:* Agradecemos, principalmente, aos agentes comunitários de saúde da Unidade de Saúde da Família Sítio Wanderley, em Recife (PE), por se disponibilizar a participar e apostar no trabalho que desenvolvemos nessa unidade de saúde, e aos demais profissionais que aceitaram e concordaram com nosso

projeto. Aos estudantes de Terapia Ocupacional da UFPE que participaram ativamente dos grupos reflexivos, inclusive relatando-os. Em especial a Tatiany Lisière Brandão Küzler Lima, Juliana Figueredo Sobel, Bárbara Katiene Magno e Plínia Manuella de Santana Maciel.

## Referências

- Castells, M. (1999). *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede* (vol. 1, 5. ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Lebrun, J. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lebrun, J. (2008). *A perversão comum*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico.
- Mittman, S. (2011). Alguns apontamentos sobre militância digital. In E. Grigoletto,, F. S. de Nardi, & C. R. Schons (Orgs.), *Discurso em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. UFPE.
- Queiroz, E. F. (2004). *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta.

## Resumos

(Perversion in the territory: the effects of denial)

*This paper discusses the effects of pervert's denial (Verleugnung) of the other, the collectivity and highlights its possible directions. The related research was carried out at a family health unit in Recife, Pernambuco, Brazil, and the participants were female community health workers in discussion groups. We discussed a clinical fragment in which a child had been abused by a perverse individual. There was a clear need for intervention to stop the pervert's jouissance and free the child.*

**Key words:** Perversion, primary health care, psychoanalysis, mental health

(La perversion dans le territoire: les effets du déni)

*Cet article discute les effets du déni (Verleugnung) du pervers sur l'autre, la collectivité, en soulignant ses possibles adressages. Il s'agit d'une recherche-action menée dans une unité de Santé de la Famille à Recife, Pernambuco, Brésil. Les participants étaient composés d'agents de santé communautaires distribués dans des groupes de discussion. Un fragment clinique selon lequel un enfant était abusé par un pervers a été discuté. La nécessité d'une intervention a été soulignée pour entamer la jouissance du pervers et libérer l'enfant.*

**Mots clés:** Perversion, soins de santé primaires, psychanalyse, santé mentale

(La perversión en el territorio: los efectos del desmentido)

*Este artículo relata una investigación-acción llevada a cabo en una unidad de Salud de la Familia en Recife, Pernambuco, Brasil. Los participantes fueron agentes comunitarios de salud en grupos de discusión. Se discutió un fragmento clínico en el que un niño era abusado por un pervertido. Se destacó la necesidad de una intervención para impedir el goce del pervertido y libertar al niño. A partir de eso, se discuten los efectos del desmentido (Verleugnung) del pervertido sobre el otro, la colectividad, destacando sus posibles direccionamientos.*

**Palabras clave:** Perversión, atención primaria de salud, psicoanálisis, salud mental

(Die Perversion im Handlungsfeld: Auswirkungen der Verleugnung)

*In diesem Beitrag werden die Auswirkungen der Verleugnung des Perversen gegenüber des Anderen, des Kollektivs, besprochen, wobei die möglichen Ziele hervorgehoben werden. Es handelt sich um eine empirische Untersuchung in einer Behandlungseinheit der Einrichtung Saúde da Família (Gesundheit der Familie) in Recife, Pernambuco. Die Teilnehmer waren Gesundheitshelfer der Gemeinden in Reflexionsgruppen. Die Problemstellung bestand aus einem klinischen Fragment, in dem ein Kind von einer perversen Person vergewaltigt wurde. Dabei wurde ein besonderes Augenmerk auf die Notwendigkeit einer Intervention gelegt, um dem Genuss des Perversen Einhalt zu gebieten und das Kind zu befreien.*

**Schlüsselwörter:** Perversion, primäre Beachtung der Gesundheit, Psychoanalyse, geistige Gesundheit

**Citação/Citation:** Lima Filho, I. de A.; Facundes, V.L.D. (2014, setembro). A perversão no território: os efeitos do desmentido. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 686-695.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

## ARTIGOS

**Financiamento/Funding:** Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados / The authors have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** Os autores declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

695

### **IVO DE ANDRADE LIMA FILHO**

Prof. Adjunto do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Recife, PE, Br); Doutor em Linguística pela mesma Universidade; Psicanalista (CPP) e membro do Laboratório de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).  
Rua das Graças, 326, bloco A, apto. 901 – Graças  
52011-200 Recife, PE, Br  
e-mail: ivoalf@bol.com.br

### **VERA LÚCIA DUTRA FACUNDES**

Profa. Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Recife, PE, Br); Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento pela mesma Universidade.  
Rua Visconde de Itaparica, 142, bloco A, apto. 1504 – Torre  
50710-090 Recife, PE, Br  
e-mail: verafacundes@yahoo.com.br

## A dinâmica perversa na adoção: interrogando sobre filiação\*<sup>1</sup>

Luciana Enilde de Magalhães Lyra Macêdo\*<sup>2</sup>

*No presente trabalho, propomos discutir situações em que o lugar conferido ao adotando no discurso familiar evidencia que a criança é pensada na relação como um objeto de consumo. Que elementos encontrados nesses casos nos permitem pensar sobre desejo de filho e perversão? Haveria uma tentativa de produzir um Outro completo? Diante disso, abordamos questões relacionadas ao perfilhamento, aos elementos que possibilitam a instauração do lugar de filho, dos lugares de pai e de mãe, visando refletir sobre demandas perversas na adoção, considerando as relações entre sujeito e Outro.*

**Palavras-chave:** Desejo de filho, filiação adotiva, linguagem, perversão

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado como simpósio no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, realizado na Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, no período de 26 a 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Tribunal de Justiça de Pernambuco e do Ministério Público de Pernambuco (Recife, PE, Br).

## Demandas perversas na adoção

Em nossa experiência no Tribunal de Justiça de Pernambuco, escutando pessoas que têm a expectativa de adotar uma criança, deparamo-nos com os mais diversos pedidos, nos quais buscamos sempre atentar para a emergência do “desejo de filho”, para o lugar conferido à criança no discurso dos pretendentes. Alguns desses pedidos chamam-nos a atenção por sua estranheza e pelo lugar destinado à criança. Lembro-me de um homem que queria adotar uma criança desde que fosse um japonês, de outro que, durante as entrevistas, pediu, encarecidamente, à assistente social: “Doutora, me dê um índio”, e de uma mulher que queria adotar uma menina de cor morena clara para ter facilidade de, ao bronzear-se, ficar com “a marquinha do biquíni”. Em muitos casos vemos evidenciar-se para a criança o servir de fetiche, o lugar de objeto, ou seja, a criança é pensada na relação como um objeto de consumo.

Tal questão torna-se bastante evidente no discurso de um requerente, ao mencionar que deveria ter contato com várias crianças para escolher a sua, pois a “escolha da criança” seria a mesma coisa que a compra de um carro, de um aparelho de televisão. Dizia ele em uma das entrevistas: “É como comprar um carro, você vai à loja comprar um novo, mas vê um usado que tá tão bonitinho e leva; ou comprar uma TV de led, com várias funções, e quando chegar em casa ela apresentar defeitos”. Este requerente, a quem chamarei de Tomaz (nome fictício), questionava categoricamente o sistema do Judiciário, apresentando um discurso extremamente crítico em relação ao processo de adoção, como se lhe fosse bastante incômodo estar submetido a uma instituição para ter uma criança.

Ao embasar a sua busca pela adoção, dizia saber da importância social de seu ato, enfatizando que estava fazendo um bem para o seu país. É importante ressaltar que este não é um discurso isolado, mas um discurso que circula socialmente e que porta uma demanda, muitas vezes reconhecida e aprovada no campo do direito, que situa a adoção como uma política pública, destinada a salvar a infância pobre do país.

Tomaz parecia esquivar-se de falar das dificuldades de gerar um filho biológico, aspecto bastante enfatizado pela esposa, que pontuava a idade como um ponto crucial, tendo em vista o seu desejo de que a criança “viesse ainda com o cordão umbilical”. Assim, diferentemente do sofrimento pelo luto do filho biológico expressado pela esposa, Tomaz ressaltava que não

precisava ter um filho biológico e que ter filho pela adoção seria até melhor, pois ele poderia escolher o filho que iria ter. Além disso, o requerente compara a adoção a um namoro, a uma paixão, dizendo: “O que eu acho importante na adoção é algo parecido com o namoro, você idealiza casar com uma loira de um metro e oitenta, mas conhece uma morena de um metro e meio e se apaixonou”.

É importante destacar que não estamos fazendo aqui um estudo de caso no sentido de uma análise estrutural, pois não seria esse o nosso objetivo neste momento. Utilizamos, portanto, algumas ilustrações da fala de Tomaz, e de sua esposa, assim como alguns elementos de sua história de vida, para pensarmos sobre a dinâmica perversa na adoção.

Ao trazer o relato sobre a sua história familiar, Tomaz põe em evidência a figura de uma mãe esplendorosa, descrevendo sua mãe da seguinte forma: “Ela é tudo de bom”. Refere que a sua vontade de ser pai se articula com sua experiência muito boa de família, sobretudo com sua mãe. Em nenhum momento faz referência ao pai, a não ser para falar de sua morte quando ele ainda era bem pequeno. Tomaz afirma que sua mãe alfabetizou todos os filhos, e que ele, aos dois anos de idade, já sabia ler e escrever, situando sua mãe em um lugar de completude e onipotência.

Retornando à questão de Tomaz não falar de sua trajetória em busca de uma filiação biológica, chama-nos a atenção o fato de ter sido esta uma temática bastante enfatizada por sua esposa. Ela relatou que buscaram acompanhamento médico, tendo realizado várias tentativas de gestação por meio de técnicas de reprodução assistida, utilizando, inclusive, óvulos de doadora desconhecida. Narrou que, durante as tentativas, teve uma gestação, mas sofreu um aborto espontâneo logo no início da gravidez. Pontuou que não se investigou o motivo de não ter conseguido gestar e fez a seguinte colocação: “Sei lá, às vezes pode ser psicológico, inconscientemente o organismo mesmo expulsa”. Outro aspecto que se evidenciou durante as entrevistas foi a falta de entrosamento entre Tomaz e sua esposa, não apenas em relação ao perfil da criança, mas, sobretudo, no contato entre eles, que quase não se olhavam e sentavam-se distantes, voltados para a direção oposta um do outro. Ao escutá-los e observá-los, não conseguíamos percebê-los como um casal, cuja formação implica em objetivos comuns e desejos partilhados.

Tomando como referência a comparação que Tomaz faz da “escolha da criança” com a “escolha de um objeto”, de um bem de consumo, iremos refletir um pouco sobre o desejo e o gozo na atualidade, em que o imperativo parece ser gozar e ser feliz sem limites. De acordo com Sequeira (2009), esse imperativo aponta para um discurso sem Lei, que, ao negar a castração, produz objetos que buscam tamponar a falta, como também, um modo de laço social que constrói a ilusão de que a satisfação é possível somente com os objetos, degradando as relações. No caso em questão, observamos que a criança é situada no lugar de um objeto de consumo, que pode ser escolhido, como se estivesse em uma prateleira, e trocado se

apresentar defeito, levando-nos a considerar que a criança não é tomada como um ser falante, mas como criança-objeto, negando-se aí a sua participação e atividade na construção da parentalidade.

### A filiação e o campo do desejo

Mesmo antes do nascimento concreto de uma criança, há um saber que vem sendo articulado no discurso e no desejo dos pais, um saber que é da ordem do singular e que se articula com a história de cada um. Uma criança só irá nascer como filho para determinada família a partir de algo que se articula no campo do significante, no universo simbólico. Em psicanálise, sabe-se que a gestação e o nascimento de uma criança, antes de ser um acontecimento biológico, é um acontecimento simbólico, inscrito no Outro, o que possibilita demarcar para a criança um lugar de filho, lugar este que não se estabelece nem pelo sangue, nem pelo imperativo jurídico, mas pelo campo do desejo. Trata-se do campo do desejo e do significante, do campo do Outro, denominado por Lacan (1998) de tesouro dos significantes, que corresponde ao lugar da palavra e permite a localização do sujeito na linguagem e no laço social.

O que poderíamos pensar a respeito do laço social e do desejo de filho na contemporaneidade? Em que lugar a criança está situada hoje pelo Outro social?

Lacan (1969/1998), no texto “Nota sobre a criança” refere-se à função de transmissão que sustenta a família, que, para além da satisfação das necessidades, possibilita a constituição subjetiva em sua relação com um desejo que não seja anônimo. Tal questão é abordada por Roure (2002), em sua tese de doutorado intitulada *Criança-objeto: entre o desejo e o gozo*, onde trata a respeito de uma modalidade de laço no qual a criança parece ocupar o lugar de objeto, deixando de ser remetida ao desejo parental e apresentando-se cada vez mais como efeito de um “desejo anônimo”, sendo tal questão produzida em função do discurso capitalista e do declínio do significante Nome-do-Pai. Assim, a autora pontua que a criança parece ficar na posição de mercadoria e de fetiche para os pais. Em “Fetichismo”, Freud (1927/1996) relaciona o objeto fetiche com a questão da diferença entre os sexos e a recusa da castração (*Verleugnung*), sendo o desmentido o mecanismo originário da perversão. O que estaria no cerne desse mecanismo seria a identificação do sujeito com a mãe fálica, a negação da falta, eternizando, assim, a ilusão de ser aquilo que completa a mãe.

Pensamos que o ato de filiar põe em jogo a questão da falta que, por sua vez, está atrelada à questão do desejo. Numa perspectiva lacaniana, a mediação operada pelo Outro como lugar da lei faz com que se inscreva um sujeito desejan- te. Trata-se

da intervenção do Outro barrado, que lança o sujeito em uma incompletude constitutiva. O Nome-do-Pai interdita a mãe enquanto Outro absoluto, isto é, o Outro, lugar inicialmente ocupado pela mãe, é barrado pela incidência do Nome-do-Pai, o que permite uma relativização do discurso materno. Também falta algo à mãe, o falo só existe como um símbolo, ninguém o detém. Tal operação só se faz possível porque houve o reconhecimento do pai como representante da lei no discurso da mãe, o que marca o “fechamento” do Édipo e possibilita a identificação com o pai como um representante de um ideal de perfeição (Macêdo, 2010). Nas palavras de Quinet (1997), “é o que permite ao homem a significação da virilidade e à mulher a possibilidade de se situar como objeto de desejo do homem” (p. 13).

Não encontramos no discurso de Tomaz uma falta de onde pudesse emergir o desejo de filho. Ele não fazia questões a respeito da paternidade, não falava da trajetória deles em busca de uma filiação biológica, enfatizando em seu discurso apenas o quanto foi realizado em sua experiência de família, sobretudo na relação com a mãe, e a sua brilhante trajetória educacional e profissional. Falava da certeza de estar fazendo um bem para o país ao adotar uma criança necessitada e também não trazia nenhum questionamento sobre a história anterior da criança, falando de uma garantia de amor que teria, possivelmente, em função do seu gesto solidário. Em relação a este discurso, que situa a adoção como uma caridade, muitas vezes frequente nos relatos de pedidos de habilitação para adoção que recebemos no juizado, Melman (2010) pontua:

É evidente que uma criança nascida da caridade não é o produto do desejo. Também não nos admiramos de que, quando crescido, o pequeno adotado venha a contestar um serviço que ele não pediu mais do que se dispôs a prestá-lo. Porque ser a criança de uma esmola que se sabe forçosamente conveniente dispõe mal às identificações (...). (p. 7)

Nesse sentido, no discurso de ambos os requerentes, nos quais não conseguimos identificar um casal, um olhar desejante de uma mulher para um homem, nem uma mulher que se constituía causa de desejo para um homem, a que poderia estar atrelado o desejo de filho?

Pensamos que o desejo de procriação, independentemente se se trata daquela originada do ato sexual em si ou de uma procriação simbólica, está atrelado à singularidade da história de cada sujeito. A fala da esposa de Tomaz — ao se referir ao aborto espontâneo sofrido logo nas primeiras semanas de gestação, quando ela afirma que “inconscientemente o organismo mesmo expulsa” — parece apontar para uma impossibilidade de eles conseguirem filiar, de se constituírem como um casal parental. Essa fala da requerente parece indicar que não se trata apenas da rejeição de um filho pela via biológica, mas, especialmente, da impossibilidade de gestar simbolicamente uma criança, de tomá-la e de situá-la como filho. A expulsão, neste caso, estaria apontando para um repúdio à feminilidade, à possibilidade de ser

mãe que implica o ser mulher? A questão que faço aqui é corroborada pelo discurso da requerente ao trazer uma narrativa sobre a sua infância, dizendo: “Minha irmã mais velha era a que deslumbraava meu pai (...), e eu era a mais feia, a que dava mais trabalho, mais danada, apanhei muito” — ressaltando que merecia apanhar, pois preferia as brincadeiras de rua, não gostava de bonecas, e sua mãe não admitia isso —, e ao falar sobre a sua dificuldade em assumir papéis sociais considerados mais femininos, como o ato de cozinhar.

Sabemos, em psicanálise, que a relação parental é imprescindível para a constituição do sujeito. O lugar do sujeito depende da posição do olhar do Outro, de sua trajetória edípica, a partir da qual o sujeito pode formular a questão de sua existência e encontrar alguma resposta que lhe sirva de alento, que o situe em relação à sua procriação, à sua filiação, à sexualidade e ao seu desejo. Trata-se de algo que, no campo simbólico, é inscrito a partir da introdução do Nome-do-Pai como metáfora, o que permite ao sujeito dialetizar a existência (Macêdo, 2010). Nesse sentido, podemos dizer que a questão da filiação está diretamente atrelada à ordem da sexualidade/identificação, que possibilita ao sujeito a inscrição de um lugar: lugar de mãe, lugar de pai, lugar de filho. O lugar destinado à criança no discurso de Tomaz — discurso esse bastante esvaziado no que concerne a fazer questões acerca da sua própria filiação e da sua possibilidade de filiar — não a situa como uma criança-sujeito, causa de desejo, mas sim como uma criança-objeto, desatrelada do campo da sexualidade.

Tal questão nos remete à fala de uma adotante com um menino de cinco anos, cujas dificuldades para aceitar limites eram constantemente trazidas pelos pais no início do estágio de convivência, ao contar que a criança lhe endereçou a seguinte pergunta: “Mãe, tu sabia que a minha mãe (referindo-se à genitora) era uma putinha, uma rapariguinha?”, e depois lhe fez outra questão, indagando: “Mãe, o que é gozar?”. A adotante afirmou ter ficado toda arrepiada com essa indagação, recorrendo ao dicionário para pesquisar o significado da palavra gozar e, assim, respondendo ao filho que “gozar era o mesmo que aproveitar a vida (...)”, atribuindo à palavra em questão um sentido amplo, não sexual. Na narrativa desta adotante, fazia-se notar um incômodo significativo em relação aos conteúdos incestuosos e sexuais trazidos pela criança, que parecia questionar, e esta é uma hipótese que fazemos, se entre eles haveria um limite, uma interdição, possivelmente, em contraposição à sua vivência anterior. Essa ilustração das questões trazidas pelo menino e a reação de sua mãe — ambos em processo de construção da parentalidade — aponta para o fato de que o ato de filiar possibilita uma revivescência, uma atualização da trajetória edípica de cada um, colocando em cena a questão do desejo e da interdição do incesto. “A família não se constrói sem o desenrolar de um conjunto de complexos que designam a cada um de seus membros um lugar e uma função que constituem o suporte do que está em jogo no Édipo” (Hamad, 2010, p. 24).

Ao falar a respeito de suas expectativas em relação à criança a ser adotada, Tomaz parecia querer reproduzir a vivência da onipotência materna — que o fez aprender a ler e a escrever aos dois anos de idade —, dizendo apenas que a criança escolhida também estaria apta para a escrita e para a leitura aos dois anos e seria prontamente inserida em uma escola bilíngue, de tempo integral. Tomaz parecia preso à sua vivência infantil com uma mãe plena, com um amor todo-poderoso, vivência que podemos relacionar com a comparação que ele faz da filiação adotiva com a paixão amorosa, em que o objeto é indispensável, situando-se mais na esfera da necessidade do que no campo do desejo. De acordo com Melman (2010), em seu texto intitulado “Crianças na estante”, tratar o desejo como uma necessidade e o objeto de satisfação como algo meramente material tem sido uma tendência na atualidade.

### **A escuta no judiciário: algumas questões**

702 Assim, em nosso trabalho de intervenção no âmbito jurídico, ao realizarmos uma escuta das demandas e do desejo no campo da filiação adotiva, pensamos que a palavra e os atos do sujeito devem ocupar um lugar privilegiado nesta escuta, distanciando-nos da posição do avaliador que *a priori* já tem todos os parâmetros preestabelecidos sobre aquilo que se faz necessário para que alguém possa vir a ser um bom pai, uma boa mãe. Nas palavras de Miranda Jr. (2005), ao abordar questões relativas à psicanálise e avaliação psicológica neste campo de atuação: “Não se trata de acreditar nas intenções ou nas versões de quem é atendido, nem se trata de desacreditar. A questão está em ater-se aos significantes, ao valor de significante que podem ter o discurso e os atos do sujeito” (p. 170).

Neste sentido, quando o discurso daquele que demanda uma criança aponta para uma dinâmica perversa, buscamos interrogar o lugar que será destinado à criança e os possíveis efeitos desse discurso em sua subjetividade. Não se trata, entretanto, de buscar garantias para que se estabeleça uma filiação bem-sucedida, pois, a vida em família e a constituição subjetiva do sujeito estarão sempre relacionadas ao campo do imponderável, àquilo que não se pode prever, ou seja, não há garantias. Todavia, pensamos que se faz fundamental que à criança venha a ser destinado um lugar, uma modalidade de laço social em que opere minimamente o Outro do pacto da fala, o pacto que nos humaniza, que nos torna falantes e desejantes.

Os efeitos de uma adoção em que a criança não é inserida em uma linhagem simbólica, sendo tomada meramente como um objeto, para servir de fetiche, podem ser nefastos. Tomamos conhecimento de alguns casos em que o processo de filiação não se inscreveu, como o caso em que uma mulher retorna ao Juizado cerca de oito

anos após a concretização jurídica da adoção, com o intuito de devolver a adolescente que adotara, à época, segundo ela, com a finalidade de poder “embonecá-la”. Em sua fala, essa mulher descreve aquela que seria sua filha, dizendo: “Eu digo a ela, a gente adota até um gato, um cachorro, por que não adotar uma criança?”. A adolescente, por sua vez, pedia desesperada para voltar à instituição de acolhimento de onde foi retirada ainda pequena, e mostrava para mim que tinha um dedo do pé bem menor do que os demais, pontuando em seguida: “Minha mãe disse que se tivesse visto que eu era assim, ela não teria me adotado. Eu não sabia que meu dedo era assim, eu só vi quando ela me mostrou”.

Atribuindo um caráter metafórico ao esquema óptico, Lacan (1986) faz referência à assunção da imagem do eu, pontuando que o ser humano só pode ter acesso a sua forma total, a uma miragem de si mesmo, na relação especular em que o simbólico incide e ao qual ela se submete. O espelho plano, o Outro, é o lugar em que se opera a constituição do sujeito, e a anterioridade desse lugar é o elemento regulador da relação imaginária, sendo necessário que o Outro nomeie a imagem com os seus significantes (Macêdo, 2010). Nessa última ilustração, o Outro da linguagem se enuncia, todavia, como aquele que não oferece abrigo para a existência do sujeito, que não institui o lugar de filha, que inflige sofrimento, deprecia, desvitaliza.

## Referências

- Freud, S. (1996). Fetichismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Hamad, H. (2010). *Adoção e parentalidade: questões atuais*. Porto Alegre: CMC.
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). Duas notas sobre a criança. *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, 21, 5-6. (Trabalho original publicado em 1969).
- Macêdo, L. (2010). *A linguagem na esquizofrenia: uma questão de lugar*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, não publicada. Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, Recife, PE.
- Melman, C. (2010). Prefácio: Crianças na estante. In H. Hamad, *Adoção e parentalidade: questões atuais*. Porto Alegre: CMC.
- Miranda Jr., H. (2005). Psicanálise e avaliação psicológica no âmbito jurídico. In S. Shine, (Org.), *Avaliação psicológica e lei: adoção, vitimização, separação conjugal, dano psíquico e outros temas* (pp. 159-174). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Roure, G. (2002). *Criança-objeto: entre o desejo e o gozo*. Tese de doutorado em Linguística. Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Sequeira, V. (2009). Pedro e o lobo: o criminoso perverso e a perversão social. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online], (25)2, junho. Recuperado em 30 maio 2013 de <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200010)>.

## Resumos

(Perverse dynamics in adoption: wondering about parents)

*This article consists of a discussion of situations related to the fact that the place assigned to an adopted child in a family's discourse regards the child as an object of consumption. What elements found in such cases allow us to approach the child's desire and perversion? Is there an attempt to produce a complete Other? Thus we are dealing with issues related to the acknowledgment of the child and the elements that allow for the establishment of the places of father, mother and child in order to reflect on the perverse demands in adoption and note the relationships between the subject and the Other.*

**Key words:** Child's desire, adoptive parents, language, perversion

(La dynamique perverse dans l'adoption: questions concernant la filiation)

*Dans ce travail, nous proposons discuter des situations où le lieu accordé à l'adoptant dans le discours familial met en évidence que l'enfant est pensé dans la relation comme un objet de consommation. Quels sont les éléments que nous trouvons dans ces cas qui nous permettent de penser le désir d'enfant et la perversion? Existerait-il une tentative de produire un Autre complet? Face à cela, nous abordons les questions associées au profil, aux éléments qui permettent l'instauration du lieu de l'enfant, des lieux des parents, pour réfléchir sur les demandes perverses de l'adoption, en prenant en compte les relations entre le sujet et l'Autre.*

**Mots clés:** Désir d'enfant, affiliation adoptive, langage, perversion

(Las dinámicas perversas de la adopción: interrogando acerca de la filiación)

*En este trabajo proponemos discutir situaciones en donde el lugar conferido al adoptando en el discurso familiar demuestra que el niño es conciebido en la relación familiar como un objeto de consumo. ¿Qué elementos encontrados en estos casos nos permiten pensar en deseo por el niño y perversión? ¿Sería un intento de producir un Otro completo? Frente a todo esto, considerando las relaciones entre el sujeto y el Otro, abordamos cuestiones relacionadas con el prohijamiento, los elementos que permiten instaurar el lugar del hijo, del padre y de la madre, con el objetivo de reflexionar sobre las demandas perversas en la adopción.*

**Palabras clave:** Deseo del hijo, adoptiva filiación, lenguaje, perversión

(Die perverse Dynamik bei der Adoption: die Frage nach der Abstammung)

*In dieser Untersuchung schlagen wir die Diskussion von Situationen vor, in denen die Stellung des Adoptivkindes im Familienrahmen verdeutlicht, dass dieses Kind in diesem Beziehungsgefüge als ein Konsumobjekt gesehen wird. Welche in diesen Fällen identifizierten Elemente erlauben uns, Kinderwunsch in Verbindung mit Perversion zu reflektieren? Könnte es sich hier um einen Versuch handeln, einen kompletten Anderen zu schaffen? Vor diesem Hintergrund diskutieren wir Aspekte in Zusammenhang mit der Adoption, mit den Elementen, welche die Einrichtung der Position des Kindes, der Position des Vaters und der Mutter ermöglichen. Ziel dabei ist, über die perversen Bedürfnisse im Zusammenhang mit der Adoption zu reflektieren, unter Beachtung der Beziehungen zwischen Subjekt und dem Anderen.*

**Schüsselwörter:** Kinderwunsch, Abstammung durch Adoption, Sprache, Perversion

**Citação/Citation:** Macedo, L. E. de M. L. (2014, setembro). A dinâmica perversa na adoção: interrogando sobre filiação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 696-705.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author has no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

**LUCIANA ENILDE DE MAGALHÃES LYRA MACÊDO**

Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br); Psicóloga do Tribunal de Justiça de Pernambuco e do Ministério Público de Pernambuco (Recife, PE, Br).

Centro Integrado da Criança e do Adolescente. Núcleo de Adoção e Estudos da Família – NAEF.

Rua João Fernandes Vieira, 405 – Boa Vista

50050-200 Recife, PE, Br

e-mail: luciana.macedo@tjpe.jus.br

## Perversion maternelle et troubles du comportement de l'enfant: l'exemple de Dylan, objet du caprice de sa mère\*<sup>1</sup>

Virginie Martin-Lavaud\*<sup>2</sup>

*À partir d'une situation clinique, nous analysons en quoi les troubles dits du comportement de l'enfant viennent répondre à une position psychique perverse maternelle. Nous mettons l'accent sur la notion de fantasme maternel œdipien mis en acte et questionnons la position d'objet fétiche de l'enfant. Nous montrons notamment que le statut des actes du sujet pris dans le non-sens et la tromperie, objet du caprice maternel, désigne un désir inscrit hors la loi phallique et que cette inscription est en soi perverse. Elle explique que l'enfant n'a alors pas d'autre alternative que de devenir lui-même clivé et hors sens.*

**Mots clés:** Perversion maternelle, troubles du comportement de l'enfant, mère-version, rapport aphallique, psychopathie

\*<sup>1</sup> Texte présenté au colloque de l'Universidade Católica de Pernambuco – Unicap sur Les usages sociaux de la perversion, Recife 26-28 août 2013, Brésil.

\*<sup>2</sup> Université Catholique de l'Ouest (Angers, France).

## Introduction

La question des troubles du comportement de l'enfant est toujours plus ou moins d'actualité dans les écoles primaires en France. Élément symptomatique de l'évolution de la structure familiale, cette question introduit à la fois le rôle symbolique des parents dans l'éducation de leurs enfants et leur position imaginaire dans le psychisme. Notre pratique clinique de psychologue, psychanalyste, nous amène à rencontrer des enfants qui se mettent hors-circuit. Or nous faisons le constat qu'ils soient filles ou garçons, que ces enfants dont la violence verbale, physique et les conduites transgressives déstabilisent les enseignants, n'existent souvent qu'en référence à leur mère. Cette remarque ne veut pas dire que le père est absent dans la réalité. Ce que nous impliquons est que le père est tenu à distance dans le discours maternel et que l'enfant n'a pas d'autre choix que d'en prendre acte. Ce pouvoir de la mère sur l'enfant n'est pas sans avoir d'effets pervers. Lacan l'avait également noté et le formulait ainsi: «s'il y a moins de perversions chez les femmes que chez les hommes, c'est qu'elles satisfont, en général, leurs rapports pervers dans leurs rapports avec leurs enfants» (Lacan, 1959-1960/1986, p. 530). Ci-après nous allons, en nous appuyant sur le suivi d'un enfant que nous avons nommé Dylan, articuler la question du destin du désir maternel et les conditions de son retournement en perversion, retournement dont nous pourrions discuter de la position de structure ou du simple versant<sup>1</sup> (Lebrun, 2005a, p. 228).

707

<sup>1</sup> Lebrun l'écrit ainsi: «Il ne nous est donc pas difficile de penser que la prévalence octroyée aujourd'hui au régime de la relation à la mère — parce que le patriarcat n'exerce plus sa contrainte de force motrice pour la subjectivation — incite au modèle pervers dans la mesure où nous faisons de celui-ci précisément ainsi que Lacan nous y invite, l'impasse du registre imaginaire. Néanmoins reste la question de savoir s'il s'agit pour autant de véritable perversion au sens où l'on entendrait une structure perverse. Il faut ici d'emblée introduire un discernement de taille, à savoir qu'il nous faut distinguer entre la position de force de l'identification qui donne son assise au sujet pervers et cette position de prédominance perverse — au sens de récusation de l'asymétrie et de l'hétéronomie — que l'on pourrait dire artefactuelle qui permet au sujet de faire objection au travail de subjectivation, parce que le contexte social lui permet de reporter sans cesse la confrontation à la différence des places» (Lebrun, 2005a, p. 228).

## Présentation de l'histoire de Dylan

708

Nous avons fait la connaissance de cet enfant après un appel au secours de son école: il venait de gifler la maîtresse remplaçante. Lorsque nous l'avons reçu, Dylan était âgé de sept ans. Intelligent, il disait souhaiter changer de comportement afin de ne plus être victime de sa propre colère. Il avait repéré que dès qu'il se sentait critiqué, il tapait ses camarades et que lorsqu'il refusait les sanctions tout empirait car, se faisant emporter par ses émotions, il insultait les adultes responsables de lui, à l'école, comme à la maison. Dylan était l'unique enfant de sa mère, laquelle avait quitté son père après différents épisodes de violence conjugale dont elle ne nous donnera pas les motifs. Lorsque nous ferons sa connaissance, elle était remariée à un homme dont elle n'avait pas d'enfant et qui lui-même n'était pas père. Très rapidement nous apprendrons, par le directeur de l'école, que la relation que cette femme entretenait avec son fils était ambiguë car faite de cajoleries et de baisers ou de réprimandes et de violence verbale. Les enseignants en étaient témoins impuissants car ils assistaient à ces scènes lorsque cette mère emmenait son enfant à l'école. L'excès de l'ambivalence affective mère/fils se révéla notamment un matin lorsque cette femme furieuse contre lui menaçait de le tuer puis de se tuer en retour. Le ton et la conviction avec lesquels elle formula ses menaces, furent suffisamment inquiétants pour que le directeur en fasse part à sa hiérarchie et rédige un compte-rendu à destination du juge des enfants.

Ce fonctionnement relationnel clivé, organisé par le «tout ou rien» de l'amour, Dylan n'en était pas dupe. Certes il le subissait mais il en tirait également une certaine jouissance. Il verbalisera cet état de fait en indiquant que sa mère lui reprochait de perturber son couple et que si elle devait divorcer, ce serait à cause de lui. Sa place et son désir à l'égard de sa mère étaient donc également ambiguës. Il nous le soulignera en nous indiquant notamment posséder un savoir sur l'intimité sexuelle de sa mère qu'il n'aurait pas dû détenir. Il savait que sa mère ne pouvait plus concevoir parce qu'elle n'avait plus d'ovules. Ce savoir sur la sexualité de sa mère inscrivait de fait les relations sexuelles de cette dernière avec son mari dans un registre qui n'était pas de l'ordre de la procréation et éclairait d'une lueur transgressive incestuelle la place de Dylan vis-à-vis d'elle. D'une certaine manière ce savoir ajoutait une touche exhibitionniste aux baisers et étreintes que mère et fils partageaient avant de se séparer lorsqu'elle l'emmenait à l'école.

Au retour d'une période de vacances scolaires, les enseignants ne reconnurent pas la mère de l'enfant: elle avait énormément maigri et était d'une humeur noire. Un mois après ce descriptif, son mari se suicida par pendaison; acte par lequel en «faisant veuve» sa femme, cet homme inscrivit son destin en place de conjoint à vie dans la mesure où ce geste lui confèrera dans l'après-coup la place du mari pour

l'éternité<sup>2</sup> (Lacan, 1957-1958/1998, p. 245), place symbolique qui lui faisait défaut dans la réalité. Sur le moment, Dylan ne dira rien du suicide mais quatre à cinq mois plus tard, il s'en accusera. Ce retour de la culpabilité généra une montée des conduites violentes, lesquelles l'isolèrent encore plus des autres enfants et provoquèrent l'exclusion définitive de son école pour une autre. Dans cette nouvelle structure, la narration de tous ces événements l'avait précédé. Il ne réussira jamais à se faire d'amis. Il fera même éclater le contexte institutionnel en refusant d'entrer en classe et là encore, en insultant tous les adultes responsables, en les menaçant avec des ciseaux et en détruisant le matériel. L'administration de l'éducation nationale ne pouvant juridiquement l'exclure sera contrainte de lui attribuer un précepteur qui lui fera cours jusqu'aux vacances d'été, avant qu'il ne soit orienté en internat, à la demande de sa mère, dans une structure spécialisée dans l'accueil d'enfants dits caractériels.

On peut d'ores et déjà remarquer que Dylan par ses provocations obtint un adulte enseignant pour lui seul; un adulte avec lequel tout se passait bien. Il n'était plus dans l'excès alors qu'il était toujours dans le cadre scolaire. On peut se demander si ses débordements n'avaient finalement pas pour fonction d'appeler un père symbolique, un représentant du savoir sur la loi. Précisons pour conclure l'exposé du contexte, que le suicide du beau-père révéla dans l'après-coup l'existence d'un personnage jusqu'alors resté dans l'ombre: le grand-père maternel. Ce dernier entra en scène sous la forme du vociférateur car il injuria et menaça le directeur de la nouvelle école, comme sa fille et son petit-fils l'avaient maintes fois fait avant lui. Cela se produisit lorsque ce directeur convoqua la mère pour lui indiquer que Dylan ne pouvait plus être accueilli dans son établissement en raison de la violence de ses actes et de son inaccessibilité à la demande de l'autre en position d'autorité.

Les principaux protagonistes de l'histoire étant maintenant tous mis en lumière: le grand-père maternel, la mère et l'enfant, que pouvons nous en déduire.

### **L'agir du fantasme et ses implications**

Ici l'organisation familiale fait nettement apparaître une logique centrée autour du désir de la mère. Le père de l'enfant et le beau-père sont très absents et

<sup>2</sup> «Plus le sujet s'affirme à l'aide du signifiant comme voulant sortir de la chaîne signifiante, et plus il y entre et s'y intègre, plus il devient lui-même un signe de cette chaîne. S'il s'abolit, il est plus signe que jamais. La raison en est simple — c'est précisément à partir du moment où le sujet est mort qu'il devient pour les autres un signe éternel, et les suicidés plus que d'autres» (Lacan, 1957-1958/1998, p. 245).

leur parole peu soutenue par la mère. Cette mère, dans la réalité, n'occupait d'ailleurs pas réellement une place maternelle puisqu'elle s'exhibait à l'école soit comme séductrice, soit comme tyran de son enfant. L'apparition du grand-père, après la mort du mari, sera le point conclusif d'une mise en scène dont la logique apparaît perverse tant elle met en avant des «agir» transgressifs du côté de l'enfant et un «agir» du fantasme œdipien du côté maternel. Psychiquement, on peut remarquer que cet enfant occupe une place étrange dans le désir de sa mère; une place qui n'est pas celle de la logique ternaire que propose Lacan dans son quatrième séminaire: mère, enfant, phallus. En fait la dynamique familiale de Dylan est essentiellement marquée par une logique d'emboîtement, comme celle des poupées russes; une logique structurée par un rapport de domination: le grand-père dominant la mère qui domine l'enfant, laquelle utilise son enfant pour satisfaire sa jouissance sur un mode infantile. Certes la question phallique n'est pas absente mais elle est voilée par la mise en acte d'une parole qui annule l'ordre des générations au profit de la transgression de l'interdit œdipien. Cet agir du fantasme, parce qu'il appelle la réalisation du rapport sexuel<sup>3</sup> (Lacan, 1979, p. 8) met cependant en question le statut même de la logique perverse dans le désir de la mère. En effet doit-on considérer qu'il s'agit d'une perversion, c'est-à-dire d'une logique organisée par le déni de la castration de la mère, père-version, ou comme le proposent Jean-Pierre Lebrun (2005b) ou Julia Kristeva<sup>4</sup> (2011), d'une mère-version, c'est-à-dire d'une logique organisée par un rapport aphasique à la mère motivée soit par une dynamique phobique à l'égard de l'objet phallique, soit par une construction de l'autre et l'objet qui serait «en-deçà du stade du miroir» (Kristeva, 2011, p. 1565) et donc proche de la Chose.

Nous savons en effet que dans la perversion, c'est le rapport à la castration de la mère qui est central, le rapport à l'objet phallique, alors que dans la mère-version, ce qui est mis en avant serait une forme de perversion infantile, c'est-à-dire non organisée par le signifiant phallique, une version presque phobique à l'égard du phallus, qui s'arrimerait sur le fantasme, non pas refoulé mais agi, comme peut le faire tout enfant qui explore les voies de la pulsion. Si nous poursuivons l'idée d'une

<sup>3</sup> «Le rapport sexuel, il n'y en a pas, mais cela ne va pas de soi. Il n'y en a pas, sauf incestueux. C'est très exactement ça qu'a avancé Freud — il n'y en a pas, sauf incestueux, ou meurtrier. Le mythe d'Édipe désigne ceci, que la seule personne avec laquelle on ait envie de coucher, c'est sa mère, et que pour le père, on le tue» (Lacan, 1979, p. 8).

<sup>4</sup> «Cet appétit d'excitation, continûment à la recherche d'un objet de satisfaction lui-même continûment insatisfaisant, serait donc l'inévitable destin de la pulsion chez les humains, la véritable économie de ce que Freud a repéré comme une perversion originelle. Et de se demander si la notion même de perversion n'est pas un concept «contre-phobique», et si la perversion ne recouvre pas plutôt une... «mère-version!»» J. Kristeva reprend cette formulation chez Isle Barande, propos tenus dans le cadre de son (Kristeva, 2012).

mère-version, on peut dire que le mode de jouissance de la mère de Dylan est infantile et qu'il inscrit son enfant à une place étrange, une place qu'il nous faut définir.

Cette place est-elle celle d'un objet fétiche, d'un objet phallique, d'un objet caprice? Nous avons vu que la monstration des manifestations affectives inadéquates décrites par les enseignants entre cette mère et son fils, leurs étreintes et leurs conflits attestent du fait que pour cette mère l'enfant est une sorte de partenaire amoureux. A partir de cette observation, nous avons privilégié l'idée qu'il était un objet caprice de la mère plutôt qu'un objet fétiche; l'objet fétiche étant par définition au service de l'illusion comme l'indique son étymologie portugaise *féticio: il vient faire «illusion à»*. Ici Dylan n'illusionne pas la mère sur son manque d'objet puisqu'elle ne manque de rien: elle est comblée par l'amour adressé à son propre père. De ce fait Dylan est à la place d'un objet en trop, d'un objet de l'excès.

Ce prolifique, cet «en trop» signifie-t-il que cet enfant serait au service d'une jouissance qui ne serait pas toute phallique?

Cette proposition s'appuie sur le fait que pour exister dans le désir de sa mère Dylan s'offre à elle par identification. L'événement de la gifle en témoigne notamment car lorsque Dylan gifla la maîtresse remplaçante, son geste fut précédé d'un acte violent imprévu dont le jeu du signifiant introduit une jouissance Autre, celle que Lacan situe à la jonction des registres du réel et de l'imaginaire. Ainsi, alors qu'il se débattait pour échapper à son enseignante qui venait de le réprimander, il se fit mal au pied en heurtant le pied d'un bureau qui cassa sous le choc. Or, dans la réalité, à la même période, sa mère avait également le pied cassé car elle s'était (aussi) blessée sur son lieu de travail. Ce curieux mouvement d'identification dans lequel la mère comme le fils se trouvent blessés au pied introduit une sidération imaginaire dans laquelle le signifiant est comme englué dans la jouissance. Alors que tous deux se trouvèrent représentés par le fait d'être dérangeants et indésirables pour les autres — ils étaient identifiés au signifiant «casse-pied» — ils se trouvèrent marqués sur leur corps au même endroit. Bien évidemment ce pied de la lettre n'est pas sans faire jouis-sens.

### **Peut-on conclure que les troubles du comportement de cet enfant venaient en réponse à une logique perverse dans laquelle il n'avait qu'une place par défaut?**

En adjoignant la jouissance à la «satisfaction d'une pulsion» et non d'un besoin (Lacan, 1959-1960/1986, p. 247-248), Freud (1905/1987) précise que la recherche de jouissance est au service de la nostalgie d'un temps avant la perte de l'objet, un temps avant la confrontation à la castration. C'est pourquoi l'objet pulsionnel n'est jamais qu'un objet retrouvé (*Wiederfindung*) au service de la répétition (*Wiederholungswang*), un objet auquel l'existence de l'enfant peut être conjointe lorsque l'enfant est assimilé à un objet répondant aux caprices du désir de la mère. Lorsque l'enfant répond à cette place, c'est qu'il est assimilé à l'objet à

exclure, à l'objet abject que l'on prend et que l'on jette, à la guise de son désir. Julia Kristeva (1980) dans son ouvrage *Pouvoirs de l'horreur* conceptualise justement la question de l'abjection en indiquant qu'elle introduit une jouissance Autre, une jouissance qui échappe à la logique phallique dans la mesure où l'abjection rend compte de l'insignifiable, de ce qui précède le narcissisme dont elle est une pré-condition. Elle précise: «l'abject nous confronte (...) à nos tentatives les plus anciennes de nous démarquer de l'entité maternelle avant même que d'ex-sister en dehors d'elle grâce à l'autonomie du langage» (Kristeva, 1980, p. 20).

### Un fils en trop, un fils hors-norme?

La perversion parce qu'elle a la «propriété de réaliser un mode d'accès à cet au-delà de l'image de l'autre qui caractérise la dimension humaine» (Lacan, 1956, p. 85) introduit la dimension du hors-norme et de l'anormalité, laquelle s'accorde point par point avec le signifiant «monstre». Ce dernier désigne esthétiquement et logiquement les entités floues, mal définies (Martin-Lavaud, 2009a, 2013). Or dans le regard des autres Dylan était à cette place; il en revêtait plusieurs aspects car il était perçu à la fois comme imprévisible et effrayant mais également comme a-sexuée. Il nous en parla un jour en nous expliquant qu'il s'était mis en colère le jour où une enfant de son école lui dit qu'il riait comme une fille. Le pointage de l'ambiguïté de sa position sexuée, lui qui pensait être vu comme détenteur du phallus parce qu'il posait des actes violents, engagea sa réflexion sur son être. Certes «être un monstre» n'était pas en soi une position que Dylan revendiquait mais c'était une image qu'il renvoyait et qui résumait finalement assez bien quelle était la scène sur laquelle cet enfant était inconsciemment joué. D'une certaine manière, en tant qu'objet déphallicisé dans le désir de sa mère, Dylan était inscrit dans une position invivable, une position de grande solitude, telle celle du monstre produit par le Dr Frankenstein dans le roman de Mary Shelley qui se plaint justement de son isolement. La figure du monstre, en tant qu'entité permettant d'esthétiser et de mettre en question le statut du phallus, oriente le sens de l'acte du côté de l'éthique,<sup>5</sup> ce que questionnait également Dylan en séance lorsqu'il réalisait l'anormalité de ses colères, de ses humeurs et de ses réactions. Il l'exprima un jour dans ses dessins en se représentant « hors de lui », extérieur à lui-même. Cf. Figures 1 et 2.

<sup>5</sup> «Pour le sujet pervers, le monstre n'a généralement d'intérêt et d'existence que lorsqu'il y est identifié, lorsqu'il se sait désigné comme tel par les autres. C'est la raison pour laquelle le monstre esthétise les clivages du moi, la jouissance, la pulsion, l'existence de zones d'ombres de la personnalité, et rend compte de la «contre-nature» ou «contre logique» des actes» (Martin-Lavaud, 2009b, p. 202).

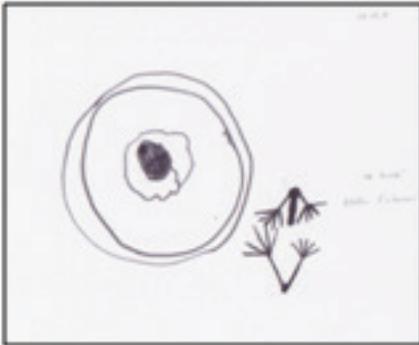


Figure 1

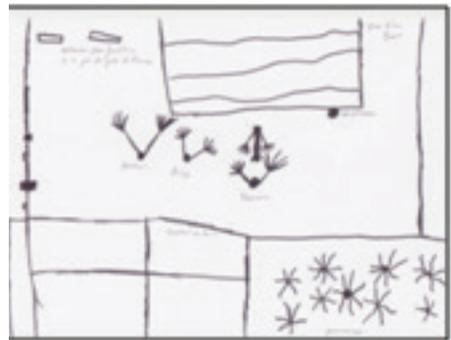


Figure 2

### Être hors de soi: une position d'ex-sistence

Cette mise en représentation de lui-même, témoin de la subjectivation de sa parole et de sa vision du monde, fait écho au fait d'«être hors de soi», qui en français signifie «être en colère»: laisser éclater sa colère était d'ailleurs le symptôme le plus criant de son mal-être. Sa mère l'avait pour cela conduit deux ou trois fois chez un psychologue hypnotiseur, non contente du peu de changement de la cure avec moi-même. Elle dit après deux séances: *«il a fait des miracles, il lui a pris sa colère»*, son fils ajoutant: *«j'ai une colère en moins, je me sens bien.»* Le répit fut cependant de courte durée. Dylan n'était pas sans savoir qu'en disant qu'il en avait une en moins, une seulement, il en restait encore un certain nombre à soustraire.

La constatation de sa solitude amena cet enfant à interroger la question de l'amour. Il se demanda pourquoi les autres avaient des amis et comment il devait s'y prendre pour s'en faire. Chez lui, il passait son temps à jouer avec ses chiens, à être leur maître et les battait lorsqu'ils n'obéissaient pas. Cette recherche de maîtrise était d'ailleurs également à l'œuvre dans sa propension à agresser les autres. Il voulait avoir le dernier mot. Ainsi tentait-il de se rassurer en s'attribuant une puissance phallique, dont il reconnaissait également l'illusion. Loin d'être psychotique, Dylan était marqué par la castration, mais il ne parvenait pas à l'articuler pour qu'elle prenne un sens qui lui permette d'accueillir l'autre. Il disait volontiers pour se rassurer: *«quand je n'aime pas les gens, ça va mal.»* Sa mère confirmant que *«le mot «non» il ne faut pas l'employer, sinon ça part à tout va»*.

## La psychopathie comme solution pour ex-sister

Cet enfant utilisait donc la violence des actes et des mots non pas pour se convaincre qu'il n'était pas castré, ce qu'il devinait sans en définir les conditions, mais pour exister contre le désir pervers maternel. Il s'en défendait comme un beau diable, position qui n'est pas sans faire écho à celle du psychopathe. «Le psychopathe est étymologiquement celui qui souffre dans sa psyché» Chartier, 2007, p. 62)<sup>6</sup> ce que nous n'associons pas à une position perverse.

A l'école, les conduites de Dylan étaient psychopathes. Elles étaient données à voir comme signe d'une inscription imaginaire phallique laquelle, nous l'avons expliqué, révélait d'autant plus son défaut d'inscription phallique symbolique dans le désir de sa mère. En contrepartie, cet enfant était très soucieux de ce que les autres lui renvoyaient narcissiquement, au point de s'en rendre «malade». Il était comme englué dans son narcissisme.<sup>7</sup> Un jour que son enseignante avait affiché au tableau, pour elle-même y penser, le rendez-vous que j'avais donné à Dylan, ce dernier m'en parla en me disant qu'il ne voulait pas que les autres sachent où il allait lorsqu'il s'absentait. Ainsi me signifia-t-il qu'il ne souhaitait pas que son rendez-vous soit divulgué. Cf. Figure 3

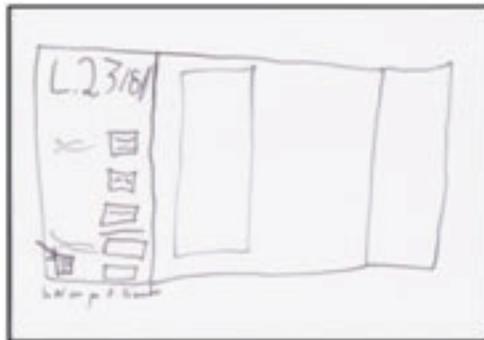


Figure 3

<sup>6</sup> Il précise «En 1923 Kurt Schneider reprendra à Kraepelin le terme de psychopathie pour désigner des états qui ne relèvent en rien de processus organiques pathologiques mais qui dépendent de personnalités «anormales» telles que leur caractère anormal les fait pâtir ou fait pâtir la société. Le psychopathe est étymologiquement celui qui souffre de sa psyché» (Chartier, 2007, p. 62).

<sup>7</sup> «Le narcissique (...) apparaît actif pour autant que, jusqu'à un certain point, il méconnaît l'autre» (Lacan, 1956-1957/1994, p. 83).

Un autre événement caractéristique de sa sensibilité narcissique fut la remarque de la petite fille sur son rire. Il entendit dans cette remarque qu'il était désigné en position féminine.<sup>8</sup> On peut d'ailleurs se demander si, pour échapper à la logique perverse du désir de sa mère, Dylan n'en était pas réduit à s'offrir en position féminine, se faisant «enfant à battre» pour ne pas être l'enfant imaginaire donné au grand-père et ce d'autant plus que la fustigation<sup>9</sup> était une thématique très présente dans son histoire. Elle l'était sous deux aspects: l'un concernait les dires de sa mère au sujet de son père; elle racontait volontiers que son premier mari l'avait battue et que son fils en avait été témoin oculaire à l'âge de trois ans — elle supposait d'ailleurs que cette scène était à l'origine des désordres comportementaux de son fils — le second était que son fils battait également volontiers ses chiens et les autres, souvent sans raison, pour le plaisir de bousculer ou d'être désigné comme terreur. Lacan commentant le fantasme «un enfant est battu» qui intervient avant l'Œdipe, souligne que «c'est au niveau du père que se situe sa signification. Le père refuse, dénie son amour à l'enfant battu, petit frère ou petite sœur. C'est pour autant qu'il y a dénonciation de la relation d'amour et humiliation, que ce sujet est visé dans son existence de sujet. Il est l'objet d'un sévice, et ce sévice consiste à le dénier comme sujet, à réduire à rien son existence comme désirant, à le réduire à un état qui tend à l'abolir en tant que sujet» (Lacan, 1957-1958/1998, p. 238). Le sujet dès lors est castré par la loi du père. Or en énonçant devant son fils, le fait d'avoir été battu par le père de ce dernier, la mère signifie donc que son mari ne l'aimait pas justifiant son droit de se re-tourner vers son propre père. On peut également en conclure que pour Dylan l'imaginaire attaché au père est un imaginaire sadique dans la mesure où il est désigné comme celui qui bat sa femme. Peut-on penser que pour Dylan son père de la réalité ne pouvait donc venir en place de père symbolique parce qu'il en était empêché par sa mère qui le rabaissait dans cette position d'agresseur? C'est en effet en tant que père symbolique que le père bat l'enfant, pour le castrer de son désir œdipien et ainsi obtenir sa soumission à la loi.

<sup>8</sup> Rappelons que «pour Freud, ce qui permet de caractériser la structure même de la perversion est donc bien la position du sujet dans le fantasme, et non pas simplement le type de l'objet choisi. On peut déjà repérer que le sujet se féminise dans son identification à la mère. Quant à l'objet, il est un double narcissique du sujet. Ne voit-on pas, dès cette époque, déjà posée en germe la division subjective caractéristique du sujet dans la perversion? Cette hypothèse donne un tout autre sens à l'auto-érotisme que Freud reconnaît dans les perversions, et nous permettra ultérieurement de mieux comprendre quel rôle est attribué à l'objet par le sujet pervers» (Valas, 1986, p. 38).

<sup>9</sup> «La fustigation n'attend pas à l'intégrité réelle et physique du sujet. C'est bien son caractère symbolique qui est érotisé comme tel, et ce dès l'origine» (Lacan, 1957-1958/1998, p. 242).

Pour se défendre contre cette logique mortifère, Dylan rabaisait lui-même souvent les objets qu'il aurait pu aimer: «la nouvelle maîtresse est nulle, les activités sont nulles et les maîtresses ne servent à rien.» Cette logique destructrice qui met en avant la haine plutôt que l'amour, était également présente dans le transfert: dans un moment de colère, il nous adressa: «vous ne m'avez servi à rien», *parole qui était celle de sa mère et qu'il prit à son compte* nous laissant entendre que sa parole n'était pas suffisante pour mobiliser le changement, comme si lui-même n'avait pas «droit au chapitre» et était inexistant.

## Conclusion

716

Pour conclure précisons que le caractère psychopathe du comportement de Dylan ne signifiait pas qu'il soit pervers. Dans un certain sens, au contraire, il s'affirmait comme castré et névrosé, victime de l'Autre et de sa loi puisqu'en faisant état de son mal-être et en nous signifiant notre inutilité, voire notre impuissance, il nous indique qu'il n'est pas vierge de toute considération sur la castration. D'un autre côté, il nous indique également qu'il échouait lui-même à être puissant et donc à se faire objet de la jouissance de l'Autre. On peut ici conclure qu'il reconnaissait qu'il échouait à être pervers. En fait, cet enfant était aux prises avec des questions existentielles et commençait à les articuler pour se dégager de la perversion maternelle.

L'actualité de telles situations cliniques est loin d'être marginale. C'est pourquoi nous estimons essentiel de rappeler que les troubles du comportement des enfants, fréquents en milieu scolaire dans la mesure où l'école appelle le savoir et fait référence à la position symbolique du père, sont très souvent corrélés à une logique perverse du désir maternel. Certes la question du statut pervers du désir se pose cependant: est-il de structure ou juste un versant du désir? Ce que nous pouvons remarquer s'agissant de la mère de Dylan, c'est qu'elle retirait sa jouissance de faire exister le rapport sexuel, c'est-à-dire, pour reprendre la proposition de Lacan, de s'offrir à son père, comme objet, en-dehors de la loi de l'interdit de l'inceste et que dans cette mesure elle s'offrait en place d'objet de la jouissance de l'Autre tel que le fait le pervers.

## Références

- Chartier, J-P. (2007). Peut-on guérir le psychopathe? *Topique*, Paris, II(99).
- Freud, S. (1987). *Trois essais sur une théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard, 1987. (Trabalho original publicado em 1905).

## ARTIGOS

- Kristeva, J. (1980). *Pouvoirs de l'horreur, essais sur l'abjection*. Paris: Seuil.
- Kristeva, J. (2011). La reliance, ou de l'érotisme maternel. *Revue française de psychanalyse*. Paris, PUF, *V*(75), 1559-1570.
- Kristeva, J. Séminaire doctoral, Université Paris 7, Paris-Diderot, *Dépression, Perversion, Sublimation*, 2012. Recuperado de: <<http://www.kristeva.fr/depression-perversion-sublimation.html>>.
- Lacan, J. (1973). *Le séminaire. Livre IX. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1979). L'escroquerie psychanalytique. *Ornicar?*. *Revue du champ freudien*, Paris, (17-1), 7-23, leçons du 15 mars 1977.
- Lacan, J. (1986). *Le séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1959-60).
- Lacan, J. (1994). *Le séminaire. Livre IV. La relation d'objet*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998). *Le séminaire. Livre V. Les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1957-58).
- Lebrun, J-P. (2005a). Une perversion ordinaire. *La clinique lacanienne*, Toulouse: Erès, *II*(9), 215-235.
- Lebrun, J-P. (2005b). Éloge de la perversion. *Le Coq-héron*, Toulouse: Erès, *IV*(183), 42-58.
- Lebrun, J-P. (2012). Lacan et ses états limites. *Connexions*, Toulouse: Erès, *I*(97), 77-92.
- Martin-Lavaud, V. (2009a). *Le monstre dans la vie psychique de l'enfant*. Toulouse: Erès.
- Martin-Lavaud, V. (2009b). Le monstre comme a-bord du réel dans la clinique de l'enfant. *Réel et réalité*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Martin-Lavaud, V. (2013). Le monstre, une altération esthétique pour penser l'humain. *Topique*, Paris, (122), 83-91.
- Valas, P. (1986). Freud et la perversion. (Mémoire de DEA). Département de psychanalyse, Université Paris VIII, p. 38. Recuperado de: <[http://www.valas.fr/IMG/pdf/Freud\\_et\\_la\\_perversion\\_I\\_II\\_III.pdf](http://www.valas.fr/IMG/pdf/Freud_et_la_perversion_I_II_III.pdf)>.

## Resumos

(Perversão materna e problemas do comportamento da criança: o exemplo de Dylan, objeto do capricho de sua mãe)

*A partir de uma situação clínica, nós analisamos em que os problemas ditos do comportamento da criança vêm responder a uma posição psíquica perversa materna. Nós destacamos a noção de fantasma materno edipiano posto em ato e questionamos a posição da criança de objeto fetiche. Mostramos particularmente que o estatuto dos atos do sujeito tomados no fora do sentido e na enganação, objeto do capricho*

*materno, designa um desejo inscrito fora da lei fálica e que essa inscrição é em si perversa. Ela explica que a criança não tem, então, outra alternativa, que não a de se tornar ele mesmo clivado e fora do sentido.*

**Palavras-chave:** Perversão materna, problemas do comportamento da criança, mãe-versão, relação afálica, psicopatia

(Maternal perversion and behavioural disorders in children: the example of Dylan, an object of his mother's whims)

*Based on a clinical case, we studied how so-called behavioral disorders in a child correspond to perverse states of the mother's mind. We show Oedipal fantasies of the mother and see the child's possible position as a fetish. We particularly show that the status of the subject's actions caught up in nonsense and deceit, as a victim of the mother's whims, expresses a desire that falls outside the scope of the phallic principle and is, in itself, perverse. This explains why such a child has no other choice but to become divided and nonsensical.*

**Key words:** Maternal perversion, behavioral disorders in a child, aphallic relationship, psychopathy

(Perversión materna y trastornos del comportamiento del niño: el ejemplo de Dylan, objeto del capricho de su madre)

*A partir de una situación clínica, analizamos como los trastornos conductuales del niño responden a una postura psíquica perversa de su madre. Destacamos el concepto de fantasma materno edipiano transformado en acto y exploramos la posición del hijo como fetiche. Demostramos que el estatus de los actos del sujeto atrapado en la sinrazón y el engaño, transformado en objeto del capricho materno, designa un deseo inscrito fuera de la ley fálica y que tal inscripción es, de por sí, perversa. Eso explica que, entonces, el hijo no tiene otra salida que la de convertirse en alguien clivado, sin sentido.*

**Palabras clave:** Perversión materna, trastornos del comportamiento del niño, relación a-fálica, psicopatía

(Mütterliche Perversion und Verhaltensstörungen des Kindes: am Beispiel von Dylan, Objekt der Launen seiner Mutter)

*Ausgehend von einem klinischen Fall untersuchen wir, inwiefern die angeblichen Verhaltensprobleme des Kindes eigentlich eine Reaktion auf eine perverse psychische Haltung der Mutter sind. Es wird die Auffassung des mütterlichen Ödipusphantoms hervorgehoben, das in Handlung umgesetzt wird. Es wird hinterfragt, inwiefern die Rolle des Kindes als Fetschgegenstand zu sehen ist. Es wird aufgezeigt, dass insbesondere das Statut der Handlungen des Subjektes, aus der Perspektive des Sinnesfremden und der Täuschung betrachtet, Objekt der mütterlichen Launen, auf einen Wunsch deuten, der außerhalb des phallischen Gesetzes liegt, und dass diese Inschrift pervers in sich ist. Sie*

## ARTIGOS

*explique, que o filho neste momento não tem outra escolha, senão se dividir e tornar-se estranho a si mesmo.*

**Schlüsselwörter:** Mütterliche Perversion, Verhaltensstörungen des Kindes, Mutter-Version, aphallische Beziehung, Psychopathie

**Citação/Citation:** Martin-Lavaud, V. (2014, setembro). Perversion maternelle et troubles du comportement de l'enfant: l'exemple de Dylan, objet du caprice de sa mère. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 706-719.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

### **VIRGINE MARTIN-LAUAUD**

Psychologue; Psychanalyste; Dr. en psychopathologie; Membre de l'équipe de recherche EA 4050, Université catholique de l'Ouest, Angers, France.

66 rue du Dr Guichard

49000 Angers

France

e-mail: martinlavaud@wanadoo.fr

## Perversão nas mulheres ou perversão feminina. Uma questão de sexuação\*<sup>1</sup>

Patrick Martin-Mattera\*<sup>2</sup>

*A questão do sexo da perversão resulta de uma problemática necessariamente social. Perversão polimorfa, perversão patológica, perversão estrutural, são as três modalidades de abordagem que nos interessam aqui para cruzar as noções de sexuação e de perversão. A perversão tem um gênero, isto é, pertence especificamente a um estilo masculino ou feminino ou existe por um lado uma perversão masculina e, por outro, uma perversão feminina?*

**Palavras-chave:** Perversão, sexuação, feminilidade, psicanálise

\*<sup>1</sup> Conferência proferida na Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br) no Colóquio Internacional sobre a Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, realizado em Recife (PE), nos dias 26, 27 e 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS (Recife, PE, Br).

## Introdução

A clínica da perversão é hoje geralmente conhecida principalmente como masculina e fálica, ainda que a sua história mostre que pode, em determinados momentos, estar melhor repartida entre os dois sexos. Krafft-Ebing e Freud, mesmo sendo tão diferentes, não faziam, nem um nem outro, sexismo clínico no que diz respeito à perversão. Contudo, certos clínicos contemporâneos põem em dúvida uma perversão que seria “toda fálica”, abrindo assim uma via de reflexão que corresponde a observações clínicas que ficaram ou despercebidas ou enigmáticas. A perversão pertence a um gênero, pertence especificamente a um estilo masculino ou feminino, ou então há, por um lado, uma perversão masculina e, por outro, uma perversão feminina?

A noção de estrutura psíquica em psicanálise modificou profundamente a definição das patologias, desde os “Três ensaios sobre a teoria sexual”, onde Freud (1905/2006, p. 105) escreve que as neuroses formam um conjunto que vai das diversas manifestações da doença até à saúde propriamente dita.<sup>1</sup> Hoje, admitimos bastante facilmente isso porque concebemos a organização do psiquismo segundo o modelo da estrutura neurótica, mas temos já mais dificuldade em admitir — damo-nos bem conta em psiquiatria — que a noção de estrutura psicótica, tão nitidamente desenvolvida por Lacan por meio dos conceitos de foraclusão (Lacan, 1955-1956/1981) e de sinthoma (Lacan, 1975-1976/2005), implica, também ela, a ideia de que podemos depender dessa estrutura sem contudo estar doente. Que podemos dizer, então, desta última ideia segundo a qual poderíamos estar em boa saúde, dizendo mesmo “normal”, e ser estruturado segundo uma modalidade perversa? Isto parece muito mais delicado e paradoxal, pois o termo de perversão transmite implicações morais, jurídicas e mórbidas. O sinal mais claro dessa dificuldade em admitir uma ancoragem coletiva no registro da perversão, contudo demonstrada desde 1905 com a publicação dos “Três ensaios”, encontra-se, pelo menos, nos elementos seguintes: isolamento da estrutura perversa e assimilação desta a uma patologia, ideia espalhada segundo a qual os sujeitos perversos não consultam, resistência em identificar a perversão nas mulheres.

<sup>1</sup> O texto alemão diz isto: “die Neurosen von allen ihren Ausbildungen her in lückenlosen Reihen zur Gesundheit ablinken”.

## Uma estrutura exclusiva ou não?

Muitos autores, mesmo a maior parte deles, isolaram, com razão, a estrutura perversa da estrutura neurótica. Citemos somente Joël Dor (1987): “Freud insiste (...) no fato de que a distinção *radical* entre as perversões e as neuroses supõe uma *diferença de ordem topográfica e estrutural*” (p. 129; grifo nosso), ou Hervé Castanet (2012) “podemos afirmar que existe uma estrutura freudiana de perversão” (p. 67). Todos estes autores apoiam-se, em particular, na ideia de que na medida em que Lacan, na perspectiva aberta com efeito por Freud (1927) com o texto sobre o fetichismo e o da clivagem do eu (Freud, 1938), definiu a perversão como uma terceira estrutura, daí resulta que os perversos são fundamentalmente diferentes dos neuróticos, e é aí, pois, que nós introduzimos um ponto de interrogação, exclusivamente separado deles. Em outras palavras, é fácil demais, neste sentido, pensar que há entre os neuróticos e os perversos uma barreira inultrapassável, idêntica àquela que existe entre as neuroses e as psicoses. Esta opinião pode parecer criticável por várias razões. Ela retoma de uma forma indireta o mesmo distanciamento que efetuava a sociedade do fim do século XIX promovendo a teoria da degenerescência, contudo completamente desfeita por Freud. A isto junta-se o fato de que a distinção é muitas vezes feita, nos nossos meios lacanianos, entre os sinais perversos, supostos serem aferentes em particular aos neuróticos e a organização perversa própria aos sujeitos estruturados como tal. Ora, mesmo se Lacan faz questão em destacar, com efeito, as especificidades da estrutura perversa, nada indica verdadeiramente, nos seus propósitos ou nos seus textos, que entre os neuróticos e os perversos não possam existir passarelas. E ainda mais, não nos dá ele uma pista quando declara que “o débil mental, submetido à psicanálise, torna-se sempre um canalha” (Lacan, 1973, p. 3). Sabendo que ele tinha, repetidamente, dito antes que os canalhas em análise acabavam “estúpidos que nem portas” (Lacan, 1972), o que deduzir daí? O débil mental está aí bem definido como o *falasser*, o sujeito atormentado pela sua condição humana que aqui pode ser, precisamente, considerado o neurótico corrente. E o canalha, quanto a ele, pode ser aproximado então do sujeito perverso (de estrutura) mesmo se alguns como Patrick Valas (2012), o contestam<sup>2</sup> — visto que Lacan (1970) diz que “toda a canalhada assenta sobre isto, querer ser o Outro, quero dizer, o grande Outro de alguém, aí onde se desenham as figuras onde o seu desejo será captado” (p. 68). Desta maneira, Lacan, assim como Freud, põe em evidência a especificidade da organização perversa: ele indica

722

<sup>2</sup> Texto no qual Patrick Valas compara a canalhada à perversidade e não à perversão (sexual). Mas é esta distinção exclusiva?

que é preciso distinguir com o maior rigor o ato perverso — baseando-se no gozo — do ato neurótico — que põe em jogo o efeito do desejo (Lacan, 1967, sessão de 7 junho de 1967). Mas isto não impede de pensar que determinadas condições permitem, no decorrer do trabalho sobre a posição subjetiva, ter em vista uma ultrapassagem. Contudo, esta definição — uma entre muitas — do sujeito perverso tem a vantagem de não insistir sobre uma ou outra das posições sexuadas, deixando pensar que se a perversão é bem uma estrutura, ela não poderia, assim, estar reservada unicamente aos representantes machos dos *falassers*.

### **Há verdadeiramente ausência de pedido?**

A perversão estrutural deve, em princípio, provocar no sujeito um relativo bem-estar — real ou ilusório —, o que não leva muitas vezes esses sujeitos a consultarem (como observa por exemplo De M'Uzan (1972), Korff-Sausse (2003), ou Hiltenbrand (2009). Aliás, os que nós recebemos vêm, por vezes, obrigados por uma razão qualquer, medo da sanção ou da decisão da justiça. Daí advém um relativo impasse clínico: se não há observações ou há muito poucas, como construir uma teoria que faça sentido? Face a esta afirmação muitas vezes constatada, podemos perguntar se os clínicos não seriam aqui vítimas de uma definição demasiadamente limitada da perversão, que os impediria, contudo, de ter em consideração certos elementos presentes na sua clínica. A linha que aqui pretendemos defender desenvolve essa ideia, apoiando-se no fato de que a perversão põe em jogo, como veremos, várias dimensões através das quais o sujeito, em posição masculina ou em posição feminina, consegue ancorar uma procura de gozo — não forçosamente consciente, aliás. Esta procura de gozo atravessa-o, por vezes, como uma resposta ao seu mal-estar e então, para ele, pode tomar a forma — com ou sem razão — de uma saída terapêutica. Nas curas psicanalíticas, os elementos perversos que entram no jogo não são raros. E estes elementos não são somente sinais de fixação à sexualidade infantil nem fantasmas de neuróticos imitando a perversão (*scénarii* com dois consentidores, por exemplo). Eles refletem nos homens como nas mulheres que os relatam — mesmo se eles não vieram no começo consultar por causa disso — uma evolução do seu posicionamento psíquico no qual a perversão intervém como uma solução, por vezes momentânea.

723

### **A dificuldade em descobrir a perversão feminina**

Conhecemos a alta resistência para identificar em clínica uma perversão feminina, e mesmo perversões nas mulheres — o que não é a mesma coisa —,

e por isso todas as dificuldades em considerar que a estrutura perversa possa dizer respeito às mulheres. Os exemplos de autores apoiando essas ideias são numerosos. Granoff e Perrier, em 1964, pensam que “à parte a homossexualidade (...) via particular onde penetra a sexualidade feminina sem aí se pervertir, não há na mulher, propriamente falando perversões sexuais” (p. 89), ideia que em 1987 Joël Dor (p. 259) retoma palavra por palavra. Didier Castanet afirma em 2003 que “cl clinicamente, encontra-se sempre a perversão do lado masculino” (p. 93). François Leguil declara, em 2009, que “é clássico notar que as perversões se declinam muito melhor e com uma frequência superior no masculino do que no feminino” (Leguil, 2012, p. 93). Aliás, o próprio Lacan (1959) afirma “há menor frequência de perversão na mulher” (sessão de 17 de junho). Talvez. É um fato comprovado que a perversão ocasionou teorias múltiplas, por vezes confusas,<sup>3</sup> por vezes luminosas e organizadoras, no seio das quais impôs-se há muito tempo, a ideia de que ela dependia, antes de tudo, de uma posição fálica dominadora e masculina, o que hoje começa a ser posto em dúvida, como o faz, por exemplo, Alain Abelhauser (2013). Este avanço apoia-se sobre o ensino de Lacan, graças ao qual podemos constatar que a organização psíquica perversa está ligada com a posição do sujeito na ordem da sexuação e não somente “agarrados” à contigência do seu sexo anatômico. Parece, com efeito que, para muitos clínicos, ser anatomicamente homem ou mulher tenha tido um papel muito importante, em detrimento da escolha psíquica da sexuação que a psicanálise, desde 1973 pelo menos,<sup>4</sup> tinha porém propulsado ao primeiro plano.

Contudo, alguns psicanalistas privilegiam a hipótese que, se algumas mulheres são perversas, é porque a sua inscrição na sexuação far-se-ia em posição masculina. É a ideia defendida por Didier Castanet (2003) quando ele se interroga “*se podemos falar de ‘perversão feminina’ uma vez que estabelecemos que ser homem não é um fato de anatomia mas de posição subjetiva*” (p. 94), ou Colette Soler (2003) quando ela fala de “*perversão masculina generalizada*” (p. 170 e 174). Para eles a perversão, como tal, é masculina, isto definindo o seu “*gênero*” estrutural. Mas a clínica dos sujeitos perversos é suficientemente complexa para que esta afirmação

<sup>3</sup> Basta ler, por exemplo, esta passagem do livro de Dominique Klopfert (2010), para se aperceber imediatamente: “O termo [de perversão] é muitas vezes utilizado sem distinguir a mínima os sentidos seguintes: a estrutura perversa, os sintomas ou sinais perversos, a perversão polimorfa (freudiana), a perversão ligada ao objeto a (lacaniana), a perversão moral de onde a perversão do laço ou perversão narcísica, e as perversões sexuais (A. Eiguer)”, e ela acrescenta as perversões transitórias do adolescente, os *acting-out* de caráter perverso e as perversões sociais (p. 264).

<sup>4</sup> Graças a J. Lacan (1973) no seu Seminário *Mais, ainda*.

seja relativizada: uma outra hipótese, que é a que defendemos, é que há uma maneira masculina (fálica) e uma maneira feminina (não todo) de ser perverso(a).

A historiadora Sylvie Chaperon (2008), que trabalhou sobre os fundamentos na França da medicina do sexo, observa que “as masturbadoras, as erotômanas, e as ninfômanas formam legiões, mas os psiquiatras da segunda metade do século XIX elaboram a nomenclatura das perversões com casos exclusivamente masculinos. Eles deploram por não poderem conhecer melhor a intimidade dos seus contemporâneos” (p. 13). Numa sociedade que intimava ao pudor (p. 24), podemos falar da dificuldade que presidiu a localização das perversões no momento em que estas foram elaboradas pelos psiquiatras do século XIX, mesmo se alguns grandes nomes da psiquiatria alemã ou inglesa tenham podido, todavia, evocar a sexualidade e a perversão nas mulheres, tais como Havelock Ellis, Magnus Hirschfeld, ou Krafft-Ebing (1923) que cita na sua *Psicopatia sexualis* numerosos casos de mulheres perversas. Esta dificuldade já desapareceu hoje? Nós não acreditamos e, mesmo que a situação tenha mudado, a reserva respeitante à sexualidade não está, apesar disso, suprimida: não é muito frequente, nas curas, que os analisandos ou as analisandas levem muito tempo para fazer uma descrição detalhada das suas fantasias e/ou dos seus aires sexuais.

### Pequeno percurso de autores sobre a perversão nas mulheres

**Freud** não sublinha diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito à questão da perversão porque a definição que ele dá, desde o começo, universaliza a noção, visto que ele faz da perversão um dos elementos principais da construção psíquica da criança, considerada como perversa polimorfa. Em seguida, os exemplos que ele toma para tratar da organização psíquica perversa possuem muitas mulheres: no texto “Uma criança é espancada” (Freud, 1919), o fantasma de fustigação pertence tanto aos homens como às mulheres (“quatro mulheres [e] dois homens” (p. 123), o texto “Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (Freud, 1920) põe em evidência, com certeza, uma mulher etc. Mas é verdade que a partir de 1927, quando ele evoca o fetichismo, os exemplos escolhidos são masculinos.

**Lacan** (1963) considera que a posição do sujeito perverso é de se fazer objeto para o Outro (p. 774) e o que ele enuncia sobre a perversão repousa sobre uma concepção estrutural, tanto do lado da organização psíquica perversa como da posição do sujeito no registro da sexuação. Ele dá a propósito da perversão e das mulheres os seguintes elementos:

- há menos perversão nas mulheres que nos homens e isto explica-se através das relações com as crianças (*O desejo e a sua interpretação* [Lacan, 1959, sessão de 17 de junho]);
- o fetichismo feminino esconde-se atrás do fato que “ela própria assume o papel do fetiche” (*Propósitos diretivos para um congresso sobre a sexualidade feminina* [Lacan, 1960, p. 731]);
- o suposto masoquismo feminino não é mais do que um fantasma do desejo do homem (*Propósitos diretivos para um congresso sobre a sexualidade feminina*, [Lacan, 1960, p. 731]);
- Enfim, ele acrescenta que “interrogar-se sobre o gozo feminino (...) é já abrir a porta a todos os atos perversos” (*Lógica do fantasma* [Lacan, 1967, sessão de 7 de junho]).

Lacan (1967) dá-nos também uma preciosa indicação logo que diz que na perversão “todo o corpo não foi tomado no processo de alienação” (sessão de 30 de maio). Esta não alienação parcial ao Outro, no registro do significante, acorda à clivagem uma importância muito maior e é sobre este ponto que nós avançaremos mais tarde.

**Piera Aulagnier**, em 1967, é uma das primeiras psicanalistas a falar especificamente da questão da perversão feminina, como paixão, no seu texto sobre a feminilidade e seus avatares, onde ela indica que a relação da mulher com a perversão é o masoquismo (p. 63) que contrariamente ao do homem que se situa entre “gozo ou não gozo”, o véu da mulher “situa-se entre ‘prazer e dor’” (p. 66), que a homossexualidade feminina está marcada pela rivalidade das parceiras em relação com a feminilidade, considerada aqui como um equivalente fálico (p. 70), e enfim que o nó da feminilidade é a dimensão do engano derivado da descoberta da castração da mãe, que institui o parecer e a mascarada (p. 72).

**Joël Dor**, em 1987, pensa que nas mulheres que se encontrariam confrontadas ao real da ausência fálica, não haveria perversão organizada no plano estrutural. E se qualquer coisa faz duvidar disso, tratar-se-á sobretudo de vestígios da “perversidade” polimorfa da criança (p. 265) através da qual as mulheres podem tornar-se instrumento da perversão dos homens. Assim, Dor pensa que se as mulheres podem, por vezes, parecer perversas, trata-se somente de perversões da libido e não de perversões estruturais e faz a lista delas: homossexualidade, narcisismo, maternagem e identificação ao objeto da paixão de um homem.

**Daniel Sibony** (1987) desenvolve ideias sobre a perversão em que uma parte reúne patologias e/ou comportamentos aparentemente diversificados: o extremismo religioso, a toxicomania e sobretudo a anorexia, própria principalmente das moças (a anorexia tinha sido apresentada anteriormente, em 1972, como uma perversão

“pulsional” por Evelyne e Jean Kestemberg e Simone Decobert (1972)). Sibony alarga o conceito de perversão às mulheres, mas dá-lhe uma dimensão social que será depois grandemente amplificada por J-P. Lebrun (2007) e C. Melman (2005).

**François Sirois** em 1999, num artigo que recenseia particularmente a evolução e a modificação da noção de fetichismo, diz que “a mulher manifesta a perversão da sua libido pela mudança narcísica onde ela procura (...) fazer desaparecer o objeto parcial como manifestação do desejo identificando-se a ele” (p. 291). Assim, a mulher identifica-se ao falo e, através disso, visa “o desejo de ser admirada em vez de ser amada, exercendo uma fascinação mais do que um atrativo, inacessível e impenetrável” (p. 291). Ele continua fazendo uma distinção onde o corpo intervém como critério determinante: a perversão na mulher depende do que ela faz ao seu próprio corpo, enquanto o homem procura impor ao corpo do outro este objeto parcial que é o fetiche.

**Alain Abelhauser**, em 2013 em *Mal de femme*, tem uma posição muito original, visto que identifica um grupo de patologias, a que chama “mal proteiforme” tal como a anorexia mental, mas também as patomimias, as síndromes de Münchhausen, de Lasthénie de Ferjol, de Meadow, e ainda outros que se parecem com este, como pertencendo a uma forma feminina da perversão, que seria “não somente em referência à função fálica, mas também ao Outro gozo” (p. 304).

727

### Diferentes manifestações da perversão nas mulheres

Assim, e para resumir o que, na literatura, domina como manifestações da perversão nas mulheres, eis a síntese da nossa recolha: a relação com as crianças ou *maternagem*, o fato de que a mulher assume o papel do fetiche (ela é “fetichizada” dizia Granoff e Perrier [1964, p. 92]),<sup>5</sup> o fato de que ela seja masoquista (o que Lacan relativiza), determinadas homossexualidades, a dimensão fundamental do engano, o narcisismo e a sua inscrição corporal, a identificação com o objeto da paixão de um homem, a toxicomania e o alcoolismo, a anorexia, e, por fim, tudo o que Abelhauser chama de “mal proteiforme” (síndromes tipo Münchhausen, Meadow ou Lasthénie de Ferjol). Essas afecções, a nosso ver, dividem-se em dois grupos: o primeiro pertence ao registro da posição masculina, isto é, fálica ou não fálica (o que se opõe ao fálico,

<sup>5</sup> “Se ela não é fetiche, ela pode ser ‘fetichizada’, devido à dialética do ser e do ter” (Granoff e Perrier, 1964, p. 92).

fazendo disso a sua referência), o segundo grupo pertence à posição feminina, o que chamamos “extra fático” (Martin-Mattera, 2005); em outras palavras, tudo o que pertence ao Outro gozo (outro que fático) e que procede do “não todo” feminino. Notaremos, contudo, que as perversões femininas “históricas” salientadas por Sylvie Chaperon (2008) no seu estudo bastante documentado se dividem assim, de maneira muito mais fenomenal e clássica: onanismo, ninfomania, erotomania, anafrodismo, frigidez e impotência, bestialidade, zoofilia, necrofilia, exibicionismo, safismo, tribalismo e inversão sexual, fetichismo (dois casos, apesar de tudo), pedofilia.

Mas o que é sobretudo importante reter, é que a perversão das *mulheres* não é a perversão *feminina* a qual se relaciona com a especificidade da posição psíquica feminina (na ordem da sexuação, é um posicionamento inconsciente), enquanto a primeira, a perversão das mulheres, pode também apoiar-se sobre a anatomia, sobre a posição social, sobre a condição feminina. Esta, parece-nos provocar a diluição eventual da perversão na cultura e no social. Por exemplo, o exibicionismo pode ser exacerbado no fato de ser atirante, vestido(a) de tal ou tal maneira, de ser provocante, ou, pelo contrário, como uma alusão, ligeira e modesta etc. E sobre este assunto temos o que Aulagnier lembrava, no seguimento de Joan Rivière (1929) e de Lacan (1958), sobre o parecer e a mascarada.<sup>6</sup> Da mesma maneira, as relações de sedução podem deslizar pouco a pouco, para laços onde se desenham dominantes e dominados, cujas funções se trocam sem que forçosamente eles se apercebam.

Mas o que é, então, esta posição psíquica feminina, onde a perversão poderia inscrever-se também, sem contudo ser fática, e como apreender a importância clínica da sexuação sobre a perversão?

Para introduzir este debate, gostaríamos de evocar, rapidamente, algumas situações clínicas nas quais um determinado aspecto da estrutura perversa é posto em evidência, isto é, o da clivagem, tal como aparece no que alguns autores chamaram *perversidade* (Henri Ey, 1950), *relação perversa* (Granoff e Perrier, 1964), *engano* (Piera Aulagnier, 1967), *perversão afetiva* (Christian David, 1972), *perversão narcísica* (Paul-Claude Racamier, 1986 e 1987) ou ainda *simulação* (Abelhauser, 2013). Estas situações implicam de cada vez uma duplicidade do sujeito, uma característica *bifrons*, como Janus, um sujeito com uma cara dupla, mulher ou homem em posição feminina, onde se poderá reconhecer igualmente o ou a parceira que trai sem razão aparente (“contudo não tenho nada a censurar-lhe”), o amigo(a) tão gentil da família que se revela em seguida ser um monstro dissimulado, o marido ou a mulher, levando uma vida dupla durante tantos anos, o ou a falsa doente que engana há tanto tempo todos à sua volta e os médicos, o empregado(a) modelo culpado(a) de apropriação indébita, o trapaceiro(a) tão sedutor ou tão sedutora, e outras situações tendentes para a impostura. Estas pessoas põem as suas vítimas numa situação nas quais elas são bruscamente confrontadas a um gozo que elas não desejam — os lacanianos dizem também: à sua *divisão subjetiva* — elas

põem-nas em confronto, de fato, a um gozo Outro, um gozo não fático onde a sexualidade desempenha um papel acessório — quando ela desempenha algum. Mas, de cada vez para a sua vítima, o ator perverso vem ocupar o lugar ilusório do objeto ideal de um fantasma promotor de prazer que, no fim do jogo, precipita o parceiro no abismo de uma perplexidade ou de uma dor sem nome.

Nós propomos, agora, formalizar esta inscrição particular no campo da perversão.

## A sexuação e a perversão

### *Revisando*

As fórmulas da sexuação, que encontramos reunidas num quadro do seminário *Mais, ainda* (Lacan, 1973, p. 73), formalizam a relação do sujeito à função fática, quer dizer, à condição humana, submetida à lei do significante (a alienação) e ao seu regime de oposição (a separação). Esta condição humana, que ameaça sempre o sentimento de derelção, é o que a psicanálise chama de castração. Estas fórmulas, constituídas cada uma de duas proposições colocadas uma acima da outra e funcionando numa relação de oposição determinativa (uma só tem sentido em relação à outra), mostram que a sexuação é uma “escolha” psíquica: ser homem ou ser mulher não depende unicamente da contingência biológica, mas pertence ao compromisso psíquico do sujeito a um momento da sua história (no tempo de Édipo), momento durante o qual ele se situa como menino ou menina, em relação ao outro sexo, segundo uma modalidade que pertence à linguagem (ao *logos*, à lógica). Trata-se pois, neste caso, de uma tomada de independência, no que respeita ao biológico, o que explica as escolhas de objeto homossexuais, por exemplo. Mas o mais importante reside, sem dúvida, no fato de que a lógica que se exhibe aqui não é só fática: certamente, ser homem ou ser mulher pertence a um posicionamento fático (ter ou não ter o falo), mas a posição feminina comporta também uma outra via, representada pelo símbolo  $\forall x$  (não todo x) em que o sujeito em posição feminina não é não todo tomado na função fática.

729

### *Posição masculina*

As condições da posição masculina apresentam-se assim: o primeiro andar (primeira proposição lógica) significa que existe um x que não está submetido à função fática (isto pode ser, por exemplo o Pai da horda; e o segundo andar (segunda proposição lógica) que para cada um (para todo x) aplica-se a função

fálica. Para que tenha sentido a significação fálica, é preciso — segundo o regime do significante — que isso reenvie ao seu oposto (ou seja, que uma exceção seja suposta a esta regra, por outras palavras, um escape (à função fálica).

Posição masculina

$$\exists x \quad \bar{\Phi}x$$

$$\forall x \quad \Phi x$$

*Posição feminina*

As condições da posição feminina são representadas, quanto a elas, pelas duas linhas seguintes: onde o primeiro andar significa que nenhum escapa à função fálica (nada de x que não se encontre submetido à função fálica) e o segundo que não é não todo do sujeito (não todo x) que está submetido à função fálica. E desta vez a significação fálica só tem sentido pela relação com uma outra espécie de oposto: o não todo fálico que determina um gozo Outro (só fálico para o sujeito em posição feminina).

Posição feminina

$$\bar{\exists}x \quad \bar{\Phi}x$$

$$\bar{\forall}x \quad \Phi x$$

Estas relações determinam pois, para o sujeito, um lugar lógico na sexuação.

**Um posicionamento perverso**

Partimos da ideia de que o posicionamento do sujeito perverso que diz respeito ao funcionamento fálico (desmentido ou *Verleugnung* da castração da mãe) e igualmente o posicionamento no gozo Outro, requer uma operação psíquica particular. Os autores, de uma maneira muito clássica, consideram ou que os perversos são exclusivamente determinados (devido à *Verleugnung*) pelo registo fálico (os perversos visariam assim uma mestria fálica), ou que eles se inscrevem em posição feminina nesse gozo Outro que os determina a pôr em jogo o seu próprio

corpo (Sirois, 1999; Abelhauser, 2013). Mas considerando as situações clínicas que evocamos antes, sentimo-nos incitados a fazer uma proposição deslocada que consiste em ligar os dois posicionamentos sexuados, o que conduz de fato a uma situação transgressiva. Para isso, partimos da frase de Lacan (1967) “todo o corpo não foi tomado no processo de alienação” (sessão de 30 maio de 1967); o que significa, pois, esta proposição? Se uma parte do corpo escapou à *tomada* no significante (é o que quer dizer o “processo de alienação”; isto implica que qualquer coisa do corpo — do outro ou do sujeito — escapa à lei. No caso do sujeito em posição masculina, sabemos que se trata de manter contra todas as probabilidades o falo materno, e no caso do sujeito em posição feminina, compreendemos que o que se mantém assim, diz respeito ao seu próprio corpo, à sua vida e à sua morte. Produz-se, então, uma ruptura na relação com a lei, com o corpo e com os outros, que arrasta o sujeito para uma alteração da relação, alteração que é feita para verificar sistematicamente a realidade da não submissão ao registro fálico, seja afirmando a conservação da não castração (o falo materno), seja optando por um gozo Outro que em vez de reenviar, como isso deveria acontecer, à assunção da castração, reenvia desta vez ao seu contrário.

É por isso, que propomos representar assim o posicionamento perverso que se pode declinar quer a nível “masculino” quer a nível “feminino”: trata-se de uma transgressão lógica, de uma anormalidade, visto que à primeira proposição masculina (existe um que não é castrado) responde a proposição feminina (não todo do sujeito está submetido à castração).

#### Posição perversa

$$\exists x \quad \bar{\Phi}x$$

$$\bar{\forall}x \quad \Phi x$$

Assim, a partir de um mesmo posicionamento, vemos emergir quer uma via de perversão masculina —  $\exists x \bar{\Phi}x$  — quer uma via de perversão feminina —  $\bar{\forall}x \Phi x$  — onde as proposições encontram-se, de certa forma, *isoladas* do seu corolário normal.

Em posição masculina, a perversão consiste pois, no isolamento da proposição superior,  $\exists x \Phi x$  (existe um que não é castrado, compreendido aqui como *uma* não o é, a mãe), proposição que, separada do seu corolário habitual,  $\forall x \Phi x$  (todos são castrados), realiza a condição da *Verleugnung* (ou desmentido) da castração da mãe.

É em posição feminina, a perversão isola, desta vez, a proposição inferior  $\bar{\forall}x \Phi x$  (não todo, do sujeito está submetido à castração) que, separada do seu

corolário habitual  $\bar{\Xi}x \bar{\Phi}x$  (nenhum sujeito escapa à castração), marca a clivagem do seu (*Ichspaltung*) que Freud tinha feito uma outra condição da perversão.

Considerando que o processo da perversão implica ao mesmo tempo a *Verleugnung* e a *Spaltung*, pensamos que fazer uma distinção entre a perversão masculina e a perversão feminina é possível se tivermos em conta a acentuação de uma das componentes deste processo. Assim, a perversão masculina acentua a *Verleugnung* enquanto a perversão feminina se articula à volta da *Spaltung*, o que não implica que a componente “secundária” seja abandonada. Tomemos dois exemplos. No caso de um fetichista, o objeto escolhido, se ele constitui o falo materno, supõe, mesmo assim, a clivagem do eu: o sujeito que rouba à sua vizinha as calcinhas e que se faz apanhar em flagrante sabe bem que realiza um ato ao mesmo tempo irrisório e proibido, mas apesar de tudo, ele faz. E no caso dessas mulheres ou desses sujeitos em posição feminina que falamos mais acima, determinados pela duplicidade ou a impostura, eles mantêm a clivagem entre o que os outros esperam deles e os seus atos, e é, sem dúvida, o que mais lhes importa, mas eles recuperam assim — de qualquer maneira antes que o segredo seja revelado — um benefício secundário fálico, no interesse que eles encontram na própria situação: mais-de-gozar sexual, pecuniário, social etc. Todavia, o que na realidade está em jogo no cenário deles não é propriamente este ganho: ele reside, antes de tudo, na dupla existência que supõe e no fato de se determinar num certo registro racional: o do não todo, não todo submetido ao limite da condição humana.

732

## Conclusão

Vimos que a questão da perversão feminina, como aliás a da perversão no feminino, não é evidente. A perversão em geral, poderíamos dizer que de qualquer modo não é fácil, sobretudo se se fala de estrutura perversa. Não ficaremos verdadeiramente surpreendidos com isso.

O que podemos concluir do que foi dito antes? Pelo menos estes três pontos:

- Primeiro, que a perversão é uma estrutura, mesmo se ela não é exclusiva, uma organização psíquica específica, distinta nisso da única realização de fantasmas tal como os neuróticos a praticam. E, como estrutura, a perversão diz respeito ao sujeito, mais exatamente o *sujeito do inconsciente*, porque a perversão implica também, como a neurose, a dimensão do inconsciente e não é simplesmente uma questão de vontade. Não se torna perverso quem quer.

- A seguir, confundiram, sem dúvida, durante muito tempo o processo do desmentido da castração materna com o ligamento obrigatório da perversão à dimensão fálica, excluindo, ao mesmo tempo, o conjunto das mulheres desta

categoria estrutural. Desta forma, o que privilegiávamos era a dimensão da anatomia propriamente dita, dimensão que a aproximação lacanianiana tinha contudo relativizado. Por outro lado, a história mostra que depois de ter sido considerada no século XIX muito masculina, a perversão foi em seguida alargada às mulheres e isto, sob a influência da psicanálise que, na época, dava, contudo, um lugar importante à questão anatômica (“o destino é a anatomia”, dizia Freud em 1924 [p. 31]). Depois, sem dúvida por causa da distinção entre perversão polimorfa, comportamentos ou sinais perversos e estrutura perversa, a perversão foi remasculinizada pelos lacanianos, em particular, pela razão que os “*verdadeiros*” perversos, os que o são de estrutura, só teriam acesso a esta a partir de uma determinação fálica. Desta maneira, só poderiam ser perversos os sujeitos machos ou — e é já mais largo — os sujeitos em posição masculina, dando assim à perversão o gênero masculino. Para mais, o registro fálico declina-se do lado de o ter ou de não o ter (o falo), e também do que Freud chamava atividade masculina e passividade feminina: é por isso que alguns autores puderam dizer que os atores perversos eram os homens, enquanto as mulheres faziam o jogo de parceiro, se fetichizavam, aceitavam ser o complemento passivo da perversão masculina.

- Enfim, podemos também concluir que a perspectiva de exclusividade masculina perversa começa hoje a ser discutida, e completada, porque a posição feminina — na sexuação — ela também se abre para uma clínica da perversão, é o que tentamos descrever acima.

Com efeito, a proposição  $\bar{\forall}x \Phi x$ , característica da posição feminina, pode-se interpretar — e ser interpretada pelo próprio sujeito — de duas maneiras bem distintas:

- seja sob a forma de um: “não todo do sujeito pertence ao registo fálico”, o que reenvia ao extrafálico, por exemplo à posição mística de um gozo Outro,

- seja — e é a interpretação perversa — como: “não todo do sujeito está submetido à castração” o que implica então que seria possível sair daí, e o que autoriza, de certa maneira, o sujeito a um gozo não negativedo segundo a expressão empregada por vezes por Lacan (1967) (sessão de 19 de abril) e sobre a qual insistia tanto Solange Faladé (1993-1994).

O gozo negativedo, vinculado ao *menos-phi*, símbolo da castração, é aquele que é proibido pela lei da linguagem, o que determina a condição humana à qual pretende escapar — em parte — o sujeito perverso, que põe em jogo um gozo que apresenta como positivo, qualquer coisa que o conforta numa posição de mestria, numa posição fálica, mas que se pode também declinar de outra maneira do lado de um gozo Outro, que não está contudo completamente separado da dimensão fálica. Um gozo que associa ao mesmo tempo que *há um que escapa à castração* (e o sujeito perverso é bem esse) e que *não todo com o seu próprio corpo foi submetido à castração* (o que é aqui a marca da perversão no feminino). “O perverso”, diz Lacan (1969), “é aquele que se consagra a fechar o buraco no Outro” (p. 253), a

completá-lo e a pretender restituir-lhe o gozo que ele pensa ter sido privado. Tentamos mostrar que há, finalmente, duas maneiras de fechar esse buraco no Outro: uma masculina, pela restituição do falo a quem não o tem, e uma feminina, que põe em evidência uma dimensão Outra — a do corpo, do homicídio do eu ou do outro, homicídio simbólico ou real do narcisismo e da morte — dimensão na qual o parceiro é arrastado, apesar de si mesmo, pelo outro, não esburacado, uma em que *todo o corpo não foi tomado no processo da alienação*.

## Referências

- Abelhauser, A. (2013). *Mal de femme. La perversion au féminin*. Paris: Seuil.
- Aulagnier, P. (1967). Remarques sur la féminité et ses avatars. In *Le désir et la perversion*. Paris: Seuil.
- Castanet, D. (2003). La perversion au féminin. *L'En-je lacanien*, (1), 83-94.
- Castanet, H. (2012). *La perversion*. Paris: Économica-Anthropos.
- Chaperon, S. (2008). *La médecine du sexe et les femmes. Anthologie des perversions féminines au XIXe siècle*. Coll. L'Attrape-corps. Paris: La Musardine.
- 734 David, C (1972). La perversion affective. In *La sexualité perverse, études psychanalytiques*. Paris: Payot.
- De M'Uzan, M. (1977). Un cas de masochisme pervers. Esquisse d'une théorie. In *De l'art à la mort*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1972).
- Dor, J. (1987). *Structure et perversions*. Paris: Denoël.
- Ey, H. (1950). Perversité et perversions, Étude n. 13. In *Études psychiatriques*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Faladé, S. (2012). *Autour de la chose*. Paris: Économica-Anthropos. (Trabalho original publicado em 1993-1994).
- Freud, S. (1992). La disparition du complexe d'Édipe. In *Ouvres complètes* (Vol. XVII). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1994). Fétichisme. In *Ouvres complètes* (Vol. XVIII). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996a). Un enfant est battu. In *Ouvres complètes* (Tomo XV). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996b). De la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine. In *Ouvres complètes* (Tomo XV). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2006). Trois essais sur la théorie sexuelle. In *Ouvres complètes* (Vol. VI). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). Le clivage du moi dans le processus de défense. In *Ouvres complètes* (Vol. XX). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1938).

## ARTIGOS

- Granoff, W. & Perrier, F. (1964). Le problème de la perversion chez la femme et les idéaux féminins. In *Le désir et le féminin*. Paris: Flammarion, 2002.
- Hiltenbrand, J-P. (2009). Perversion. In R. Chemama, B. Vandernersh (ed.), *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Larousse.
- Kestemberg, E., Kestemberg, J., Decobert, S. (1972). *La faim et le corps*. Paris: PUF.
- Klopfert, D. (2010). *Inceste maternel, incestuel meurtrier. À corps et sans cri*. Paris: L'Harmattan.
- Korff-Sausse, S. (2003). La femme du pervers narcissique. *Revue française de psychanalyse*, 67 (3), 925-942.
- Krafft-Ebing, R. von (1963). *Psychopathia sexualis*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1923).
- Lacan, J. (1959). *Le séminaire. Livre VI. Le désir et son interprétation*. Inédit.
- Lacan, J. (1966a). Propos directifs pour un congrès sur la sexualité féminine. In *Écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1966b). Kant avec Sade. In *Écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1963).
- Lacan, J. (1967). *Le séminaire. Livre XIV. La logique du fantasme*. Inédit.
- Lacan, J. (1972). *Séminaire. Le savoir du psychanalyste*. Inédit.
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire. Livre XX. Encore*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (1976). Note liminaire. In *La scission de 1953*, supplément à la revue *Ornicar?*, (7).
- Lacan, J. (1981). *Le séminaire. Livre III. Les psychoses*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1991). *Le séminaire. Livre XVII. L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1970).
- Lacan, J. (1998). *Le séminaire. Livre V. Les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2005). *Le séminaire. Livre XXIII. Le sinthome*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1975-1976).
- Lacan, J. (2006). *Le séminaire. Livre XVI. D'un autre à l'Autre*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1969).
- Lebrun, J-P. (2007). *Perversions ordinaires. Vivre ensemble sans autrui*. Paris: Denoël.
- Leguil, F. (2012). *Préface*. In H. Castanet, *La perversion*. Paris: Économica-Anthropos.
- Martin-Mattera, P. (2005). *Théorie et clinique de la création*. Paris: Économica-Anthropos.
- Martin-Mattera, P., Savinaud, C. (2011). Victimation et abus sexuels: présentation clinique et réflexions sur la perversion. In P. Martin-Mattera (ed.), *Violences et victimation*. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion.
- Melman, C. (2005). *L'homme sans gravité*. Paris: Gallimard.
- Racamier, P-C. (1986). Entre agonie psychique, déni psychotique et perversion narcissique. *Revue française de psychanalyse*, 50(5), 1299-1309.
- Racamier, P-C. (1987). De la perversion narcissique. *Gruppo, Revue de psychanalyse groupale*, (3), 11-27.

- Rivière, J. (1929). Womanliness as a Masquerade. *International Journal of Psychoanalysis*, 10(2-3), 303-313.
- Sibony, D. (2000). *Perversions. Dialogues sur les folies actuelles*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1987).
- Sirois, F. (1999). La perversion: de part et d'autre du sexe. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 7(2), 271-296.
- Soler, C. (2003). *Ce que Lacan disait des femmes*. Paris: Éditions du Champ Lacanien.
- Valas, P. (2012). *De la perversion VI*. Recuperado em 23 abr 2013 de: <[http://www.valas.fr/IMG/pdf/de\\_la\\_perversion\\_top\\_nouveau.pdf](http://www.valas.fr/IMG/pdf/de_la_perversion_top_nouveau.pdf)>.

## Resumos

(Perversion in women or female perversion. A matter of sexuation)

*The question of the gender of perversion stems from a necessarily social issue. Polymorphous, pathological and structural perversions are the three approaches we focus on here to examine the notions of sexuation, perversion and their intersections. Is perversion gendered? Is it specifically inherent to male or female styles? Can we talk about male perversion on the one hand and female perversion on the other?*

**Key words:** Perversion, sexuation, femininity, psychoanalysis

(Perversion chez les femmes ou perversion féminine. Une question de sexuation)

*La question du sexe de la perversion ressort d'une problématique forcément sociale. La perversion polymorphe, la perversion pathologique et la perversion structurale sont les trois modalités d'approche qui nous intéresseront ici pour croiser les notions de sexuation et de perversion. La perversion est-elle genrée, appartient-elle spécifiquement à un style masculin ou féminin, ou est-ce qu'il existe, d'une part, une perversion masculine et, d'autre part, une perversion féminine?*

**Mots clés:** Perversion, sexuation, féminité, psychanalyse

(Perversion en las mujeres o perversion femenina. Una cuestión de sexuación)

*La cuestión del sexo de la perversion forzosamente tiene que ver con una problemática social. Perversion polimorfa, perversion patológica, perversion estructural: son tres enfoques que combinaremos con los conceptos de sexuación y perversion. ¿Tiene género la perversion? ¿Pertenece específicamente a un estilo masculino o femenino? ¿Existe una perversion masculina y otra femenina?*

**Palabras clave:** Perversion, sexuación, feminidad, psicoanálisis

## ARTIGOS

(Perversion der Frauen oder weibliche Perversion. Eine Frage der Sexuation)

*Die Frage nach dem Geschlecht der Perversion entstammt zwangsläufig einer sozialen Problematik. Polymorphe Perversion, pathologische Perversion und strukturelle Perversion sind die drei Ansatzweisen, die uns hier zur Gegenüberstellung der Auffassungen von Sexuation und Perversion interessieren. Ist die Perversion geschlechtsspezifisch? Gehört sie eher zum männlichen oder zum weiblichen Stil, oder gibt es gar eine männliche Perversion und eine weibliche Perversion?*

**Schlüsselwörter:** Perversion, Sexuation, Weiblichkeit, Psychoanalyse

**Citação/Citation:** Martin-Mattera, P. (2014, setembro). Perversão nas mulheres ou perversão feminina. Uma questão de sexuação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 720-737.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** O autor declara não ter sido financiado ou apoiado / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** O autor declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

### **PATRICK MARTIN-MATTERA**

Psychologue et psychanalyste; Professeur de psychopathologie, LUNAM Université, Université catholique de l'Ouest – UCO – Institut de psychologie et sociologie appliquées (IPSA); Laboratoire multi-site E.A. 4050: “Recherches en psychopathologie: nouveaux symptômes et lien social”; composante Recherches Clinique psychanalytique, processus psychiques, et esthétique.

3 place André Leroy, BP 10808,  
49008 ANGERS Cedex 01

France.

e-mail: martinmattera@wanadoo.fr

## Assassinos seriais e os efeitos da sideração no psiquismo e no laço social\*<sup>1</sup>

Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro\*<sup>2</sup>

*Os processos que caracterizam a constituição da subjetividade dos assassinos seriais relacionam-se ao papel que neles têm o superego arcaico. Ao analisarmos as interfaces destes tipos de configurações psíquicas com os laços sociais, nos deparamos com as figuras dos assassinos seriais tratados como ícones da cultura pós-moderna, uma vez que são idealizados em filmes, livros e séries de TV, além de serem cultuados por muitos por sua capacidade de encanto, inteligência e engodo, movimentos que sideram e compactuam com os laços sociais perversos observados na contemporaneidade.*

**Palavras-chave:** Assassinos seriais, laço social, sideração, superego arcaico

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, realizado em Recife (PE) nos dias 26, 27 e 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS (Recife, PE, Br).

Este artigo é o produto resumido de uma tese de doutorado, que se propõe, sob um enfoque psicanalítico, a trabalhar os principais processos que caracterizam a constituição da subjetividade dos assassinos seriais, relacionando-os ao papel que neles tem o superego arcaico.

Os assassinos seriais são indivíduos que cometem homicídios que guardam entre si profundas semelhanças quanto ao *modus operandi*. Por *modus operandi*, podemos compreender, segundo Douglas & Olshaker (2002), técnicas que o criminoso emprega para cometer o crime. Nestes casos, observa-se uma relação entre as vítimas, possuidoras de um mesmo perfil e controle de todos os detalhes da situação criminosa, desde a preparação do crime até sua execução e ocultação das provas. Nos casos de homicídios em série, não se observam relações anteriores entre a vítima e o agressor, sendo a vítima tratada de forma humilhante e posta numa posição inferior perante o criminoso, sem condições de defesa e possuindo um valor simbólico para o homicida, valor este relacionado à motivação — interna — do crime.

As vivências internas dos homicidas em série baseiam-se em fantasias sexuais e sádicas e na necessidade imperiosa de satisfação de impulsos a elas relacionadas. Este terreno, configurado pelas leis do inconsciente, fatalmente promove o enaltecimento do ego em seu aspecto narcísico, indo até a “coisificação” do outro. A existência do homicida em série, dependerá da dominação e morte do outro.

Para Olivier Blanc (apud Bonfim, 2004), não se pode dissociar os assassinos em série da mídia. Os casos de assassinatos em série, ganham notoriedade em todos os veículos

midiáticos ao redor do mundo. Em nossa região, o recente caso dos denominados *Canibais de Garanhuns* ganhou destaque internacional. Um homem e duas mulheres percorriam, como nômades, o Estado de Pernambuco, assassinaram várias mulheres e praticaram o canibalismo com seus corpos. A filha de uma das vítimas, de apenas cinco anos, foi feita refém do grupo durante muitos meses, tendo sido submetida à prática do canibalismo. Suas fantasias homicidas foram encenadas em um livro e um filme, por eles produzidos. Na prisão, não aceitam se alimentar adequadamente, pois ainda desejam carne humana, em breve irão a júri popular, após ter sido atestado que podem ser plenamente responsabilizados criminalmente por seus atos.

Neste sentido, nos aprofundamos no estudo da forma sádica e destrutiva do funcionamento psíquico destes indivíduos, em que o imperativo categórico do gozo se destaca numa configuração psíquica que, repetidamente, atua no meio externo por meio da concretização de fantasias arcaicas de destruição do objeto. Esta configuração de psiquismo, em nossa opinião, encontra-se ancorada no funcionamento sádico do superego arcaico, conceito apresentado na obra de Melanie Klein (1926).

Consideramos, ainda, que as fantasias e o exercício do narcisismo destrutivo, bem como os elementos da sideração — conceito desenvolvido no decorrer de nossa pesquisa, e que se traduz pela capacidade dos assassinos em série de hipnotizar, encantar e seduzir as vítimas — de um ponto de vista psíquico —, são partes muito importantes de seu *modus operandi*, não apenas no processo de “sedução” da vítima, mas sobretudo nos passos que se seguem, vale dizer, a tortura e assassinato, em que as fantasias de destruição são atuadas e efetivamente postas em prática (Monteiro, 2012).

Segundo o Dicionário Aurélio (2012), o termo sideração significa a capacidade de “aniquilar, atonizar, atordoar, aturdir, estarrecer, fulminar, paralisar”. A atitude de sideração impossibilita que qualquer ação seja tomada e, sobretudo, desperta, no outro, o sentimento de horror, que o paralisa e o deixa vulnerável até a aniquilação.

Ao desenvolver este conceito, entendemos que a sideração se relaciona à questão da excisão das partes más do *self* e atinge o outro de modo a paralisar as partes sadias de seu psiquismo. A sideração provoca efeitos tanto na vítima direta dos atos dos homicidas seriais como no espectador — vítima indireta — configurando a incapacidade de existir, de pensar, de ser e, assim, de lutar por sua sobrevivência física e/ou psíquica. Descobrimos que este é o mecanismo que, efetivamente, aniquila.

Os efeitos da sideração no psiquismo são nefastos não apenas para as vítimas, que sofrem o aniquilamento, mas sobretudo para aquele que sidera, que igualmente fica sem saída, pois também se paralisa, uma vez que, ao se refletir nas águas de seu próprio espelho narcisista nele se afunda e, sem respirar, sucumbe à força

destruidora do movimento pulsional. Após a trajetória da elaboração dos efeitos da sideração, agora entendemos melhor por que os assassinos seriais não sentem remorso ou culpa. Eles se ressentem do impedimento de não poder simbolizar o que é sentido, o que obviamente não justifica seus atos, apenas os motiva.

Analisando as interfaces destes tipos de configurações psíquicas com os laços sociais, nos deparamos com as figuras dos assassinos seriais tratados como verdadeiros ícones da cultura pós-moderna, uma vez que são idealizados em filmes, livros e séries de T.V, além de serem cultuados por muitos por sua capacidade de encanto, inteligência e engodo. Esses movimentos sideram o espectador da cena perversa e compactuam com os laços sociais, também perversos, observados na contemporaneidade.

### **Laços sociais perversos, superego arcaico e sideração: indagações nos campos da clínica e da sociedade**

Entrevistamos alguns assassinos em série; nesta experiência, encontramos histórias distintas e configurações de personalidade diversas, porém um mesmo fenômeno — os assassinatos em série. São histórias de vida repletas de situações de abandono, desamparo, maus-tratos, violências física e sexual. No entanto, uma semelhança se impôs: a permanência na posição esquizoparanoide e com ela traços de uma sexualidade pré-genital, fantasias de caráter sádico, angústias insuportáveis, processos de cisão constantes e os efeitos da sideração sobre suas vítimas e sobre si mesmos.

As fantasias arcaicas são muito marcantes, de tom sádico-oral, envolvendo práticas de humilhação, tortura, vampirismo, esquitejamento e canibalismo. Sugando o sangue de suas vítimas e, assim, seus conteúdos bons, o assassino serial que nomeamos de *Vlad*, podia se sentir jovem e alimentado. Já no caso de outro assassino serial, por nós denominado *Jeckyll*, as fantasias apresentavam um caráter arcaico, marcadamente voltadas ao controle muscular e posterior escavação e despedaçamento dos corpos. A forma como é relatado o uso sádico do pênis dá o tom, em ambos os casos, da mesma necessidade de controle e dano ao objeto.

A configuração dos homicídios, com uma modalidade muito específica em cada caso, relacionada às suas tramas vivenciais, através do ciclo infundável da compulsão à repetição, nos deixa ver que estes indivíduos reproduziram seus próprios traumas na cena externa. Assassinar — reiteradas vezes — o objeto dominador, como uma forma de apaziguar o padecimento gerado pelas pressões internas.

As vítimas-objeto, como as denominamos, pela modalidade como são fantasiadas enquanto reedições dos objetos primários, foram, em ambos os casos,

sacrificadas. Com esta finalidade, foram submetidas aos danosos efeitos da sideração, na qual se processou o domínio necessário à execução e ao aniquilamento do perseguidor depois de fazê-lo sofrer. O mecanismo da repetição, apresentado pelos assassinos em série, corresponde àquilo que Freud (1914) denominou de atualizações, ou seja, a revivência de experiências passadas na realidade atual. Neste contexto, mais do que revivência, preferimos falar de atuação.

Pode-se perceber a incapacidade do ego do assassino serial em seguir adiante, porque os medos persecutórios o prendem a este ciclo infundável da compulsão à repetição, vivenciada por suas vítimas e por todos aqueles que se debruçam sobre suas histórias. Esta situação contamina seus psiquismos de tal modo que os tornam incapazes de amar, de desenvolver a confiança no objeto. O objeto bom e inteiro não parece poder, em seus casos, se estabelecer. Apenas um objeto parcial surge, por isso todo o quadro de desintegração egoica se apresenta. Faz-me pensar num caleidoscópio que produz a repetição de imagens. Neste caso, não se trataria de um mesmo objeto inteiro, mas de um objeto partido. Cada parte, o pedaço de um mesmo objeto. Por mais que se gire o caleidoscópio, ele nunca faz desaparecer as múltiplas imagens. No caso de ambos os assassinos em série, por mais que se gire este caleidoscópio, ele nunca fará a imagem integrar-se ao objeto.

742

Importante ressaltar é a questão da fixação da sexualidade em etapas pré-genitais — o que confere ao superego arcaico suas características sádicas. Nesta etapa, poderosas cotas de angústia invadem o *self* e o desintegram pelos intermitentes processos de cisão sofridos, conforme descrito por Klein (1958). Tudo isso reforça os efeitos da sideração sobre as vítimas dos homicidas em série. Ódio, voracidade e destrutividade são características das etapas pré-genitais e, portanto, das relações objetais parciais. Assim são as relações estabelecidas pelos assassinos seriais. A infundável tarefa de expulsar o sadismo para o meio externo se torna não apenas um mecanismo de defesa radical, mas paralisa os processos de simbolização responsáveis pela possibilidade de ascensão à posição depressiva (Klein, 1935). Estes psiquismos permanecem enredados nas teias da identificação projetiva e nelas prendem as vítimas, como representantes dos objetos. Nestas mesmas teias, o laço social perverso enreda e é enredado, transformando o fenômeno da violência, morte e subjugação do outro, num espetáculo a ser encenado, não apenas pelo homicida em série, mas por cada um de nós que nos debruçamos sobre as imagens, filmes e livros a respeito do tema, em que uma espécie de inversão de papéis ocorre e os homicidas em série ocupam o papel de protagonistas. A sociedade do espetáculo apenas está atenta à sua própria capacidade de siderar o espectador.

Assim, as relações com a realidade, tanto interna como externa, se tornam superficiais, distantes e sem espontaneidade, pelas graves perturbações do próprio *self*, ou, como tão bem descreveu Klein (1946), o *sentimento do self*. A inexistência de fronteiras entre o *self* e as imagos objetais amplia as características narcísicas

destas configurações de subjetividade e motivam as passagens ao ato para o campo, inclusive do social. Na projeção de tais impulsos para o interior do corpo das vítimas, as fantasias de esvaziamento, despedaçamento, envenenamento ou de incorporação se processaram e ganharam espaço até mesmo midiático, resguardando o lugar de destaque que a personalidade narcísica imprime aos assassinos seriais e ampliando seu poder de sideração, tal qual um movimento de retroalimentação.

Dá-se, por sua vez, o aprisionamento das partes boas do *self*, assim as qualidades do objeto tendem a desaparecer, o *self* libidinal se perde e as fantasias de destruição e aniquilamento ganham cada vez mais força no psiquismo e na própria realidade externa, ressaltada, por sua vez, pelas vivências traumáticas. A impossibilidade de simbolizar estes aportes pulsionais finda por gerar o fenômeno dos homicídios em série, destacando um superego arcaico, cruel e tirânico. Nestes casos, há uma prevalência de objetos maus em que os estados de perseguição se sobressaem e o *self* mau se separa do *self* bom, diante da cisão egoica. Neste sentido, a própria relação objetual é cindida e como tal se impõe de modo narcísico. Realidade e fantasia são amalgamados num único espaço, espaço este em que a simbolização não cabe. Um narcisismo onipotente, maligno e destruidor ocupa todo este lugar, ora vazio pela impossibilidade de representação. As partes más do *self* exercem um domínio onisciente, em que tudo se torna possível.

A experiência do pensar sobre estas entrevistas nos levou a atingir um outro ponto de indagação. Por que Vlad apresentou todo um *modus operandi* organizado no decorrer do tempo das ações criminosas praticadas e Jeckyll, um *modus operandi* desorganizado? Explicamos a indagação.

Na perspectiva da psicologia criminal, assassinos seriais desorganizados, em geral, tratam-se de indivíduos psicóticos, são descritos como mais impulsivos no momento do crime e, por este prisma, não conseguiriam manter um padrão organizado quanto ao seu *modus operandi*. As cenas dos crimes são repletas de provas incriminatórias de suas ações, os locais são escolhidos ao acaso, o perfil das vítimas, inconsistente.

Assim, a psicologia criminal tipifica os assassinos seriais em organizados e desorganizados, exatamente pelas configurações das práticas delituosas de captura, planejamento, homicídio, ocultação dos corpos e provas incriminatórias, como armas dos crimes e *souvenirs*.

Os organizados apresentariam transtornos de personalidade antissocial — psicopatia (ou como queiramos denominar, perversos), são percebidos como indivíduos que agem de forma mais articulada e premeditada, por isso, seu *modus operandi* apresenta-se organizado, com escolha do local, perfil de vítimas e cautela estremada na ocultação de provas incriminatórias.

Observamos, ao menos nos casos estudados na tese, que esta situação se põe de modo inverso, pois Vlad, nestes termos, apresentou-se como um assassino serial

organizado, apesar de seu quadro psicótico, conseguindo ocultar as provas de seus crimes por longos meses, chegando a cometer 13 homicídios.

### **Questionamentos finais... enquanto há esperança**

Por isso, destinamos ao leitor alguns questionamentos: em casos tão comprometidos como estes, tipificar ou classificar não está muito distante de poder apreender o que realmente se passa com o psiquismo e com a história individual de cada caso em questão? Compreender este fenômeno apenas pelo viés estrutural não seria cair no risco do reducionismo? Como lidar com um fenômeno tão complexo que atua diretamente nos laços sociais, sem fazer questionamentos? No entanto, do que valeria este estudo se ele não pudesse nos fazer pensar em algumas contribuições para a clínica e para a sociedade? Que tipo de pensamentos ele poderia nos suscitar? Algumas esperanças? Sempre é possível uma esperança.

Somos expostos, cotidianamente, a uma infinidade de casos de crianças e adolescentes que atiram em seus colegas na escola, em seus professores; que matam seus pais; ou jovens de classes sociais abastadas que põem fogo em pessoas em situação de risco nas ruas. E assim, os laços sociais perversos da contemporaneidade cultuam a violência e o bizarro. É preciso ampliar este espaço de discussão social. Qual seria a implicação das configurações sociais neste fenômeno? Para tanto, não seria preciso um novo olhar mais cuidadoso sobre o fenômeno para que novas indagações possam surgir? Há uma gama muito mais ampla e complexa de discussão sobre o fenômeno a ser desvelada.

O movimento aniquilatório da sideração, quando voltamos a atenção para o campo social, nos faz deparar com uma sociedade, da qual todos e cada um de nós faz parte, que prima pela ética da eficácia, da satisfação plena dos desejos que, narcisicamente, são alimentados a despeito do desejo e sofrimento alheio. Os ideais se tornaram de tal modo presentificados, que a mídia exerce o papel de propiciar a exaltação deste ideal narcísico, e sobretudo da montagem perversa na qual nos encaixamos para dar conta das demandas sociais. Somos cotidianamente siderados pelo poder do consumismo, do corpo perfeito, das drogas alucinógenas, da banalização do mal, da violência. Somos hipnotizados por uma realidade virtual que nos faz sentir menos humanos. Assim, como realidades virtuais perfeitas, somos convocados a assumir posturas cada vez menos voltadas ao outro e essencialmente menos humanizadas.

A trama sintomatológica, nesses casos, parece transcender quaisquer outros quadros de patologias narcísicas e/ou ligadas ao campo da agressividade. O caráter excessivo dos métodos sádicos, comparado aos atos perversos, apresentados pelos

assassinos seriais e seu *modus operandi*, nos leva, neste momento, a pensar que se trata de um processo psíquico com características específicas, em especial pelas relações que já salientamos com os laços sociais.

Desde há algum tempo, a experiência clínica tem nos levado a esta necessidade de aprofundamento das questões relacionadas ao campo dos comportamentos homicidas — principalmente visando, quiçá, atuação precoce, nos casos de crianças que apresentam tendências antissociais (Winnicott, 1985). Ouvi, de alguns pacientes, relatos dos mais impressionantes sobre assassinatos praticados com absoluta distorção afetiva e de uma mãe, em específico, preocupações com os atos de destruição e agressividade praticados por seu filho, de apenas nove anos de idade. Não há a pretensão de prevenir atos antissociais, porém há a preocupação de que o fenômeno da violência seja desnudado e exposto em suas faces mais dolorosas à sociedade.

Caro leitor, somente a partir do discurso dos assassinos seriais, as questões deste escrito poderiam ser elaboradas, no sentido de que é na narrativa de suas experiências, e especialmente na suspensão dessas questões por nossa parte, seria possibilitada a abertura de um espaço no qual uma escuta flutuante estivesse destinada à tentativa de compreensão deste fenômeno, que está inscrito no social.

Estudar a dimensão dos processos psíquicos propriamente ditos, de organizações de personalidade peculiares como estas, é tarefa árdua, mas também recompensadora, especialmente quando é exatamente pela intersecção dos campos do saber que se formam novas visões.

Entre Vlad e Jeckyll, muitas semelhanças e diferenças, dois homens com histórias tão distintas, duas configurações de personalidade diversas, um mesmo fenômeno. Duas histórias de vida repletas de situações de abandono, desamparo, maus-tratos, violências física, sexual. Na configuração psíquica, dois caminhos díspares se processaram: com Vlad, de uma psicose se estabeleceu; com Jeckyll, um quadro perverso. Uma semelhança se interpõe: a permanência na posição esquizoparanoide e com ela traços de uma sexualidade pré-genital, fantasias de caráter sádico, ansiedades insuportáveis, processos de cisão constantes e os efeitos da sideração sobre suas vítimas. Entre Vlad e Jeckyll percebemos esta incapacidade do ego de seguir adiante, os medos persecutórios os prendem a este ciclo repetitivo descrito por tantos autores, vivenciado por suas vítimas e mesmo por mim, no contexto da sideração, e que por fim contamina seus psiquismos de tal modo que os tornam incapazes de amar, de desenvolver a confiança no objeto.

Enfim, em lugar de simplesmente reduzir a discussão ao campo das estruturas, preferimos dar lugar a novos questionamentos sobre as organizações patológicas narcísicas de personalidade, em que estados narcísicos destrutivos estão a serviço da manutenção da identificação projetiva e, portanto, do superego arcaico, aspectos mutuamente relacionados aos laços sociais perversos.

Há certamente esperança para aqueles que ainda podem navegar por águas menos turvas, ter acesso a um *self* libidinal e, neste lado saudável, ir em busca das boas relações objetais, sem se fechar em paradigmas tipológicos ou classificatórios, ou de visões negativistas sobre a natureza humana. Já é hora de discutir questões dolorosas para a sociedade e enxergar que crianças e adolescentes podem escrever novas histórias. Novas visões dadas às suas narrativas, às suas existências, novas formas de contar suas histórias de vida podem ser escritas, por que não? Serão os laços sociais perversos impenetráveis? Penso que este tecido pode ser esgarçado pela esperança de novos tempos e de uma sociedade eticamente orientada para o bem comum.

## Referências

- Bonfim, E. M. (2004). *O julgamento de um serial killer*. São Paulo: Malheiros.
- Douglas & Olshaker (2002). *Mentes criminosas e crimes assustadores*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Freud, S. (1990). Recordar, repetir e elaborar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- 746 Holanda, A. B. (2012). *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Positivo.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Klein, M. (1991). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958).
- Klein, M. (1996). Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivo. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1935).
- Monteiro, K. (2012). *Assassinos seriais: uma abordagem psicanalítica sobre o superego arcaico e os efeitos da sideração*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Winnicott, D.W. (1985). *Deprivation and delinquency*. London: Tavistock Publication Ltd.

## Resumos

(Serial killers and the effects of utter consternation on the psyche and social bonds)

*The processes that characterize the constitution of subjectivity of serial killers have a relationship with the role played by the archaic super-ego. When we analyze the interfaces of these types of psychic configurations with social bonds we see serial killers*

*treated as icons of the post-modern culture, to the extent that they are idealized in the cinema, books and television series. They are also idolized by many for their ability to mesmerize, deceive and defraud others. These characteristics leads persons to support and approve perverse social bonds present in contemporary society.*

**Key words:** Archaic super-ego, serial killers, admiration, social bonds

(Les assassins en série et les effets de la sidération dans le psychisme et lien social)

*Les processus qui caractérisent la constitution de la subjectivité des assassins en série se rapportent au rôle que le Surmoi archaïque joue chez eux. En analysant les interfaces entre ces types de configuration psychique et les liens sociaux, nous observons que ces assassins en série sont traités comme icônes de la culture post-moderne, étant donné qu'ils sont idéalisés dans les films, les livres et dans les séries TV. Ils sont d'ailleurs admirés par un nombre important de personnes dû à leur intelligence, ainsi qu'à leur capacité d'envoûter et de leurrer leurs victimes, qualités qui sidèrent et pactisent avec les liens sociaux pervers de notre contemporanéité.*

**Mots clés:** Assassins en série, lieux sociaux, sidération, surmoi archaïque

(Los asesinos en serie y los efectos del encantamiento en la psique y el lazo social)

*Los procesos psíquicos que caracterizan la constitución de la subjetividad de los asesinos seriales se relacionan con el papel que en ellos tiene el Superyó arcaico. El análisis de las interfaces de estes tipos de configuraciones psíquicas con los lazos sociales muestra que las figuras de los asesinos en serie son tratadas como si fueran símbolos de la cultura pós-moderna; son idealizados en las películas, en los libros y series televisivas además de ser objetos de culto, por muchos, por su inteligencia, capacidad de encantamiento y habilidad para engañar, características que pactúan con los lazos sociales perversos observados en la contemporaneidad.*

**Palabras claves:** Asesinos en serie, encantamiento, lazos sociales, superyó arcaico

(Serienmörder und die Auswirkungen der Perplexität in der Psyche und der sozialen Bindung)

*Die Vorgänge, welche die Subjektivität der Serienmörder kennzeichnen stehen in Verbindung mit der Rolle, die das archaische Über-ich für sie spielt. Untersuchen wir die Überschneidungen dieser Art von psychischen Konfigurationen mit den sozialen Bindungen, dann ist festzustellen, dass die Serienmörder als Symbole der postmodernen Kultur behandelt werden. Sie werden in Filmen, Büchern und TV-Serien idealisiert und außerdem von vielen für ihre Fähigkeit zu bezaubern, für ihre Intelligenz und Anziehungskraft verehrt. Diese Verhalten verblüffen und gehen mit den perversen sozialen Bindungen einher, die heutzutage beobachtet werden.*

**Schlüsselwörter:** Archaische Über-ich, Perverse sozialen Bindungen, Serienmörder  
Verzauberung

**Citação/Citation:** Monteiro, K. M. S. L. (2014, setembro). Assassinos seriais e os efeitos da sideração no psiquismo e no laço social. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 738-748.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

**KLAYLIAN MARCELA SANTOS LIMA MONTEIRO**

Doutora em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC-SP; Professora e Coordenadora de período da FPS – Faculdade Pernambucana de Saúde (Recife, PE, Br); Psicóloga e supervisora de residentes e estagiários no IMIP – Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira – Recife, PE  
Av. Conselheiro Aguiar, 2738/605 – Boa Viagem  
51020-020 Recife, PE, Br  
e-mail: marcelamonteiro@globo.com

## Les temps pour comprendre des “petits curieux”<sup>\*1</sup>

Véronique Pautrel<sup>\*2</sup>

*À partir de plusieurs situations cliniques de consultations psychothérapeutiques, le constat d'une contradiction entre la disqualification des recherches sexuelles de l'enfant par les adultes alors même que ces derniers hyper-sexualisent l'environnement permet de soutenir un questionnement sur les effets psychiques de cette contradiction sociale sur le développement psycho affectif de l'enfant. Que devient la curiosité de l'enfant quand le temps pour comprendre disparaît?*

**Mots clés:** Curiosité sexuelle de l'enfant, hyper-sexualisation, temps logique, subjectivation

<sup>\*1</sup> Texte issu d'une communication présentée lors du Colloque International sur la Métapsychologie des Perversions – Colóquio Internacional sobre Metapsicologia da Perversão. Usos Sociais da Perversão, de 26 a 28 de Agosto de 2013, Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, Recife, Brazil.

<sup>\*2</sup> Université Catholique de l'Ouest (Angers, France).

## Introduction

La consultation pédopsychiatrique, par la diversité des situations accueillies, se trouve être un observatoire de l'évolution de la prise en considération des enfants par les adultes. Les motifs de demande qui motivent la consultation révèlent la façon dont les parents et plus globalement les adultes regardent les enfants.

Nous avons donc observé différentes situations cliniques et sociales qui mettent en lumière un phénomène à double face, assez contradictoire: d'un côté les enfants n'ont plus le droit à la curiosité sexuelle, sinon au risque d'être épinglé de «pervers». Ils sont considérés comme non concernés par la sexualité, et s'ils montrent le contraire, c'est déjà de l'excès, alors même que de l'autre côté, ils sont plongés dans un univers «hyper sexualisé», sollicités par des images, des représentations qui dépassent leur mode d'appréhension, de compréhension, quand ils ne sont pas eux-mêmes transformés en objets de fantasmes adultes, sous formes de concours de mini miss ou de mini mister par exemple.

Ce qui nous porte vers un questionnement: que devient la possible subjectivisation des expériences sexuelles de l'enfant, la construction progressive d'une identité féminine ou masculine lorsque ces expériences se trouvent disqualifiées? Que devient la curiosité sexuelle, qui, comme Freud l'a bien montré, se trouve au fondement de toutes curiosités qui portera l'enfant vers le monde, quand celle-ci est considérée comme perverse par les adultes et à ce titre disqualifiée? Que devient le processus d'appropriation progressive de son identité sexuelle lorsque l'enfant se trouve plongé trop tôt dans les problématiques sexuelles des adultes et que ceux-ci ne différencient plus leur propre expérience sexuelle de celle des enfants?

Nous pouvons considérer que Ferenczi, dans son texte «la confusion des langues», pointe déjà cette dimension d'un

malentendu, d'un écart de compréhension dans la rencontre entre enfant et adulte autour du sexuel, mais il parlait de rencontre singulière. Désormais cette confusion se généralise au champ social, et se banalise au point que finalement, l'enfant ne puisse plus même identifier de qui, d'où vient cette confusion.

Nous allons maintenant revenir vers la clinique pour étayer nos questions.

### **La curiosité sexuelle considérée comme perverse**

Depuis quelques années, des motifs de consultations jusque-là discrets, deviennent de plus en plus fréquents. Ce sont des parents qui viennent présenter leur enfant comme «victime sexuelle», dans des contextes souvent scolaires, parfois familiaux.

L'enfant n'est pas demandeur de la consultation, ce sont ses parents qui prennent rendez-vous et qui expliquent, lors des premières rencontres, pourquoi ils ont fait cette démarche.

Habituellement, je demande d'abord à l'enfant s'il sait pourquoi nous nous rencontrons, pourquoi il se retrouve dans mon bureau avec ses parents. Le plus souvent, il peut en dire quelque chose, même si la réponse peut parfois surprendre les parents dans sa formulation ou dans son détournement. Quand le motif de la rencontre touche le sexuel (mais à ce moment-là je ne le sais pas encore...) l'enfant se tourne vers ses parents, il se tait.

Si l'école est bien le lieu des apprentissages, ils ne se font pas tous sur les bancs, il y a aussi ceux des recoins de la cour et de la salle de toilette, au grand damne des enseignants qui, s'ils s'en aperçoivent ou en sont informés, alertent les parents.

Version garçon: «La maîtresse l'a vu faire pipi dans le lavabo». «La maîtresse l'a vu s'exhiber, montrer son zizi aux autres garçons» ou encore «tirer sur le slip de son camarade»... S'y ajoute quelques fois une dimension de violence, une exigence à voir, parfois à montrer. Il n'y a plus la couverture du jeu de docteur, du jeu de papa et maman. Des parents arrivent en consultation, à la demande de l'école, avec leur enfant de 5 ou 6 ans, affolés des «pratiques perverses» de celui-ci. Qu'est-ce qu'il va devenir? Affolé d'un avenir adolescent de pervers sexuel et violent. Les médias racontent tellement d'horreurs, et si le leur devenait comme ça? Ils arrivent en consultation avec l'idée qu'il faut tuer le germe dans l'œuf, anticiper, faire de la prévention, même si dans leur imaginaire, c'est peut-être déjà trop tard. Le fantasme de l'enfant déjà pervers, qui préfigure l'adulte pervers, organise la compréhension des adultes de ce qui se passe pour cet enfant. Il ne s'agit pas là de l'enfant pervers polymorphe, l'enfant freudien, qui découvre l'une après l'autre les satisfactions

pulsionnelles sexuelles et les réorganise secondairement sous le primat de l'organisation génitale à l'aboutissement du complexe d'Œdipe, lorsqu'il projette, pour le futur, le choix d'un partenaire qui ne ressemble pas (trop) à sa mère ou à son père. Il s'agit au contraire d'un enfant pervers au sens où il fait effraction dans le champ de la sexualité alors même qu'il devrait ne pas y venir. L'enfant pervers est alors celui qui ne devrait pas être concerné par la sexualité et qui montre qu'il l'est, ce qui fait effraction dans une représentation des adultes dans laquelle les enfants seraient des anges, vierges de toutes préoccupations sexuelles. La sexualité propre de l'enfant, qu'il aurait à s'approprier peu à peu, est niée, ou disqualifiée de perverse, non au sens psychanalytique mais bien de torsion dans les conduites sociales attendues.

Version fille (et il est à noter qu'alors, c'est souvent l'enfant qui révèle): «un garçon lui a mis la main dans la culotte» ou bien «il voulait qu'elle lui montre son mimi, vous vous rendez compte...». La variété des mots pour désigner le sexe des filles est beaucoup plus importante que pour les garçons, mais certaines familles sont néanmoins en panne de désignation, on ne nomme pas, ou alors, dans l'indifférenciation, le sexe féminin est nommé «zizi». Ce sont les mères qui viennent, elles sont inquiètes pour le traumatisme que cette expérience pourrait provoquer chez leur fille, et nous demande quelque chose de l'ordre de la réparation. Ce n'est pas franchement énoncé comme tel, mais si on laisse le cours de la parole se construire, au bout de quelques séances, ces mères en arrivent à parler de la façon dont elles-mêmes ont pu rencontrer du sexuel dans leur enfance, à partir de la curiosité d'un autre enfant, mais du sexuel qui fait effraction lorsqu'il s'impose à un moment où il n'est pas attendu. Du sexuel dont elles se vivent victimes.

La peur pour l'enfant peut même se trouver dans l'anticipation. J'ai reçu pendant plusieurs consultations une mère et sa petite fille âgée de moins de trois ans, pour des troubles de l'endormissement et des angoisses de séparation, mais plus je l'écoutais et plus je trouvais un écart entre ce que disait cette mère et le comportement de l'enfant dans mon bureau, où elle allait très volontiers jouer à la petite table, l'espace des enfants. Certains enfants ne se décollent pas physiquement de leurs parents pendant plusieurs rendez-vous avant d'y consentir et ce n'était pas le cas de cette petite malgré son jeune âge. Et puis, au bout de plusieurs rencontres, je lui demande quelle est vraiment son inquiétude pour sa fille. Elle me dit alors sa peur que sa petite fille soit agressée sexuellement par un autre enfant, comme cela lui ai arrivée quand elle était enfant, à l'école. Elle dit que longtemps, elle n'y a plus pensé mais que la naissance de sa fille a réactualisé ce souvenir et je comprends que la demande pour sa fille est en fait une demande de traitement de ce surgissement dans sa mémoire. Je ne parviens pas à saisir si la dimension traumatique, dans laquelle elle se positionne comme victime, tient à l'effet d'après coup, ou bien à une

identification à l'image d'enfant victime véhiculée par les médias, en particuliers à Angers où le démantèlement et la mise en procès d'un réseau pédophile a défrayé les médias et posé en quelque sorte les enfants victimes en position «héroïque», socialement reconnue. Après plusieurs semaines de rendez-vous manqués, elles reviennent finalement, avec une nouvelle ouverture dans le travail psychique: la mère voit que sa petite fille se masturbe, elle imagine qu'elle n'a pas inventé cela toute seule, qu'elle est donc bien victime. Elle consultera l'unité spécialisée du centre hospitalier et le médecin lui suggère de revenir me voir. Elle me raconte alors qu'elle-même n'a jamais fait cela quand elle était petite... Elle ne peut encore penser l'engagement subjectif actif de sa fille dans les découvertes sexuelles, engagement qui pourrait faire écho à son propre engagement, dont les représentations se trouvent refoulées mais desquels l'angoisse reste au devant de la scène. Et l'on voit que dans les préoccupations des adultes envers la sexualité des enfants, c'est leur propre rapport à la sexualité, à ses découvertes et à ses avatars qu'ils projettent sur les enfants.

Les projections parentales sur leurs enfants ont toujours été, elles sont nécessaires, mais dans la démesure elles peuvent devenir obstacles, carcans. Trop serrées, elles ne permettent plus à l'enfant de s'en dégager. Nous pouvons espérer que les mises en mots de ces projections lors des consultations limitent l'assujettissement des enfants à ces projections.

Une autre forme d'empiètement de la sexualité des adultes vers celle des enfants se voit parfois dans les enjeux conjugaux de séparations parentales lorsque le conflit est très vif. Le plus souvent la mère accuse le père de comportements déviants, inadaptés, voire très sexualisé et si la demande de consultation est d'abord énoncée comme une demande de soin, il apparaît très vite que c'est surtout une demande d'expertise dans laquelle nous devrions prouver, et même rédiger un papier pour l'avocat prouvant que le père est un mauvais père. Il va de soi que nous n'en faisons rien, et le refus d'un tel acte met parfois fin aux consultations. Il arrive plus rarement que le père accuse la mère. Dans les deux cas, l'enjeu est la garde de l'enfant mais en appui sur l'alimentation du conflit conjugal. Il est arrivé aussi des demandes de consultations pour abus sexuels non encore jugés mais pour lesquels les parents viennent pour demander une preuve des dommages pour augmenter la somme de «dédommagement». Là encore le refus de position d'expertise met fin aux consultations, montrant ainsi le masque de la demande de soins. Ces différentes situations montrent à quel point la représentation de «l'enfant victime sexuelle», que celui-ci le soit réellement ou non, peut faire de l'enfant dans la réalité l'objet de marchandage, voire le réduire à de la marchandise qui, «abimée», devrait être «indemnisée». Nous sommes là très loin de la prise en compte de la façon dont l'enfant peut expérimenter, par tâtonnements, la rencontre sexuelle, de soi et de l'autre. L'enfant se trouve plongé dans un univers dans lequel

ses possibles découvertes, progressives et intimes, de l'inscription du sexuel dans le relationnel se trouvent écrasées sous les projections de structures fantasmatiques d'adultes. Le mode passif de cette construction de phrase montre la passivité implicite attribuée à l'enfant dans le fantasme de l'adulte, comme si l'enfant n'était pas présent subjectivement dans cette rencontre avec le sexuel. S'il n'est pas que victime alors il est pervers. Toute implication subjective de l'enfant dans le sexuel serait perverse.

Ces considérations sur l'évolution sociétale ne nous font pas oublier pour autant que certains enfants ont néanmoins une relation exacerbée, voire pathologique, au sexuel, soit sous forme de comportements masturbatoires compulsifs, parfois très précoces et qui valent parfois comme accrochages sensoriels lorsque le monde environnant est par trop chaotique, soit sous forme de recherche intrusive de pénétration dans l'univers de l'autre qui prend la forme sexuelle sous le primat de la réorganisation phallique. Ce ne sont pas de ces situations dont nous tentions de rendre compte, mais de celles où le développement de l'enfant, normal en soi (si tant est que la notion de norme soit pertinente ici), se trouve aux prises avec l'empiètement de la sexualité des adultes.

754

## **L'hyper-sexualisation**

Ces motifs de consultation sont de plus en plus fréquents, dans un contexte socio-culturel ou, paradoxalement, les enfants sont de plus en plus confrontés à la sexualité des adultes à travers les médias (télévision, annonces publicitaires...). Une grande marque de mode construit toute une campagne publicitaire en proposant des images de petites filles allongées, alanguies, maquillées, talons aiguilles et vêtements de femmes. Les enfants ont de toujours été mis en scène à des fins publicitaires, pour l'attendrissement qu'ils suscitent et peut-être le proverbe bien connu même s'il mériterait d'être revu: «la vérité sort toujours de la bouche des enfants» mais la nouveauté tient à la mise en scène très sexualisée.

Si la poupée Barbie, qui existe depuis 1959, a un corps de femme, elle incarne les figures de la mode, de la femme moderne qui travaille. Poupée mannequin, son succès auprès des enfants tient à sa capacité à mobiliser les projections vers un avenir idéalisé, et son compagnon, Ken, apparu 4 ans plus tard, ajoute au modèle de la famille assez conventionnel. Néanmoins, ils ne sont que supports à récits inventés par l'enfant, en fonction de son imaginaire ou de ses préoccupations, qui peuvent effectivement être d'ordre sexuel, mais pas seulement. Rien à voir avec les nouvelles poupées aux figures d'enfants mais avec des attributs sexuels très marqués et des postures de séduction.

L'environnement des enfants est actuellement imprégné d'informations médiatiques avec messages sexualisés, évoquant une disponibilité sexuelle. Les enfants grandissent dans un univers qui commence à se dire «hyper-sexualisé», et ce n'est pas sans susciter d'inquiétudes...

Tout d'abord, que désigne ce qualificatif, parfois attribué à l'enfant et parfois à la société?

Les études sont encore rares. Les canadiens sont les premiers à avoir publié sur ce sujet et trois chercheurs en sciences de l'éducation (Bouchard et al., 2005), donnent une définition dans leur ouvrage intitulé «La sexualisation précoce des filles». Ils ont défini l'hyper-sexualisation comme un phénomène qui consiste à donner un caractère sexuel à un comportement ou à un produit qui n'en a pas en soi.

La psychologue Sylvie Richard Bessette, dans le rapport du sénateur Jouano, réalisé en 2006 à la demande de l'ex-ministre française R. Bachelot, précise l'hyper-sexualisation comme un usage excessif de stratégies axées sur le corps dans le but de séduire, en soulignant dans ces stratégies la mise en scène de la disponibilité sexuelle à partir des images pornographiques version soft. Par exemple, les concours de «mini-miss», équivalent aux concours de «miss» dans la mise en scène du corps et de l'image, font de ces petites filles des mini-femmes versus objet sexuel donné à voir, à admirer.

En Belgique, le programme Yapaka publie en décembre 2012 un opuscule rassemblant quatre contributions sur cette problématique de l'hyper-sexualisation, en la mettant en lien celle de «l'adultification», c'est-à-dire l'ensemble des désirs conscients et inconscients dans lesquels les adultes peuvent emprisonner les enfants, et qui inclue de fait la question du sexuel.

L'hyper-sexualisation pose la question des normes sociales bordant une sexualité acceptable. En effet, au nom de quoi, de quelles normes, de quels critères pourrait-on différencier le «normal» de «l'excès» dans la banalisation des manifestations de la vie sexuelle dans le champ sociétal? Au fond, qu'est ce qui trouve transgressé des particularités de l'enfance dans cette banalisation?

### **Plus de «temps pour comprendre»**

Il nous semble que dans ce phénomène sociétal, c'est ce que Lacan, des trois temps logiques, nomme «le temps pour comprendre» qui se trouve écrasé entre le temps de voir et le temps pour conclure. Le temps pour comprendre est le temps de la pensée, du différé, du recul, le temps où peut se subjectiver, s'approprier ce qui est reçu de l'autre. Cet écrasement entraîne un changement de nature du temps pour conclure, qui ne serait plus un acte posé à partir d'une position subjective mais un acte qui se rapproche du passage à l'acte.

Sous le vocable de «sexuel» se trouve rassemblé tout ce qui évoque explicitement ou implicitement les diverses sensations des plaisirs du corps liées à un investissement libidinal, et qui inclue la sexualité, définie par des comportements sexuels manifestes.

Ainsi le bébé découvre-t-il le sexuel dans la rencontre avec son environnement familial, maternel. Cependant, c'est un sexuel qui ne se sait pas, et ce n'est que bien plus tard, après la période dite de latence, que ce sexuel deviendra sexualité, mais cette transformation relève d'un véritable travail psychique qui nécessite quelques conditions. Nous reviendrons ici sur les différentes étapes, orales, annales, phalliques puis œdipiennes du développement psycho sexuel, avec ce qu'elles comportent d'auto érotisme et d'inscription dans la relation à l'autre, mais surtout pour nous intéresser plus précisément sur la dimension de la curiosité associée à chacune de ces étapes.

L'oralité et le temps de la demande sont déjà une exploration, un mouvement vers le monde, à condition que la satisfaction ne soit pas immédiate. C'est l'écart entre le temps du besoin et sa satisfaction qui ouvre l'espace de la demande, qui jamais plus pleinement satisfaite, ouvre à son tour au désir. C'est l'écart qui porte le petit sujet vers le monde, vers l'appel, vers l'attente et donc vers la curiosité. C'est l'écart à la satisfaction du besoin qui laisse le temps de l'hallucination, du réinvestissement des premières traces mnésiques, qui préfigurent les fantasmes à venir et la capacité à imaginer.

L'analité et le temps du consentement à la demande de l'autre est une exploration des possibles et des impossibles, du lieu des limites et des franchissements, de la maîtrise et du lâcher prise. C'est une curiosité relationnelle qui peut mettre à mal les figures d'autorités. Là encore, l'écart est important, en particulier du côté de l'autorité dans sa capacité à supporter un écart entre ce qu'elle demande et la réponse de l'enfant, qui peut ne pas être immédiate lorsqu'il explore les potentiels relationnels.

Lorsque l'enfant découvre la différence des sexes, la différence aussi entre le vivant et le mort apparaissent d'autres curiosités, d'autres explorations: C'est quoi un garçon? C'est quoi une fille? Où j'étais quand je n'étais pas né? Comment on fait des bébés? Qu'est ce qui me différencie de papa et maman? Qu'est ce qui unit papa et maman? Qu'est ce qui se passe entre eux et que je ne comprends pas, auquel je n'ai pas accès? Ces dernières questions ne sont pas explicites en tant que telles, mais prennent la forme par exemple du «pourquoi je ne peux pas dormir avec vous?» Et là encore, c'est dans le différé que l'enfant peut se construire ses propres réponses en fonction du «matériel» dont il dispose. D'une certaine façon, nous pourrions dire sur les traces de Winnicott, que ce sont des réponses «trouvées créées».

Il serait illusoire de penser que les petits ne portent aucun regard sur ce qui leur est donné à voir, à entendre, même s'ils n'en comprennent pas nécessairement le sens. Ces perceptions font partie de leur environnement, de la norme et s'intègrent comme modèles. Elles vont servir de matériaux aux constructions fantasmatiques infantiles

756

sur la différence des sexes et sur la scène primitive. Ce qui est nouveau dans ce phénomène contemporain, c'est la tonalité particulière de ce qui est donné à voir de la vie sexuelle et qui n'est plus du tout du côté du secret, de l'intime, de la retenue d'une part, et le fait que l'enfant n'ait plus autant à aller chercher des informations, elles lui sont servies sur un plateau «médiatique» voire sur la scène familiale.

L'inaccessibilité à la vie sexuelle des adultes pour l'enfant lui permettait de chercher, de construire, d'imaginer, à partir de ses possibilités d'enfant, de sa compréhension appuyée sur ce qu'il avait pu voir ou entendre. Cet écart, une fois encore, permet un véritable travail psychique, avec la projection temporelle d'un «plus tard». C'est le temps pour comprendre.

Pour reprendre une formulation de De Buck et Matot: «L'accès aux images d'une sexualité pornographique, notamment par internet, a des effets préjudiciables de court-circuit entre l'espace du fantasme et celui de la réalité, et de mise hors-jeu d'un espace personnel de maturations des théories sexuelles infantiles que l'enfant construit au cours de son développement» (De Buck & Matot, 2012, p. 23).

Quand l'écart se trouve réduit comme peau de chagrin, quand la vie sexuelle adulte est accessible est à disposition des enfants, quand même ils deviennent l'objet des fantasmes adultes, que devient leur curiosité, que devient leur temps pour comprendre?

Freud souligne très tôt à quel point la curiosité sexuelle des enfants est le fondement de toutes curiosités permettant un investissement du monde environnant et le développement de l'intelligence, elle est l'énergie de la pulsion de savoir. Chercher oblige à trouver des solutions pour obtenir une réponse, chercher oblige la temporalité, il n'y a pas de réponse immédiate.

Que devient alors cette pulsion? Que devient la pulsion de savoir appuyée sur la curiosité sexuelle quand celle-ci se trouve épinglée par les adultes comme déviante, et donc disqualifiée? Que devient la pulsion de savoir qui engage le sujet à différer la satisfaction, à sublimer dans les apprentissages l'insatisfaction d'une réponse immédiate? Il nous semble que c'est le temps pour comprendre qui se trouve annulé, maintenant le sujet dans un éternel temps pour voir dont il ne parvient pas à se dégager, ou le précipite dans un agir dont lui-même ne comprend pas vraiment le sens. L'agir peut devenir mode de décharge de l'excitation qui ne se transforme pas dans une élaboration. L'angoisse passe dans une agitation qui peut paraître, décontextualisée, un symptôme d'hyperactivité.

La curiosité sexuelle sort du tabou, du déni dans laquelle elle s'est trouvée prise très longtemps, et ce grâce aux découvertes freudiennes qui l'ont sorties de l'ombre, mais c'est pour se trouver reprise par le social qui s'en empare pour en faire un objet de fascination répulsive. Et cette fascination tient aussi de la pulsion scopique exacerbée du temps pour voir. Les enfants comme les adultes restent collés à l'atemporalité de temps pour voir.

Dans le passé la curiosité sexuelle punie conduisait vers la culpabilité au singulier, et la constitution du surmoi, l'intériorisation des interdits accrochés à la parole des adultes mais aussi à ce que les enfants expérimentaient de la prise des adultes avec ce même interdit. Hors les enfants grandissent beaucoup plus avec ce qu'ils expérimentent des adultes, ce qu'ils les voient faire que ce que ceux-ci leurs disent. Ils se trouvent donc pris dans la contradiction d'un interdit quant à l'expression de leur curiosité sexuelle alors même que du monde des adultes ils découvrent ce dévoilement de la vie sexuelle adulte, quand ils ne sont pas eux-mêmes objets des fantasmes, voire des actes sexuels adultes.

Pour conclure et sortir de ces constats contre lesquels il reste difficile de lutter, tant au niveau du contenu que de leurs statuts de constats, d'images de la société qui deviendraient comme telles immuables, il nous paraît nécessaire de soutenir en consultation la place d'acteur de l'enfant dans ses explorations plutôt que celle de victime, de soutenir l'invitation à penser ce qui se passe pour lui, avec lui et avec ses parents.

## Références

758

- Bouchard, P. et al. (2005). *La sexualisation précoce des filles*. Montréal: Éditions Sisyphé.
- De Buck, C. et al. (2012). Le développement de l'enfant, la sexualité et la société. *Yapaka*. Bruxelles. p. 15-33.
- Ferenczi, S. (1932). *Confusion des langues entre les adultes et l'enfant*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.

## Resumos

(O tempo para compreender os “pequenos curiosos”)

*A partir de várias situações clínicas de consultas psicoterapêuticas, a constatação de uma contradição entre a desqualificação das investigações sexuais da criança pelos adultos e o fato de que estes últimos hipersexualizam o ambiente permite sustentar um questionamento sobre os efeitos psíquicos dessa contradição social no desenvolvimento psicoafetivo da criança. O que se torna a curiosidade da criança quando o tempo para compreender desaparece?*

**Palavras-chave:** Curiosidade sexual da criança, hipersexualização, tempo lógico, subjetivação

## ARTIGOS

(Time to understand the “curious little creatures”)

*Based on several clinical situations in sessions of psychotherapy we noted contradictions between the adults' disparagement of children's curiosity about sex and the fact that these same adults themselves hypersexualize the environment. This led us to wonder whether this social contradiction has psychological effects on children's emotional development. What might become of children's curiosity if there were no moment for understanding?*

**Key words:** Children's curiosity about sex, hypersexualization, logical time, subjectification

(Tiempo para entender la curiosidad sexual de los niños)

*Partiendo de varias situaciones clínicas de consultas psicoterapéuticas, constatamos una contradicción evidente entre la descalificación, por los adultos, de las investigaciones sexuales de los niños y el hecho de que los propios adultos hipersexualizan el ambiente permite plantear la cuestión de los efectos psíquicos de dicha contradicción social en el desarrollo psicoafectivo del niño. ¿Qué pasa con esa curiosidad del niño cuando el tiempo para comprender desaparece?*

**Palabras clave:** Curiosidad sexual del niño, hipersexualización, tiempo lógico, subjetivación

(Zeit, um die „kleinen Neugierigen“ zu verstehen)

*Aufgrund verschiedener klinischer Situationen in psychotherapeutischen Behandlungen konnte festgestellt werden, dass es einen Widerspruch zwischen der Disqualifizierung der sexuellen Neugierde des Kindes durch die Erwachsenen und die Tatsache, dass diese Letzten die Umgebung zu stark sexuell bewerten gibt. Dies unterstützt die Frage nach den psychischen Folgen dieses sozialen Widerspruchs in der psychoaffektiven Entwicklung des Kindes. Was wird aus der Neugierde des Kindes, wenn die Zeit zum Verstehen schwindet?*

**Schlüsselwörter:** Sexuelle Neugierde des Kindes, sexuelle Übergerichtung, logische Zeit, Subjektivierung

**Citação/Citation:** Pautrel, V. (2014, setembro). Le temps pour comprendre des “petits curieux”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 749-760.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiado ou apoiado / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

760

### **Véronique Pautrel**

Psychologue clinicienne; Docteur en psychologie: Chargée de cours à l'Université Catholique de l'Ouest, Angers, France. Équipe de recherche EA4050. Centre de santé mentale angevin, Ste Gemmes sur Loire, France.

e-mail: v.pautrel@orange.fr

## A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso\*<sup>1</sup>

Zeferino Rocha\*<sup>2</sup>

*O objetivo do artigo é refletir, na perspectiva da metapsicologia freudiana, sobre alguns processos e componentes psíquicos de natureza perversa, que estão na base dos ideais dos fundamentalistas religiosos. Neste contexto, consideraremos o conceito de “narcisismo de morte” (ou “narcisismo negativo”) e sua articulação com a pulsão de morte, como também a distinção entre Eu ideal e Ideal do Eu para melhor compreender o modelo das “idealizações”, pelas quais os fundamentalistas religiosos sacrificam seu próprio Eu, em nome de um Eu ideal que não é senão a projeção de suas ambições narcísicas infantis.*

**Palavras-chave:** Fundamentalismo religioso, perversão, narcisismo, Eu ideal e Ideal do Eu

761

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre a Metapsicologia da Perversão, Laços Sociais da Perversão, realizado em Recife nos dias 26, 27 e 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

## Introdução

O problema do fundamentalismo religioso desafia nossa capacidade de compreensão e, como um verdadeiro enigma, sua significação nos escapa, quando nos esforçamos para decifrar seu segredo. Todavia, não obstante esta dimensão enigmática de sua natureza, o fundamentalismo religioso tem um lugar de destaque no cenário de nossa cultura contemporânea e sua atualidade é indubitável. Além disso, graças ao prodigioso desenvolvimento dos meios de comunicação tecnológica contemporânea, ele invade, com sua face de terror e de destruição, a intimidade de nossos lares e somos todos transformados em espectadores atônitos das cenas de terrorismo praticadas pelos seus adeptos.

762

### O contexto histórico e cultural do fundamentalismo religioso

Para descrever as linhas essenciais deste contexto, vamos lembrar, brevemente, que um dos principais objetivos do Projeto Cultural da Modernidade se propunha a realizar aquilo que Max Weber denominou: “*Die Entzauberung der Welt*”, vale dizer, o “*Desencantamento do mundo*”. Para conseguir este objetivo, dois caminhos foram abertos: a dessacralização da Natureza e a criação de uma nova ordem de realidade, intrinsecamente lógica e estruturalmente regida pelas ciências matemáticas. A Natureza seria libertada do poder dos deuses, do medo das credices e das superstições dos feiticeiros; ela deixaria de ser contemplada como o poema de Deus, para ser vista como um objeto de transformação para a razão técnica do homem moderno, cuja divisa não podia ser mais significativa: “saber para poder e saber para dominar”.

Pois bem, como observa Marilena Chauí (2006), quando a Modernidade se propôs a realizar o “desencantamento do Mundo”, ela deslocou a religião do espaço público, que ocupava desde a Idade Média, para o espaço privado das consciências individuais, destinando-a e condenando-a a desaparecer

com o progresso da Ciência. A religião e o sagrado foram dispensados e atribuiu-se à ideologia a tarefa de cimentar a vida social e política.

Mas, o Projeto Cultural da Modernidade fracassou, e, hoje, nós vivemos as consequências deste fracasso. Os pensadores da Cultura falam de uma crise que mina os alicerces de nosso mundo contemporâneo. David Herwey (1992) resumiu os efeitos sociais e econômicos desta crise contemporânea, ressaltando a sua “compressão espacial e temporal”. Para ele, há, em nosso mundo contemporâneo, uma fragmentação e dispersão do espaço e do tempo, que condicionam a sua reunificação em um espaço indiferenciado, em um tempo efêmero e, sobretudo, em uma visão de mundo, na qual não se pode contar com a dimensão do futuro, enquanto “possibilidade de determinação do indeterminado”. Nesta experiência de fragmentação, nosso presente esgota-se na realidade de um instante fugaz. Semelhante situação leva-nos ao abandono de toda expectativa em relação ao possível, não nos restando outra saída que fazer o elogio da contingência e da incerteza essenciais.

Pois bem, este contexto, marcado pela contingência e pela efemeridade, criou um clima favorável para o retorno do fundamentalismo religioso, pois, apesar de ter renunciado às noções de eternidade e de necessidade, a visão de mundo do homem contemporâneo não deixou de procurar substitutos para essas noções. E elas reapareceram no fundamentalismo religioso, tanto na sua face religiosa quanto política, pois ele se engajou na construção de um imaginário, no qual as noções substitutas de necessidade e de eternidade foram fundamentadas em duas formas interligadas de transcendência: a transcendência divina da Palavra de Deus e a transcendência do poder político dos governos autoritários, como uma manifestação, no tempo, da vontade de Deus.

Compreende-se, assim, que a crise contemporânea provocada pelo fracasso do Projeto Cultural de Modernidade tenha favorecido o retorno da religião sob a forma do fundamentalismo religioso, não somente como uma experiência individual, mas também como uma interpretação da vida e da ação política. Por esta razão, igualmente, o fundamentalismo religioso desdobra-se, quase sempre, em um fundamentalismo político.

No entanto, este retorno é um retorno ameaçador. Marilena Chauí (2006) faz a seguinte ponderação: porque as religiões fundamentalistas acreditam estar em relação imediata com a vontade de Deus, enquanto portadoras da verdade eterna e universal, nelas não há lugar para a diferença e a figura do outro é olhada como se fosse a do demônio. O campo político transforma-se em um campo de batalha entre o Bem e o Mal e a autoridade política, como uma missão sagrada, é comandada pelo próprio Deus! A política cede lugar à violência como purificação do mal e os políticos passam a assumir o papel de profetas, chefes infalíveis, intérpretes da vontade divina. Que isto nos baste para descrever brevemente o contexto histórico e cultural do fundamentalismo religioso.

## O fundamentalismo religioso

Após esta breve introdução sobre o contexto histórico e cultural do fundamentalismo religioso, vou dizer, de modo bem simples, como o compreendo. Esta atitude se faz necessária porque, como sabemos, não existe uma só espécie de fundamentalismo religioso, nem mesmo uma só maneira de compreendê-lo. Há muitas. É preciso, portanto, que defina como o compreendo.

Vejo o fundamentalismo religioso como *um modo de ser, de pensar e de agir*, que resulta de uma crença e de uma adesão incondicionais a uma doutrina religiosa, qualquer que ela seja, judaica, cristã ou islâmica, considerando-a como a única detentora e protetora do Bem e da Verdade. E, em virtude desta atitude radical, os fundamentalistas religiosos tratam como inimigos todas as outras religiões e pessoas, que não comunguem com suas crenças, nem com seus ideais, tanto religiosos como políticos.

Os bárbaros são os outros. A Barbárie vem sempre de fora. Os bárbaros são todos aqueles que não são os membros de uma mesma religião, de um mesmo partido, de uma mesma pátria e assim por diante. Considerado desta forma, o fundamentalista religioso é um homem fanático e intransigente para com tudo o que é novo, ou diferente, de seu modo habitual de pensar e de agir.

764

O fundamentalista religioso (judaico, cristão ou islâmico) interpreta, literalmente, os Livros Sagrados, nos quais acredita encontrar a revelação da Vontade divina sobre todas as questões que dizem respeito ao seu modo de pensar e de agir, sem situá-los no seu contexto histórico e cultural e sem admitir que eles possam ser renovados, ou atualizados, para responder às exigências das transformações históricas e culturais que, espontaneamente, acompanham a marcha da História da Civilização Humana.

O fundamentalismo religioso e o fundamentalismo político estão frequentemente unidos porque, em última análise, são a consequência lógica de uma mesma ideologia e nós entendemos, aqui, por ideologia, a doutrina que possui uma resposta para todas as questões que são e serão, eventualmente, postas no decorrer dos acontecimentos e das dificuldades de nossa vida individual e social.

Assim consideradas, as doutrinas fundamentalistas, tanto religiosas como políticas, não são consideradas por seus adeptos como simples doutrinas, elas são *dogmas irrefutáveis*, contra os quais é inteiramente inútil querer argumentar, porque os fundamentalistas os aceitam não como uma conclusão baseada em uma convicção intelectual, nem pela força de uma argumentação puramente racional, mas por motivações afetivas, nutridas por mecanismos psíquicos cuja origem e motivação eles não podem conhecer, porque são inconscientes. Esta é a maneira, talvez simplificada demais, de como compreendo o fundamentalismo religioso.

## Um olhar psicanalítico sobre o fundamentalismo religioso

Depois de ter dito como entendo o fundamentalismo religioso, gostaria de apresentar, resumidamente, na perspectiva da metapsicologia freudiana, os mecanismos psíquicos que, segundo penso, estão na base dos ideais do fundamentalismo religioso, na esperança de que eles lancem um pouco de luz sobre o enigma de sua natureza, que, como já disse, desafia nossa capacidade de compreensão.

A psicanálise não tem uma explicação definitiva para decifrar o enigma da esfinge fundamentalista. No entanto, ela já nos terá prestado um grande serviço neste trabalho de compreensão, se nos oferecer alguns subsídios para identificar e compreender as raízes psíquicas, que estão na base da *perversão dos ideais*, bem como das fantasias e das *idealizações*, que dinamizam o modo de pensar e de agir dos fundamentalistas religiosos.

Levando em consideração o tempo de que disponho, vou restringir-me a recordar alguns conceitos psicanalíticos que poderão ajudar-nos a esclarecer um pouco as raízes psíquicas que se encontram na base da perversão dos ideais do fundamentalismo religioso. Antes de tudo, vou tentar mostrar como o modo de pensar e de agir dos fundamentalistas nos oferecem um belo exemplo daquilo que, na perspectiva psicanalítica, designa-se com o nome de “narcisismo de morte” ou de “narcisismo negativo”.

765

### Narcisismo negativo

André Green (1983) propôs a noção de “narcisismo negativo” para traduzir a contrapartida negativa do “narcisismo primário absoluto”, no qual predomina a onipotência de uma plenitude imaginária e ilusória, da qual nos fala Freud em seu estudo de 1914, no qual introduziu o narcisismo no conjunto de sua metapsicologia.

Porque se tratava de um estado hipotético, no qual a libido era inteiramente investida no eu, como em um estado “primeiro” antes de qualquer investimento objetual, vários discípulos de Freud tiveram grande dificuldade de aceitar semelhante “estado anobjetal”. Sem querer discutir, aqui, esta questão, direi apenas que, na minha opinião, as discussões se multiplicam por causa da perspectiva psicogenética, adotada por Freud, quando anunciou o “narcisismo primário”.

No entanto, se olharmos o “narcisismo primário” não como um estado “primeiro” numa escala de desenvolvimento psicogenético, mas como uma “estrutura”, então, na sua forma “originária” (*ursprüngliche*), ele poderia ser visto como “a condição de possibilidade” de toda vida libidinal e como fundamento da estruturação do sujeito, enquanto ser de desejo. De qualquer forma, este “investimento

originário da libido no eu” (Freud, 1914/1982, Band III, p. 43) não é temporário, mas estruturante, pois continua mesmo depois do investimento da libido nos objetos.

No “narcisismo negativo”, no lugar desta estruturação do sujeito do desejo, que funda uma abertura para o relacionamento com os outros, o eu se fecha sobre si mesmo, e o desejo, no lugar de se tornar abertura para os outros, torna-se *desejo do não desejo*, que Freud designou como tendência ao zero absoluto.

Esta tendência ao zero absoluto é a característica principal do “Princípio de Nirvana” (*Nirwanaprinzip*), que, por sugestão de Barbara Low, Freud introduziu na sua teoria psicanalítica, por ocasião da introdução da pulsão de morte, no contexto da reformulação da sua teoria das pulsões (Freud, 1920/1982c). No artigo sobre “O problema econômico do masoquismo” (1924), ele articulou o princípio de Nirvana com a pulsão de morte, quando esta opera como uma força de destruição silenciosa no interior do sujeito, fazendo calar o desejo de viver e mergulhando-o no vazio do não desejo.

## Narcisismo de morte

766

Não parece estranho articular o narcisismo com a morte? Não seria mais plausível dizer que o narcisismo é o guardião da vida? Portanto, em que circunstâncias pode ele tornar-se um agente de morte e, em vez de nutrir as forças da vida por meio dos processos criativos, colocar-se a serviço das forças da morte e da destruição? Freud advertiu que uma certa dosagem de narcisismo era indispensável para a saúde humana, porque, sem ela, nenhuma autoavaliação de si mesmo seria possível. Todavia, aqueles que estão fechados no seu próprio narcisismo, tornam-se seres incapazes de amar e, conseqüentemente, condenados a se tornarem doentes.

Quando excessivo, o narcisismo fecha o sujeito no seu próprio eu, ou no grupo ao qual o eu pertence e com o qual se identifica, sem lhe deixar possibilidade alguma de abertura para o mundo dos outros. Assim, ele se torna um “narcisismo de morte”. Com efeito, o processo de constituição psíquica do eu não se realiza que pela mediação de um outro, mas de um outro que seja verdadeiramente *outrem*. Sem esta abertura para o outro, o narcisismo, que deveria ser uma tendência para a vida, torna-se uma tendência para a morte.

## A lição do mito

Aliás esta articulação do narcisismo com a morte é uma lição do próprio Mito de Narciso, que nos foi transmitida pelo Livro III das *Metamorphoses* de

Ovídio. Tendo recusado o amor das ninfas, e, particularmente, da ninfa Echo, Narciso foi condenado a uma forma impossível de amor, vale dizer, ele não poderia jamais atingir o objeto de seu amor. Na impossibilidade de sair de si mesmo, ele foi condenado a não poder investir sua libido num outro diferente de si, mas tão somente no outro de si mesmo, vale dizer, na sua própria imagem. Na impossibilidade de poder atingir o objeto de seu amor, ele renuncia ao desejo de viver e mergulha na noite e no vazio do não desejo. E, no lugar de seu corpo, nasceu a flor de narciso, a flor dos cultos funerários, que a literatura grega consagrou às divindades subterrâneas. Podemos, portanto, concluir que, no mito grego de Narciso, já se encontra uma profunda união do narcisismo com a morte.

### **Pulsões a serviço da vida e da morte**

O homem, cuja essência foi definida por Aristóteles como um “*zoon politikón*”, um animal político de natureza racional, antes de ser definido como um “*animal symbolicum*” (Cassirer, 1977, p. 51), um criador de símbolos, é um ser de pulsão e de desejo, marcado pelo jogo contraditório de duas tendências constantemente em conflito: uma dinamizada pelas pulsões de vida e a outra marcada com o selo da pulsão de morte.

As forças libidinais, que estão a serviço da vida, são aquelas que nos levam, em nome do amor, a fazer deste mundo, em que estamos situados, um mundo habitável, no qual podemos encontrar a alegria de viver em harmonia conosco mesmos e em solidariedade com os outros, bem como de nos empenharmos numa luta para fazer deste um mundo mais justo e mais humano.

No entanto, em contradição com esta vontade de dizer “sim” à vida e ao amor, trazemos, dentro de nós mesmos, uma tendência destruidora que, “para além do princípio de prazer”, manifesta-se como uma pulsão de morte e de destruição. A pulsão de morte trabalha tanto em silêncio, no interior de cada um de nós, como acontece no trabalho de autodestruição do melancólico, como pode também se manifestar, fora de nós, sob a forma de um grande clamor, o clamor da guerra, da violência e da destruição, que fazem do homem o mais violento dos animais, porque é o único que mata pelo prazer de matar e destrói pelo prazer de destruir.

Na perspectiva psicanalítica, a atitude fundamentalista define-se como a de uma pessoa narcisista. A crença e a adesão incondicionais, que estão na base da atitude fundamentalista, são de natureza narcísica, pois esta crença dogmática leva o fundamentalista a se imaginar “dono da verdade”, da única verdade que salva. Ele se considera melhor do que os outros, e o fanatismo de suas crenças religiosas define também seu estilo de vida familiar e social, bem como seus valores éticos.

O narcisismo *fálico* infantil, caracterizado por um estado de perfeição imaginária absoluta, está na base dos ideais, aos quais os fundamentalistas consagram suas vidas. Sem pretender excluir outras razões e motivações possíveis, ligadas às suas convicções políticas e religiosas, podemos dizer que, em última análise, é esta megalomania narcísica, característica do *narcisismo fálico da infância*, que leva os fundamentalistas ao fanatismo e à intransigência, bem como às atitudes loucas de morrer satisfeitos pela causa e pelo ideal que abraçaram.

Somente uma gratificação narcísica tão profunda poderia revelar a razão de tal atitude. Morrendo por seus ideais, os fundamentalistas não fazem necessariamente uma opção contra a vida, eles renunciam ao desejo de viver sobre esta terra, porque acreditam que uma nova vida os aguarda além da morte, na qual todos os seus desejos serão plenamente satisfeitos.

## A paixão pelos ideais

Os fundamentalistas fazem da religião e da causa política, às quais aderem, *um verdadeiro ideal* diante do qual se posicionam como todo homem apaixonado, vale dizer, eles investem toda sua libido no objeto desta sua paixão. Assim investido, o objeto da paixão torna-se único e insubstituível porque, nele, encontram-se todas as perfeições possíveis e imagináveis. Com ele, o apaixonado tem tudo, e sem ele nada tem.

Como já havia observado o próprio Freud (1921/1982d), esta idealização do objeto da paixão traz consigo necessariamente um empobrecimento do eu. Todavia, o eu empobrecido logo procura e encontra satisfações compensadoras, na medida em que, por causa da natureza narcísica de seu amor, ele termina projetando seu eu no objeto idealizado de sua paixão. Dir-se-ia que ele sacrifica seu próprio eu individual em nome de um Eu ideal, que se torna o modelo de toda perfeição e a fonte de toda felicidade.

## O Eu Ideal

A distinção, estabelecida por Freud, entre o Eu ideal e o Ideal do eu (*Idealich und Ichideal*), por ocasião da reformulação de sua teoria do psiquismo em “O ego e o id” (1923) pode ser-nos útil para melhor compreender a natureza do Ideal e das idealizações dos fundamentalistas religiosos. Esta distinção ajudar-nos-á também a melhor compreender a dimensão perversa, que marca a elaboração das idealizações e dos ideais dos fundamentalistas religiosos.

No texto de Freud, temos, às vezes, a impressão de que o Eu ideal e o Ideal do eu são conceitos sinônimos, mas, pelo contrário, eles são conceitos muito diferentes e, entre os dois, existe a mesma distância epistemológica, que separa a ordem imaginária fantasmática, da ordem simbólica da cultura. Com efeito, o que é o Eu ideal? Ele é uma instância psíquica imaginária, forjada pela megalomania narcísica e *fálica* da criança. Esta, no período de seu narcisismo primário, quando seu eu não foi ainda confrontado com as exigências e os limites da realidade, mas é unicamente regido pelo princípio do prazer, projeta, sobre seu próprio eu, o ideal de perfeição, que ele imagina que as figuras onipotentes e todo-poderosas de seus pais possuem.

No contexto de seu estudo sobre a *Verliebtheit* (1921), Freud observa que, no decorrer da existência, o Eu ideal pode ser projetado sobre figuras substitutivas e que o objeto da paixão amorosa poderia ser um desses objetos substitutos do Eu ideal infantil. O mesmo poder-se-ia dizer dos ideais dos fundamentalistas religiosos. Dir-se-ia que, em uma tentativa ilusória, o apaixonado amoroso, bem como o fundamentalista religioso, querem recuperar o estado de plenitude psíquica e de complementaridade narcísica — o paraíso de suas infâncias — que foi para todo sempre perdido e que, realmente, jamais existiu, a não ser nas fantasias das crianças, nos sonhos dos adultos e nos mitos da Humanidade.

A doutrina religiosa e a causa política, às quais os fundamentalistas aderem incondicionalmente, são, portanto, substitutos do Eu ideal de suas infâncias. No ato de transferir ao grupo, ou ao seu líder, a atitude de admiração incondicional, o indivíduo faz, ao mesmo tempo, a experiência de uma satisfação narcísica, porque, pelo mecanismo da identificação, ele faz um só com o grupo a que pertence. Como diz Freud (1921), o indivíduo se despoja de seu Eu ideal próprio e particular para projetá-lo sobre o Eu ideal do grupo ou de seu líder.

## O Ideal do Eu

De outra natureza são os ideais, que não são sustentados por uma atitude de admiração e de adesão incondicionais. Esta nova maneira de abordar a questão do ideal relaciona-se a outra instância psíquica, que Freud designou com o nome de Ideal do Ego. Este, em oposição ao Eu ideal, é uma instância psíquica que, pela sua constituição, supõe a experiência e a aceitação da “castração simbólica”, pela qual o sujeito renuncia, precisamente, às ambições fálicas do Eu ideal, a fim de que lhe seja possível instalar-se no jogo das relações humanas, enquanto relações que sejam verdadeiramente intersubjetivas. É pela mediação do Ideal do Eu que o

sujeito encontra um modelo de identificação, sem o qual ele não poderia assumir a sua posição de sujeito na ordem simbólica da linguagem.

O discurso que sustenta o Ideal do Eu não é, de modo algum, um discurso de adesão incondicional, como era aquele que sustentava o Eu ideal, mas um discurso discriminatório, vale dizer, um discurso que não enuncia uma adesão incondicional, mas que leva em consideração se o objeto escolhido como ideal satisfaz, ou não, às exigências de valor, segundo as quais os ideais são medidos.

Alguns dentre os psicanalistas dão a impressão de não distinguir esses dois registros de nossos ideais, e, às vezes, demonstram, nos seus discursos, uma certa desconfiança diante dos ideais, como se todos fossem nutridos por uma certa dose de ilusão, criada precisamente para afastar o homem da confrontação inexorável com seu estado fundamental de desamparo. Freud, ele próprio, lamentava esta situação quando assim se exprimiu: “porque destruímos as ilusões, reprovam-nos o fato de colocar em perigo os ideais” (Freud, 1910/1982a – *Ergänzungsband*, p. 132).

Em vez das idealizações que, como já sabemos, dominam as ilusões narcísicas do Eu ideal, o Ideal do Eu coloca em movimento outros dispositivos de investimento objetual, entre os quais destacam-se, de modo particular, o mecanismo da sublimação, o qual, por sua vez, não é nem compreensível, nem eficaz se, primeiramente, não se realiza um verdadeiro trabalho de luto das idealizações ilusórias do Eu ideal (Da Poian, 1998, pp. 133-140).

Os ideais, enquanto projetos do Ideal do Eu, em vez de fechar o Eu numa ilusão plenitude narcísica, tornam possível, por meio da sublimação e da capacidade criativa do eu, a abertura de novos horizontes, que possibilitarão novos investimentos objetais. Sem dúvida, deve-se reconhecer que existe sempre o perigo de uma possível regressão dos projetos do Ideal do Eu às satisfações ilusórias do Eu ideal. E quando isto acontece, entra em cena a perversão dos ideais.

Freud nos advertiu a possibilidade deste perigo quando, no seu estudo “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/1982d), articulou a paixão amorosa com a hipnose. Nos dois casos, tanto o objeto da paixão amorosa, quanto o objeto da relação hipnótica, é um substituto do Ideal do Eu que retrocede à condição de Eu ideal. E quando isto acontece, o Ideal do eu perde a sua função crítica e mergulha naquilo que Freud chamou a “cegueira do amor” — *Die Liebesverblendung* (p. 106).

Pois bem, é esta cegueira do amor e ausência da função crítica do Ideal do Eu que abrem para o eu o mundo da perversão, pois, como diz Freud, elas podem transformar um homem num ser sem remorsos e em um verdadeiro assassino. Por isso, dizemos que a ausência da função crítica do Ideal do Eu, juntamente com as formas ilusórias de idealização narcísica do Eu ideal, permitem que possamos falar das raízes perversas do fundamentalismo religioso.

## À guisa de uma conclusão

À guisa de uma conclusão, sim, porque não se trata de uma verdadeira conclusão. Já sabemos que a psicanálise não possui a solução definitiva do enigma do fundamentalismo religioso. Vamos, portanto, apresentar aqui, à guisa de uma conclusão, uma rápida reflexão sobre a questão da Barbárie, à qual nos referimos no começo desta nossa comunicação.

Desde a cultura helênica, existe o costume de se dizer que *o bárbaro é o outro* e que ele vem, sempre, de fora. O bárbaro é o inimigo. Era assim para os gregos e os romanos na Idade antiga. Era assim na Cristandade medieval. Era assim, também, em um tempo mais perto de nós, para os nazistas. Depois do dia 11 de setembro de 2001, o fundamentalista islâmico foi feito o inimigo número um da humanidade!

Mas o verdadeiro inimigo da Humanidade é a Barbárie, e esta, como observou muito bem Walter Benjamin (1985), é engendrada no ato mesmo, pelo qual é produzida a Cultura. A Barbárie é intrínseca ao movimento de criação e de transformação da Cultura humana.<sup>1</sup>

Podemos, então, concluir que o bárbaro também nos habita e se torna uma só coisa com as tendências cruéis e destruidoras que, dentro de nós, estão a serviço da morte e da destruição.

Todavia, mais forte do que a morte é o amor, e o amor também nos habita e nos sustenta na luta contra todas as formas de Barbárie, revelando-nos, a cada instante, que “a vida é bela e que merece ser cantada simplesmente porque é vida”.

771

## Referências

- Benjamin, W. (1985). O conceito de história. In *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense.
- Cassirer, E. (1977). *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o Homem*. (Vicente Queiroz, trad.). São Paulo: Mestre Jou.
- Chauí, M. (2006). Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In *Filosofia Política Contemporânea. Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania*. Atilio A. Boron, Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO. São Paulo, Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.
- Da Poian, C. (1998). O desamparo e a questão dos ideais. *Desamparo*. Cadernos de Psicanálise. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, 20(12), 133-140.

<sup>1</sup> Walter, B. O conceito de história. In *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- Freud, S. (1982a). *Die zukünftigen Chance der psychoanalytischen Therapie*. Studienausgabe (SA), Ergänzungsband, 132. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag. Tradução brasileira – Standard Brasileira. *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1982b). *Zur Einführung des Narzissmus*. SA. Band III, 37-69. Tradução brasileira (SB) *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1982c). *Jenseits des Lust Prinzips*. SA. Band III. 213-273. Tradução brasileira: Além do princípio do prazer. (Vol. XVIII, 1976). (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1982d). *Massenpsychologie und Ich-Analyse*. SA. Ergänzungsband, p.106. Tradução brasileira (SB) *A psicologia das massas e análise do ego*. (Vol. XVIII, 1976, p. 197. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1982e) *Das Ich und das Es*. (SA) Band III, p. 273. Tradução Brasileira (SB) *O Ego e o Id* (Vol. XIX, 1976, p. 13). (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1982f) *Das Ökonomische Problem der Masochismus*. S.A. Band III, 339. Tradução Brasileira (SB) *O problema econômico do masoquismo* (Vol. XIX, 1976, p. 199. (Trabalho original publicado em 1924).
- Green, A. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Hervey, D. (1992). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

772

## Resumos

(The perversion of the ideals on the religious fundamentalism)

*The present paper discusses Freud's metapsychology in regard to certain psychic processes and components of a perverse nature that are at the basis of ideals of religious fundamentalism. It is our aim to work with the concept of "narcissism of death" (or "negative narcissism") and its articulation with the death drive, as well the distinction between the ideal ego and the ego ideal. The aim is to better understand the model of "idealizations," where religious fundamentalists sacrifice their own egos in the name of an ideal ego that is little more than a projection of their own infantile narcissistic ambitions.*

**Key words:** Religious fundamentalism, narcissism, perversion, Ego ideal and Ideal ego

(La perversion des idéaux dans le fondamentalisme religieux)

*Cet article a pour but de réfléchir, dans la perspective de la métapsychologie freudienne, sur quelques composants psychiques de nature perverse qui sont à la base des idéaux des fondamentalistes religieux. Dans ce sens, nous prenons en compte le concept de «narcissisme de mort» (ou «narcissisme négatif») et son articulation avec*

## ARTIGOS

*la pulsion de mort, ainsi que la distinction entre le Moi idéal et l'Idéal du Moi pour mieux comprendre le modèle des «idéalisations» selon lesquelles les fundamentalistes religieux sacrifient leur propre moi au nom d'un Moi Idéal qui n'est rien d'autre que la projection de leurs ambitions narcissiques enfantines.*

**Mots clés:** Fundamentalisme religieux, narcissisme, perversion, Moi idéal et Idéal du Moi

(La perversion de los ideales en el fundamentalismo religioso)

*El presente ensayo busca reflexionar, en la perspectiva de la metapsicología freudiana, sobre algunos de los componentes psíquicos de naturaleza perversa, que están en la base de los ideales de los fundamentalistas religiosos. Es nuestro propósito trabajar los conceptos de “narcisismo de muerte” (“narcisismo negativo”) y su articulación con el instinto de muerte, como también la distinción entre Yo ideal e Ideal del Yo para una mejor comprensión del modelo de las “idealizaciones” por las cuales los fundamentalistas religiosos sacrifican su propio Yo, en nombre de uno Yo Ideal que no es otra cosa sino la proyección de sus ambiciones narcisistas infantiles.*

**Palabras claves:** Fundamentalismo religioso, metapsicología freudiana, narcisismo, Yo Ideal e Ideal del Yo

(Die perversion der Ideale im religiösen Fundamentalismus)

*Ziel dieses Beitrags ist es, aus der Perspektive der freudschen Metapsychologie, über einige perverse psychische Vorgänge und Komponente nachzudenken, die den Idealen der religiösen Fundamentalisten zugrunde liegen. In diesem Zusammenhang werden wir den Begriff „Narzissmus des Todes“ (oder „negativer Narzissmus“), sowie sein Zusammenspiel mit dem Todestrieb und die Unterscheidung zwischen dem idealen Ich und dem Ich-Ideal in Betracht ziehen. Dies soll helfen, das Modell der „Idealisierungen“ besser zu verstehen, durch die die religiösen Fundamentalisten ihr eigenes Ich im Namen eines idealen Ichs opfern, welches nichts anderes als die Projektion der eigenen kindlichen, narzisstischen Begehren ist.*

**Schlüsselwörter:** Religiöser Fundamentalismus, Perversion, Narzissmus, Ideal-Ich, Ich-Ideal

**Citação/Citation:** Rocha, Z. (2014, setembro). A pervasão dos ideais no fundamentalismo religioso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 761-774.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** O autor declara não ter sido financiado ou apoiado / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** O autor declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

**ZEFERINO ROCHA**

Mestre em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1948-1952); Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris-X (1973); Prof. do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap (Recife, PE, Br).

Rua Conselheiro Portela, 139/502

52020-212 Recife, PE, Br.

e-mail: [zephyrinus@globo.com](mailto:zephyrinus@globo.com)

## Da prática (privada) da perversão\*<sup>1</sup>

Mathilde Saïet\*<sup>2</sup>

*Elas têm vinte, trinta, quarenta ou setenta anos, e possuem a particularidade de terem conservado um objeto transicional, um “doudou”, pequeno pedaço de tecido ou pelúcia surrada remontando à primeira infância, que lhes proporcionam uma sensação “única”, convocando um sentimento de quietude e de alegria, dos quais elas não podem — nem querem — se abster. Essa persistência do “objeto transicional” abre uma dupla interrogação sobre, de um lado, a natureza e o estatuto desse objeto e, de outro lado, a existência de um fetichismo específico, próprio ao sexo feminino, convocando, desse modo, um erotismo singular.*

**Palavras-chave:** Objeto transicional, fetiche, feminilidade, perversão

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre a Metapsicologia da Perversão, Laços Sociais da Perversão, realizado em Recife, PE nos dias 26, 27 e 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Université Catholique de l’Ouest – UCO (Angers, France).

*O amor do pervertido é uma peça de teatro na qual um simples figurante avança em direção à cena e toma o lugar do primeiro personagem.*

(Binet, 1887, p. 127)

776 Quería evocar neste texto uma *singular* prática da perversão. Singular no sentido de estranha, insólita, mas também pessoal, individual e íntima. Esta prática, bastante generalizada mas passando geralmente despercebida, concerne uma pequena comunidade, tão confidencial que feminina, que possui a particularidade de ter conservado o que chamamos em francês de «doudou», ou seja um «objeto transicional» cuja presença é essencial para adormecer-se.<sup>1</sup> Seguindo as modalidades de um pequeno cerimonial, a cena é organizada como um ritual: todas as noites, a *mulher do doudou* pega o que geralmente não é mais do que um pedaço de tecido informe, acaricia, toca, roça, cheira, fá-lo deslizar nos seus dedos, na sua barriga e, especialmente, entre a boca e o nariz. Os sentidos solicitados, muitas vezes associados a uma atividade de sugação da língua, procuram «uma sensação de doçura absoluta», «um apaziguamento único», «indescritível». A sensualidade do contato do pano informe e mole com a pele isola a mulher do resto do mundo, provocando uma sensação inexprimível, «*única*», inacessível de outra forma, de «*bem-estar absoluto*», uma aquietação imediata que favorece o sono e, obviamente, um prazer autoerótico gerado pelo contato e o cheiro que emana do pedaço de tecido. Fonte de uma satisfação à qual estas mulheres não têm a menor intenção de renunciar, o *doudou* não é somente uma relíquia, ele é um objeto realmente *utilizado*. Aparentemente, sua existência não constitui nenhum problema nem na vida delas, nem na dos seus parceiros. Ao contrário, todas tecem elogios ao doudou, felicitando-se por tê-lo, indo às vezes até aconselhá-lo aos seus amigos para aliviar os problemas de insônia!

Modo de gozo privado, espécie de pequeno remédio «achado-criado», forma de «miragem» sensorial, o fenômeno, embora não dissimulado, é pouco conhecido. Portanto, basta interessar-se pelo assunto para

<sup>1</sup> Veja Mathilde Saïet, *Femmes et doudou, l'objet de l'endormissement*.

descobrir que muitas mulheres têm conservado as suas «primeiras possessões». Estranhamente, quando interrogada sobre o assunto, a mulher do doudou fica até surpresa com as perguntas, como se ela tomasse de repente consciência da sua existência e não entendesse este súbito interesse por um gesto cotidiano, mecânico.

Que seja considerado como uma pequena «anomalia» cotidiana ou uma loucura leve, a conservação do doudou na vida adulta suscita várias interrogações. Qual é o estatuto deste objeto habitualmente transitório, que se tornou imutável, inalterável? E por que, enquanto a prática da primeira possessão é comum aos dois sexos, somente as mulheres continuam a usá-la na vida adulta? O doudou revela-se de fato uma «história de mulheres»; *atributo feminino*, será que este simples pedaço de pano talvez contenha insidiosamente a fórmula de uma especificidade feminina?

### Um objeto fetiche?

Devemos ver no doudou um antigo objeto transicional, «reconvertido» através de uma mutação de valores? Será que o *doudou* pode ser considerado um objeto revelando uma disposição perversa? À primeira vista, o doudou não tem nada a ver com a perversão, sendo esta geralmente ligada a uma atitude de dominação, de manipulação ou de desumanização. «Consciente de ter escolhido o mal» (Aulagnier, 1967, p. 15), o perverso procura atingir a falha, a aflição do outro, sua divisão. Para resumir, a perversão «sempre é uma história em que alguém machuca alguém» (Stoller, 1975, p. 76), incluída no fetichismo, embora neste a relação de ódio seja mais difícil de identificar: «os fetichistas não esfaqueiam, não mordem, não envenenam, não sufocam, não esmagam nem destroem. Contudo, escondidos nesses símbolos há cenários onde figuram atos hostis. O fato de os fetichistas não fazerem mal a ninguém não quer dizer que o seu comportamento não esconde, entre outros, a dinâmica da hostilidade» (p. 90). Esta hostilidade se manifesta em particular por meio do fetiche, um objeto que é sempre atacado, sujado, rasgado ou lacerado, ou seja, o suporte de fantasmas sádicos à temática oral e anal.<sup>2</sup>

Embora as manifestações de destrutividade não sejam totalmente ausentes do comportamento da mulher do doudou, pois o objeto é deteriorado pelas manipulações e pelo atrito das mãos, «atacado» pela saliva e, às vezes, pela urina (Na maior parte dos casos, o doudou nunca foi lavado), a relação de um «vínculo de ódio» (Stoller, 1975, p. 77) ao outro não parece neste caso se manifestar: não há nem os

<sup>2</sup> Sobre isso, veja os casos clínicos de Stoller (1975), Binet (1888), assim como os estudos de Freud (1927/1997) sobre o fetichista cortador de tranças.

desafios e as outragens (Aulagnier, 1967), próprios à perversão, nem as tentativas de desumanização. Com o doudou, a alteridade desvanece dando lugar ao isolamento narcísico, uma relação única «entre si e si», um refúgio sensorial e autoerótico. Isso é a *perversão mínima, descrita na polimorfia infantil, ou então é uma perversão radical tendo como único alvo, a apologia de Narcisso?*

Inúmeros autores têm notado que o fetichista opera uma total elisão do outro, o ódio manifestando-se com uma desvitalização ou uma indiferença absoluta — o amor dirigido exclusivamente a uma botina sublinha perfeitamente a ausência de conteúdo —, com a criação de uma *mulher em negativo*. De certa forma, «não existe ninguém no mundo mais infeliz do que um fetichista que deseja uma botina e tem que satisfazer-se com uma mulher inteira» (Krauss, citado por Szasz, 1985, p. 13). A distinção entre «pequeno» e «grande» fetichismo, definida por Binet e implicitamente adotada por Freud,<sup>3</sup> constituiria assim uma espécie de graduação entre um fetichismo «amoroso», no qual o culto é dirigido a uma emanação da pessoa e conserva uma referência ao outro numa relação de substituição, e um fetichismo «verdadeiro» ou «patológico», em que o objeto adquire uma forma de independência e é idolatrado não pela pessoa que evoca, mas por si mesmo. O fetichismo absoluto aconteceria então quando o laço com o objeto sexual se desfaz e a realização fetichista acontece na maior solidão. Joyce McDougall (2007) descreve o destino tragicômico de um fetichista que, depois de ter criado uma peça de teatro lacunar, escreve as regras do jogo e representa a sua peça sozinho. Freud analisou esta versão da perversão em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e nos seus textos anteriores a 1927. É a versão de um sujeito que teria «parado no meio do caminho», cristalizado numa sexualidade parcial, preliminar,<sup>4</sup> fugindo a confrontação com a genitalidade e o encontro com o outro que isso envolve. Verdadeira solução neossexual (McDougall, 2007), contrafóbica, a perversão seria a permanência de uma prática narcísica, autoerótica, bem separada da sexualidade *aloerótica*. O doudou, como fóssil de uma sexualidade infantil, parece de diferentes maneiras característico da experiência de perversão fetichista.

Segundo Freud, os fetichistas estão bastante satisfeitos com a facilidade da sua vida amorosa, porque «contrariamente aos outros homens, eles não precisam cansar-se a fazer rodeios para cortejar uma mulher». Por conseguinte, é difícil

<sup>3</sup> «O caso patológico apresenta-se somente quando a aspiração à posseção do fetiche vai além desta condição (normal) e substitui-se ao alvo sexual normal, ou então quando o fetiche desliga-se de uma pessoa determinada para tornar-se o único objeto sexual» (Freud, 1905/1987, p. 63).

<sup>4</sup> A perversão é «a tendência a deter-se nos preliminares e a transformá-los em novos alvos sexuais que se substituem aos alvos normais» (Freud, 1905/1987, p. 66).

receber fetichistas em análise, pois a presença do fetiche não é sentida como um sintoma doloroso, mas apenas como uma pequena anomalia. «O fetiche tem a função de descoberta anexa» (Freud, 1927/1997, p. 133). Da mesma maneira, mesmo tendo consciência da natureza insólita do seu *doudou*, a mulher não iria consultar para o que ela considera não como um problema, mas como uma fonte de profunda satisfação. A perversão não é uma questão, é uma resposta (Castanet, 1999), uma invenção que «varre qualquer certeza sobre o corpo sexuado e os objetos ou atos considerados como causa de desejo» (McDougall, 1998, p. 281). Convencidos que detêm o verdadeiro segredo do gozo sexual, os fetichistas regozijam-se com «essa miraculosa descoberta erótica» (Castanet, 1999, p. 274), e não entendem por que os outros não os invejam por terem achado esta solução tanto prática como confortável e divertida. O perverso é um ser feliz, satisfeito, porque ele sabe o que deseja e soube dar-se os meios de atingir as suas ambições. Do português «feitiço», que significa tanto «artificial» como «feérico», o fetiche é um objeto *fabricado*, *mágico* e também *factício*, um artifício (um *Kniffige*, segundo a expressão freudiana), uma pequena astúcia sem importância. Com esta relação com um objeto inanimado, dotado de propriedades tão mágicas como alucinatórias, a mulher do *doudou* parece ter identificado, ou seja «achado-criado» uma *solução* que permite-lhe, sob o pretexto de favorecer o adormecimento, exumar todas as noites, sem ninguém saber, os vestígios da sua erótica infantil.

### Um fetiche feminino?

Segundo os textos posteriores aos “Três ensaios...”, o fetichismo tornou-se incompatível com a mulher, *pelo menos o fetichismo idêntico ou simétrico*. Como *ersatz* fálico, o fetiche implica de fato um laço íntimo com o complexo de castração, uma particularidade que deveria excluir de imediato a mulher do fetichismo. A sua posição sobre a castração não lhe permite ter a mesma sobre o objeto fálico: a mulher, que «sempre soube que ela não tem e quer tê-lo» (Freud, 1925/1997, p. 127), não tem nada a perder. Fora alguns raros casos relatados na literatura psicanalítica,<sup>5</sup> o fetichismo feminino parece não ter existência, *pelo menos*

<sup>5</sup> Nancy Spiegel (1967) faz uma descrição detalhada de uma mulher de 19 anos, cujo objeto fetiche é um atacador de sapato. Krafft-Ebing (1886-1925) descreve um fetichismo feminino ligado à utilização do pé, da boca e da farda do homem, considerados como objetos fetiche. A psicanalista Hug-Hellmuth menciona a natureza simbólica do pé para a mulher fetichista, este sendo um substituto do órgão idealizado da mãe, o falo pré-genital (Hug-Hellmuth citado por Spiegel, 1967).

como prática sexual perversa. «O sexo masculino é o sexo frágil no tocante à perversão» (Lacan, 1966, p. 823). Só pode existir fetichismo se tiver ou uma função fálica ou um outro dispositivo fálico, como por exemplo a maternidade Granoff & Perrier, 1964).

Uma outra análise é todavia possível. Gratien de Clérambault, em *Paixão erótica pelos tecidos na mulher*, descreve uma forma original e feminina de fetichismo: o da seda. O sintoma, chamado «hyphéphilie» (ufê: tecido) ou «aptophilie» (aptô: tato), se manifesta sempre do mesmo jeito: a mulher vê um retalho de seda numa loja, rouba-o — o que já é uma fonte de excitação —, toca-o, amassa-o, cheira-o, usa-o para se masturbar e joga-o fora. Estas mulheres falam da seda como *de uma fonte de gozo impossível a atingir de outra maneira, simplesmente obtido pelo contato com o pano e seu cheiro*. Estas palavras são muito semelhantes às da mulher do doudou, quando ela descreve uma sensação única, indescritível, que não tem igual. G. de Clérambault (1908) faz-se a seguinte pergunta: dado que, na sexualidade normal, «os contatos macios e os cheiros suaves não são erógenos por si mesmos, mas servem de auxiliares da excitação, estes dois fatores reunidos não deveriam, num sujeito normal, aguçar as sensações voluptuosas até o orgasmo»? (p. 66). As características do «fetichismo feminino» relatadas por G. de Clérambault parecem de fato evidenciar uma forma específica deste fetichismo que questiona o «mistério feminino»:

No contato com a seda, elas são passivas; a sua personalidade é fechada ao mundo exterior; sem visão nem desejo; *o sexo oposto não existe mais*; o seu gozo é genital, mas ela é tão autossuficiente que *parece assexuada* (...) A perversão do fetichista é uma homenagem ao sexo oposto, (...) nossas três pacientes não têm nada disso; elas se masturbam com a seda, com tão pouco entusiasmo quanto um *gourmet* solitário saboreando um vinho gostoso. (p.72)

*Poderia existir uma maneira feminina de encarnar e de reinterpretar o fetichismo?* O laço estreito entre feminilidade e tecido<sup>6</sup> parece conduzir a um modelo de fetichismo diferente; a busca de uma sensação tátil com a seda, a utilização erotizada do pano no corpo inteiro, não só no sexo, assim como a ausência do sexo oposto, todos pontos de divergência com o fetichismo masculino, fazem de Clérambault interrogar-se, levando-o até a considerar a existência de um fetichismo «assexuado», exclusivamente feminino. A publicação do testemunho de uma mulher jovem que não abandonou a atividade de sugação que ela chama «*lutscherli*»,<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Veja Freud, «A experiência cotidiana nos mostra todos os dias que a metade da humanidade pode ser classificada como fetichista das roupas» (Freud, 1909/1989, p. 430).

<sup>7</sup> Um termo que vem da palavra alemã «*lutschen*»: sugação.

citado por Freud em “Três ensaios...”, é a este respeito muito interessante. Freud descreve a sensação como semelhante a uma satisfação sexual:

Os outros beijos não são como um «lutscherli»; não, não, longe disso! Ninguém pode descrever o tamanho do *bem-estar* que a sugação procura a seu corpo; você fica totalmente *ausente do mundo*, inteiramente *satisfeito*, num estado de felicidade tal que *o desejo desvanece*. É um sentimento maravilhoso; você só aspira à quietude, uma quietude que nada deve interromper. É simplesmente duma *inexprimível* beleza, você não sente mais nem aflição nem sofrimento e é transportado num outro mundo. (Freud, 1905/1987, p. 104).

*A mulher do doudou, a mulher da seda, a mulher do lutscherli*, os três casos parecem indicar a existência de uma outra erótica, mais radical, no mesmo tempo inexprimível e beirando um Absoluto, quase «fora do sexo», que lembra o «gozo Outro» evocado por Lacan (1972-1973) falando das mulheres, um gozo fora do significante, que «não se pode exprimir mas que se sente sem nós sabermos e sem podermos falar nada» (p. 69). Agindo além do gozo fálico, este gozo «doido», desenfreado, sem limites nem suporte de qualquer objeto,<sup>8</sup> seria ligado ao corpo não «phallicisé» — e como tal, teria finalmente pouco a ver com o sexo. É de fato notável que o prazer evocado pela mulher do doudou, tão intenso, tão miraculoso — embora sem ligação aparente com um prazer orgástico —, não tenha outro fim que entrar no sono, e só parece esgotar-se com o adormecimento.<sup>9</sup> Este gozo ilimitado, reproduzido à vontade, evoca o do bebê que adormece satisfeito no peito: «a sugação voluptuosa acompanha-se de uma distração total da atenção, conduzindo ao adormecimento ou até mesmo a uma reação motora parecida com o orgasmo. Aqui se desvela uma coisa que vale para o resto da existência: que a satisfação sexual é o melhor dos soníferos» (Freud, 1905/1987, p. 103). De fato, o próprio da sexualidade infantil é de não ter fim.<sup>10</sup>

As observações clínicas da mulher do doudou nos mostram que este «gozo Outro» contém uma tonalidade primitiva. Relevando uma sexualidade infantil oral, as sensações ressentidas parecem reproduzir concretamente a experiência do seio,

<sup>8</sup> Em “Para introduzir o narcisismo” (1914/1997), Freud nota que o fetichismo feminino seria mais uma narcisização do corpo, como um todo, que um investimento libidinal com um objeto qualquer.

<sup>9</sup> Veja *A Bela Adormecida, Branca de Neve e Psyche*, «belas ao sexo adormecido», mergulhadas num longo sono thalassal do qual ninguém sabe se sairá um dia — só que elas serão reanimadas pelo belo amante, aquele que tem o poder de acordar o corpo adormecido.

<sup>10</sup> «Ao contrário do prazer sexual genital, o prazer (autoerótico) não é a origem do ato. No autoerotismo da sexualidade infantil, o prazer seria inicial e não terminal. A excitação da zona erógena esgota-se com o tempo em vez de se descarregar» (Widlöcher, 2000, p. 35).

seu cheiro, sua doçura, seu calor, sua erótica; aplicado no rosto ou entre a boca e o nariz, o doudou dá até a impressão de imitar o esmagamento do seio e os movimentos rítmicos dos dedos durante a amamentação.<sup>11</sup> Pedaco primitivo encistado, que seria mantido idêntico ao longo dos tempos sob a forma de uma corrente independente,<sup>12</sup> espécie de homenagem ao infantilismo da sexualidade, o doudou, objeto idolatrado, dotado de propriedades divinas, reproduz «a orgia da mamada» (Winnicott), assemelhando a mulher do doudou a uma mística venerando um Peito magnificado, mestre do jogo em matéria de gozo extático.<sup>13</sup>

O doudou encarna um objeto que, fundamentalmente, *nunca foi perdido*. Tendo à disposição a permanência de um objeto concreto, com o risco constante de que «o recurso ao fetiche extenua-se, enfraqueça-se ou mesmo esquite-se» (Lacan, 1956-1957, p. 160), a dica é geralmente uma substituição do objeto, proporcionando assim a possibilidade de um uso infinito; é assim possível ter um doudou sobresalente, proveniente da mesma matriz, ou então trocar o velho tecido por um novo quando o desgaste torna necessário a sua substituição.<sup>14</sup> É bem isso a propriedade do fetiche, criação erótica face à percepção da falta, representando um pênis «fiel» porque pode faltar, *uma presença num contexto de ausência*. O doudou consiste na instauração de um seio fictício, na «présentification» do objeto, verdadeira ilusão no sentido de prestigitação, uma aparição num contexto de disparição. Como *ersatz*, o fetiche feminino teria como alvo dar para a mãe um seio «perfeito-inteiro» (Klein, 1978), *falo* indestrutível que abrange o objeto primário da falta. O uso do doudou, no sentido de «utilização do objeto» dado por Winnicott, permitiria assim uma reconstrução, uma reinvenção do corpo materno, ou seja, sua re-tecelagem.

Porque é sempre a imago maternal que é subjacente, como uma imagem subliminar, imago representativa da alteridade mínima, a da identificação primária que permite um corpo materno fusionado, reino da feminidade arcaica, mino-miceniã segundo a expressão freudiana (Freud, 1931/1997), onde dominam os fantasmas testemunhos da adesividade primária ao corpo da mãe, espécie de matriz inerente

<sup>11</sup> Em “A cavidade oral primitiva”, R. Spitz (1965/2002).

<sup>12</sup> O sexual do doudou não faz parte da sexualidade genital, portanto, não pode ser considerado como uma das formas preliminares de perversão polimórfica que reintegra a sexualidade adulta em qualidade de sexualidade preliminar.

<sup>13</sup> Em referência à definição do fetiche de Charles de Brosses: «forma de religião na qual os objetos do culto são animais ou seres inanimados divinizados e assim transformados em coisas dotadas de uma virtude divina» (De Brosse, 1970, p. 131).

<sup>14</sup> O novo doudou é todavia concebido como sendo o doudou original. A preparação à mudança pode ser feita por contiguidade, amarrando os dois juntos, como se a promiscuidade das matérias permitisse que o antigo doudou transmita a sua experiência ao novo, pelo contato.

ao psiquismo feminino (Godfrind, 2001). Um exemplo de fetiche feminino fornecido por M. Sperling pode ilustrar este fantasma de «colagem adesiva»; trata-se de uma mulher que dormia com um pequeno travesseiro que sua mãe lhe tinha dado antigamente. Nos grandes períodos de insônia, ela vestia a camisola da sua mãe em lugar de usar o travesseiro, uma roupa que vai envolver totalmente o corpo, como para «vestir» a mulher da pele materna (Sperling, citado por Greenacre, 1970/1978). A mulher do doudou teria também removido fantasmaticamente um pedaço da pele da sua mãe, promessa de uma presença maternal sempre disponível e de uma aliança que, mesmo sendo «branqueada pelos anos» (Freud, 1931/1997, p. 140), se teria conservada por intermédio do doudou? O doudou tem a função de colmatar a perda original do objeto – do qual reproduz todas as modalidades – e parece permitir um regresso ao *Heimlich*, a terra natal. Seria talvez neste ponto de mutação que o objeto, transicional no início, tornou-se doudou: sem negar a marca e a natureza autoerótica do primeiro, é ao segundo que se deve atribuir o verdadeiro *projeto fetichista*. Na minha opinião, o que sobressai desta enigma é que essa erótica arcaica não é, como tal, submetida ao interdito. Então por que os homens não a usam como as mulheres? Pelo menos, o doudou poderia ser uma pequena contribuição à tentativa de exploração da vida sexual da «mulher (que), em parte por causa da atrofia cultural, em parte por sua discrição e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável» (Freud, 1905/1987, p. 59).

## Referências

- Aulagnier, P. (1967). A perversão como estrutura. *O Inconsciente*, Paris, 1(2), 11-41.
- Binet, A. (2001). *O fetichismo no amor*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1887).
- Castanet, H. (1999). *A perversão*. Paris: Anthropos.
- De Brosse, C. (1970, outono). *O fetichismo*. *Nova revista de psicanálise*, Paris, 2, 131-133.
- De Clérambault, G. G. (2002). *Paixão erótica pelos tecidos na mulher*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1970). A clivagem do Eu no processo de defesa. *Nova revista de psicanálise*, Paris, 2, 25-31. (Trabalho original publicado em 1938).
- Freud, S. (1987). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1989). Gênese do fetichismo. *Revista Internacional da Historia da Psicanálise*, Paris, 2, 421-439. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1997a). Para introduzir o narcisismo. In *A vida sexual* (pp. 81-105). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1997b). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In *A*

*vida sexual* (pp. 123-132). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (1997c). O fetichismo. In *A vida sexual* (pp. 133-138). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (1997d). Sobre a sexualidade feminina. In *A vida sexual* (pp. 139-155). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1931).

Godfrind, J. (2001). *Como a feminidade vem às mulheres*. Paris: PUF.

Granoff, W. & Perrier, F. (1991). *O desejo e o feminino*. Paris: Aubier. (Trabalho original publicado em 1964).

Greenacre (1978). O objeto transicional e o fetiche, do ponto de vista da função da ilusão. *Revista francesa de Psicanálise*, Paris, 42(2), 271-288. (Trabalho original publicado em 1970).

Klein, M. (1978). *Ensaio de psicanálise*. Paris: Payot.

Krafft-Ebing, R. von. (1886-1924). *Psychopathia sexualis*. Paris: Payot.

Lacan, J. (1956-1957). *O seminário. Livro IV. A Relação d'Objeto*. Paris: Le Seuil.

Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Le Seuil.

Lacan, J. (1972-1973). *O seminário. Livro XX. Mais, ainda*. Paris: Le Seuil.

McDougall, J. (1998). A sexualidade perversa e a economia psíquica. In *As perversões* (pp. 269-304). Paris: Tchou. (Trabalho original publicado em 1979).

McDougall, J. (1982). *Teatros do Eu*. Paris: Gallimard.

784

McDougall, J. (2007). A economia psíquica da dependência. In *Anorexias, dependências e fragilidades narcísicas* (pp. 11-36). Paris: PUF.

Saïet, M. (2008). *Femmes et doudou, l'objet de l'endormissement*. Paris: PUF.

Spiegel, N. (1967). An infantil fetish and its persistence into Young Womanhood. *Psychoanalytic Study of the Child*, London, 22, 402-425.

Spitz, R. (2002). Do nascimento à palavra. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1965).

Stoller, R. (1997). *A perversão, uma forma erótica do ódio*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1975).

Szasz, T. (1985). *Karl Krauss ou os médicos da alma*. Paris: Hachette.

Widlöcher, D. (2000). Amor primário e sexualidade infantil. In *Sexualidade infantil e apego* (pp. 1-54). Paris: PUF.

## Resumos

(The (private) practice of perversion)

*They are 20, 30, 40 or even 70 year-old women and they all have the distinctive feature of having held on to a transitional object, such as a blanket, some piece of cloth or a worn-out cuddly toy that dates back to their early childhood. This object provides them with a "unique" sensation that gives them peace of mind and bliss they cannot*

— and even do not want to — do without. Keeping this “transitional object” raises a dual question as to the nature and status of the object on the one hand and, on the other, the existence of a fetishism typical of women, therefore associated with a specific erotic dimension.

**Key words:** Transitional object, fetishism, femininity, perversion

(De l’usage (privé) de la perversion)

*Elles ont 20, 30, 40 ou 70 ans, et ont la particularité d’avoir conservé un objet transitionnel, un «doudou», petit bout de tissu ou de peluche élimé remontant à la petite enfance, qui leur procure une sensation «unique», convoquant un sentiment de quiétude et de béatitude, dont elles ne peuvent — ni ne veulent — se passer. Cette persistance de «l’objet transitionnel» ouvre une double interrogation sur, d’une part, la nature et le statut de cet objet et, d’autre part, sur l’existence d’un fétichisme spécifique, propre au sexe féminin, et convoquant, de ce fait, une érotique singulière.*

**Mots clés:** Objet transitionnel, fétiche, féminité, perversion

(Sobre la práctica (privada) de la perversion)

*Ellas tienen veinte, treinta, cuarenta o setenta años y tienen todas una misma particularidad: han conservado un objeto transicional, un muñeco, un trapo, un peluche muy usado que remonta a su niñez y que les da una sensación «única», un sentimiento de beatitud y alegría al que no pueden — o no quieren — renunciar. Tal persistencia del «objeto transicional» plantea un doble interrogante: el de la naturaleza y estatus de ese objeto y el de la existencia de un fetichismo específico, propio del sexo femenino, con su erótica singular.*

**Palabras clave:** Objeto transicional, fetiche, feminidad, perversion

(Das (eigene) perverse Handeln)

*Sie sind 20, 30, 40 oder auch 70 Jahre alt und weisen die besondere Eigenart auf, einen transitionellen Gegenstand, ein Kuschtier, ein Stückchen Stoff oder ein ausgerangiertes Plüschtier aufbewahrt zu haben, das an die frühe Kindheit erinnert und ihnen ein „unvergleichliches“ Gefühl von Ruhe und Seligkeit gibt. Ein Gegenstand, von dem sie sich nicht lösen können und es auch nicht wollen. Dieses Beibehalten des „transitionellen Gegenstandes“ wirft eine doppelte Frage auf: einerseits nach der Art und dem Status dieses Objektes und, andererseits, nach der Existenz eines spezifischen, den Frauen eigenen Fetischismus, was wiederum eine eigentümliche Erotik auf den Plan ruft.*

**Schlüsselwörter:** Transitionelles Objekt, Fetiche, Weiblichkeit, Perversion

**Citação/Citation:** Saïet, M. (2014, setembro). Da prática (privada) da perversão. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 775-786.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

**MATHILDE SAÏET**

Maître de conférences en Psychopathologie, LUNAM Université, Université catholique de l'Ouest – UCO – Institut de psychologie et sociologie appliquées (IPSA); Laboratoire multi-site E.A. 4050: «Recherches en psychopathologie: nouveaux symptômes et lien social».

3 place André Leroy,  
BP 10808, 49008 Angers Cedex 01  
France.

e-mail: mathildesaïet@uco.fr

## A transgressão que salva\*<sup>1</sup>

Edson Luiz André de Sousa\*<sup>2</sup>

*Este artigo parte da hipótese que toda produção no campo da arte coloca em cena, necessariamente, uma transgressão. A arte precisa de uma transgressão que busque tencionar os códigos instituídos abrindo espaços para novas significações. Contudo, nem toda transgressão é perversão. Este artigo busca fundamentar esta tese discorrendo sobre alguns fundamentos do ato de criação mostrando suas interfaces com o discurso psicanalítico.*

**Palavras-chave:** Ato criativo, transgressão, perversão, utopia

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre a Metapsicologia da Perversão. Laços Sociais da Perversão, realizado em Recife, PE, nos dias 26, 27 e 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br).

*Lá onde está o perigo, cresce também o que salva.*

Holderlin

788

“Toda obra de arte é um crime não realizado” escreve Adorno (1980) em um dos seus aforismas no livro *Minima Moralia – reflexões sobre a vida mutilada* (p. 53). Esta indicação inicial será nossa primeira bússola para adentrar o tema em torno do qual nos reunimos neste Congresso. A primeira pergunta que surge é o que fracassa neste crime? Como entender este não realizado? Responder a esta interrogação é fundamental no sentido de podermos nos aproximar um pouco mais do que significa, para o campo da arte, *transgredir*. O não realizado indica, com todas as letras, que se a arte é um curativo do vazio (Passeron, 2001) não podemos confundir o curativo com a ferida. O que isto significa? Significa dizer que o vazio não se cura, mas podemos, quem sabe, encontrar algumas mediações no campo da linguagem e do simbólico que façam um mínimo contorno ao redor dele. A arte é uma operação de linguagem e responde, portanto, as suas leis. A obra de arte, por mais transgressiva que seja, sustenta sempre o campo da mediação. Refiro-me aqui a *obra de arte*, *obra de espírito* e não a uma série de obscenidades ditas “artísticas”, tão cultuadas por nossa sociedade, e que nada agregam em termos de valor a uma reflexão sobre linguagem no campo das artes.

O “não realizado” é, portanto, esta infecção à espreita, que nos escapa a todo o momento, mas da qual podemos sentir o cheiro, as fisgadas de dor e de êxtase. A arte renova sempre este curativo, esconde e trata a ferida, mas a ferida nunca cicatriza totalmente. Como poderíamos cicatrizar o vazio? Talvez a perversão seja uma tentativa extrema (e fracassada) também de acreditar que cicatrizar o vazio fosse possível.

A tese que buscarei demonstrar neste artigo é a seguinte: a arte coloca em cena, necessariamente, uma transgressão. A arte precisa da transgressão, pois é este o fundamento de sua existência, contudo, nem toda a transgressão é perversão. Pelo contrário, poderíamos até dizer que a transgressão nos salva de nos vermos capturados em uma instrumentalização do objeto que fica ali congelado em uma posição fetiche para nosso gozo.

O não realizado abre, como sabemos, outra relação ao tempo e foi isto fundamentalmente que Freud nos mostrou com o conceito de inconsciente.

É seguindo esta lógica que Jacques Lacan (1964/1988), no seu *Seminário XI – Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*, vai propor pensar o inconsciente como da ordem do não realizado.

É esta a falta constitutiva que nos faz olhar para este lugar potencial que nos inunda de enigmas. Marcel Duchamp (1975) vai propor justamente o ato criativo como este corte na continuidade do discurso e que revela o descompasso entre intenção e expressão. Outra forma de marcar o que Freud já anunciara sobre a divisão que nos constitui.

A arte interroga a norma instituída provocando uma expansão da metáfora como se mostrasse as fissuras possíveis da lei, contudo, estes pequenos rasgos, ao contrário do que parece, não destituem a lei do seu lugar de fundamento, mas a interroga em sua consistência.

A transgressão dentro desta perspectiva do ato artístico busca instaurar novos valores e o faz no embate com o campo do instituído. Contudo, seu tensionamento não pressupõe uma destituição de um lugar que possa regular as relações entre sujeito e objeto. O princípio que regula a linguagem é, dentro da perspectiva de Bataille (1987), algo sagrado e, como ele escreve, “o sagrado se abre para transgressões limitadas” (p. 75).

O que estou querendo sustentar aqui é que a arte em seu movimento de transgressão jamais compactua com os traços do laço perverso, pois busca dissolver a estagnação e o congelamento de nossa relação ao objeto para melhor uso dos imperativos do gozar.

A pergunta talvez mais interessante é de saber qual o poder da arte de barrar o gozo sem freio na enxurrada de captura, a qualquer custo, que o mundo dos objetos da lógica capitalista nos impõe.

O que pode a arte? A obra de arte instaura desordem, funda um fora de lugar, cria uma espécie de colapso no sujeito, lembrando que o desafio do artista e (também do psicanalista) é de encontrar o corte certo entre estrutura e colapso. Inspiro-me aqui em uma das proposições artísticas de Gordon Matta-Clark (2010). É o movimento de acionar desordem que desarma e revela a violência da estagnação da imagem. Neste ponto, o ato de criação cumpre a função da navalha de Buñuel que vemos na abertura do seu clássico filme *O cão andaluz*. A transgressão da arte destitui o ideal perverso de capturar, de forma meduzante, os sujeitos anulando sua condição desejante. Neste sentido, a arte abriria condições para que o desejo pudesse se recompor e se lançar novamente.

Poderíamos pensar a perversão como mais próxima do campo da ordem que garante posições de uso e que a máquina do capitalismo colocou de forma assustadora em cena, instaurando imperativos de valor que se apresentam como inquestionáveis. Voltamos aqui ao estilo das montagens perversas nos dispositivos burocráticos que, como lembra Christian Dunker (2010), é uma forma regrada

e metódica de produzir anonimato e álibi para nosso desejo e, portanto, para confirmar a máxima perversa de que “o outro deseja, mas segundo a lei que eu determino” (p. 66).

O ato criativo é fundamentalmente crítico, é uma corrente contra outras formas de linguagens e respeita uma gramática singular.

Apostamos que o ato de criação aponta caminhos de resistência e como diz Bataille (1987): “a transgressão que coloca em cena não é a negação da proibição, ela a ultrapassa e a completa” (p. 59).

Freud já antevia um fluxo do império monetário que viria infectar os circuitos desejanter. Percebia que deveríamos compreender minimamente a economia fantasmática de um determinado tempo, para poder se situar diante das litâneas do sofrimento de nossos pacientes. Escreve ele para Fliess em uma carta de 11 de março de 1902: “Aprendi que nosso velho mundo é regido pela autoridade, como o novo mundo o será pelo dólar” (Freud, 1950/1981b, p. 3656). Hoje, o dólar, mais do que uma moeda que regula economias psíquicas, é um significante que diz de um estilo de estar com o outro. Então, como perceber este *american way of life* em nossos circuitos pulsionais? O que você precisa para ficar OK?

790

Recorro a Jean-Luc Godard para continuar esta reflexão. Este revela em um dos seus filmes que OK surgiu da boca de um general, na guerra de secessão nos Estados Unidos, que ao voltar do *front* e ser interrogado como foi a ação teria dito: “Zero (O) Killed (K)”, ou seja, “OK”. Afirmava, portanto, que se nenhum do nosso lado morreu, estamos OK. Pouco importa se do outro lado da fronteira, ou da porta de minha casa, dezenas, centenas, milhares de corpos compõem a paisagem.

A transgressão que a arte instaura tenta desfazer esta fronteira, e nos empurra para os espaços que evitamos ver.

Voltemos à nossa pergunta inicial: por que a arte precisa de transgressão? A arte produz o corte que vai reposicionar os sentidos e as formas instituídas. Abre, portanto, um novo lugar de olhar, de sentir e de pensar. É, justamente, por isso que todo ato de criação é um ato utópico.

## Ato de criação e utopia

Neste ponto, temos de pensar a utopia muito mais como interdição do presente do que como promessa de um paraíso perdido. A utopia tem a função de interromper o fluxo das lógicas instituídas e abrir o caminho para outros mundos possíveis. A utopia, assim como a arte, abre um espaço crítico como cesura e interrupção, revelando os avessos das “verdades”. A arte busca dar forma ao sem

forma, dar expressão ao inexprimível. Imaculada Kangussu (1999), em um artigo onde busca pensar o conceito de sublime estabelecendo um rico diálogo entre as reflexões de Walter Benjamin e Kant, vai mostrar o quanto estas zonas do *sem expressão* podem nos aproximar do sublime. Ela lembra que Walter Benjamin afirmava que o *sem expressão* pode revelar a “sublime violência da verdade”. Diz ainda a autora: “O inexprimível é um poder que interrompe o discurso: ele obriga a uma expressão negativa; mostrando que a totalidade não pode ser apresentada, revela a verdade da representação. A obra de arte é um fragmento do mundo verdadeiro: um torso da verdade. E a verdade só aparece como torso” (p. 154).

Aqui percebemos que o ato artístico, mesmo transgressivo, não pode ser confundido com uma voracidade de formas, termo proposto por Lezama Lima (1996), típico da posição perversa que nega o que faz diferença.

Quando Freud (1908/1981a) desenvolve uma reflexão sobre o movimento de criação, faz uma aproximação entre o trabalho do poeta e a relação da criança com a linguagem. Ambos experimentariam a liberdade de reinventar a linguagem. São, assim, espécies de tradutores desvelando o mito da língua original, já que a própria tradução lança novos sentidos ao texto de origem. A tradução exige, portanto, novas traduções. Desta forma, podemos efetivamente sentir a impossibilidade estrutural da linguagem de revelar sentidos absolutos e inquestionáveis, como sonharia a estrutura perversa. O que se diz e o que se mostra são ensaios que revelam simultaneamente as zonas de luz e sombra das palavras e das formas. Podemos aqui evocar Paul de Man: ele afirma que a tradução “põe o original em funcionamento para descanonizá-lo, dando-lhe o movimento de fragmentação, um perambular de errância, uma espécie de exílio permanente” (Bhabha, 1998, p. 313).

Retornemos à pergunta: “O que pode a arte?”. A pergunta pelo “o que pode” implica como sombra uma outra questão: “O que não pode a arte?”. As duas interrogações nos impulsionam, portanto, a esboçar um caminho, tentando circunscrever um campo possível de definições. Traçar uma linha é dar forma. Contudo, o que aqui nos interessa mais é apreender como se dá a passagem de uma forma para outra. Temos de procurar mapear o intervalo entre as formas, desvendar a dissecação da forma, abrindo espaço para uma reflexão sobre o informe. O informe não é o avesso da forma, mas, ao contrário, a afirma, mesmo que em uma condição de provisoriedade, instabilidade, suspensão e incompletude.

A arte como transgressão aciona o informe como uma força capaz de mudar posições. Entre o que pode e o que não pode surge o desenho de uma interdição. A interdição adquire aqui uma função propulsora e positiva, na medida em que nos permite indagar sobre as condições de possibilidade do ato de criação. É este ato de criação que funciona como uma espécie de estilete, recortando o espaço de totalidade e nos mostrando os territórios que interessam à arte. A arte busca os espaços do enigma. Paul Valery (1999), ao lembrar que a obra de arte só existe como ato,

recupera a condição de passagem à forma, movimento este que instaura a obra. Assim, nos alerta sobre a tentação de nos anestesiarmos com a forma, esquecendo a história que a fez nascer. Desta história também não podemos saber tudo, já que ela é igualmente composta pelos limites da expressão e da intenção. Dito de outro modo, devemos estar atentos para que a sedução da forma não cegue nossa capacidade crítica e de leitura do mundo, não fetichizando assim o objeto. Quando fazemos do objeto um fetiche, simplesmente anulamos a força do ato que lhe deu origem. O fetiche produz um saber sobre o objeto e o gozo. Este saber vem enclausurar a verdade, tentando reequilibrar nosso desamparo diante do mundo. Para a psicanálise, este saber pode ser nomeado como sintoma. O ato de criação vem, portanto, reintroduzir um campo de resistência à força silenciadora deste saber.

Gilles Deleuze (1991) chega à reflexão sobre a existência do corpo por meio de um método que eu nomearia como negativo. É a sombra que revela a existência. “Devo ter um corpo; é uma necessidade moral, uma ‘exigência’. Em primeiro lugar devo ter um corpo, porque há o obscuro em mim” (p. 129). Seguimos esta pista do obscuro. Como identificá-lo? Que elementos mínimos precisam estar presentes para percebermos sua presença? O obscuro remete a um campo que dissolve literalmente as imagens e a certeza de um ponto de foco. Como então dar visibilidade ao que é da ordem do obscuro? Neste ponto, a arte tem muito a dizer, pois tal questão está nos fundamentos mesmos de sua função. A arte institui o espaço de uma mediação entre “a coisa” e a imagem. Eliane Robert de Moraes (2002) no seu ensaio sobre as relações entre corpo e arte lembra a célebre escultura de Man Ray, de 1920, “O enigma de Isidore Ducasse”, também chamado de “Objeto desconhecido embrulhado num pano”. “Man Ray empacotou uma mesa de dissecação onde se encontravam um guarda-chuva e uma máquina de costura. Inventar um objeto implicava, a princípio, escondê-lo” (p. 15).

O trabalho de Christo, artista búlgaro, que empacota prédios, pontes, objetos e a própria natureza, segue este mesmo princípio. O obscuro metaforizado pela forma atrás do pano revela seu desejo de visibilidade e convoca o olhar. Adquire, portanto, uma certa qualidade de informe — que em maior ou menor grau, todo espaço sem luz possui. Georges Bataille se recusou a definir o informe em seu dicionário. Para ele “se trata de um termo que serve a desclassificar” (citado por Alain-Bois & Krauss, 1996, p. 15). Esta é a atitude fundamentalmente transgressiva na arte: injetar desordem nas classificações.

Entre o campo do que pode a arte e o que não pode a arte encontramos o ato de criação. Todo ato nos coloca diante do obscuro, pois é deste ato que o sujeito pode se ressituar diante do objeto. É o ato que indica a posição do sujeito, a condição de enunciação da obra. Este ato necessariamente produz uma zona de sombra, um intervalo que dissolve nossas intenções e nos faz nascer para o que é

horizonte em nós. O obscuro é, portanto, nosso ponto de perspectiva. Toda criação implica uma marca de interdição materializada pelas zonas obscuras. Estamos, assim, diante do que Paul Celan buscava em seus poemas como função do interditar. Celan definia suas poesias como os “cercamentos em torno do sem palavra, sem limites” (citado por Lacoue-Labarthe, 1986, p. 23).

Não há passagem direta da intenção à expressão como sonharia a lógica perversa. Pensar no resíduo, na passagem de um para outro, é fundamental, pois faz obstáculo à arrogância que quer controlar a intenção e colocá-la no mercado de ideias e dos objetos. A arte vem instaurar a descontinuidade que permite que novos sentidos possam se fazer, desde que hajam perguntas. Como muito bem definiu Paul Valéry (1999): “A obra oferece-nos em cada uma de suas partes o alimento e o excitante ao mesmo tempo. Ela desperta continuamente em nós uma sede e uma fonte” (p. 189).

E o que não pode a arte? Inicialmente poderíamos dizer que não pode suprimir o abismo, o intervalo, a descontinuidade entre a intenção e a expressão. Há uma diferença fundamental entre o sujeito/autor e seu plano de intenções e o ato que o mesmo produz. As estratégias de suturar o intervalo entre autor e obra, minimizando assim o que há de noturno no ato, são assustadoras, e a lógica perversa da burocracia, que regula a vida, goza com isto. Vivemos no império da economia de mercado. Então, diz o consenso: não temos tempo a perder em derivações transcendentais e ainda correndo o risco de uma abstração vazia, pouco “eficiente” e complexa. Mostremos logo o real! Mostremos o corpo do real! É possível mostrar o real de forma direta, sem mediações? De que real estamos falando? O real que ainda faz questão é justamente o que produz um furo no saber. Este furo é o que pode nos deixar com um resto na mão, com um “eu não sei” e que possa instaurar um desejo de saber.

Vamos brevemente examinar uma imagem que me foi sugerida pela leitura do livro de Henri-Pierre Jeudy, *O corpo como objeto de arte*. Numa primeira cena alguém corta a orelha, embrulha num pequeno pacote e envia para outra pessoa. Em uma segunda cena pinta um autorretrato com o curativo. Será que temos hoje discernimento para diferenciar entre a primeira e a segunda cena? O que faz a diferença? Sem dúvida é a ideia de mediação instaurada pelo ato. A mão não toca no mesmo ponto nas duas cenas. Seria esta ideia de mediação um limite para a arte? Não precisamos ficar capturados no exemplo de Van Gogh para avançarmos nossa interrogação já que ele mesmo situava as duas ações em contextos distintos. Contudo, hoje esta não parece ser uma questão consensual. O que a arte corta? O que não pode cortar? Insisto, portanto, que não pode cortar este lugar de mediação. Jeudy (2002) discorre sobre uma série de exemplos onde identifica um excesso de frenesi exibicionista, nos indagando se não deveríamos ainda guardar algum pudor e angústia diante dos excessos de visibilidade. Haveria uma imagem que é obscena? Gunter Von Hagens, professor e anatomista alemão, disseca (corta) cadáveres em

público. Não o faz para estudantes de medicina, mas para o público em geral que lota os espaços de museus de arte e galerias para assisti-lo. Ele inventou uma nova técnica de preservação dos corpos, a plastinação. Trata-se de uma tecnologia científica, desenvolvida no Instituto de Plastinação de Heidelberg e que consiste num processo químico que substitui os fluídos orgânicos do corpo por produtos sintéticos (silicone e resinas) impedindo assim a decomposição das peças anatômicas. A plastinação produz, portanto, um corpo que permanece maleável, mantém sua cor e torna-se inodoro. Vemos aí a obscenidade pela irrupção do espaço íntimo da morte em espaço público. Aponta também o ideal da ciência de tornar tudo visível e transparente. Qual o corpo que está aí em questão? Será que a lição de anatomia de Rembrandt não teria muito mais a nos responder sobre esta pergunta?

A transgressão da arte interrompe o fluxo dos circuitos automáticos, abrindo outros espaços de significantes que nos ajudam a desenhar outras geografias de mundo.

## Referências

- Adorno, T. (1980). *Minima Moralia – réflexions sur la vie mutilée*. Paris: Payot.
- Alain-Bois, Y., & Krauss, R. (1996). *L'informe: mode d'emploi*. Paris: Centre Georges Pompidou.
- Bataille, G. (1987). *O erotismo*. Porto Alegre: LPM.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Deleuze, G. (1991). *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papirus.
- Duchamp, M. (1975). O ato criador. In G. Battcock (Org.), *A nova arte*. São Paulo: Perspectiva.
- Dunker, C. (2010). A perversão nossa de cada dia. *Revista Cult*, São Paulo, 13(144), 42-46.
- Freud, S. (1981a). O poeta e os sonhos diurnos. In *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1981b). Los origenes del psicoanálisis – Cartas a Wilhelm Fliess. In *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1950).
- Jeady, H. (2002). *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Kangussu, I. (1999). Walter Benjamin e Kant: inexprimível – a herança do sublime na filosofia de Walter Benjamin. In M. Selligmann (Org.), *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: Annablume.
- Lacan, J (1988). *O seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacoue-Labarthe, P. (1986). *La poesie comme experience*. Paris: Christian Bourgois.
- Lima, L. (1996). *A dignidade da poesia*. São Paulo: Ática.
- Matta-Clark, G. (2010). *Desfazer o espaço*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Moraes, E. R. (2002). *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras.

## ARTIGOS

Passeron, R. (2001). Por uma poianálise. In E. Sousa, E. Tessler, A. Slavutzky (Orgs.). *A invenção da vida – arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Valéry, P. (1999). Primeira aula do curso de Poética. In *Varietades*. São Paulo: Iluminuras.

### Resumos

(The transgression that saves)

*This article is based on the assumption that all production in the field of the arts necessarily brings some transgression into play. Art needs a transgression aimed at confronting established codes by opening up spaces for new meanings. But not every transgression is perversion. This article seeks to substantiate this thesis by discussing a few basics of the act of creation and showing their interfaces with the discourse of psychoanalysis.*

**Key words:** Creative act, transgression, perversion, utopia

(La transgression qui sauve )

*Cet article part de l'hypothèse que toute production dans le domaine de l'art met en jeu nécessairement une transgression. L'art a besoin d'une transgression qui cherche à mettre en question les codes établis créant ainsi des espaces pour de nouvelles significations. Cependant, pas toute transgression n'est une perversion. Cet article vise à étayer cette thèse en présentant quelques principes fondamentaux de l'acte de la création en montrant ses interfaces avec le discours psychanalytique.*

**Mots clés:** Acte créateur, transgression, perversion, utopie

(La transgresión que salva)

*Este artículo parte de la premisa de que toda la producción en el campo del arte pone en juego necesariamente una transgresión. El arte necesita una transgresión que intenta confrontar los códigos establecidos para abrir espacios para nuevas significaciones. Sin embargo, ni toda transgresión es perversión. Este artículo pretende fundamentar esta tesis discutiendo algunos aspectos fundamentales del acto de creación mostrando sus interfaces con el discurso psicoanalítico.*

**Palabras clave:** Acto creativo, transgresión, perversión, utopia

(Die Übertretung, die rettet)

*Dieser Artikel geht von der Annahme aus, dass jede künstlerische Kreation zwangsläufig eine Übertretung in Szene setzt. Kunst benötigt eine Übertretung, die durch das Öffnen von Raum für neue Bedeutungen alt eingefahrene Regelwerke ausdehnt. Jedoch, nicht jede Übertretung ist Perversion. Der vorliegende Beitrag soll diese These*

*begründen, indem einige Grundlagen der Handlung des Schaffens erläutert und ihre Überschneidungen mit dem psychoanalytischen Diskurs aufgezeigt werden.*

**Schlüsselwörter:** Kreatives Schaffen, Übertretung, Perversion, Utopie

**Citação/Citation:** Sousa, E. L. A. de. (2014, setembro). A transgressão que salva. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 787-796.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** O autor declara não ter sido financiado ou apoiado / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** O autor declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

796

#### **EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA**

Psicanalista; Analista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA (Porto Alegre, RS, Br); Professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, RS, Br); Professor do PPG Psicologia Social e PPG Artes Visuais na mesma Universidade; Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasília, DF, Br); Doutor pela Université de Paris VII; Pós-doutorado pela Universidade de Paris VII e pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) (Paris, França); Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, SP, Br); Coordena junto com Maria Cristina Poli o LAPPAP – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política (Porto Alegre, RS, Br); Professor visitante na Deakin University (Melbourne), Instituto de Estudos Críticos (Cidade do México), DePaul University (Chicago); Autor, entre outros livros, de *Uma invenção da utopia* (São Paulo: Lumme Editor, 2007) e *Freud: ciência, arte e política* em coautoria com Paulo Cesar Endo (Porto Alegre: LPM).

Rua João Telles, 542/702

90035-120 Porto Alegre, RS, Br

e-mail: edsonlasousa@uol.com.br

# O sujeito adolescente e a intervenção psicanalítica: notas a partir de um caso clínico\*<sup>1</sup>

Leônia Cavalcante Teixeira\*<sup>2</sup>

*Este artigo versa sobre as vicissitudes subjetivas e institucionais das medidas sócioeducativas a partir das interfaces entre os estudos sobre a subjetividade nos campos da Psicanálise e do Direito. O adolescer é analisado a partir dos paradoxos e enigmas estruturantes que se instauram no processo de constituição subjetiva, sendo privilegiado como momento lógico a partir da construção de um caso clínico que interroga as intervenções junto ao sujeito adolescente no campo nebuloso de interface entre Psicanálise e Direito. A perversão social consiste no foco da discussão teórico-clínica, sendo o conceito que fez trabalhar a possibilidade de uma clínica psicanalítica quando indicações jurídicas não consideram as vicissitudes subjetivas.*

**Palavras-chave:** Adolescência, perversão social, caso clínico, medidas socioeducativas

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre a Metapsicologia da Perversão. Laços Sociais da Perversão, realizado em Recife, PE, nos dias 26, 27 e 28 de agosto de 2013.

\*<sup>2</sup> Universidade de Fortaleza – Unifor (Fortaleza, CE, Br).

A adolescência, como etapa do ciclo vital, é desnaturalizada, não consistindo em um quadro de características imutáveis, mas construídas, inclusive o próprio conceito, forjado na modernidade e não reduzível a aspectos orgânicos e fisiológicos, mesmo que o processo pubertário invada o sujeito e exija dele posições diferentes das assumidas quando criança (Rassial, 1997; Saggese, 2000). A adolescência confronta o sujeito com o real do sexo e as implicações daí advindas, como um posicionamento frente à diferença anatômica dos sexos (Richard, 1998; Rassial, 2000, 2005).

Considerando a distinção entre puberdade e adolescência, numa abordagem histórica do conceito de adolescência e adolescente (Lesourd, 2004), o adolescente é vislumbrado como sujeito em passagem, tendo exigências psicossociais a cumprir na saída da infância e elaboração dos lutos a ela decorrentes, e aspiração, primeiramente no âmbito dos ideais sociais, às posições no espaço da família, do trabalho e da relação com a Lei e seus pares (Rassial, 1997, 2000, 2005).

### **Quando o ato infracional embaraça a construção idealizada sobre o adolescente**

Apresentamos Perséfone, 16 anos, encaminhada para acompanhamento psicológico pela Vara da Infância e Juventude em consultório particular, já que a família tinha recursos financeiros e não precisava recorrer às instituições públicas. Perséfone, entre menina e mulher, cometera furtos tendo sido surpreendida pela polícia e enviada à “Justiça” como nos contou. Os pais a trazem ao consultório e explicam que a indicação de terapia fora a condição para que não cumprisse medidas socioeducativas, o que a “exporia demais”. Acompanho Perséfone por dois meses e concluo que, por meio de contatos constantes com a Vara da Infância e da Juventude, devo

encaminhar, após trabalhar com a adolescente, perdida entre as demandas familiares de se comportar bem como os outros irmãos e o dado clínico de que ela achava normal furtar o que não lhe era possibilitado pela família, já que tinha “dinheiro” e não lhe dava por implicância.

O processo terapêutico de Perséfone e a escuta de seus pais nos mostraram o quanto a jovem mulher se encontrava enodada por marcas familiares não elaboradas psiquicamente por personagens significativos para a constituição do que os pais, mais particularmente o pai, nominavam “o que nossa família significa para a sociedade”. Havia uma rede de não ditos e mal ditos que circundava os herdeiros de um patrimônio do qual não podiam usufruir por não poderem conhecer, sendo porém a Perséfone e seus irmãos esperado que compartilhassem de um “orgulho familiar”, nas palavras do pai, que deveria ser vivenciado como privilégio. Aliás, era dito à paciente, desde pequena, que participar dessa família a diferenciava das colegas, pois elas não tinham esse privilégio. As sessões com os pais, ora separados, ora juntos, eram cheias de uma aura de penumbra e fôra a mãe e seus atos falhos que abriram espaços possíveis para a existência de Perséfone fora da rede imaginária que a aprisionava. A partir da escuta do que escapava do compromisso familiar de “se apresentarem bem à sociedade”, Perséfone foi tendo existência por sua fala e construindo um mito neurótico diferente das montagens perversas familiares, propagadas sem questionamento inicialmente por ambos os pais e, depois à iluminação que a fala de sua mãe deu rareando a penumbra e deixando à vista segredos da família paterna, ainda pelo pai insistente em sustentar um castelo que se desmoronava e que fôra Perséfone pela via da repetição colocada em ato que abriu ao social.

À medida que a paciente se apoderava de uma história sua e se responsabilizava por ela, no processo analítico, aspectos relacionados aos encaminhamentos do poder judiciário foram se clareando até quando a analista pontuou sobre a possibilidade de ela ter de se responsabilizar pelos atos delituosos que cometera e que não era na análise que faria isso, pois algo restava, na própria fala de Perséfone, de uma dívida a ser paga.

Assim, com o conhecimento de Perséfone, resolvemos encaminhar à equipe da instituição jurídica, um relatório solicitando que as medidas socioeducativas fossem cumpridas. Essa decisão, depois de um processo de argumentação pela analista, foi acatada pelo juiz que encaminhou Perséfone, contra a vontade dos pais de “exporem” a filha a situações constrangedoras, a uma instituição beneficente que tem como foco o apoio a crianças em risco psíquico e social de classe social baixa, “muito mais baixa que a de Perséfone”, assim exclamava o pai, revoltado com a mudança nos encaminhamentos judiciais.

Se a produção de subjetividades é influenciada por fatores externos psíquicos, não se pode esquecer que fatores externos auxiliam e influenciam também no estabelecimento

e desenvolvimento do processo de subjetivação. Neste encontram-se inseridas vertentes tais como a autoestima, a autoconfiança e o autorrespeito resultantes de trocas nas relações intersubjetivas, acolhidas e suportadas não só por aspectos que vão desde o amor, como também pelas relações jurídicas e de estima social, nas quais o Estado participa na tarefa de formação de indivíduos capazes. (Szpacenkopf, 2011, p. 18)

Nesse sentido, o Estado e suas instituições exercem um papel fundamental quando têm em suas atribuições o estabelecimento e o fazer cumprir deveres e ser beneficiário de direitos. Quando Perséfone se dá conta daquilo que os representantes da Justiça não puderam sustentar, qual seja, o cumprimento por ela das medidas supostas pelo Estado quando certas regras são violadas, foi de um lugar diverso do da lógica perversa que os membros de sua família para se fazerem presentes participavam.

Szpacenkopf (2011) escreve sobre o momento civilizatório atual como “um panorama em que fortes indícios de ingerência da perversão social são identificados, por meio dos quais não só a derrocada da lei é disseminada, como passa a funcionar o projeto de dessubjetivação do outro (p. 21). Ao abordar a perversão como social e não somente como estrutura psíquica, podemos pensar sobre a lei a partir das relações entre o universal e o singular, inclusive, ainda com Szpacenkopf:

sabemos que a lei é perversa, na medida em que a parte é universalizada enquanto todo. É possível que todas as leis concretizem com seu enunciado uma parte excluída, uma parte condenada pela própria lei. A atuação da perversão, como transgressão da lei, na medida em que esta não é aplicada ou aceita, e muito menos respeitada, faz surgir o buraco que passa a ser completado por qualquer um ou qualquer coisa, ou mesmo por outra lei. (p. 24)

## À escuta dos ruídos nas interfaces entre Psicanálise e Direito

O campo da assistência social ocupa lugar de importância **nas** políticas públicas, cabendo **aos** profissionais que lidam com o cotidiano dos que padecem entre os limites entre exclusão e inclusão sociais problematizá-lo.

Especificamente as medidas socioeducativas e a atribuição identitária “adolescente em conflito com a lei” são aqui questionadas quando não acompanhadas de uma discussão sobre as vicissitudes dos adolescentes normatizados pelos ditos jurídicos e acompanhados no âmbito da assistência social. Rosa et al. (2013, p. 75), ao discutirem a clínica no contexto institucional, ressaltam que “a cena psicanalítica depara-se com a cena sociopolítica, aparentemente distante nos consultórios, e é posta à prova pelos atravessamentos diretos que põem em xeque a possibilidade de sustentação do trabalho analítico”.

Considerando as leituras que a psicanálise de Freud e de Lacan fazem sobre a constituição do singular e do coletivo concomitantemente, em interdependência, pensamos que a problematização dos vieses nas interfaces entre os discursos e práticas que privilegiam a subjetividade e o jurídico consistem em um panorama de análise e encaminhamento de casos que, tomados pelo âmbito jurídico, carecem de leituras e intervenções subjetivas.

A psicanálise, quando engajada nas questões sociais e em diálogo com campos dela distintos, como o Direito, ocupa um lugar importante ao se debruçar sobre áreas delicadas, especialmente quando tangem à criança e ao adolescente e, em especial, ao atendimento psicanalítico sem prévia demanda, como no caso de Perséfone.

Balizados pelos campos de apreensão da subjetividade — entendida como singular e coletiva indistintamente — pensamos que devemos privilegiar a ética na construção do adolescente e não meramente normatizar por nomenclaturas como “em conflito com a lei”.

Consideramos que muito já vem sendo feito, muitas conquistas frutadas de lutas de diversas áreas da psicologia, porém, reiteramos que a normatização subjetiva colada ao adolescente com o rótulo “adolescente autor de ato infracional” precisa ser mediada por um trabalho de responsabilização do sujeito frente ao ato que cometeu infringindo as normas que regem o convívio social. Sugerimos que possamos analisar os efeitos subjetivos das nomenclaturas que, oferecidas pelo Poder Judiciário, e outorgadas pela família, escola, por exemplo, aprisionam o sujeito pela via da identidade no lugar de excluído, mesmo quando as intervenções propostas visem à inclusão social.

Com Perséfone aprendemos que “poupá-la” da exposição pública ao cumprir medidas socioeducativas a excluída da lei à qual todos nós estamos submetidos e a desresponsabiliza pelos seus atos, mantendo-a ilusoriamente incluída em um espaço familiar cúmplice, porém excluindo-a do campo do social, tomado de modo mais amplo, espaço social e coletivo regido por leis e normas.

Quando saberes e práticas acerca dos processos de inclusão/exclusão sociais são vislumbrados de modo interdisciplinar, podemos construir ferramentas teóricas e estratégias de intervenção junto a sujeitos em situação de vulnerabilidade social e psíquica, entendendo que vulnerabilidade social não diz só respeito à escassez de condições financeiras.

Considerando que as políticas de saúde e de assistência focalizam como metas, a construção da autonomia como base para a cidadania, resta-nos interrogar sobre como atuar a partir desse ideário, porém considerando as singularidades do cotidiano dos sujeitos como agentes sociais. Pensamos que a dinâmica inclusão/exclusão é complexa exigindo reflexões não reducionistas, visando não correr o risco de ratificarmos a perversão comum, tal qual nomeado por Lebrun (2010).

Agradecemos a Perséfone por nos fazer apreender que ao estar incluída de acordo com a família, excluída estava do campo coletivo, das normas que regem a vida social, além de não ser responsabilizada pelos seus atos, condição para a autonomia e cidadania.

## Referências

- Lebrun, J.-P. (2010). *A perversão comum; viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Lesourd, S. (2004). *A construção adolescente no laço social*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Rassial, J.J. (1997). *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Rassial, J.J. (2000). *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Rassial, J.J. (2005). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud. (Trabalho original publicado em 1999).
- Richard, F. (1998). *Les troubles psychiques à l'adolescence*. Paris: Dunot.
- Rosa, M. D. et al. (2013). Clínica e Política interrogadas pelo ato infracional: a construção do caso. In J. de Moreira, C. Guerra, J. M. P. Souza (Orgs.). *Diálogos com o campo das medidas socio-educativas: conversando sobre a justiça, o cotidiano do trabalho e o adolescente* (pp. 75-92). Curitiba: CRV.
- Saggese, E. (2000). Adolescência e modernidade. In *Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões*, 1999, Anais, Rio de Janeiro: Cia. de Freud. p. 253-259.
- Szpacenkopf, M. I. O. (2011). *Perversão social e reconhecimento na atualidade*. Rio de Janeiro: Garamond.

## Resumos

(The adolescent subject and psychoanalytic intervention: notes based on a clinical case)

*This paper focuses on the subjective and institutional vicissitudes of socio-educational measures based on interfaces between studies on subjectivity in the fields of psychoanalysis and law. Adolescence is analyzed on the basis of structuring paradoxes and enigmas that are established in the process of the constitution of the subject and can be seen as a logical moment. The argument here is based on a clinical case that involves interventions with an adolescent subject in the hazy field of the interface between psychoanalysis and law. The topic of the theoretical and clinical discussion is social perversion, as it is the concept that sets into motion the possibility of psychoanalytic clinic when legal indications fail to note subjective conflicts.*

**Key words:** Adolescence, social perversion, clinical case, social-correctional measures

## ARTIGOS

(Le sujet adolescent et l'intervention psychanalytique: notes à partir d'un cas clinique)

*Cet article discute les vicissitudes subjectives et institutionnelles des mesures socio-éducatives à partir des interfaces entre les études sur la subjectivité dans les domaines de la Psychanalyse et du Droit. Le processus de l'adolescence est analysé à partir des paradoxes et des énigmes qui le structurent et qui se présentent dans le processus de la constitution subjective, privilégié comme moment logique à partir de la construction d'un cas clinique qui met en question les interventions auprès de l'adolescent dans le domaine flou de l'interface entre la Psychanalyse et le Droit. La perversion sociale se retrouve au centre de la discussion théorique-clinique en tant que concept qui permet la possibilité d'une clinique psychanalytique lorsque les décisions juridiques ne prennent pas en compte les vicissitudes subjectives.*

**Mots clés:** Adolescence, perversion sociale, cas clinique, mesures socio-éducative

(El sujeto adolescente y la intervención psicoanalítica: notas de un caso clínico)

*Este artículo se centra en las vicisitudes subjetivas e institucionales de las medidas educativas a partir del análisis de las interfaces entre los estudios sobre la subjetividad en el campo del Psicoanálisis y del Derecho. El adolecer es analizado desde las paradojas y enigmas estructurantes que instauran el proceso de constitución subjetiva, privilegiando como momento lógico la construcción de un caso clínico que cuestiona las intervenciones junto al sujeto adolescente en el campo nebuloso de interface entre el psicoanálisis y el derecho. La pervisión social es el foco de la discusión teórica y clínica que, como concepto, permitió trabajar una clínica psicoanalítica cuando indicaciones jurídicas no consideran las vicisitudes subjetivas.*

**Palabras clave:** Adolescencia, pervisión social, caso clínico, medidas socio-educativas

*(Das jugendliche Subjekt und die psychoanalytische Intervention: Beobachtung eines klinischen Falls)*

*In diesem Beitrag geht es um die subjektiven und institutionellen Schicksale der sozial-bildenden Maßnahmen. Es wird von den Schnittstellen zwischen durchgeführten Studien zur Subjektivität im Bereich der Psychoanalyse und des Rechts ausgegangen. Die Entwicklungen im Teenageralter werden aufgrund der strukturierenden Paradoxe und Rätsel untersucht, die sich in diesem Prozess der subjektiven Bildung einstellen. Es wird vorzüglich als ein logischer Moment behandelt, ausgehend von der Strukturierung eines klinischen Falls, der die Interventionen bezüglich eines Teenager-Subjektes im nebulösen Bereich der Schnittstelle zwischen Psychoanalyse und Recht hinterfragt. Die soziale Perversion besteht im Fokus der theoretisch-klinischen Diskussion, wobei der Begriff zur Erarbeitung der Möglichkeit einer psychoanalytischen Klinik beiträgt, während rechtliche Empfehlungen die subjektiven Schicksale nicht mit in Betracht ziehen.*

**Schlüsselwörter:** Teenageralter, soziale Perversion, klinischer Fall, sozial-erzieherische Massnahmen

**Citação/Citation:** Teixeira, L. C. (2014, setembro). O sujeito adolescente e a intervenção psicanalítica: notas a partir de um caso clínico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3-Suppl.), 797-804.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

**Recebido/Received:** 15.3.2014/ 3.15.2014 **Aceito/Accepted:** 15.4.2014 / 4.15.2014

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

**Financiamento/Funding:** A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author have no support or funding to report.

**Conflito de interesses/Conflict of interest:** A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

**LEÔNIA CAVALCANTE TEIXEIRA**

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – Unifor (Fortaleza, CE, Br); Doutora em Saúde Coletiva com Pós-Doutorado em Psicologia; Bolsista Produtividade Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasília, DF, Br); Psicanalista.  
Rua Henriqueta Galeno, 1080/2301 – Dionísio Torres  
60135-420 Fortaleza, CE, Br  
e-mail: leonia.ct@gmail.com

---

## Instruções aos autores

### ESCOPO E POLÍTICA

A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* – RLPF – é órgão oficial da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – AUPPF, sociedade científica que reúne professores doutores de universidades de todo o mundo.

Dedica-se à publicação de editorial, artigos e resenhas originais de psicopatologia que levam em consideração a subjetividade. Além disso, publica ensaios raros e de difícil acesso, que são documentos históricos relevantes para outras pesquisas. Valoriza artigos e ensaios inéditos resultantes de pesquisas utilizando o método clínico baseado em relato de caso contendo questão obscura e enigmática a ser investigada.

A revista é dirigida por um Editor Responsável e por Editores Associados que respondem pelas seções específicas. Possui, também, Conselho Editorial e Conselho Científico atuantes.

“Editorial” é assinado pelo Editor Responsável ou por alguém por ele convidado, podendo também ser submetido por pessoa com explícito conhecimento a respeito do assunto abordado.

A seção “Artigos” é de responsabilidade do Editor Responsável e publica somente artigos inéditos, em português, inglês, espanhol e francês.

A seção “Saúde Mental” publica artigos inéditos sobre o tema em diversos países.

“Observando a Medicina” inclui artigos inéditos e/ou ensaios que revelam as mais recentes tendências contraditórias do campo médico.

“Clássicos da Psicopatologia” inclui artigos inéditos e ensaios sobre a psicopatologia clínica e descritiva dos séculos XIX e XX.

“Observando a Psiquiatria” contém artigos contraditórios sobre esse campo.

“História da Psiquiatria” é composta por artigos inéditos e ensaios sobre o tema.

“Movimentos Literários” contém artigos que examinam aspectos psicopatológicos de obras literárias.

“Primeiros Passos” publica artigos de autores iniciantes, estudantes de graduação e de aperfeiçoamento. Visa estimular o espírito científico, a criatividade e a autoria.

### Seleção de artigos

Artigos são apresentados voluntariamente ou por convite.

Uma vez recebido, todo artigo passa por um exame dos aspectos formais. Verifica-se, também, sua adequação à missão da revista. Em seguida, ele é enviado para um consultor externo.

### Revisão por consultores externos

Todos os artigos publicados são comentados por consultores externos. Os pareceres devem estimular o aperfeiçoamento do artigo, quando este for considerado apto para ser publicado. A decisão sobre a aceitação do artigo para publicação ocorrerá, sempre que possível, no prazo de dois meses a partir da data de seu recebimento. O parecer é enviado aos autores preservando-se o anonimato. A Comissão Editorial se reserva o direito de introduzir modificações necessárias para adaptar os textos às suas possibilidades editoriais. Em caso de eventuais modificações substanciais, elas serão solicitadas aos autores.

### Público-alvo

Médicos, psicólogos, psicanalistas, trabalhadores de saúde mental, historiadores, filósofos, psicoterapeutas e interessados em geral.

## FORMA E PREPARAÇÃO DE MANUSCRITOS

### 1) Objetivos

A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* – RLPF é órgão oficial trimestral da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – AUPPF, e tem por finalidade veicular trabalhos científicos que possam contribuir para o avanço do conhecimento sobre o tratamento e a prevenção do sofrimento (*pathos*) psíquico. Valoriza artigos e ensaios resultantes de pesquisas utilizando o método clínico, ou seja, baseados em casos clínicos apresentando aspecto obscuro e enigmático.

### 2) Seleção de artigos

Na seleção de artigos para publicação, avaliam-se a originalidade, a relevância do tema e a qualidade da metodologia científica utilizada, além da adequação às normas editoriais adotadas pelo periódico. Não serão aceitos artigos sobre análise de personagens de livros ou de cinema. Não serão aceitos ensaios baseados em impressões, opiniões genéricas e ideológicas. Artigos teóricos e de revisão da literatura só serão publicados excepcionalmente. O fundamento clínico é requisito para publicação. Estudantes de graduação, mestrado ou doutorado poderão submeter artigos para publicação desde que em coautoria com o orientador. Artigos com mais de dois autores devem conter informações específicas sobre as contribuições de cada autor. Para publicação, dar-se-á preferência aos artigos produzidos pelos assinantes da Revista.

### 3) Ordem de autoria

O autor responsável pela integridade do artigo como um todo deve ser citado como primeiro autor. Coautores são orientadores, supervisores ou pessoas responsáveis pela escrita de parte do artigo.

### 4) Reconhecimentos

Todos os contribuintes – leitores de versões preliminares, fontes de informações e técnicos – devem receber reconhecimento explícito em nota no final do artigo.

### 5) Ineditismo do material

O conteúdo do material enviado para publicação na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* não pode ter sido publicado anteriormente, nem submetido para publicação em outros locais. Para serem publicados em outros locais, ainda que parcialmente, necessitam aprovação por escrito do Editor Responsável. Os conceitos e declarações contidos no trabalho são de total responsabilidade dos autores.

### 7) Como enviar material ao Editor

O trabalho para publicação pode ser escrito em português, espanhol, francês ou inglês. O material deve ser enviado ao Editor Responsável da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, para: Rua Tupi, 397/104. 01233-001 São Paulo, SP, Brasil.

Enviar ao Editor Responsável: 1) carta solicitando publicação do trabalho na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*; 2) três cópias do artigo em papel (não se aceita fax); 3) uma cópia do artigo em CD, com um único arquivo PC de formato DOC (MS-Word). Figuras, tabelas, fotos, constarão de um arquivo separado, no formato adequado.

#### 7.1) Carta de apresentação

Todos os autores devem assinar a carta enviada ao Editor Responsável, fornecendo endereço completo (incluir CEP), telefone e correio eletrônico (e-mail) para contato.

#### 7.2) Aspectos éticos

Na carta, os autores devem revelar eventuais conflitos de interesse (profissionais, financeiros e benefícios diretos ou indiretos) que possam influenciar os resultados da pesquisa. De maneira semelhante, os autores devem revelar todas as fontes de financiamento envolvidas no trabalho. Devem garantir também que respeitaram a privacidade e o anonimato das pessoas envolvidas.

Aprovação por um Comitê de Ética da Instituição onde foi realizado o trabalho, quando referente a intervenções (diagnósticas ou terapêuticas) em seres humanos.

Artigos assinados por mais de dois autores devem vir acompanhados de informação sobre a intervenção específica realizada por cada autor no texto.

# INSTRUÇÕES AOS AUTORES

## 7.3) Direitos autorais

Solicita-se aos autores enviar, junto com a carta ao Editor Responsável, um termo de transferência de direitos autorais, contendo assinatura de cada um dos autores, conforme o seguinte modelo: “Eu/Nos ... autor(es) do trabalho intitulado ..., o qual submeto(emos) à apreciação da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, concordo(amos) que os direitos autorais a ele referentes se tornarão propriedade exclusiva da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, sendo vedada qualquer reprodução total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação impressa sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada por escrito e obtida junto à Associação. Data:... Assinatura...”

A cessão de direitos autorais possui dupla finalidade: preservar a RLPF de acusação de apropriação indébita e defender os autores de eventuais plágios.

## 8) Preparação do manuscrito

### Artigos

Para a apresentação de artigos científicos, a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* adota as normas da American Psychological Association (APA), 6ª edição (as normas podem ser consultadas em Regras essenciais de estilo da APA (2012), Porto Alegre: Penso). Os artigos devem ser digitados em Times New Roman, corpo 12, espaço duplo (incluindo tabelas e referências), usando apenas um lado do papel, devendo ser, inclusive a do título, todas as páginas numeradas, com um máximo de 15 laudas de 2.100 toques cada. O artigo não deve ultrapassar 30.000 caracteres com espaços.

### Resenhas

Não devem ultrapassar 6.000 caracteres com espaço.

### Formato

Devem constar da primeira página: a) Título do artigo conciso e completo, descrevendo o assunto a que se refere (palavras supérfluas devem ser omitidas). O artigo deve ter versão do título para o alemão, inglês, francês, espanhol e português; b) Nome dos autores. Os nomes serão publicados da maneira como forem enviados; c) Titulação acadêmica e indicação da instituição a que cada autor está filiado, com o respectivo endereço completo; d) Nome do grupo de pesquisa e instituição onde o trabalho foi realizado; e) Se foi subvencionado, deve-se indicar a entidade que concedeu o auxílio; f) Se foi baseado em dissertação tese acadêmica, deve-se indicar o título, ano e instituição onde foi apresentada; g) Se foi apresentado em reunião científica, deve-se indicar o nome do evento, local e data de realização.

**8.1) Títulos, subtítulos e notas de rodapé:** Deverão corresponder a notas não bibliográficas e reduzidas a um mínimo e colocadas ao pé das páginas, ordenadas por algarismos arábicos que deverão aparecer imediatamente após o segmento de texto ao qual se refere a nota.

**8.1.1)** As notas bibliográficas deverão obedecer o sistema autor/data, e a página indicada, entre parênteses, logo após a citação.

O texto deve ter uma organização de reconhecimento fácil, sinalizada por um sistema de títulos e subtítulos que reflitam essa organização.

Pequenas correções no texto poderão ser feitas pelo Editor ou pelo conselho Editorial da revista. Quando forem necessárias modificações substanciais, o autor será notificado e encarregado de fazê-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo estipulado na correspondência.

## 9) Resumos e descritores

### Resumo

O artigo deve conter, na segunda página, cinco resumos de mesmo teor, em alemão, espanhol, francês, inglês e português. O resumo deve identificar objetivos, procedimentos e conclusões do trabalho. Deve ser escrito com muito cuidado, pois é lido para ajudar o leitor a decidir se vai ler o artigo. Trata-se, frequentemente, da única parte do artigo que é lido.

Deve conter, no máximo, sete linhas ou 490 palavras com espaço. Deve ser claro e preciso, revelando o conteúdo geral do artigo e as principais conclusões. O resumo é um texto independente do artigo. Ele deve ser escrito por último, após a redação final do artigo.

## Descritores

Os descritores, expressões que representam o assunto tratado no trabalho, devem ser em número de 4 (quatro), também em alemão, espanhol, francês e inglês e português, fornecidos pelo autor.

### 10) Agradecimentos

Devem ser breves, diretos e dirigidos apenas a pessoas ou instituições que contribuíram substancialmente para a elaboração do trabalho e devem vir no final do trabalho, antes das referências bibliográficas.

### 11) Estrutura do texto

#### 11.1) Referências bibliográficas

Referências bibliográficas devem aparecer no final do artigo, em ordem alfabética de sobrenome. Os autores devem certificar-se de que as referências citadas no texto constam da lista de referências com datas exatas e nomes de autores corretamente grafados. A exatidão dessas referências é de responsabilidade dos autores. Comunicações pessoais, trabalhos inéditos ou em andamento poderão ser citados quando absolutamente necessários, mas não devem ser incluídos na lista de referências bibliográficas; apenas citados no texto ou em nota de rodapé. A lista de referências deve seguir o modelo dos exemplos abaixo:

#### 11.2) Artigos de periódicos (um só autor)

Os periódicos incluem publicações regulares, tais como revistas, jornais, boletins informativos e newsletters.

Berlinck, M. T. (1999, setembro). A dor. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, II(3), 46-58.

#### 11.3) Artigos de periódicos (dois autores)

Berlinck, M. T. & Férida, P. (1999, junho). A clínica da depressão: questões atuais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, III(2), 9-25.

#### 11.4) Artigos de periódicos (três ou mais autores)

Canongia, A. I. C. et. al. (2001, outubro). A participação da enfermagem e do alunato nos grupos com pacientes psicóticos: um encontro fundamental. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, XIV(150), 27-31.

#### 11.5) Artigos sem nome do autor

Editorial (2001, outubro). *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, XIV(150), 3-4.

#### 11.6) Livros

Berlinck, M. T. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta.

#### 11.7) Capítulos de livro

Berlinck, M. T. (1991). A histeria e o psicanalista. In M. T. BERLINCK (Org.), *Histeria* (pp. 29-47). São Paulo: Escuta.

#### 11.8) Dissertações e Teses

Marin, I. S. K. (2001). *Sujeito e violência na contemporaneidade* (Tese de doutorado em Psicologia Clínica, não publicada), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, – PUC-SP, São Paulo.

#### 11.9) Trabalhos apresentados em congressos

Magalhães, M. C. R. (1995). Haverá psicanálise no século XXI ou A psicanálise tem futuro? Congresso *O século da psicanálise*, Salvador, BA, outubro.

#### 11.10) Artigo de periódico em formato eletrônico

Berlinck, M. T. & Gama, C. A. P. (2002, janeiro). Agorafobia, espaço e subjetividade. *Psychiatry On-Line Brazil*, n. 7. Recuperado de <<http://polbr.med.br/editorial.htm>>.

Outros tipos de referências deverão seguir as Normas da APA, disponível na Internet no site <http://www.apa.org> Se a lista de referências não seguir a norma adotada, os trabalhos poderão ser rejeitados, sem revisão de conteúdo.

#### 11.11) Abreviações

As abreviações devem ser indicadas no texto em sua primeira aparição. Em seguida, não se deve repetir o nome por extenso.

## ENVIO DE MANUSCRITOS

Descrição dos procedimentos de tramitação dos manuscritos

## INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Tão logo recebidos, os manuscritos são enviados para consultores externos, para comentário, acompanhados da carta e do roteiro abaixo. O comentário é encaminhado ao autor para realizar as alterações sugeridas. A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* utiliza sistema de avaliação de artigos através de consultores externos anônimos, seguindo política adotada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp. Os consultores têm acesso aos nomes dos autores. Os nomes dos consultores externos dos artigos submetidos à publicação são sigilosos. Uma vez por ano, a RLPF publica a lista completa de consultores externos que emitiram comentários sobre os trabalhos publicados no volume.

### CARTA PARA CONSULTOR EXTERNO

São Paulo,  
Ilmo(a). Sr(a).  
Prof(a). Dr(a).

Prezado(a) Professor(a),

Estou encaminhando-lhe, para análise e parecer circunstanciado, o artigo “xxxxx”, recebido para publicação na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.

O parecer deverá ser apresentado no formulário anexo para ser devolvido no prazo máximo de 4 semanas. Não sendo possível a observância deste prazo, solicito a imediata devolução dos documentos.

Mesmo que V.Sa. decida não utilizar o formulário específico, cada um dos quesitos ali constantes deverá ser explicitamente contemplado em seu parecer.

Levando-se em conta o grande número de artigos recebidos pela *Revista* e a constante busca por um padrão de excelência, solicito que o parecer seja o mais rigoroso possível. Solicito, também, sua especial atenção para a pertinência do artigo, já que este é periódico de psicopatologia fundamental e não de psicanálise, de psicologia, de psiquiatria etc. A questão do *pathos* psíquico em caso clínico deve, então, estar presente, bem como se valoriza a questão das interfaces entre as disciplinas ou saberes dedicados ao *pathos*. A *Revista* atribui especial importância para artigos baseados no método clínico e que prezem pela originalidade de suas ideias. Trabalhos repetitivos, de revisão bibliográfica e de divulgação não interessam, a não ser excepcionalmente. A suspeita de plágio deve ser acusada, para ser investigada pela editoria.

Se, por alguma razão, V.Sa. não puder emitir um parecer, agradeceria a sugestão de nome e endereço de outro consultor *ad hoc* possível para este trabalho.

A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* mantém sob rigoroso sigilo a identidade de seus consultores.

Contando com sua valiosa colaboração, envio-lhe os meus protestos da mais elevada estima e distinta consideração.

Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck  
Editor Responsável

ROTEIRO DE PARECER

Título do trabalho: \_\_\_\_\_

Por favor, marque sua opção nas questões abaixo, além dos comentários por escrito.

1. Linha editorial: o trabalho é de psicopatologia que leva em consideração a subjetividade?

sim  não

Se não, por favor, sugira reformulações em seu comentário de revisão.

2. Título: o título reflete clara, precisa e suficientemente o conteúdo do artigo?

sim  não

3. Resumo:

3.1. o resumo fornece clara, precisa e suficientemente o conteúdo do artigo?

sim  não

3.2. o resumo contém os caracteres indicados nas instruções?

sim  não

4. Palavras-chave: as palavras-chave são adequadas ao texto e estão na quantidade exigida (4)?

sim  não

5. Relevância: o assunto tratado é relevante para ser veiculado pela *Revista*?

sim  não

6. Método:

6.1. O caminho percorrido no texto é predominantemente:

a) clínico (baseado em caso ou fragmento de caso)?  sim  não

b) de medicina baseada em evidência ou prova?  sim  não

c) epidemiológico?  sim  não

d) histórico?  sim  não

e) sociopolítico?  sim  não

f) teórico?  sim  não

g) filosófico?  sim  não

h) artístico?  sim  não

i) ideológico (baseado em juízos de valores sem fundamentação empírica)?  sim  não

j) outro? (especificar)

6.2. Há, no texto, indicações claras, precisas e sucintas do caminho percorrido em direção às conclusões?

sim  não

6.3. O caminho percorrido é predominantemente indutivo, isto é, parte do observado para o geral e abstrato ou é predominantemente dedutivo, isto é, parte de sentenças gerais e abstratas em direção às conclusões?

indutivo  dedutivo

6.4. Quais as relações com o tempo que regem o texto?

6.4.1. O caminho percorrido é apressado?  sim  não

6.4.2. O caminho percorrido é regido principalmente por frases de efeito mecanicamente aplicadas?  sim  não

6.4.3. O caminho percorrido parte de uma situação problemática, em que se evidencia uma discrepância entre aquilo que é e aquilo que deveria ser (ou era esperado)?  sim  não

## INSTRUÇÕES AOS AUTORES

6.4.4. Há, no texto, uma clara e precisa distinção entre juízos de realidade e juízos de valor?  
( ) sim ( ) não

6.5. Se o texto for clínico, há claras e precisas referências à singularidade do caso na forma de receber e tratar cada paciente segundo um conjunto de particularidades e contingências únicos que regem uma vida? ( ) sim ( ) não

6.5.1. Se o texto for clínico, o relato do fragmento de caso é utilizado como fundamento dos argumento metapsicológicos? ( ) sim ( ) não

6.5.2. Se o texto for clínico, o relato do fragmento de caso é utilizado para ilustrar ou exemplificar a teoria? ( ) sim ( ) não

6.6. A psicopatologia empregada segue predominantemente o seguinte sistema classificatório:

6.6.1. da medicina da alma? ( ) sim ( ) não

6.6.2. da psiquiatria descritiva? ( ) sim ( ) não

6.6.3. da Associação Americana de Psiquiatria (transtornos do DSM)? ( ) sim ( ) não

6.6.4. da Organização Mundial da Saúde (CID)? ( ) sim ( ) não

6.6.5. da psicanálise? ( ) sim ( ) não

6.6.6. outro (especificar)

6.7. Se o texto for clínico, a relação é baseada predominantemente:

6.7.1. na semiologia médica? ( ) sim ( ) não

6.7.2. na observação antropológica? ( ) sim ( ) não

6.7.3. na semiologia multidisciplinar da saúde mental? ( ) sim ( ) não

6.7.4. na transferência/contratransferência? ( ) sim ( ) não

6.7.5. outro (especificar)

6.8. Se o texto for clínico, há intervenção? ( ) sim ( ) não

6.8.1. Se sim, o método de intervenção é predominantemente:

6.8.1.1. medicamentoso? ( ) sim ( ) não

6.8.1.2. ambulatorial (PS; Capes; Hospital-dia)? ( ) sim ( ) não

6.8.1.3. internação hospitalar? ( ) sim ( ) não

6.8.1.4. comportamental? ( ) sim ( ) não

6.8.1.5. experimental? ( ) sim ( ) não

6.8.1.6. pedagógico? ( ) sim ( ) não

6.8.1.7. educacional? ( ) sim ( ) não

6.8.1.8. interpretativo? ( ) sim ( ) não

6.8.1.9. outro (especifique)

7. Linguagem: o trabalho obedece exigências de 1) objetividade, 2) estilo, 3) concisão e 4) correção da linguagem que representam condignamente o pensamento do autor?

1) objetividade: ( ) sim ( ) não

2) estilo: ( ) sim ( ) não

3) concisão: ( ) sim ( ) não

4) correção: ( ) sim ( ) não

Se não, por favor, sugira modificações.

8. Sequência lógica: o trabalho possui uma sequência lógica – 1) identificação, 2) descrição, 3) argumentação, e 4) conclusão – que representa condignamente o pensamento do autor?

1) identificação: ( ) sim ( ) não

2) descrição: ( ) sim ( ) não

3) argumentação: ( ) sim ( ) não

4) conclusão: ( ) sim ( ) não

9. Literatura: o trabalho menciona referências bibliográficas relevantes que contribuem efetivamente para a melhor compreensão e especificação para o assunto tratado?

( ) sim ( ) não

Se não, por favor, indique as omissões em seus comentários

10. Plágio: as referências bibliográficas são explicitamente acusadas?

( ) sim ( ) não

11. Há suspeita de plágio? ( ) sim ( ) não

12. Conteúdo: 1) há caráter inovador do conjunto das ideias principais apresentadas no trabalho?

( ) sim ( ) não

13. Há correção das afirmações sobre fatos, provas ou evidências e informações pertinentes?

1) caráter inovador: ( ) sim ( ) não

2) correção das afirmações: ( ) ( ) não

Se não, por favor, comente as limitações encontradas no trabalho.

14. Fundamentação: o trabalho apresenta argumentação fundamentada relativa ao tema?

( ) sim ( ) não

Se não, por favor, indique as faltas observadas.

15. Conclusão: 1) as conclusões são relevantes para o avanço dos conhecimentos no campo da psicopatologia? 2) Há indicações de possíveis linhas de pesquisa a partir daí?

1) conclusões relevantes: ( ) sim ( ) não

2) possíveis linhas de pesquisa: ( ) sim ( ) não

Se não, por favor, faça recomendações para modificação das conclusões.

16. Aspectos éticos:

16.1. na carta de apresentação os autores revelam eventuais conflitos de interesse (profissionais, financeiros e benefícios diretos e indiretos) que possam influenciar os resultados da pesquisa?

( ) sim ( ) não

16.2. os autores revelam fontes de financiamento envolvidas no trabalho?

( ) sim ( ) não

16.3. os autores declaram respeitar a privacidade e o anonimato das pessoas envolvidas?

( ) sim ( ) não

17. Enquadramento formal: o texto está de acordo com as “Instruções aos autores” da *Revista*?

( ) sim ( ) não

18. Originalidade: o texto possui alguma contribuição original ou é uma repetição do já escrito?

( ) possui contribuição original ( ) é repetição do já escrito e sabido

19. Julgamento final:

( ) Deveria ser publicado, com prioridade. Não é necessário rever.

( ) Deveria ser publicado. Não é necessário rever.

( ) Deveria ser publicado, mas precisa ser revisto.

( ) Não deveria ser publicado.

Comentários de revisão

Por favor, escreva em letra legível. Não assine.

Você faz objeção a que uma cópia seja enviada para o autor?

( ) sim ( ) não

## INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Se você acha que o trabalho não deve ser publicado como está, por favor, aponte as modificações que poderiam ser feitas para torná-lo publicável. Por favor, leve em consideração, especialmente, a contribuição do texto para o avanço do conhecimento.

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental  
Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental  
Rua Tupi, 397/10º /cj.104  
01233-001 São Paulo, SP/BR  
Telefax: 55 11 3661-6519  
e-mail: [psicopatologiafundamental@uol.com.br](mailto:psicopatologiafundamental@uol.com.br)  
home page: [www.fundamentalpsychopathology.org](http://www.fundamentalpsychopathology.org) / [www.psicopatologiafundamental.org](http://www.psicopatologiafundamental.org)

813

Instrucciones a los autores  
Instructions for authors  
Instructions aux auteurs

[www.fundamentalpsychopathology.org](http://www.fundamentalpsychopathology.org)  
[www.psicopatologiafundamental.org](http://www.psicopatologiafundamental.org)

ROTEIRO AUXILIAR AO AUTOR PARA VERIFICAR SE TODAS  
AS NORMAS FORAM ATENDIDAS

Verifique se o seu trabalho contém, nesta ordem, o seguinte:

- Folha de rosto personalizada (cf. item 6)
  - Título do artigo em português e inglês
  - Nome do(s) autor(es)
  - Palavras-chave
  - Titulação acadêmica e dados institucionais do(s) autor(es)
  - Endereço completo (rua, cep, cidade, estado, telefone, e-mail)
- Resumo (cf. item 7)
  - Resumos em português, espanhol, francês, inglês e alemão, acompanhados de 4 palavras-chave também nesses idiomas. É de suma importância atender ao número máximo de 7 linhas ou 490 caracteres com espaços para o resumo.
- Direito autoral
  - Carta-termo de transferência de direitos autorais (cf. item 5.3).
- Referências
  - Verificar se todos os autores citados no texto constam das referências, com data, local, editora e número de página quando for o caso (por exemplo, quando se tratar de revistas).
- 814  Ao preparar arquivos para editoração eletrônica
  - Passe o texto por um programa de revisão ortográfica; confira a numeração das páginas.
  - Grave os artigos de texto em formatos padrão do processador usado, dando preferência para os formatos mais comuns. Mesmo que você esteja usando a versão mais recente dos programas, evite gravar no formato mais sofisticado.
  - Figuras não produzidas eletronicamente devem ser encaminhadas em qualidade de fotografia sem exceder as dimensões 10x13cm. Figuras com imagens devem ser gravadas em Adobe PhotoShop 6.0 ou superior. Não gravar em formato .BMP nem em formatos compactados. Dar preferência para formato .TIF não compactado.
  - Ao usar scanner para reproduzir figuras, dar preferência a resoluções de, no mínimo, 300 DPI, nos modos Desenho (desenho) ou Gray Scale (fotos).
- Ao remeter a versão reformulada para a revista
  - Encaminhe carta ao editor, reiterando o interesse na publicação e informando quais as alterações foram efetuadas. Se houver discordância quanto a recomendações do consultor externo, apresente os argumentos que justifiquem sua posição.
  - Encaminhe dois exemplares completos da versão reformulada, em papel, de acordo com as Instruções aos Autores.
  - Encaminhe um exemplar em disquete 3,5 ou CD-R, indicando no rótulo: nome do artigo, nome(s) do(s) autor(es), nome do(s) arquivo(s) e programas utilizados.

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental  
Rua Tupi, 397 – 10<sup>a</sup> – cj. 104  
01233-001 São Paulo, SP – Brasil  
Telefax: 55 11 3661-6519  
E-mail: psicopatologiafundamental@uol.com.br  
Portal: <http://www.fundamentalpsychopathology.org>

A Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental é uma sociedade científica internacional, reunindo professores doutores de instituições de ensino superior e visando a realização do ensino e da pesquisa em Psicopatologia Fundamental e a divulgação de seus resultados.

The University Association for Research in Fundamental Psychopathology is an international scientific society that gathers professors from universities. It aims learning and research in Fundamental Psychopathology and the publication of the results.

Diretoria (Board) (2012-2014)

*Presidente/President*

Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil (PUC-SP)

*Diretor Administrativo/Administrative Director*

Profa. Dra. Ana Cecilia Magtaz – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (USP)

*Primeiro Tesoureiro/First Treasurer*

Profa. Dra. Silvana Rabello – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil (PUC-SP)

*Segundo Tesoureiro/Second Treasurer*

Profa. Dra. Maria Virginia F. Cremasco Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil (UFPR)

*Primeiro Secretário/First Secretary*

Prof. Dr. Nelson da Silva Junior – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (USP)

*Segundo Secretário/Second Secretary*

Profa. Dra. Vera Lopes Besset – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (UFRJ)

*Comissão de Seleção/Admission Committee*

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil (UNIFOR)

Profa. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil (UFPA)

Profa. Dra. Tânia Coelho dos Santos – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (UFRJ)

*Comissão de Ética/Ethics Committee*

Profa. Dra. Maria Lucrecia Rovaletti – Facultad de Psicología y Facultad de Medicina de la Universidad de Buenos Aires y Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Buenos Aires, Argentina (UBA)

Profa. Dra. Rosa Guedes Lopes – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Brasil

Profa. Dra. Claudia Henschel de Lima – Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, RJ, Brasil (UFF)

*Conselho Fiscal (2010-2014)/Fiscal Committee*

Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, G, Brasil (PUC-MG)

Prof. Dr. Sérgio de Gouvêa Franco – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, Brasil (FECAP)

Profa. Dra. Ana Maria Rudge – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, (PUC-RJ)

*Título* Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental  
17(4), dez. 2014

*Capa* Teresa Berlinck

*Projeto Gráfico* Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia  
Fundamental

*Diagramação* Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia  
Fundamental

*Revisão* Kátia Mércia da Silva

*Formato* 16 x 22 cm

*Tipologia* Times New Roman (10,5/13,5)  
Futura Lt Bt

*Papel* Cartão Supremo 250g (capa)  
Off set 75g (miolo)

*Número de páginas* 235

*Tiragem* 250

*Impressão* Formacerta